

205 41  
5

BIBLIOTECA NACIONAL

Sección E. "SOLANO LOPEZ"

Nº. 1130



Al Señor Enrique J. Lopez

DIVIDA E TROPHEOS

PARAGUAYOS

1.130

12.16

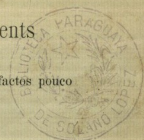
E

A PROPAGANDA NO BRAZIL

POR

Leonardo S. Torrents

Contendo alguns documentos e factos pouco conhecidos no Brazil



1130

.....  
« E aos homens de boa vontade, sobre tudo aos republicanos, que nos estamos dirigindo, não á pedir uma esmola para o brioso e heroico Paraguay, mas á exigir apenas o cumprimento de um honroso e dignificante dever a que a grandeza da nossa Patria e a magnanima generosidade da maioria dos seus filhos não poderão faltar-se. »

(Correio Paulistano, de S. Paulo, editorial, de 8—Abril—99.)

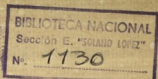
RIO DE JANEIRO

Typ. Montenegro—Travessa do Ouvidor no. 12 e 14

1899

BIBLIOTECA NACIONAL  
 Sección E. "SOLANO LOPEZ"  
 No. 1130

ESL.  
989-205-41  
T. 635



# DIVIDA E TROPHEOS

## PARAGUAYOS

E

### A PROPAGANDA NO. BRAZIL

POR

Leonardo S. Torrents

Contendo alguns documentos e factos pouco conhecidos no Brazil



.....  
« E' aos homens de *boa vontade*, sobre tudo aos republicanos, que nos estamos dirigindo, não á pedir uma esmola para o brioso e heroico Paraguay, mas á exigir apenas o cumprimento de um honroso e dignificante dever a que a grandeza da nossa Patria e a magnanima generosidade da maioria dos seus filhos não poderão furtar-se. »

(*Correio Paulistano*, de S. Paulo, editorial, de 8—Abril—99.)

RIO DE JANEIRO

Typ. Montenegro—Travessa do Ouvidor ns. 12 e 14

1899

M30. Colección Curique Solano Lopez. 1997-07-10 - Bs. 30000.-

## A Quintino Bocayuva

E' a este grande brasileiro, a este leal amigo e dedicado republicano que tanto almeja a fraternidade americana, que tomo a liberdade de offercer este insignificante trabalho que, apenas o patriotismo m'o impulsionou de escrever, sem a minima pretensão, que não tenho, nem posso ter.

Se elle estivesse nas culminancias do poder, certamente não procederia assim, para que não se pudesse pensar—haver um motivo occulto da minha parte. Lembrei-me offerter-lhe este livro, não só porque fôra elle é Benjamin Constant que primeiramente aventaram no Governo Provisorio a ideia de devolução dos trophéos ao Paraguay, como tambem pela sincera dedicação pessoal que ha muitos annos lhe consagrô no intimo da minha alma. Centenas de pessoas de toda circumspecção as poderia apresentar como testemuhas, se a minha declaração não bastasse ou—se elle mesmo ignorasse esse facto.

Nunca admitti que a mais leve recriminação fosse levantada contra sua individualidade.

Explicarei agora o motivo da minha admiração e desde quando:

A primeira vez que ouvi fallar de Quintino Bocayuva, foi em 1875 na capital do Estado de Matto Grosso, quando n'esse tempo era o autor destas linhas, empregado em uma casa commercial, em Cuyabá. D'entre os jornaes que iam da «Côrte» o que lia com maior interesse era *O Globo* do qual era redactor-chefe Q. Bocayuva. Lia e relia os seus artigos fluentes contra a dynastia bragantina, e principalmente os que se relacionavam com a guerra do Paraguay, demonstrando os erros e crimes do imperio. Já amava a Republica n'aquelle tempo, e como não ser assim se tinha, felizmente, nascido sob o pavilhão republi-

cano ? Os seus artigos augmentavam as minhas convicções e enthusiasmo do moço.

Tinha desejo enorme de conhecê-lo pessoalmente. Em 1883 cheguei ao Rio de Janeiro; minha primeira preocupação foi vê-lo e em seguida ouvir as suas conferencias abolicionistas e republicanas, que nunca as perdia. Sem que elle suspeitasse siquer, muitas vezes me expuz para salvá-lo, nos momentos em que a guarda negra, de Coelho Bastos, (chefe de policia !) planejava eliminá-lo.

Tinha immenso desejo de ser-lhe apresentado, mas ao mesmo tempo evitava isso; faltava-me coragem. Preferi a correspondencia por cartas; esta fórma me era mais commoda. Ainda guardo como agradável recordação os primeiros cartões com que honrou-me. Só muitos annos depois, sem esperar, por um acaso feliz, chegamos a fallarmos-nos. Desde então começou a tratar-me com grande deferencia e sympathia de modo a prender-me cada vez mais.

Logo nos primeiros dias da publicação d' *O Paiz* foi Quintino convidado para, em substituição ao Sr. Ruy Barboza, tomar a direcção da folha; escusado é dizer que nunca mais perdi um só numero, acompanhando dia a dia com o maior interesse os seus ataques ao throno.

Não sabia (e até hoje ainda não sei) o que mais se podia admirar na sua personalidade illustre: se o seu talento fecundo a par de sua logica convincente e irresistivel, tanto na tribuna como na imprensa, chegando a ser apontado como o principe do jornalismo brasileiro,—ou se a sua sinceridade, sua coragem fria, sua honradez immaculada, lutando com a falta de recursos com desapego ou, digamos melhor, desprezo pela— fortuna— que por muitas vezes lhe fôra offerecida pelo monarcha, para apenas estancar as sangrias que a sua penna fazia jorrar diariamente dessa monarchia depauperada.

Sim, é preciso que se saiba (se é que existe alguém que o ignore ainda) que Quintino Bocayuva sempre recusou os cargos os mais importantes e rendosos que o imperador lhe mandava offerecer, por mais de uma vez,—meio que S. M. empregava

para inutilisar os republicanos mais exaltados de então, como Lafayette, Silveira Martins e muitos outros. Este até dizia no tempo do seu republicanismo que « nunca vestiria a libré de um ministro » e pouco tempo depois encadernando-se em uma, como ministro, respondia a um deputado que lhe lembrára a phrase: — « Será libré talvez em V. Ex., mas no meu peito é farda ! » Este ex-republicano é hoje o mais saudoso dos tempos idos da monarchia, tal a sua completa transformação.

Quintino possuindo familia numerosa mal ganhava para sustental-a na sua vida jornalística—carreira a mais ingrata e mais cheia de decepções que conheço ! O governo imperial fazia-lhe em represalia toda a guerra que podia, bem como o grande numero de vassallos e bajuladores. Alguns mais dedicados chegavam até a comprar dividas pequeninas, insignificantes, delle, pelo dobro e mais do valor, para unicamente mandar um tal Seixas cobral-as, não em sua casa, mas em plena rua do Ouvidor, contas que aliás eram immediatamente pagas, mas ficavam radiantes de alegria com a desfeita e demoralisação que procuravam assim tornar publicas. Algumas contas eram até imaginadas, pois esse infeliz instrumento a todas as miserias se sujeitava por qualquer migalha. Era esta a arma nobre de que serviam-se os imperialistas contra os seus adversarios políticos. Tudo isto longe de produzir o resultado que aspiravam só servia para que o eminente republicano mais adeptos ganhasse, impondo-se dia á dia mais ainda na consciencia nacional.

Todas as tentativas de suborno desde as mais habeis até as mais grosseiras foram sempre repellidas por elle com altivez.

Fazia admirar actos de sobranceria dessa ordem no meio da corrupção que lavrava, na época, principalmente na alta camada politica.

O proprietario d' *O Paiz* não julgava conveniente, no começo da vida do seu jornal, que se abraçasse a idéa abolicionista, receiando talvez a guerra da parte dos imperialistas e



escravocratas dos Estados, então provincias. Mas Quintino com a sua fina diplomacia e lucidez de talento em breve tempo conseguiu mudar por completo o modo de pensar do seu amigo, dando ao jornal franca orientação republicana e, mantendo uma secção diaria de « Topicos de cada dia » onde o involvidavel Joaquim Serra dava golpes rudes nos escravagistas, conseguindo a 13 de Maio de 1888 a abolição.

O *Paiz* tornou-se desse modo órgão republicano, e começou a soffrer guerra franca não só da parte do governo como dos seus fieis, e quanto mais crescia essa campanha mais se iam avolumando os seus triumphos diarios. A redacção transformou-se innumeradas vezes em verdadeira praça de guerra. Muitas vezes correu o risco de ser assaltada pelos capoeiras ás ordens da policia. Nessa occasião é que se fez a esplendida defeza que essa folha ainda possui.

Em qualquer parte que se encontrasse Quintino quanto maior era o perigo que o ameaçava, mais calmo se mostrava.

No Theatro Polytheama uma vez vi-o morto no meio de grande tumulto provocado pela guarda-negra do Sr. Coelho Bastos, em que as navalhas brilhavam no ar, em todas as direcções... Quintino ficou calmo, tão sereno no meio do enorme tumulto, que desarmou os proprios assassinos que estavam incumbidos de eliminá-lo naquelle dia.

Outra vez n' *O Paiz*: era mais de 1 hora da madrugada grupos conhecidos de secretas, de physionomias sinistras, em numero superior de 500, defronte do edificio dessa folha preparavam-se ao assalto. Começaram a vaia-la e a dar morras; Apesar disso a entrada principal do edificio conservava-se aberta para receber os manifestantes. Quintino entrou na redacção com a mesma calma de sempre! A admiração dos seus companheiros foi enorme.

E' que « tinha chegado ao seu conhecimento que a folha ia ser assaltada e por isso desejava partilhar a sorte seus compañeros de trabalho. »

Atravessara o grupo compacto de navalhistas sem que nenhum delles tivesse a coragem de o aggre-dir.

Uma outra vez, um outro assalto se projectava (e no meio de uma gritaria infernal na rua); escrevia na sua mesa de trabalho, um artigo para o dia seguinte. Já era alta noite. Nem um policia se via nas ruas. Começaram a dar assobios, tiros de revolver e atirar projectis sobre o edificio. De repente uma pedra que penetrára pela janella cahio sobre a mesa em que Quintino escrevia. Levantou a cabeça lentamente e acompanhou com os olhos o lugar, onde a pedra tinha ido alojar-se, continuando com a mesma fleugma a escrever. Terminado o artigo e sem consentir que ninguem o acompanhasse e quando o tumulto augmentava ainda mais, cansado de esperar e vendo que tudo estava convenientemente disposto para a resistencia sah'u. Atravessou a enorme massa de facinoras, com a calma fria de sempre, sem que ninguem se animasse atacal-o.

Não era unicamente nesta capital que elle expnha-se assim, mas tambem nas provincias de então, Minas, S. Paulo etc., correndo, em todos os lugares, a sua vida perigo imminente.

Só Silva Jardim o podia igualar na coragem.

Quando no dia 14 de Novembro de 1889 lia o seu artigo « No capitolio » que terminava com esta phrase: «Hoje no capitolio; mas amanhã na rocha Tarpeia—o Sr. Visconde de Ouro Preto não é e não será mais do que a sinistra reprodução de outros typos identicos—dos quaes guarda a historia a mais execravel memoria.» disse eu ao meu bom amigo Dr. Josino Alcantara de Araujo: « temos a Republica já... » Mal sabia que este já era o dia immediato. No dia 15 assistia no Campo de Sant'Anna a proclamação da Republica, associando-me com o regosijo popular. O unico civil, dos propagandistas republicanos, que vi á frente do movimento revolucionario, e quando ainda não se sabia de que lado penderia a victoria, disposto, portanto, ao sacrificio pelo seu ideal, foi ainda — Quintino Bocayuva!

Com vivo jubilo acompanhei-o no Governo Provisorio. Diariamente eramos sorprendidos por uma anov re



forma. Elle, como Benjamin Constant, infelizmente, não puderam realizar muitas outras reformas radicaes. Desde então ambos começaram a experimentar as primeiras contrariedades e desgostos.

Uma das Republicas que mais promptamente havia reconhecido a Republica Brasileira fôra a Paraguaya, conseguindo elle do Deodoro, que se hasteasse a bandeira dessa nação, durante trez dias, em todos os estabelecimentos publicos, cuja cortezia patenteava claramente—a nova politica que o Brazil tencionava seguir na America. Pouco depois nascia a ideia do cancelamento da divida de guerra e entrega dos trophéos ao Paraguay, com todas as honras, como a Republica do Uruguay já o havia feito em 1885. Antes da sua partida para Montevidéo, dizia elle, como ministro, ao representante d'essa nação :

« MUITO BREVE S. EX. TERÁ TAMBEM A SUA FESTA; O GOVERNO COGITA AGORA, FELIZMENTE, NA DEVOUÇÃO DOS TROPHÉOS AO PARAGUAY DANDO AO ACTO A MAIOR SOLEMNIDADE! » Apesar de todos os jornaes da época haver noticiado este factó (como já resolvido) não houve um só veterano, um só monarchista ou adhesista, que protestasse !

Quando o Sr. Quintino partiu para Montevidéo, por designação especial do Governo Provisorio, para tratar da questão das Missões, levou credenciaes até Assumpção (o que prova que o Marechal Deodoro era tambem favoravel á ideia); mas, explorações politicas dos inimigos da Republica naquella época, fez Quintino regressar de Buenos-Ayres sem que lhe fosse possivel realizar essa segunda parte da sua missão.

Todos sabem hoje os serviços que prestou o Sr. Quintino conseguindo, na questão das missões, um tratado— « dependente da approvação do Congresso de ambas as nações », quando o imperio já havia feito *de pedra e cal* (dividindo o territorio letigioso entre os dous paizes.)

No tratado *ad-referendum* obteve de Zeballos no caso que uma das nações não o approvasse ficasse a conta secular, sujeita a arbitro, e neste caso seria o pre-

sidente dos Estados Unidos da America do Norte. Desse modo coube o triumpho ao Brazil pelo laudo de Grover Cleveland em 5 de Fevereiro de 1895. Entretanto os proprios monarchistas annunciavam aos quatro ventos que o illustre patriota «havia vendido o territorio nacional aos Argentinos.»

Deixou que seu nome fosse arrastado a lama onde viviam os seus detractores. Não defendia-se. Só muito tempo depois escreveu uma serie de artigos n' *O Paiz* sob o titulo «Fragmentos historicos e revelações incompletas» relativamente ao assumpto.

Fallou durante dous dias consecutivos em sessão secreta quando prestou esclarecimentos ao Congresso Nacional e reconhecido por este os seus relevantes serviços ao Brazil foi votada uma moção, pelo mesmo Congresso, considerando-o «CHEFE DO PARTIDO REPUBLICANO NO BRASIL, COMO A MAIS JUSTA HOMENAGEM NACIONAL PELO SEU PATRIOTISMO».

Na constituinte quizeram fazel-o presidente e elle recusou formalmente, pelo que foi escolhido o Sr. Dr. Prudente de Moraes.

Sendo atassalhada a sua honra por adversarios politicos, propoz um Tribunal de Honra para julgal-o, que se devia compor, conforme seu desejo, dos seus proprios inimigos; e o deputado Cezar Zama, seu detractor, recusou aceitar dando explicações e allegando finalmente «ter sido apenas uma *pilharia* da sua parte » mas a verdade era e é que lhe faltara coragem para tamanha empresa.

O Sr. Carlos de Laet e outros monarchistas seus inimigos procuravam tambem ridicularisal-o chegando alguns á affirmar que estava riquissimo; que tinha haveres em diversos bancos e centenas de apolices, etc.; como unica e cabal resposta publicou diversas declarações (de todos os bancos) e mais documentos irrespondiveis destruindo pela base todos essas invenções, procedimento pouco edificante a quem possui honra igualmente á zelar.

Retirando-se do ministerio, Deodoro entregou-se de corpo e alma aos Lucenas o que foi um verdadeiro desastre para a Re-

publica. Veio o golpe de Estado. Quintino vira a sua obra ameaçada nos seus alicerces. Como homem politico tinha obrigação de combatel-o e, por outro lado, tendo sido Deodoro o braço forte na proclamação da Republica era-lhe grato por isso, do intimo d'alma. A luta entre o cerebro e o seu coração travou-se terrivel. Conhecia ao Marechal Deodoro e sabia que na hora que se convencesse do erro commettido seria o primeiro a reparar seu acto. Dessa luta o coração sahiu triumphante, parecia-lhe que seria uma ingratição combater ou conspirar contra aquelle que havia contribuido para realisar o maior sonho em que se resumira sua existencia! Apezar disso... foi preso na noute de 22 de Novembro, na sua residencia em Cupertino por um official do exercito e por ordem de Deodoro, como «conspirador» (este facto o fez dispensar as honras de general que tinha) sendo conduzido para um quartel em S. Christovão.

A meia noute recebia o commandante do regimento um bilhete concebido nos seguintes termos: «Fuzile o Quintino.— Deodoro.» O commandante ficou por algum tempo indeciso sem saber que fazer. Reuniu os officiaes e depois de longa conferencia resolveram não obedecer a ordem, fosse qual fosse o resultado. Chamaram depois ao Sr. Quintino e, o commandante, mostrou-lhe o bilhete. Leu-o com indifferença; ao terminar sorriu e, fazendo um ligeiro movimento de hombros disse:

— «Aqui estou; não trago a vida para negocio; a historia registrará mais um martyr da Republica.»

Ficaram todos estupefactos diante do sangue frio com que acabava de ler a sua sentença de morte!

— O que entende que devemos fazer? perguntou-lhe o commandante como pedindo uma inspiração.

— «Cumpram a ordem» respondeu com firmeza, como se effectivamente estivesse dando ordens.

No seu rosto não notava-se a minima alteração.

— «Não, não cumpriremos; preferimos ser amanhã sacrificados ao seu lado, porque a sua individualidade representa para nós a encarnação republicana.»

— «Fazem mal, meus amigos ; a Republica precisa defensores e inutilmente se vai sacrificar em vez de uma vida só, que é a minha, a de vós todos.»

— « Não importa ; morreremos amanhã dando vivas á Republica ! »

No dia seguinte surgia a revolução de 23, entregando Deodoro o poder ao Marechal Floriano seu substituto legal.

Ao meio-dia era Quintino solto e, dirigindo-se em acto continuo a *O Paiz* era, ao passar pela rua do Ouvidor, vaiado «por haver passado a noite com o Deodoro, em Palacio !»

E' o cumulo da insensatez e da ingratidão.

Mais tarde veio a Revolta de 6 de Setembro (1893) e no mesmo dia quando toda a população pensava que seria ella triumphante, apresentou Quintino no Senado uma moção de solidariedade nacional com o Marechal Floriano e fazendo um appello á Nação para, no caso que a revolta fosse triumphante os Estados se levantassem contra a União ».

Podia pois se o quizesse ter-se esquivado de mais uma vez arriscar a cabeça !

Nesse mesmo dia apresentava-se Quintino ao Marechal Floriano pedindo uma carabina e um lugar nas filheiras entre os combatentes.

O grande Marechal quando na fazenda do deputado Siqueira, onde se achava em tratamento, foi visitado por um amigo disse, referindo-se á Quintino ; Textual :

— « E' um dos homens que mais admiro e respeito ; quem fôr republicano deve chegar a Quintino e dizer :

— Aperto a mão do primeiro republicano brasileiro.»

Um dos golpes que mais o maguou ultimamente foi a falta de lealdade de alguns de seus amigos politicos com o intuito de desgostal-o.

Depois de aceito o seu candidato (Julio de Castilhos) pelos chefes do seu partido houve nova combinação entre os Srs. Glycerio, P. Machado, e Tabellião Cruz; elle concordando finalmente, depois de graves ponderações que lhe fizeram esses amigos em apresentar-se outro nome, e, ausentou-se para Cam-

pinas, a convenção (na sua ausencia) reunindo-se resolveu coisa muito diversa! A vista do procedimento de seus amigos nessa reunião, retirou-se do partido, e a exploração contra o seu nome tomou maior vulto ainda!

No caso do Arsenal (5 de Novembro) era elle contrario ao sitio assim como o jornal que dirige. Sendo porém envolvido o seu nome e de outros insuspeitos republicanos no attentado (pela cegueira ou por calculo) entendeu que, nestas condições, deveria ser favoravel—para apurar-se responsabilidades se por ventura as houvessem. Nova exploração surgiu; « não sabiam explicar sua attitude primitiva com a ultima! »

Cansado e desgostoso o velho e honrado republicano deseja retirar-se á vida privada, mas—permitta a Estrella da Republica que não o abandone! Q. Bocayuva representa a encarnação mais viva da Republica Brasileira.

Todos o admiram! Portanto, não será demais que — eu tambem o admire!

LEONARDO S. TORRENTS.

---



## Ao leitor

« Será digno de uma grande nação, livre e esclarecida, dar á especie humana em período não distant o magnanimo e novissimo exemplo de um povo sempre guiado por uma exaltada justiça e benevolencia. »

WASHINGTON.

Pensando como este grande estadista americano a maioria dos verdadeiros republicanos brasileiros, era minha intenção e a dos meus compatriotas aqui residentes, não escrever uma só palavra a favor da propaganda agitada n'esta Capital e nos outros Estados da União entre os bons republicanos, sobre o cancellamento da divida de guerra e entrega dos trophéos ao Paraguay, deixando esse movimento livremente entregue á generosidade e civismo dos proprios brasileiros, principalmente quando estamos convencidos que a sua realisação depende apenas de oportunidade, mais ou menos breve, tão logo que a classe pensante, na sua maioria, esteja convencida de que effectivamente a guerra não havia tido outro movel senão o capricho do ex-imperador, com a sua politica arrogante que sempre manteve para com as nações mais fracas do nosso continente e, que, a divida de guerra representa unicamente o incognito do problema que se buscava para que alguém fosse o sobrecarregado dos desperdicios desnecessarios de Sua Magestade. Essa luz vai-se fazendo já, felizmente, devido a homens de tempera de Miguel Lemos e Teixeira Mendes, (e actualmente outros) os primeiros que tiveram a coragem civica de romper com os falsos preconceitos de um patriotismo mal entendido.

D'esse proposito porém, desviou-nos um pouco as phrases inconvenientes do Sr. Silveira da Motta, ex-barão de Jacaguay, no seu discurso na Associação dos Veteranos da Guerra do Paraguay que, em vez de relembrar actos de heroismo dos

alliadados, na guerra contra a pequena Nação Paraguaya, como era natural, — empregou phrases que só poderiam fazer reviver odios ou resentimentos internacionaes que, a nosso vér, devem ser esquecidos. Lastimamos que o illustrado Almirante, possuidor de um espirito lucido guardasse ainda tanto fêl no seu coração contra a propria victima da prepotencia imperial, de quem S. Ex. foi um dos mais humildes vassallos.

Assim resolvemos fazer um ligeiro trabalho, não em represalia, mas para esclarecermos, por nossa vez, alguns pontos pouco conhecidos ainda e, por isso mesmo, mais explorados e envenenados por aquelles que os conhecem e se empenham em justificar (de qualquer fórma) os erros de Sua Magestade.

Infelizmente apenas temos quinze dias para esse trabalho ou antes, quinze noites, visto que os dias empregamos em mister diverso. D'essa fórma não poderá deixar de ter muitos *senões* o ligeiro trabalho que vamos apresentar, pois pela escassez de tempo para a traducção de documentos, revisão de provas, etc., muitos erros talvez terão de nos escapar, pelo que desde já, pedimos desculpas ao leitor. Queremos dal-o á publicidade no dia da chegada a esta Capital do Sr. General Julio Roca e como o telegrapho nos annuncia que este immimente cidadão estará aqui a 5 de Agosto proximo só nos restam quinze dias como já referimos.

Aproveitamos tambem o ensejo para render justa homenagem aos bons republicanos brazileiros, amigos dedicados e sinceros da nossa infeliz Patria.

Propomo-nos a provar :

1.º Que a guerra foi devida unicamente ao capricho da monarchia brazileira a á continuacção della a partir de 12 de Setembro de 1866, um crime de que o são sómente responsaveis os alliados, principalmente S. M. Imperador.

2.º Que, S. M. foi o principal culpado da destruição completa do Paraguay e, ainda, pela carnificina desnecessaria de milhares dos seus proprios concidadãos.

3.º Que, a Nação Paraguaya nada deve ao Brazil de gastos de guerra.



4.º Que, o Brazil arrancou a viva força d'esse paiz, 9,300 leguas de seu territorio ao Norte e a Argentina 5,100 leguas ao Sul, sem consentir ao vencido ao menos por clemencia o direito de discussão dos seus titulos.

5.º Que, o tratado de 1.º de Maio de 1865 não foi outra cousa senão uma farça que se atirou á face do Mundo.

6.º Que, a guerra foi feita não em nome da civilisação e da liberdade como aparentaram os alliados, mas para aniquillar e especialmente, para *libertar* o Paraguay de uma grande parte de seu territorio, riquezas, bens moveis, etc.

7.º Que, a annexação do Paraguay á Argentina ou ao Brazil tão apregoada só se realisarà quando desaparecer desse povo altivo e conscio da sua liberdade — o ultimo vislumbre de civismo, ou quando n'uma outra guerra fôr sacrificado o ultimo homem, a ultima mulher e mais ainda—a ultima criança !

Contra todos estes desatinos do passado regimen protestam os proprios republicanos brazileiros, como a mocidade paraguaya em honra mesmo á memoria d'aquelles que sem distincção de nacionalidade cahiram nos campos de batalha, cumprindo seu dever civico, onde se acham sepultados para sempre.

Essa juventude ao menos saberà defender esse — enorme cemiterio — que ficou sendo o Paraguay com essa guerra *civilisadora*.

Sim, querido leitor, a guerra foi levada por S. M. como sabeis, « em nome da liberdade e da civilisação », graças a sua infinita bondade, pois, possuindo o Brazil escravos que eram vendidos como mercadorias ; mães que eram separadas das filhas, maridos das esposas, conforme as conveniencias ou os instinctos dos compradores ; quando tudo isto (até 1888) se fazia á luz do dia e em praças publicas — vendendo-se brazileiros á estrangeiros muitas vezes — S. M. se lembrava já em 1865 de levar a « liberdade e a civilisação » á uma nação que não lhe pediu esse favor, esquecendo-se dos algemados brazileiros — para dar ao mundo esse exemplo civico, de tamanha generosidade e de civilisação nunca igualada.

São estes pontos, caro leitor, que pretendemos ferir, ainda que ligeiramente, pelo pouco tempo de que dispomos.

No appendice publicaremos também alguns documentos que não encontramos nos tratados da guerra de autores nacionaes, talvez pelo unico motivo de ignorarem a sua existencia...

Sempre que nos fôr possível procuraremos argumentar com as opiniões e palavras dos proprios brazileiros de reconhecida competencia, para que não nos julguem suspeitos, emittindo, sómente, opiniões nossas.

Como já dissemos, e repetimos, não foi a represalia que nos impulsionou a escrever estas linhas e as que irão adiante, mas o intuito de concorrer, de algum modo, para que se conheça um pouco melhor os factos e os principaes responsaveis dessa guerra brutal em que o Paraguay não foi senão a victima!

Sim, foi a victima da «nefasta politica imperial no Prata», de cujas republicas S. M. pretendia fazer «pequenas monarchias», conforme demonstraremos n'este modesto trabalho, apesar de já ser uma questão liquida sem contestação possível.

Mais alto do que nós falla o notavel documento que, em 9 de Julho de 1866, as Republicas do Perú (e seus alliados) Chile, Equador e Bolivia dirigiram aos governos do Rio de Janeiro, Montevidéo e Buenos Ayres protestando contra essa guerra sem causa que a justificasse.

Não podiamos pois, calar deixando que a nossa Patria fosse e continuasse a ser insultada em nome de um falso patriotismo, que a propria dignidade brazileira repelle—quando não bastasse a consciencia das demais nações... Fazer passar a nossa infeliz Patria de VICTIMA que é— para ALGOZ—, não será com o silencio do mais obscuro dos paraguayos. Sim; longe mesmo d'esse pedaço de terra americana, ainda tinta de sangue, tão infeliz quão altiva, levantamo-nos para defendel-a com a verdade, não receando mesmo ante a pequenez da nossa intelligencia ser confundidos pelo mais competente.

O procedimento que acabamos de ter em favor do Para-

guay estamos certos que teria o brasileiro mais obscuro e mais indifferente que, longe da sua terra querida, ouvisse insultos e assistisse a explorações que a desdourassem !

Quem se propõe a esta empresa, é o menos competente de todos os paraguayos residentes nesta capital, mas, nem por isso se julga fraco para a luta LEAL ; sem grande cultivo e nem a minima vaidade balofa, voluntariamente atira-se em campo e aguarda o primeiro ataque do mais forte que o queira esmagar.

Se o facto de estar no Brazil, onde (eu e outros concidadãos) constituimos familia, nos obriga guardar silencio, mesmo diante de documentos que provem a falsidade de uma campanha ou exploração que se levanta contra a nossa terra natal— eu commetti uma falta, para alguém, perante a minha consciencia, essa falta não existe, pelo contrario, sinto-me satisfeito por haver cumprido meu dever.

Somos todos republicanos e temos demonstrado quasi todos a nossa dedicação e interesse pelo engrandecimento do Brazil, —mas isso não quer dizer que sejamos escravos, mesmo porque não ha mais escravos no Brazil ! Demais, não podiamos deixar de dizer e repetir (é o termo) algumas verdades não contra o Brazil ou suas instituições mas, infelizmente contra os governantes do regimen passado, (que ainda hoje minam e exploram a Republica) unicos culpados desses erros e crimes. CERTAMENTE NÃO É PORQUE A NAÇÃO ESTIVESSE DE ACCÔRDO COM ESSES ERROS QUE—MUDOU A SUA FÓRMA DE GOVERNO — exilando o seu velho imperador.

As gerações actuaes do Paraguay, do Brazil, da Argentina e do Uruguay não têm culpa dos erros politicos dos seus antepassados.

Além disso, querido leitor, o que aqui vamos deixar consignado sobre a nefasta politica imperial, já foi muitas vezes referido na tribuna e pela imprensa, pelos proprios propagandistas republicanos os Srs.: Campos Salles, Saldanha Marinho Quintino Bocayuva, Benjamin Constant, Silva Jardim, Aristides Lobo, Rangel Pestana, Lopes Trovão, Julio de Castilhos,

Martins Junior, Lauro Sodré, Francisco Glycerio e muitos outros. Por conseguinte, esse ensinamento civico que fez tantos monarchistas adherirem á Republica (como o ex-barão de Jaceguay e outros) em 15 de Novembro, não será demais que tambem tenha actuado sobre o nosso espirito para tornar-nos ainda mais republicanos do que já eramos e repetir, agora, algumas dessas proposições dos proprios propagandistas illustres. Se no tempo da monarchia não era crime demonstrar á Nação esses erros e faltas de Sua Magestade, muito menos o será agora na Republica, a simples reproducção ou repetição ainda que pallida desses conceitos de tão eminentes republicanos brasileiros.

Cada um de nós póde dar provas do seu republicanismo e das suas sympathias pelo Brazil.

Da minha parte aos que não conhecem a minha dedicacção posso dar alguns elementos destacando, dos cavalheiros acima referidos, além de muitos outros que, como testemunhos, poderia e poderei invocar. Do proprio Marechal Floriano Peixoto eu possuo uma carta, documento que prova a minha dedicacção ao Brazil e, para que não se julgue que estou inventando provas reproduzirei aqui a referida carta.

Antes, porém, vou explicar como foi que o grande Marechal escreveu-m'a.

Correspondiamos desde o tempo da revolta.

No archivo do illustre morto-immortal devem existir esses documentos. Me affligindo o seu estado precario de saude escrevi-lhe para Bicas (Minas) onde se achava em tratamento, em 21 de Dezembro de 1894 de cuja carta reproduzirei alguns topicos :

« ... Pelo Sr. Dr. Alfredo Madureira chegou ao meu conhecimento que S. Ex. felizmente vai passando melhor dos seus incommodos e, satisfeitissimo por tão grata noticia, como republicano e seu admirador que sou, venho não só visital-o como tambem fazer sinceros votos pelos seu restabelecimento, pois talvez de uma hora para outra a Republica precise do seu concurso moral e material para salv-a pela segunda vez.

E' verdade Marechal, a Republica precisa que V. Ex. viva!

... O signatario destas linhas é talvez um desconhecido a V. Ex., mas durante a revolta (que continúa nos espiritos) tomou parte activa em defeza da legalidade não só..... como tambem tendo tido a ousadia de.....

Infelizmente vejo que, o primeiro governo civil (que era a aspiração nacional) rodeou-se de .....suspeitos á Republica, seguindo uma politica quasi de opposição ao seu governo — faltando assim, tão cedo, á letra do seu manifesto á Nação; ha grande descontentamento entre os verdadeiros republicanos e oxalá tudo termine em paz!

Se, entretanto, a Republica perigar ou a legalidade, ella precisará do seu patriotismo e temperamento de aço para amparal-a mais uma vez.

Nunca desejei nada do governo, nem desejo, nem desejarei a não ser — o seu engrandecimento dentro das suas instituições republicanas.

... E' assim que como paraguayano que sou e republicano nato, venho saudal-o, fazendo sinceros votos pela sua preciosa existência, porque a Republica precisa do seu braço!

... Salve! Grande Marechal!... »

Respondeu-me elle com a seguinte carta cujo original ponho-o á disposição de quem queira examinar. Esta carta já foi publicada pela *Nação* de S. Paulo e *Federação* de Porto-Alegre:



Santa Rita, Bicas, 24 de Dezembro de 1894

*Illm. Snr. Leonardo Torrents*

Boas festas.

Muito e muito penhorado deixou-me a vossa carta de 21, não só pelos generosos votos que fazeis pelo restabelecimento de minha saude, como especialmente pelo interesse que tomais pela consolidação das instituições republicanas do meu Paiz.

Para mim não sois, como pensaes, um desconhecido; ao contrario, conservo sempre em lembrança os espontaneos e relevantes serviços que prestastes á causa da legalidade e da Republica quando corria perigo a sorte desta.

Sinto-me fraco e alquebrado, minhas melhoras são lentas e minha saúde reclama muito repouso e serios cuidados.

Nestas condições a Republica tem pouco a esperar de mim, bem o conheço; e sua defeza incumbe especialmente á mocidade brasileira, cujo patriotismo e valor ainda uma vez ficaram patentes nos actos de heroismos tão numerosos durante a luta contra a revolta de 6 de Setembro.

Não obstante, si a cegueira e ambição de uns e a falta de patriotismo de outros fizerem perigar a paz, a ordem e o bem da Republica e meu braço velho e tremulo ainda puder manejar a espada, esse braço cujo valor vosso affectuoso coração tanto exaggera, ponho-o ao serviço desta Patria que sempre amei e defendi.

Aceitai, pois, a sincera confissão da gratidão com que me subscrevo — Vosso venerador e criado obrigadissimo,

*Floriano Peixoto*

Creio que será quanto basta para aquelles que não me conhecem.

Rio, 20 de Julho de 1899. — L. T.

## Carta do Sr. General Julio Roca

APPELLO DOS CIDADÃOS ARGENTINOS AO PRESIDENTE ROCA

4 de Março de 1899.

Exm. Sr.—Os compatriotas vossos que subscrevem, domiciliados na cidade de Assumpção, capital da Republica do Paraguay, reunidos em assembléa, com o fim de tomar em consideração a iniciativa da Associação Republicana do Brazil em favor da annullação da dívida que este paiz contrahiu por motivo da guerra a Triplice Alliança, resolvemos dirigir nos respeitosaente a V. Ex. fazendo votos para que desappareçam as causas que até hoje têm impedido á nossa patria de mostrar com factos os seus sentimentos fraternaes para com este povo irmão.

Saudamos a V. Ex. com as seguranças da nossa mais alta e distincta consideração.  
(Segnem-se as assignaturas).

### RESPOSTA

Presidente da Republica Argentina, Buenos Aires, 17 de Março de 1899—Srs. D. M. L. Olleros e demais signatarios. Presados concidadãos—Recebi o attencioso appello de 4 do corrente, que V. S. e demais senhores compatriotas, reunidos nessa capital em assembléa, se dignaram dirigir-me, fazendo votos a favor da annullação da dívida que esse paiz contrahiu com a Republica Argentina, por motivo da guerra contra a Triplice Alliança, desejando que desappareçam as causas que até hoje têm impedido ao nosso paiz de mostrar com factos os seus sentimentos fraternaes para com esse povo irmão.

FAÇO OS MESMOS VOTOS que VV. SS. e espero que o Congresso e Governo Argentinos não terão inconveniente em adoptar igual conducta á do Brazil, em relação a esse assumpto, SI O MENCIONADO PAIZ DER POR CANCELLADA ESSA DIVIDA.

Tenho a satisfação de saudar-vos mui attentamente, e por seu intermedio, aos demais compatriotas senhores signatarios. Seu affectuoso compatriota e seu seguro servidor.

*Julio Roca.*



## Homenagem e Supplica !

---

A' memoria dolorosa de 1.000,000 almas, inclusive mulheres e crianças que á bala e de fome pereceram durante esses longos annos de « guerra civilisadora » ; aos patriotas e aos martyres innocentes dessa hecatombe, eu e os meus concidadãos rendemos a mais justa das homenagens, esperando dos vencedores um pouco mais de generosidade para com a infeliz victima do dever e, da prepotencia que a reduziu á mais deploravel das miserias !

Assim, ousamos pedir, em nome da nova mocidade que representamos — um pouco mais de clemencia, um pouco mais de justiça, em favor da nossa Patria, — aos portadores da civilisação !

O AUTOR.

BIBLIOTECA NACIONAL

Sección E. "SOLANO LOPEZ"

Nº. ....

# PRIMEIRA PARTE

## A NOSSA CONGREGAÇÃO

« Até hoje a vaidade nacional tem impedido que se reconheça a perniciosa influencia do imperio nas nossas luctas com as nações platinas. Até hoje a maioria, arrastada por estreitos preconceitos, não quiz romper a solidariedade com os tristes manejos de uma politica que cobriu a America de cadaveres e a juncou de ruinas!»

TEIXEIRA MENDES— *B. Benjamin Constant*, pags. 138 e 139.

Logo que o Sr. Dr. Emilio Aceval iniciou o seu governo, como presidente do Paraguay, diversos telegrammas annunciaram que: o governo do Paraguay pretendia enviar um plenipotenciario ao Brazil para solicitar o perdão da sua divida de guerra; outros despachos telegraphicos diziam que: o Paraguay pretendia discutir o fundamento dessa divida imposta pelas armas; outros que: o Paraguay queria entrar em accôrdo com o governo brasileiro no modo de terminar com essa divida, mediante favôres que fossem possiveis, por um tratado de commercio.

Essas noticias, assim truncadas, que o telegrapho nos transmittia, differentes na fórma como no fundo, fez-nos logo comprehender de que o novo governo do Paraguay cogitava em alguma cousa, nesse sentido: tudo podia ser, menos o de pedir perdão da sua suposta divida de guerra, pois que em direito essa divida não existe e ainda mesmo que existisse uma nação como o Paraguay, de tradições gloriosas e de altivez já provada, nunca se humilharia em pedir o perdão de uma divida, e, nem os vencedores almejariam tal cousa!

Pelos despachos telegraphicos soubemos que o ministro escolhido para essa missão junto ao governo do Brazil fôra o ex-presidente, o illustre patriota General D. Juan Bautista Eguzquiza.

Resolvemos assim a reunião dos poucos concidadãos residentes nesta capital, para tratarmos de lhe fazer uma significativa recepção e tomarmos algumas deliberações que entendessemos necessarias.

A nossa primeira reunião teve lugar no dia 6 de Janeiro do corrente anno, primeira vez que depois da guerra reuniu-se nesta capital os filhos da nossa patria.

A reunião teve lugar na minha residencia, á rua Theophilo Ottoni n. 74, comparecendo os seguintes Srs.: Blaz Antonio Duarte, Adolfo Acosta, Honorio Acosta, Marcos Ayala, José Antonio Gamarra, Leopoldo Flecha, Dr. Manoel Del Castillo, Juan Del Castillo, Juan T. Travassos Hijo e Ramon Maciel.

Muitos outros deixaram de comparecer na referida reunião por não ter havido convite pela imprensa.

Entre outras deliberações resolvemos fazer uma recepção condigna ao nosso ministro, no dia da sua chegada a esta Capital.

Dias depois o telegrapho nos annunciava que o Sr. General Eguzquiza não tinha aceito essa nomeação, sendo depois designado para essa missão o nosso ministro residente em Buenos-Ayres, o Sr. Dr. Fernando J. Iturburu. Combinamos pois, fazer a este a recepção referida.

Para melhor andamento dos nossos trabalhos resolvemos organizar uma commissão directora que ficou assim constituida:

Presidente — Leonardo Severo Torrents.

Secretario — Leopoldo Flecha.

Thesoureiro — Adolfo Acosta.

Logo que a imprensa noticiou a nossa reunião, começamos a ser procurados e interrogados por distinctos brasileiros, perguntando-nos si sabiamos qual éra a missão do ministro Paraguayo junto ao governo. A todos respondiamos, que: nada sabiamos ao certo e que nos haviamos reunido apenas para fazer ao nosso ministro uma digna recepção. Que, éra

de presumir que o Sr. Iturburu tivesse de resolver com o governo brasileiro algum assumpto de alta importancia, mas de modo a fortalecer ainda mais os laços de amizade que uniam as duas republicas, e que, os nossos votos, como Paraguayos, residentes no Brazil, eram que se estreitassem mais ainda esses vinculos e que se apagassem de vez o ultimo vestigio de resentimento que, por ventura, houvesse ainda da parte dos brasileiros e paraguayos, em consequencia da ultima guerra em que as nações alliadas tanto se distinguiram pela sua bravura, durante os cinco annos de lucta, contra a nossa pequena nação.

E' verdade que não houve causa que justificasse essa guerra a não ser o capricho de dous homens, Lopez (1) e o Imperador do Brazil, ambos vaidosos, e este sedento de glorias balofas, sem ao menos estarem apparelhados para a lucta. O povo, porém, quando é chamado para defender a sua patria não tem que saber se o seu governo tem ou não razão; só tem que olhar para a bandeira inimiga que tremula nos campos e montes do seu berço querido, em tom de desafio e que é preciso derrubal-a a custa da propria vida, se preciso fôr! Assim fez o povo paraguayo: sellou com o seu sangue o seu patriotismo, defendendo palmo a palmo até o ultimo reducto, *Cerro Corá*, o seu solo sagrado, até cair morto o ultimo soldado. Os exercitos das tres nações alliadas, tambem não inquiriram se os seus governos tinham ou não razão. Offereceram-se ao sacrificio em defesa das suas respectivas nações e deram provas do seu heroismo em combates sanguinolentos e até barbaros!

Terminou a lucta com o aniquilamento completo do Paraguay; vão desaparecendo felizmente os ultimos vestigios de rancor, que nunca aliás tiveram razão de existir da parte dos brasileiros, argentinos ou orientaes; vejamos agora com calma quem tem razão ou antes o movel dessa guerra, na qual sem a minima necessidade foram sacrificadas milhares de

---

(1) Que não soube evitar essa guerra apezar de provocada.



vidas preciosas, arrastando ao mesmo tempo á orphandade e á miseria milhares de familias.

Antes, porém, de entrarmos nesta apreciação, vejamos primeiramente os motivos que nos levaram para nos constituirmos em CENTRO PARAGUAYO.

A ideia de cancelamento da divida e entrega dos tropheos de guerra ao Paraguay, começou a encontrar adeptos entre os bons republicanos brasileiros, de modo que quasi diariamente eramos procurados para explicações diversas, e assim reuniamo-nos amiudadas vezes, para em commum, resolvermos sobre os diversos assumptos com o preciso criterio, tratando-se, como se tratava, de um caso melindroso em que o menor passo pouco reflectido podia comprometter a propaganda generosa e justiceira, agitada em favôr da nossa Patria.

Além disso não sabiamos ainda, com precisão, sobre que aspecto seria encarado ou tratado esse assumpto pelo nosso governo.

Só tínhamos diante de nós a imagem sagrada da Patria e só nos servia de guia — o patriotismo! Sem outro intuito que não fosse prestar o nosso fraco concôrso a nossa infeliz nação que, depois de 29 annos de agonia entre a vida e a morte, começava a reerguer-se das suas proprias ruinas; sentimos palpitar nossos corações de alegria, e recebiamos com viva effusão d'alma os alentos que nos traziam diariamente os bons republicanos brasileiros, como chegada o momento de uma reparação justa pelos—erros da politica imperial no Prata, aniquilando uma nação heroica e amiga.

Nem a distancia que nos separa da nossa Patria, nem o tempo que tudo consome e apaga, ainda não haviam podido diminuir em nossos corações esse sentimento sublime e inexplicavel de amor que sentimos pela terra onde respiramos o primeiro ar, ao nascer!

No Brazil todos nós encontramos uma segunda patria e por isso mesmo tínhamos necessidade de agir de fórma a nunca pôr-se em duvida as nossas sympathias por este povo gene-

roso, que nos estendia a mão amiga e nos dava forças para o emprehendimento da causa commum da fraternidade do Brazil com o Paraguay.

Além disso, comprehendemos desde logo que devíamos dar sómente a elles a iniciativa da propaganda, ficando nós, paraguayos, em plano inferior para não ser o facto explorado por uma parte dos poucos monarchistas que restam do 15 de Novembro de 1889, os unicos talvez que ainda guardam, sem razão de ser, algum resentimento contra o Paraguay, quando foi o proprio imperio que nos arrastou a essa guerra !

Não convém a elles convencerem-se da politica que o imperador do Brazil havia traçado, querendo imitar ao Bonaparte no seu reinado, de fazer das republicas do Prata *pequenas monarchias* sob o seu dominio, conforme as instruções reservadas dadas ao marquez de S. Amaro e Abrantes. Não se querem conformar ainda com a proclamação da Republica e muito menos pela fórma que foi ella feita quando «deviam, os republicanos, aguardar a morte do velho monarcha para então fazerem a sua Republica» conforme elles dizem, como si uma nação podia ficar a mercê do acaso, por tempo indeterminado, a espera que o seu já caduco imperador, deixasse de existir primeiramente, para se proclamar então a mudança das instituições !

Mas, fechemos este parentheses, para voltarmos á nossa narrativa.

Para attendermos aos diversos pedidos e dados importantes que nos eram solicitados, quasi diariamente, tivemos que nos dirigir para Assumpção, Montevidéo, Buenos Ayres, etc., pelo que em assembléa geral effectuada em 29 de Janeiro de 1899, resolvemos denominar a nossa pequena corporação de «Centro Paraguay» para, em character official, nos dirigirmos ás associações diversas e inclusive ao nosso proprio governo, se preciso fosse.

Foi para nós motivo de verdadeiro jubilo o comparecimento de todos os paraguayos residentes nesta capital, logo que fizemos o primeiro convite pela imprensa, pondo-se todos, inteiramente a disposição do Centro. Tivemos então occasião



de presenciar quão trabalhadores são todos os da nossa colônia, pois havia entre elles : engenheiros, negociantes, guardalivros, pharmaceuticos, advogados, professores de esgrima, gravadores, machinistas (da armada Brasileira), ourives, etc., finalmente, quasi todos tinham occupações que requeriam algum cultivo.

O que mais nos satisfez foi a união de vistas em que todos se achavam, cada qual mais dedicado e entusiasta !

Só quem está longe de sua Patria pôde avaliar o prazer que se sente nestas reuniões de compatriotas.

Parece que sente se mais ardor pela Patria—longe della ! Por momentos se nos afigurava que estavamos n'um recanto da nossa terra... Pessoas que se viam pela primeira vez pareciam já amigas de muitos annos, pelo simples factó de serem patricios.

A primeira corporação com que nos puzemos em communição foi com o *Centro Paraguayo* de Buenos Ayres, que reaes serviços nos tem prestado, fornecendo-nos tambem, todos os dados que por innumeradas vezes temos delle solicitado. O seu digno presidente o Sr. Escalada se recommenda pois especialmente á nossa estima, não sómente pelo seu cultivo, como tambem pelo seu patriotismo desinteressado, não medindo sacrificios nem obstaculos, sempre que se trata de prestar um serviço á Patria que lhe deu o berço, não aspirando nenhuma compensação a não ser a consideração e amizade dos seus concidadãos.

Os seus meritos são de tão alta monta, os seus serviços ao Centro são tão valiosos, que acaba de ser novamente reeleito ao alto cargo de presidente dessa corporação, que já relevantes serviços tem prestado a nossa terra natal.

A nossa Patria deve-se orgulhar de ter filhos como o Sr. Escalada !

Continuou a propaganda da desistencia da parte do Brazil dos gastos de guerra e entrega dos trophéos. De diversas reuniões que se effectuaram na casa á rua de S. Pedro n. 315, residencia do Sr. Dr. Raul Guedes, resultou a fundação d

---

*Commissão Benjamin Constant*, que muito já tem feito em favôr da nossa Patria e a quem somos gratos pela deferencia com que nos tem distiguído. Em outro lugar nos occuparemos mais detalhadamente sobre esta corporação de adiantados republicanos.

Assim nos constituimos, em Centro, e é a primeira vez que isso acontece na capital do Brazil.

---

## Nosso modo de pensar sobre a guerra

« O que é incontestavel é que o governo imperial emprehendeu a guerra de 1851 sem nenhum pensamento directamente generoso e com o fito exclusivo dos seus interesses. Aliás não deixaria de ser curiosa a hypocrisia de um governo que armasse os seus subditos para libertar os povos vizinhos do jugo dos seus tyrannos, quando em sua Patria se contavam por milhões os seus concidadãos escravizados pela mais monstruosa das oppressões.»

TEIXEIRA MENDES. — *B. Benjamin Constant*, pag. 99.

N'um trabalho como este de recapitulação do que se tem escripto sobre a propaganda agitada em favôr do Paraguay, certamente não ficaria bem entrarmos em considerações que por mais desapaixonadas que fossem, teriamos forçosamente de incorrer no desagrado d'aquelles que entendem que *«nem todas as verdades se devem dizer.»* Assim nos occuparemos do assumpto ligeiramente e, argumentaremos com as opiniões dos proprios brasileiros abalisados sobre a materia, sempre que isso nos seja possivel. D'esse modo parece-nos, que não nos devem julgar suspeitos.

Somos tão amigos do Brazil como da nossa terra natal ; todo o progresso e bem estar que desejamos ao Paraguay igualmente desejamos ao Brazil.

Aqui quasi todos nós constituimos familia e aos nossos filhos ensinamos a amar o Brazil, sem esquecer a nossa e a venerar a Republica !

Podiamos pois livremente manifestar o nosso pensamento, mas preferimos, ainda assim, nos cingir o mais possivel, aos autores brasileiros. Por ventura os brasileiros que têm demonstrado os crimes da monarchia, nessa guerra, deixam de ser, por esse facto, bons brasileiros ? — Certamente que não.

Ô historiador não tem patria ; a sua patria é a verdade ; si preferir a primeira abandonando a segunda, ficará na triste contingencia de ser esmagado por qualquer individuo, com a publicação de um simples documento, ao contrario das suas afirmações. Vejamos agora o nosso modo de pensar sobre a guerra contra o Paraguay.

A origem da guerra do Paraguay, contra o Brazil foi, como todos sabem, a occupação da Republica do Uruguay por forças regulares do imperio, intervindo assim o Brazil na politica interna do Uruguay.

Lopez entendeu que essa politica era uma ameaça para a estabilidade e independencia das demais nações sul-americanas.

De longa data já vinha a desconfiança do Paraguay e das outras nações platinas, da politica de preponderancia que o imperio procurava ter e exercer sobre os destinos das nações sul-americanas. Lopez sabia que o imperador se empenhava em fazer das nações do Prata pequenas monarchias. Em 1830 o governo imperial, em instrucções reservadas ao marquez de Santo Amaro (1) entre outras recommendações fazia lhe a seguinte :

*« V. Ex. procurará demonstrar e fazer sentir aos soberanos, que houverem de tomar parte nesta negociação, que o meio, senão o unico, pelo menos o mais effcaz, de pacificar e constituir as antigas colonias hespanholas é o de estabelecer monarchias constitucionaes ou representativas nos differentes estados que se acham independentes. »*

Depois do desastre do Imperio na questão Christie (1862) quiz S. Magestade mostrar á Inglaterra a sua força para com o Uruguay e, aproveitando o momento de agitação revolucionaria nessa Republica, procurou intervir ostensivamente

---

(1) Vide no appendice : instrucções reservadas ao marquez de S. Amaro por sua Magestade o Imperador em 21 de Abril de 1831, officio reservado do visconde de Abrantes—P. riz 6 de Fevereiro de 1845, da Biographia de B. Constant,

a favôr de um dos partidos em lucta, apesar do protesto esmagador do governo Oriental. Lopez querendo evitar a guerra propoz ao governo brasileiro a sua mediação para pôr termo a contenda. O ministro brasileiro o Sr. Saraiva recusou-a e a invasão do Uruguay deu-se acto continuo pelo exercito brasileiro. Lopez protestou e não sendo attendido enviou um *ultimatum* ao Brazil e entregou os passaportes ao ministro brasileiro em Assumpção, rompendo com o Brazil. Lopez estava convencido de que o acto do governo brasileiro era um attentado contra a integridade e independencia das demais nações do Prata (1). Eis, resumidamente, a origem da guerra entre as quatro nações amigas, guerra que apenas serviu para... enriquecer a Republica Argentina!

Si Lopez pôde ser accusado por não ter tido a precisa providencia de evitar essa guerra, D. Pedro II por sua vez, como o principal factor, deve ser o maior responsavel não só « *pela vida dos 100,000 brasileiros mortos desnecessariamente nos campos Paraguayos, em virtude dos erros imperdoaveis da nefasta politica imperial no Prata* (2) » como tambem pelo aniquilamento completo do Paraguay. Antes da guerra tinha esta republica aproximadamente 1,400,000 almas, ao passo que com a guerra ficou reduzida a 350,000 habitantes, perecendo maior parte de homens, mulheres, e crianças de fome e de miserias de toda especie!

Todas as fortalezas e meios de defeza foram destruidos completamente. A capital, *Assumpção*, como outras cidades e villas foram saqueadas e mui poucas escaparam do incendio. Os proprios templos não foram respeitados (3). Em algumas egrejas de Buenos Ayres existem ainda como, trophéos, alguns sinos, que presos, como prisioneiros eternos, levam diaria-

---

(1) Entretanto a Republica Oriental do Uruguay uniu-se depois ao Brazil para bater o Paraguay, que tão leal se havia mostrado para com ella!

(2) A Nova marinha, por Americo Brazilio Silvado.

(3) Veja J. C. Centurion 3º vol. pag. 70.



mente no seu écho triste e sonóro aos ouvidos e corações dos fieis a recordação e o testemunho do que foi essa guerra *civilisadora* e de quanto eram capazes as mãos sacrilegas dos campeões da liberdade!... Que esses actos de selvageria fossem praticados pelos paraguayos, comprehende-se pelo seu grande atrazo tão conhecido no Brazil, mas não se explica que assim procedessem os portadores da *civilisação*!

Fazemos agora ponto, para darmos, em seguida, a apreciação dos antecedentes da guerra do Paraguay que constam da «Biographia de Benjamin Constant.»

E' trabalho de grande valor historico e para recommendar a sua leitura bastará dizer que é autor o illustrado brazileiro, Sr. R. Teixeira Mendes. Nada ahi se encontra que não seja documentado. Resumindo-o pelo pouco espaço que dispomos, procuramos, o mais possivel conservar sempre as suas proprias palavras, saltando apenas alguns trechos, do que pedimos desculpa.

---



# Apreciação da Guerra do Paraguay <sup>(1)</sup>

## RESUMO

Por qualquer aspecto que se considere a situação da Humanidade, a partir do XIV seculo, um escrupuloso exame faz logo sobresahir como origem unica de todos os males que tem affligido a sociedade moderna, a dissolução irremediavel do poder espirital medieuo. E indagando-se dos motivos reaes que determinaram tal dissolução, é força convir que elles se resumem na ruina insanavel das crenças theologicas, radicalmente antipathicas ao trabalho, á sciencia, á poesia e á fraternidade universal. Ambas estas proposições encontram a sua irrefutavel demonstração na prodigiosa elaboração de Augusto Comte. Sob nenhum ponto de vista, porém é talvez mais sensivel a verdade de tão luminosa apreciação do que quanto aos problemas internacionaes.

A civilisação greco-romana repousava inteiramente sobre a concepção da Patria como a suprema noção social, fazendo dahi resultar os motivos reaes da conducta humana systematisada pelo Polytheismo. O interesse, a honra e a gloria de cada nação se affigurando consistir no seu predominio sobre todos os povos, a Moral, isto é, o bem da especie considerada no seu conjuncto, ficou subordinada á Politica. Mas o desenvolvimento mesmo do systema conquistador, assim organizado pela cidade de Roma, acabando por enfeixar os povos que margeiam o Mediterraneo, veio patentear a impossibilidade de manter-se indefinidamente tão estreita comprehensão das exigências sociaes. Do seio do incomparavel imperio brotou a universal aspiração a um systema de concordia, em que o

---

(1) Veja a *Biographia de Benjamin Constant* pelo illustrado, Sr. R. Teixeira Mendes.

amor de todos os homens servisse de base a uma fé eternamente commum.

E a consequencia desse anhelos generoso foi a civilização catholico-feudal, fructo sasonado da admiravel operação pela qual o genio social de S. Paulo, inspirando-se na philosophia aristotelica, adaptou o vago das concepções monotheistas ás necessidades do Occidente. Separando a autoridade espiritual do poder temporal, o regimen medievo tornou possivel a exacta apreciação das condições da felicidade commum, pela instituição de um sacerdocio universal. Independente em toda parte do poder local; diffundindo activamente por todas as classes o conhecimento habitual da doutrina geral: exercitando os fortes e os fracos no escrupuloso exame dos moveis reaes de cada acto; arrostando com inquebrantavel heroismo a furia dos potentados e a sanha das multidões; o clero medievo conseguiu, depois de uma lucta titanica, subordinar, a Politica á Moral. Então não bastou mais que uma nação se sentisse forte para intentar a oppressão das mais fracas: porque nos momentos angustiosos para estas, ahí estava o orgão supremo da fé, para sublevar contra o tyranno seus proprios subditos.

Infelizmente, essa maravilhosa construcção assentava em uma base sem estabilidade. Toda ella repousava em uma doutrina transitoria e estava fatalmente condemnada a arruir-se, á medida que a elevação moral, devida á cultura affectiva assim instituida ia determinando a ascensão do espirito positivo e a dignificação do trabalho.

Conforme mais de uma vez temos mencionado, essa dissolução começou nos fins do XIII seculo. A partir dessa época, os governos temporaes vão tendendo a tornar-se em cada Patria os unicos juizes da legitimidade de suas pretensões. Para substituir uma corporação autonomica, regulada por deveres precisos, inspirados por uma doutrina inflexivamente applicada a todos os casos, com a sancção effectiva do todos os crentes, instituiu-se apenas uma diplomacia sem principios, subserviente aos governos e preconceitos nacionaes, que repre-

senta cada agente ; e na qual a intriga politica parodia a nobre solicitude do sacerdocio medievo !

A consequencia de tal situação é que os povos se atiram hoje uns sobre os outros ; dilaceram-se encarniçadamente as nações cujos interesses são mais communs, cujas ligações são mais fraternaes ; profana-se o passado, compromette se o futuro, sacrifica-se o presente ao mais leve aceno dos governos desorientados, que proclamam o desaggravo da honra e dos interesses patrios ! E durante a luta e depois de ceifados aos milhares os filhos da Humanidade e aniquilados em momentos os esforços seculares de sua dedicação, cada Patria narra a seu modo a ignobil contenda e profana os heróes da civilização militar com um sacrilego confronto. E como se tudo isto já não bastasse para a macula dos mortos, contristamento dos vindouros e degradação dos vivos, os destroços existentes do clero medievo juntam seus hymnos ao côro dos triumphadores !

Quem ha ahi que possa desconhecer, perante o quadro luctuoso das desavenças internacionaes no nosso tempo, a urgencia do advento de uma doutrina, que venha pôr termo a tanta monstruosidade ? Quem não sentirá o coração confranger-se ante a perspectiva de ser amanhã, agora mesmo, compellido ás cégas a tomar armas em desaggravo de phantasticas affrontas, ou em defesa de chimericos direitos ? E como evitar semelhantes eventualidades quando a cobiça, o orgulho e a vaidade de cada nação tornaram-se os supremos juizes da dignidade e dos interesses de cada povo ? Mas não é já a doutrina que falta á sociedade moderna, para que se resta-beleça o equilibrio religioso, isto é, a paz universal. A doutrina ficou concluida desde os meiodos do seculo actual, como o resumo de todos os esforços moraes, intellectuaes e praticos da Humanidade.

O que urge é promover a formação do sacerdocio correspondente a cujo surto se acham intimamente ligadas a propagação e a efficacia regeneradora da nova religião. E isto só se conseguirá mediante a instituição da completa liberdade

espiritual, pela eliminação de todos os privilegios theoricos.

Sem as considerações que precedem, ser-nos-ia impossivel apreciar a politica internacional do segundo reinado, fazendo realçar as causas reaes das lutas em que o governo do ultimo monarcha concorreu para empenhar as Patrias americanas.

Depois da independencia da Banda Oriental, effemeramente annexada ao Brazil sob a denominação de provincia Cisplatina, e erigida em republica autonómica em 1828, sob a reserva de escolher, cinco annos depois, o governo que lhe conviesse, a situação interior do imperio (1) não permittiu que se cuidasse de aventuras externas, até o anno de 1850. Agitada por commoções intestinas que só tiveram fim em 1848, a monarchia americana não podia deixar de prever que qualquer abalo exterior constituia uma séria ameaça ao proprio throno. No entretanto, tendo, como todos os povos que a cercavam, questões de limites, é facil de comprehender, dado o amor proprio nacional dos interessados e a ausencia do poder espirital que decidisse nas contestações, a gravidade da situação internacional Sul-Americana. Accresce que, em relação aos estados do Prata, a questão dos limites se complicava por motivos de diversa ordem.

Em primeiro lugar, a livre navegação do rio Paraná, que interessava altamente ao governo brasileiro, não só para proteger a integridade politica da nação contra as tentativas internas, como para defendel-a dos ataques externos e promover o desenvolvimento industrial daquellas regiões. Ao passo que ás nações platinas, sob o estreito ponto de vista patriotico, que é hoje o predominante em toda a parte, era inconveniente a

---

(1) O governo imperial tentou apezar disso, em fins de 1844, quando ainda estava á braços com a revolução Rio Grandense, obter que a Inglaterra e a França o auxiliassen: numa intervenção armada contra Rosas (Missão Abrantes,—De Outubro de 1844 a Outubro de 1846).

livre navegação do Paraná (1), visto como assim privavam-se de vantagens commerciaes por um lado, e dificultavam por outro lado, a defeza propria contra as tendencias invasoras que temiam por parte do Brazil.

A esses motivos de ordem material juntavam-se razões Moraes, não menos provocadoras de um rompimento a cada instante. Consistiam ellas nas rivalidades tradicionaes entre portuguezes e hespanhoes, e nas differenças de fórmãs de governo. Convém mesmo notar que, por parte do imperio houve em 1830 a velleidade de *transformar em outras tantas monarchias as republicas hespanholas*, assim como de *reincorporar ao Brazil o Uruguay*. (2)

No meio de tantos elementos geraes e partiçulares de conflagração, as guerras sul-americanas teriam sido, porém, evitadas, se o ex-imperador tivesse procurado arredar as difficuldades, mediante uma politica franca e geral, em vez de preferir as tortuosidades de uma diplomacia, que se inspirava nas cavilosas intrigas das dynastias europeas.

Começaria portanto, reconhecendo que as nossas questões de limites têm um vicio radical, desde que se procuram estribar em tratados mais ou menos violentos e em factos mais ou menos contestaveis. Acima de tudo paira uma consideração decisiva: as nações americanas são o resultado de uma monstruosa espolição em detrimento do aborigene, attentado que demonstra a força do Occidente, mas que revolta a razão e subleva o sentimento.

Ninguém, portanto, que consiga elevar-se a um ponto de vista humanamente philosophico, poderá deixar de reconhecer que os americanos apresentam em tal questão o espectáculo de bandidos, a disputarem entre si os despojos de uma victima commum.

---

(1) «Abrantes» achava inconveniente essa livre navegação para todas as nações, e a queria apenas para os ribeirinhos.

(2) Vide as instrucções dadas ao Marquez de Santo Amaro, no APPENDICE.



E, por outro lado, sendo evidente que não é a força que pôde decidir, á qual dos dois contendores para bem geral da Humanidade devem ser adjudicados os terrenos cubiçados, e não sendo possível, em virtude da anarchia moderna, que um juiz imparcial aprecie a contestação á luz de uma doutrina aceita por todos, conforme o bello exemplo legado pelo regimen medievo, só nos resta lançar mão do expediente, felizmente suggerido pela fraternidade universal—o arbitramento.

A guerra, pois, pôde ser quasi sempre evitada na sociedade moderna, mediante esse digno palliativo, tanto mais facilmente accessivel, quanto mais a situação material da nação que o propõe, excluir as probabilidades de uma derrota, no caso de tentar-se a sorte das armas. Aos fortes esse meio pacifico proporciona ensejo para demonstrar a sua generosidade, sem ferir o orgulho nacional mal esclarecido. Aos fraecos elle fornece uma transacção honrosa, poupando as susceptibilidades de um partiotismo não menos cego e os dasastres de uma lucta que se torna um verdadeiro suicidio. Para a Humanidade inteira, semelhante recurso constitue um elemento capital de progresso, assegurando o desenvolvimento dos instinctos altruistas, assim preponderantes no conflicto, e a gradual atrophia dos pendores egoistas pela falta consequente de exercicio. A recusa actual do arbitramento, nas questões internacionaes, salvo o caso de uma aggressão material immediata, constitue, pois, um crime incompativel com toda a verdadeira elevação philosophica e humana.

Se o chefe que os scientistas e litteratos nacionaes e estrangeiros levaram a precónisar como sabio, generoso e patriota; se o ex-imperador tivesse concebido em politica que não os egoisticos manejos para manter-se a si e a sua familia no unico throno do continente colombiano, teria desde logo imaginado o arbitramento como o substitutivo da guerra na sua politica internacional. E para diminuir os motivos de rivalidades inherentes á navegação do Paraná, teria promovido a construcção de vias de communicacão interior, ligando ao

Atlantico as provincias occidentaes. Diminuindo desta sorte a importancia strategica da linha fluvial, teria determinado facilmente a sua livre navegação e construido os meios mais adequados para estreitar a união entre as Patrias brazileiras, e mesmo sul-americanas.

Por agora apreciemos os fructos principaes do seu longo reinado, no que se refere a questões externas e especialmente ao Paraguay.

A primeira empreza militar do governo do ex-imperador, abstrahindo da missão ABRANTES a que acima alludimos, teve lugar em 1851 com o fim de destruir o poder do dictador Rosas, de Buenos-Ayres (1) Pularemos aqui a apreciação desta lucta, apenas retomando-a na parte que se relaciona mais estreitamente com a guerra do Paraguay.

A intervenção do governo do Rio nos negocios do Prata, necessitando de um pretexto, de accôrdo com os demais vulgares preconceitos do orgulho nacional, foi elle fornecido, pela conducta que se dizia ter para com os brazileiros o general revolucionario Oribe. Antes, porém, de empenhar-se na lucta, tratou o governo imperial de obter alianças que lhe facilitassem o successo. Nesse intuito, negociou com o Paraguayo tratado de 25 de Dezembro de 1850, que só foi publicado em 1852.

Por esse tratado o Brazil se compromettia a promover o reconhecimento da independencia da mesma republica, pelas potencias que ainda o não tivessem feito.

Ajustava em trabalhar de accôrdo com ella, para alcançar a franca navegação do Paraná e assegurar a independencia da Republica do Uruguay (Note-se bem isto).

Não foi, pois, por um generoso impulso que o Imperio contribuiu para uma independencia, de que tanto alarde se

(1) Isto abstrahindo da missão ABRANTES a que acima alludimos.

Nota:—Recommendamos ao leitor a obra do Dr. Ernesto Quezada sobre Rosas, publicada em Buenos-Ayres de que o Sr. Miguel Lemos se refere na ultima reproducção da apreciação da Guerra.

tem feito para accusar o Paraguay de ingratiidão, insuflando duplamente a vaidade nacional. A autonomia do Paraguay, como a da republica Oriental, é uma vantagem que se impõe ao calculo mais rudimentar de qualquer politico brasileiro, afim de conter as pretensões da confederação Argentina. Para evidenciar isto basta, além do relatorio do ministro dos estrangeiros, de 1852, as seguintes palavras do visconde do Rio Branco ; em 11 de Julho de 1862, dizia elle na Camara dos Deputados: (1)

« Durante o dominio de Rosas, sob o perigo das eventualidades com que nos ameaçava, o governo imperial tinha tomado a peito, como interesse permanente do Imperio, a defesa da independencia da Republica do Paraguay. »

E si os povos do Prata devem-nos ser gratos pelos auxilios que lhes prestamos, tambem elles são credores do apoio que nos deram; além de que a republica Oriental tem toda a razão para queixar-se do preço que lhe custou nosso apoio. Era, portanto, muito natural que as desconfianças para com as intenções da monarchia recrudescessem novamente nos pequenos estados platinos, quando estes se convencessem de que o Brazil já não tinha os mesmos motivos nacionaes e dynasticos para tratal-os com amizade.

Depois da expulsão de Rosas, continuaram as odiosidades internacionaes.

Com o Paraguay chegaram a estar bem tensas em 1854, elizmente, porém, conseguiu-se um tratado de livre navegação em 12 de Fevereiro de 1858, negociado por Silva Paranhos.

Mas as desconfianças e as susceptibilidades persistiram em ambos os paizes. De nossa parte ellas iam tão longe, que o visconde do Rio Branco dizia no já citado discurso :

« Quando se trata com uma nação fraca, não queiramos só resolver as questões á valentona, porque pôde haver tambem uma nação forte que nos queira applicar a pena de Talião.

---

(1) Vide a Historia da Guerra do Brazil contra as republicas do Uruguay e Paraguay pelo Dr. F. F. Pereira da Costa.

E' necessario que sejamos, *moderados, prudentes e justos para com todos*.

Como si já não bastassem esses factores para complicar as nossas relações internacionaes exacerbando o nosso amor proprio nacional, veio juntar-se-lhe em 1861 a questão Christie, que ainda foi um desastre da ineptia imperial. Dahi uma disposição bellicosa, que não podendo explodir em relação á Inglaterra, sem que ninguem se desse conta do facto, tendia a precipitar-nos em uma luta para saciar o orgulho patriotico humilhado.

E talvez a invasão do Estado Oriental por D. Venancio Flores, com o auxilio de crecido numero de brasileiros, em 18 de Abril de 1863, tivesse determinado então a explosão, que se realizou no anno seguinte, em seguida á abertura das Camaras, em 1864, si não houvesse sido dissolvida a Camara dos Deputados, logo depois de suas felicitações ao monarcha, pela sua conducta na questão ingleza.

A linguagem apaixonada de alguns deputados bastou para arrastar o animo vacillante do governo, que resolveu confiar ao ex-conselheiro Saraiya uma missão especial ao Rio da Prata.

Tinha ella por pretexto reclamar do governo oriental a punição dos accusados de crimes contra a propriedade, a vida e honra de cidadãos brasileiros, domiciliados na banda Oriental, e obter garantias para o futuro dos mesmos. Ora, examinando os documentos officiaes, os espiritos imparciaes e os corações que não se deixarem arrastar pelos estreitos preconceitos nacionaes, reconhecerão que, além de não ser esse o ensejo mais favoravel para apresentar taes reclamações, o governo imperial não procedeu como exigiam os supremos interesses da Humanidade.

Com effeito, o governo imperial confessava que um grande numero de brasileiros tinha-se alistado nas fileiras de Flores, e recusava abandonal-as, apesar das ordens do mesmo governo.

E, no entretanto, exigia que o governo oriental, a braços com uma guerra civil, satisfizesse as reclamações. De sorte que uma nação com os recursos do Brazil, e que jactava-se do prestígio de seu governo, não tinha meios para impedir que os seus subditos tomassem parte em uma rebellião contra um governo amigo. Mas, no entanto, julgava proceder com equidade, requerendo que o governo oriental, profundamente abalado, tivesse uma justiça plenamente organisada.

Longe iríamos, si quizessemos resumir aqui as peripecias de taes negociações. Mas, não podemos deixar de transcrever os trechos de uma nota, em que o ministro da Republica refuta as pretensões do diplomata imperial. Diz aquelle:

«A população brasileira, laboriosa e pacifica, gosava na Republica, antes da rebellião, da protecção das leis e da autoridade, que se dispensava, e é devida tanto aos nacionaes como aos estrangeiros, nas condições iguaes para todos, de mais ou menos adiantamento na administração executora daquellas leis, e interprete daquella autoridade.

«O brasileiro, como qualquer outro estrangeiro, que se hospeda na Republica, ao fazel-o accita a situação que dão as leis e as autoridades aos habitantes, e attenda bem S. Ex., accita desde que voluntariamente vem estabelecer-se na Republica as condições de antemão conhecidas, que esta impõe aos estrangeiros para podel-os receber em seu seio, e que são as mesmas que pesam sobre os nacionaes.

«A primeira dessas condições é, em qualquer paiz, que o estrangeiro se sujeite ás leis e respeite ás autoridades incumbidas de cumpril-as; e se as leis fossem em sua opinião oppressivas, era de sua conveniencia, visto que antes de tudo tem de respeitá-las, não escolher semelhante paiz para nelle fixar a sua residencia.»

E depois de desenvolver estas justas considerações, acrescenta:

«O factio capital, e que por sua eloquencia e notoriedade demonstra como prova irrecusavel a falsidade da accusação



que o abaixo assignado contesta, é que no seio da Republica que se pinta *com as mais negras côres* reside em contacto com as autoridades, que se apresentam como verdugos da vida, honra e propriedade brasileiras, uma população rica e prospera, de mais de 40.000 almas, senhora de uma immensa zona no paiz».

Mais não é tudo, o proprio diplomata brasileiro, respondendo á precedente nota, dizia :

«Não são certamente *todos os brasileiros* que soffrem assim como não é só entre as forças do general Flores que se encontram brasileiros envolvidos nas lutas intestinas da Republica. O governo actual tambem conta sympathias em muitos dos meus concidadãos. Estes seguramente não soffrem hoje, e o governo imperial os ha por certo defender, quando forem prejudicados em uma situação que não se lhes consagre a mesma estima. Presentemente, porém, o governo imperial procura proteger os que soffrem.»

Cumpré finalmente notar que o governo oriental declarava-se, em principio, disposto «a attender a toda reclamação ou pedido fundado em direito, para o fim de proteger os interesses legitimos da população brasileira domiciliada na Republica».

Depois de trocadas estas notas, o ministro brasileiro, de accôrdo com o ministro inglez em Buenos-Ayres, com o ministro argentino e com o Sr. André Lamas, deu passos para negociar uma paz entre o general Flores e o governo legal. Essa tentativa foi mallograda. E então o ministro brasileiro, seguindo as instrucções do seu governo, apresentou um ultimatum ao governo oriental, declarando que mandaria proceder ás reprezalias.

O governo oriental devolveu a nota do ministro brasileiro e concluiu, propondo que se submettessem as questões ao arbitramento de uma ou mais das potencias representadas em Montevideo:

« Os arbitros decidiriam sobre a oportunidade das reclamações apresentadas ante o governo oriental pelo do

Brazil, e em seguida, caso fosse essa oportunidade reconhecida, proporião os meios praticos de proceder-se ao exame e satisfação das reclamações pendentes.»

« Havendo o governo de S. M. o Imperador do Brazil aceitado os principios do Congresso de Paris, continuava o ministro oriental, e havendo-se recentemente posto em pratica em suas questões com uma das grandes potencias signatarias naquelle Congresso, *não pôde acreditar o governo da Republica que V. Ex. recuse esta proposta.* »

Pois bem, essa proposta *foi regeitada* pelo ex-conselheiro Saraiva, allegando: « que semelhante expediente illudia a questão, ou adia a difficuldade, sendo ao contrario urgente providenciar em pról da segurança, da vida e da propriedade dos brasileiros domiciliados nos departamentos interiores e em perigo no meio das perturbações daquelle paiz, que desgraçadamente aggravavam-se e prolongavam-se. »

E assim *precipitou-se o Brazil* na guerra contra a Republica do Uruguay, da qual originou-se a campanha do Paraguay, como passamos a mostrar.

Para julgar dos acontecimentos de que estamos tratando, buscando inspirações nos supremos principios da moral humana, e não deixando cegar-nos a razão pelos preconceitos nacionaes, cumpre ter presente a desconfiança com que eramos olhados pelos nossos visinhos. A nossa politica para com elles não podia tranquilisal-os, porque se tal politica lhes havia sido favoravel por vezes, fôra isso devido a calculos de estreito patriotismo.

Se os que têm tratado destes assumptos tão facilmente se esquecem do auxilio efficaç que recebemos, como estranhar que esses Estados nos olhem com desconfiança ?

O Paraguay tinha comnosco pendente a questão de limites. Que hypothese mais simples do que imaginar que, suplantada a Republica Oriental, *quizessemos resolver a nossa questão de limites com o Paraguay á valentona*, para usar da expressão do futuro visconde do Rio Branco ?

Quando ainda negociava com o governo de Montevidéo, escrevia o ex-conselheiro Saraiva ao governo do Rio, em 28 de Maio de 1864 :

« Preciso de achar-me habilitado para entender-me com o governo de Buenos-Ayres e MESMO COM O DO PARAGUAY. As cousas pôdem embarçar-se, e é necessario estar preparado para tudo ; eu já o devia estar. »

E mais adiante accrescentava :

« Espero, portanto, e rogo que pelo primeiro paquete V. Ex. se digne.....

«3º habilitar-me para que possa entender-me com o governo do Paraguay, POIS QUE PODEM DE IMPROVISO SURGIR D' AHI DIFFICULDADES. V. EX. SABE QUE O GOVERNO ORIENTAL HA MUITO FAZ VIVAS DILIGENCIAS PERANTE O PRESIDENTE LOPEZ E TEM PROCURADO A SUA COOPERAÇÃO.»

Além disto cumpre recordar q ue em 1850, no tratado que celebrámos com o Paraguay, o interessámos no independencia do Republica Oriental ; e em 1851, quando nos ligámos com o general Urquiza para expellir Oribe, tambem estatuímos que o Paraguay seria convidado para tomar parte na alliança. Portanto, quer se considere uma época atrasada, quer se attenda sómente para o tempo da missão Saraiva, é incontestavel que não devia causar estranheza a intervenção do Paraguay em 1864.

Instado pelo governo de Montevidéo, Lopez offereceu a sua mediação ao governo do Rio para ajuste das questões confiadas á missão Saraiva, em notas de 17 de Junho de 1864, e na mesma data communicou a este enviado o offerecimento que acabava de fazer.

O ex-conselheiro respondeu em 24 do mesmo mez (Junho) declarando, com o que em 7 de Julho o governo imperial se conformava, que : « *nutrindo as mais fundadas esperanças de obter amigavelmente do governo oriental a solução das mencionadas questões, parecia-lhe por emquanto sem objecto a mediação do governo Paraguay sempre apreciada pelo governo*

de S. Magestade.» Nessa occasião o ex-conselheiro procuraria conciliar o general Flores com o governo legal.

Lopez aguardou os acontecimentos. Frustrada a tentativa de pacificação da Banda Oriental, vimos que o enviado brasileiro intimou o seu *ultimatum* de 4 de Agosto de 1864 ao governo de Montevidéo. Este communicou o occorrido ao presidente do Paraguay, o qual manda dirigir ao ministro brasileiro em Assumpção a nota de 30 de Agosto, que concluiu assim, referindo-se ao *ultimatum* Saraiva :

« O governo da Republica do Paraguay deplora profundamente que o de V. Ex. haja julgado opportuno afastar-se, nesta occasião, da politica de moderação em que devia confiar, agora mais do que nunca, depois de sua adhesão ás estipulações do Congresso de Paris; não póde, porém, vêr com indifferença, e menos consentir que, em execução da alternativa do *ultimatum* imperial, as forças brazileiras, quer sejam navaes, quer terrestres, occupem parte do territorio da Republica Oriental do Uruguay, nem temporaria, nem permanentemente; e S. Ex. o Snr. Presidente da Republica ordenou ao abaixo assignado que declare a V. Ex. como representante de S. M. o Imperador do Brazil: que o governo da Republica do Paraguay CONSIDERARÁ qualquer occupação do territorio oriental por forças imperiaes, pelos motivos consignados no *ultimatum* de 4 do corrente, intimado ao governo oriental pelo ministro plenipotenciario do Imperio, em missão junto daquelle governo, como *attentatorio do equilibrio dos estados do Prata, que interessa á Republica do Paraguay, como garantia de sua segurança, paz e prosperidade, e que protesta da maneira a mais solemne contra tal acto, desonerando-se desde já de toda a responsabilidade pelas consequencias da presente declaração.* »

Esta nota encerrava, portanto, UMA DECLARAÇÃO DE GUERRA, virificadas as circumstancias que ella determina. Só por incompreensivel deficiencia intellectual ou por um radical desdem para com o governo que assim nos ameaçava, poderia o governo imperial persistir na deliberação de invadir a

Banda Oriental, sem preparar-se para repellir os ataques de Lopez. Objecta-se geralmente que o dictador paraguayo affirmava assim a *pretensão de ser o supremo arbitro das questões internacionaes da America do Sul*. Mas, admittindo mesmo a realidade de tal imputação, o que fica fóra de duvida é que, para explicar a sua conducta, não se precisa de semelhante hypothese. Com effeito para proceder como Lopez, *bastava estar convencido que vistas ambiciosas de absorpção eram os verdadeiros moveis da politica do Brazil nessa época*. Uma vez subjugada a Republica Oriental, o dictador paraguayo conjecturava chegar a vez do Imperio liquidar, pelas armas, a sua velha questão de limites (1).

Com estas apprehensões, era natural que Lopez procurasse atacar o Brazil, tendo por seu alliado a Banda Oriental e talvez a Republica Argentina, bem como a provincia brasileira do Rio Grande do Sul, que se revoltaria, em lugar de esperar que fosse combatido quando não pudesse ter ninguem por si. A sua conducta foi temeraria arriscando-se a uma campanha contra o Brazil, *mas foi inspirada no mesmo cego patriotismo* que dirigia a este, e adaptou-se as mesmas formulas usadas pelo Imperio. O governo imperial *não tinha, pois, a minima razão* nas increpações feitas a Lopez, sob semelhante aspectó.

A essa nota respondeu o ministro brasileiro em Assumpção, em 1° de Setembro de 1864, procurando refutar com pueris sophismas e sobranceiras affirmativas as apreciações do dictador paraguayo. Terminando a sua apologia, do procedimento imperial dizia :

« *De certo nenhuma consideração o fará sobreestar no desempenho da sagrada missão que lhe incumbe de proteger a vida, a honra e propriedade dos subditos de S. M. o Imperador* ».

---

(1) Foi exactamente o que aconteceu depois da guerra, não permitindo ao Paraguay siquer o direito de discussão dos seus titulos. Vide Limites Paraguayos de J. M. S. Escalada.—L. Torrents.



A tão arrogante decisão, replicou o governo de Assumpção, em 3 de Setembro, por uma nota que concluía assim :

« Não alterando em cousa alguma a nota de V. Ex., a situação que motivou a solèmne declaração do governo do abaixo assignado, *fica este notificado de que de certo nenhuma consideração fará sobreestar o governo de V. Ex.* no emprego de meios coercitivos que havia resolvido pôr em pratica ; e corroborando o protesto que dirigiu a V. Ex. na citada data de 30 de Agosto ultimo, terá o pezar de fazel-o effectivo sempre que os factos alli mencionados venham confirmar a segurança que V. Ex. acaba de dar em sua nota, a que esta responde ».

Que declarações de guerra *podiam ser mais explicitas do que estas reciprocas afirmações ?*

Em 22 de Setembro o governo imperial approvava completamente a conducta do seu ministro em Assumpção, dizendo-lhe que os termos de sua resposta nada deixavam a desejar (!) A cegueira patriotica do ministerio anterior havia precipitado o Brazil na guerra : mas uma politica verdadeiramente superior ás instigações de uma estreita vaidade nacional poderia ainda reparar o erro commettido. Infelizmente o ministerio de 31 de Agosto partilhava quiçá no mais elevado gráo a falsa noção do pundonor nacional que inflammava todo o paiz, desde a questão Christie.

Applicou-se, pois, não a sustar a luta que encontrou travada, mas em preparar elementos de victoria para o Brazil, o que fez com um energico civismo, attestado pelo decreto dos voluntarios da Patria.

Antes, porém, de ter Lopez conhecimento do modo pelo qual o governo do Rio apreciava a attitudo do seu ministro em Assumpção, davam-se as primeiras violencias do Brazil, contra a Republica do Uruguay, a titulo de represalias. O dictador do Paraguay dirigiu immediatamente ao ministro brasileiro em Assumpção a nota de 14 de Setembro, que terminava por estas palavras :

« Factos tão significativos como os que a legação oriental denuncia, consumados em apoio de uma rebelião, com olvido dos principios de legalidade, *base dos direitos de dynastia dos governos monarchicos*, impressionaram profundamente ao governo do abaixo assignado, que não pôde deixar de corroborar por esta communicação as suas declarações de 30 de Agosto e de 3 do corrente.»

A legação brasileira respondeu que abstinha-se por então de qualquer reflexão a respeito do conteúdo da referida nota, por não possuir informações especiaes. E a politica imperial, continuando a desenvolver o caracter violento que assumira na Banda Oriental, o governo paraguayo dirigiu ao nosso ministro em Assumpção a nota de 12 de Novembro de 1864, quasi dois mezes depois da precedente. Ahi mandava o presidente Lopez declarar :

« Que comquanto a legação brasileira, em sua nota de 1º de Setembro, affirmasse, em resposta ao protesto de 30 de Agosto, que decerto nenhuma consideração faria sobreestar o governo imperial na politica que havia adoptado para com o governo oriental, esperava, entretanto, que a moderação do governo imperial e a consideração dos seus verdadeiros interesses, assim como os sentimentos de justiça, que constituem a garantia de respeito de todo o governo, influiriam em seu animo para que, apreciando o exposto na citada nota de 30 de Agosto, adoptasse uma politica mais conforme aos interesses geraes e ao equilibrio do Rio da Prata, como por si mesmo aconselhava tão grave situação.

« Era, porém, com profundo pezar que via que, longe de haver merecido a attenção do govesno imperial, sua moderação e declarações officiaes de 30 de Agosto e a confirmação de 3 de Setembro respondia a ellas *com actos aggressivos e provocadores*, occupando com forças superiores a villa de Mello, cabeça do departamento oriental de Cerro Largo, no dia 16 do mez proximo passado, *sem previa declaração de guerra ou outro qualquer acto publico dos que prescreve o direito das gentes.* »

A' vista disso declarava rotas as relações do Paraguay com o Brazil e impedida a navegação das aguas da Republica para a bandeira de guerra e mercante do Imperio, sob qualquer pretexto que fosse, e permittida a navegação do rio Paraguay, para o commercio da provincia brazileira de Matto Grosso á bandeira mercante de todas as nações amigas, com as reservas autorizadas pelo direito das gentes.

Esta nota foi recebida, pelo ministro brazileiro no dia seguinte á noite, como este affirma em sua resposta de 14 de Novembro.

No dia 13 de Novembro pela manhã, pedira elle explicações pelo aprisionamento do vapor brazileiro *Marquez de Olinda*, que levava o novo presidente nomeado para Matto Grosso e recursos financeiros.

O ministro brazileiro requisitou os passa-portes na sua nota de 14 de Novembro e estes lhe foram dados, immediatamente. Não havendo navio que o conduzisse para fóra do paiz, obteve, por intermedio do ministro americano, que Lopez lhe proporcionasse os meios necessarios.

A 22 de Novembro dava-se a rendição da Villa do Salto, sitiada pelo almirante brazileiro, de accôrdo com Flôres.

E em principios de Dezembro era atacada a cidade de Payssandú. Foi então que Lopez invadiu Matto Grosso, partindo a força expedicionaria de Assumpção, a 15 de Dezembro, e realizando-se o ataque do forte de Coimbra, em fins do mesmo mez.

O historico destes acontecimentos basta para evidenciar a responsabilidade que coube ao governo imperial, na ultima guerra que tivemos a infelicidade de sustentar.

Julgando os factos á vista dos documentos officiaes e sem prevenções de amor proprio nacional, ninguem poderá desconhecer que, sejam quaes forem os erros e crimes justamente imputaveis a Lopez — *foi o governo do ex-imperador quem determinou a luta*, pela sua attitude para com a Republica Oriental. Além disso, os calculos ambiciosos que se attribuem

a Lopez constituem apenas manifestações de sentimentos e opiniões analogas ás que animavam o governo brasileiro. Quem não recuava diante da violencia e a corrupção para manter a monarchia na America portugueza (missões do Marquez de Santo Amaro e Abrantes ácima mencionados e outros) e a integridade da nacionalidade brasileira, não póde considerar um crime que Lopez visasse a reconstrucção do vice-reinado de Buenos-Ayres e aspirasse fazer-se imperador. Tão pouco podem ser invocados contra o dictador do Paraguay, para justificar a guerra, as atrocidades que se lhe imputam, depois que os desastres de uma lucta prolongada foram annullando as qualidades dignas, que porventura possuia e aggravando os seus estimulos egoistas. E' preciso julgar dos acontecimentos como elles se desenrolaram em fins de 1864.

Em principios de 1865, Lopez projectou a invasão do Rio Grande do Sul, quem sabe si naesperança de subleval-o contra o Imperio. Nesse intuito, pediu licença á Confederação Argentina para atravessar o territorio federal; e sendo-lhe negada, rompeu com o governo de Buenos-Ayres, precipitando-o assim na alliança armada com o Brazil. Deve-se notar que antes de enviar o seu *ultimatum* ao governo de Montevidéo, o ex-conselheiro Saraiva tratou de assegurar-se do assentimento do governo argentino á politica imperial. E a acquiescencia dada pelo general Mitre a essa politica constituiu um gravissimo erro, porque *é bem provavel que uma opposição generosa de Buenos-Ayres tivesse feito tomar á nossa diplomacia um curso differente.*

Tal foi a série de erros politicos, filhos principalmente da falta de elevação mental e moral do governo do ex-imperador, que conduziu a uma calamitosa guerra entre povos irmãos.

Apezar de não estar especialmente preparado para a campanha, quando ella começou, os recursos do Brazil permitiram que já em 11 de Setembro de 1866, Lopez sentisse necessidade de negociar a paz. Estas propostas não foram, porém,

attendidas, porque o imperio assentára em não concluir a guerra sem a expulsão do dictador paraguayoy.

Assim o especificava o tratado da triplice alliança, pelo qual o Brazil, a Republica Argentina e o general Flôres, em nome da Republica Oriental, decidiram entre si *da sorte da Republica do Paraguay* (1). Proclamando ahi que se fazia a guerra, *não contra o povo paraguayoy, mas contra o seu governo*, estatua-se, no entanto, nelle e no protocollo annexo, *os limites da Republica, segundo o ENTENDIAM o imperio e a Confederação*; determinava-se o desarmamento da nação paraguayay, *distribuíam-se os despojos e os trophéos tomados na luta*, e IMPUNHA-SE ao mesmo povo o pagamento das despezas da guerra, pelas quaes só o governo brasileiro era responsavel! (2)

Tem-se allegado que a proposta de Lopez (3) fôra apenas um ardil, para ter tempo de fortificar-se e reparar os seus desastres. Semelhante imputação, porém, por mais fundada que seja, só poderia ser aceita, se os alliados houvessem tentado aceitar a paz, e os seus esforços nesse sentido tivessem sido mallogrados. Ora, tal não se deu. Declarou-se a Lopez que se communicariam as suas propostas aos governos alliados e que, no entretanto *a guerra continuaria sem modificação*. Logo depois soffrimos o desastre de Curupayti, e a desharmonia se pronunciava entre os generaes derrotados. Foi então que o Marquez de Caxias foi escolhido para general em chefe das forças brasileiras. Si o rompimento das hostilidades constitue um grave capitulo de accusações contra o governo imperial, *o prolongamento da guerra, a partir desse momento, torna-se um verdadeiro CRIME de lesa-Humanidade*. O ex-imperador não cedeu diante do sacrificio da vida de milhares de seus concidadãos; não vacillou ante a perspectiva da ruina do Para-

(1) Chamamos a attenção das almas sãs para o conteúdo deste tratado e o protocollo annexo ao mesmo. A historia não registra maior monstruosidade.

(2) Si a guerra não era feita á nação paraguayay, ella não póde ser responsavel pelos gastos de guerra.

(3) Houve mais do uma proposta, vide o APPENDICE.—L. TORRENTS.



guay; não recuou diante do desperdício de enormes quantias; e não trepidou diante das solicitações das Republicas americanas.

Debalde o Chile, o Perú, a Bolivia, o Equador e os Estados-Unidos da America do Norte (este por duas vezes), tentaram pôr termo a uma guerra de exterminio, o capricho imperial a nada attendeu, obcecado pela rancorosa ideia de, anniquillar a Lopez. E, no entanto, *milhões de brasileiros gemiam na escravidão, sem que o ex-monarcha sentisse maculada a honra nacional, e visse sequer na redempção delles um melhor emprego das enormes sommas votadas á guerra.* Curiosa hypocrisia essa de um governo que armasse os seus subditos, para libertar os povos visinhos do jugo dos seus tyranos, quando em sua patria se contavam por milhares os seus concidadãos escravizados pela mais monstruosa das oppressões. Um governo *libertador*, que garantindo a independencia da Banda Oriental e fixando os seus limites com o Brazil, além de estatuir concessões de leguas de terreno e a faculdade de levantar este as obras e fortificações que julgasse convenientes, estatua, o que ainda é mais grave, que a Republica Oriental se *compromettesse a devolver aos escravocratas do imperio os captivos que buscassem asylo na Banda Oriental!*

Tão graves infracções da moral social foram praticadas em nome da *Santissima e Indivisivel Trindade*, e não consta que o sacerdocio catholico houvesse protestado contra semelhantes profanações da fé medieva (1).

E como si isto já não bastasse para alheiar-nos as sympathias dos povos do nosso continente, e para levantar contra si as almas generosas a quem, não cegasse o amor proprio nacional, o governo do ex-imperador reconhecia ao mesmo tempo o intruso Maximiliano como imperador do Mexico, (16 de Feve-

---

(1) Em 1857 fez tambem a monarchia brazileira um tratado escravocrata com a Confederação Argentina.

reiro de 1865). Unica entre as nações da America, o Brazil prestou o seu assentimento a esta aventura, em que o segundo Bonaparte, atraído a França, vinha lançar na America germens de odio contra a conductora da civilização moderna! *Que mais seria preciso para condemnar a politica imperial?*

Que maiores provas da inferioridade moral e politica do ex-imperador do que o conjuncto de sua diplomatica acção, cujos traços caracteristicos ahi ficam assignalados, nesses factos capitaes do seu longo reinado?

No entretanto, até hoje a VAIDADE NACIONAL tem impedido que se reconheça a pernicioso influencia do Imperio, nas nossas lutas com as nações platinas. Até hoje a maioria, arrasada *por estreitos preconceitos*, não quiz romper a solidariedade com os tristes manejos de uma politica, que cobriu a America de cadaveres e juncou-a de ruinas.» (1)

A União Brasileira deve espontaneamente rever esses actos da diplomacia imperial, para expurgal-os das suas disposições iniquas, que ainda vigorarem.

Quanto áquelles que foram espontaneamente eliminados pela evolução nacional, como a que se refere A' DEVOLUÇÃO DOS ESCRAVOS, cumpre-nos declarar ao governo Uruguayo que o governo republicano lamenta não ter tido o ensejo de a mais tempo suprimil-as. Tal é a conducta que a Religião da Humanidade impõe ás patrias brasileiras, para purifical-as dos ERROS inspirados por UMA politica sem fraternidade.

O egregio fundador da Republica, Benjamin Constant, como ministro da guerra, propoz, abraçando com enthusiasmo, de que o seu coração de élite era capaz, a idéa do Apostolado Positivista do Brazil, de que *fossem solemnemente restituídos ao Paraguay os trophéos conquistados na guerra* que contra esta Republica sustentou o Imperio. Tão humanitario projecto nunca foi levado avante, porque uma vaidade nacional

(1) R. Teixeira Mendes. Segue a apreciação da Commissão B. Constant. Maior partes dos gryphos são nossos.

mal esclarecida se oppoz a esse rasgo da fraternidade republicana.

Preferiu-se manter a herança fratricida da monarchia, esquecendo-se até que a guerra tendo sido feita, conforme se OSTENTOU SEMPRE, «*não contra o povo paraguayano, mas contra o seu governo*», é inadmissivel que, guardemos trophéos, que são uma affronta áquelle heroico povo. Entretanto era de esperar que assim não tivesse acontecido, á vista da digna resposta dada pelo general Deodoro, quando o ministro da Republica Argentina lembrou-lhe o dia 24 de Maio, para distribuição das tristes medalhas, que o governo da mesma Republica tencionava offerecer-nos, *por uma infeliz inspiração de commemorar a maldita alliança dos dois povos, naquella campanha.*

O chefe do governo provisório ponderou que «aquella data lembrava uma luta entre povos americanos, e que por isso preferia, para entrega das referidas medalhas, o dia 25 de Maio, aniversario da independencia da Republica Argentina.»

Dia virá, porém, em que nossos filhos, esclarecidos sobre a verdade historica, escutarão a voz do fundador da Republica Brasileira, não só restituindo os trophéos, mas ainda eximindo o Paraguay DA DIVIDA QUE LHE IMPUZEMOS, *por uma guerra que foi a sua ruina, e deve ver o nosso remorso*, emquanto não resgataremos as faltas dos nossos paes.

E não ficará então, nisso, a reparação dos erros da politica imperial. Emancipados dos preconceitos pedantocraticos que nos fazem hoje conservar as obras de arte, abstraindo do seu alcance politico ou moral, os brasileiros regenerados hão de entregar a uma escrupulosa purificação os monumentos consagrados á glorificação dessa desgraçada luta.

Será esse o castigo merecido dos artistas, que houverem, com esquecimento dos altos destinos civilisadores da arte, votado as suas aptidões a idealisar scenas que devem cair no mais completo olvido. A prespectiva desse infallivel desfecho deve constituir um aviso, para aquelles que, em nossos dias, *sem o minimo civismo*, se têm tornado o docil instrumento de

todos os governos. A mais perfeita execução não ha de eximir as suas produções da indefectivel sentença de um futuro que, exclusivamente preocupado com o engrandecimento moral de nossa especie, se applicará a sanificar o planeta, expurgando-o de tudo quanto possa conspirar contra a fraternidade universal.

---

## A Divisão do Paraguay

« O sentimento de *honra* consiste essencialmente em combinar o orgulho e a vaidade com os instinctos altruistas, fazendo residir a grandeza de cada homem no exacto cumprimento dos seus deveres. E o sentimento do *dever* resulta da subordinação habitual dos pendores egoistas aos moveis altruistas. »

TEIXEIRA MENDES—*B. B. Constant*, pag. 195.

Por intermedio do parlamento britannico chegou ao conhecimento do Paraguay, pela primeira vez em 11 de Agosto de 1866 o tratado de triplice alliança e, a sua publicação na integra no *Semanario* causou, em Assumpção, a mais profunda indignação, quer da parte dos nacionaes, quer da dos estrangeiros residentes na republica. Desde então ninguem mais poz em duvida os *intuitos* dos alliados. Aos acampamentos de Lopez se apresentaram immediatamente velhos já decrepitos e, até mulheres, pedindo armas para se baterem contra os alliados, Lopez não aceitou esse offerecimento, mas ainda assim formaram-se regimentos de mulheres, que voluntariamente e empunhando lanças, tomaram parte em alguns combates onde quasi todas eram sacrificadas inutilmente. Maior parte dellas, porém, se empregava em cuidar dos feridos, na falta de homens, assim como das plantações de cereaes, fabricação de sal, sabão, tecidos de algodão, etc., para que assim se attenuasse um pouco a fome e a nudez, que lavrava com intensidade por toda a parte, com o bloqueio, em que se achava o paiz durante a guerra.

Todas as nações da America do Sul e a propria republica dos Estados Unidos da America do Norte, protestaram contra a guerra e offereceram seus bons officios para a



terminação da luta ; o proprio Lopez propoz a paz por mais de uma vez. (1)

As nações alliadas á nada accederam. O Brazil queria mostrar ao mundo civilisado, principalmente á Inglaterra (2) a valentia do seu exercito (que effectivamente era valente, sendo porém empregada e sacrificada desnecessariamente n'uma causa mais que injusta) reunido ao das duas republicas. Firmaram um tratado de alliança em que aparentaram « respeitar a liberdade, independencia e integridade territorial » mas addicionando um protocollo ao mesmo tratado no qual se declarava que: « *O Paraguay podia ser saqueado e devastado* » estabelecendo-se mais as regras que deviam ser observadas « *na distribuição dos roubos, pirataria e da propriedade particular dos paraguayos* ». Não se tratava pois, de uma guerra civilisadora, mas de conquista á mão armada, do territorio paraguayo. Infelizmente esta é a triste verdade. A guerra por conseguinte, não fôra feita a Lopez, com o fim de libertar o Paraguay, como garantiram no referido tratado. Essa affirmativa não passava de um escarneo atirado á face do mundo.

Em vez do Imperio nos levar essa decantada liberdade (3) não seria mais humano e proveitoso ao seu proprio paiz que libertasse primeiramente, aos seus proprios subditos, que se vendiam como mercadorias em leilões e isto até 13 de Maio de 1888 ? »

Os alliados tambem, em nome da civilisação, já se vê, se encarregaram (arts. 8º e 9º) de « dar ao Paraguay um novo governo, » que muito bem entendessem, « regulamentar a navegação dos seus rios, destruir suas fortificações, tirar-lhe todas as armas e os navios » de modo a não lhe ficar meio algum de defesa. Só assim, pensavam elles, « será possível garantir a paz e obem estar no Brazil, e nas republicas Oriental e Argentina ! » No artigo 16º. garantiam « a integridade terri-

(1) Vide esses documentos no APPENDICE.

(2) Vide *Biographia de B. Constant.* — 1º. vol.

(3) Que o Paraguay não lhe pediu.

*torial do Paraguay* » e, entretanto, o Brazil arrancou-lhe uma terça parte do seu territorio, a porção mais rica ao norte, e a Argentina uma grande parte ao sul, sem permittirem siquer ao vencido, a discussão dos seus titulos!

Razões poderosas tinham pois os portadores da *civilisação* aos selvagens paraguayos, em não accederem aos pedidos de paz: era preciso extinguir-se a nação paraguaya para que pudessem repartil-a entre si!

A nova geração paraguaya em nome da justiça não pôde deixar de protestar contra esse acto de conquista territorial pelo DIREITO DA FORÇA. A Republica Brasileira que tem procurado apagar os erros da monarchia, certamente consentirá ao Paraguay ao menos: O DIREITO DE DISCUSSÃO DOS SEUS TERRITORIOS, ARRANCADOS EM NOME DE UMA CIVILISAÇÃO RIDICULA E ATÉ CRIMINOSA. A geração presente da infeliz, mas sempre altiva nação paraguaya, conta com a justiça que lhe fará a Republica Brasileira, que é tão rica em territorio, como em filhos amantes da justiça, quão generosos, e, ao mesmo tempo, fracos para com os fracos, em contrario á politica do antigo regimen.

Para que não julguem aquelles que não nos conhecem de que adulteramos factos, daremos em seguida a apreciação de um conhecido publicista argentino Alberdi, que é insuspeito, pois é conhecido e admirado nesta parte da America pelos seus vastos conhecimentos. Apesar de ser Argentino de nacionalidade e patriota, fez, no seu trabalho, referente a guerra do Paraguay, accusações graves tambem ao seu governo. Elle entendia que o patriotismo não consiste em esconder a verdade e sim em tornal-a patente e clara para ensinamento das gerações futuras, evitando assim a reprodução de actos identicos. No Brazil o primeiro brasileiro que teve a coragem de romper com os preconceitos d'esse falso patriotismo dizendo a verdade á face dos documentos, foi o Sr. R. Teixeira Mendes.

Aos que não conhecem o assumpto chamamos a attenção para o importante documento, publicado em Paris, em 1.º de

Outubro de 1866 e que transcrevemos na integra no APPENDICE deste modesto trabalho, sob o titulo: «*Protesto do Perú e de seus aliados do Pacifico contra a triplíce alliança.*» Nesse documento irresponsivel encontrarão as almas honestas a verdade, na sua nudez e farão justiça aos que foram «victimas unicamente dos erros da politica imperial no Prata.»

No mesmo APPENDICE encontrarão tambem os leitores uma carta do presidente da Bolivia dirigida a Lopez, na occasião da guerra, protestando contra a triplíce alliança e offerecendo a este 12.000 homens para combater a seu lado, que Lopez não aceitou.

Agora damos um trecho da apreciação de Alberdi :

Dizia elle, falando do Tratado da Triplíce Alliança contra o Paraguay :

- « Que entende o tratado por *governo actual do Paraguay?*
- « A isto se reduz toda a questão da sua legalidade.

« Notemos, antes de a tocar, que o governo do paiz (1) appellidado pelo nome de China Americana, pela sua insulação e *tranquillidade* sem exemplo na America do Sul, é o primeiro e o unico, desse continente sem repouso, que se vê condemnado á morte como *perturbador incorrigivel*. Verdade seja que o governo republicano do Mexico pagou os seus quarenta annos de anarchia com a perda ou interceptação da sua vida. Mas nem assim desapareceu o Mexico como nação independente. Ao menos não se conhece um tratado, que haja *esquartejado um territorio*, nem que *estipule o seu desarmamento* e pupilage ou caução *em beneficio de outras potencias, como com o Paraguay fez o imperio americano.*

« O sentido em que o actual governo do Paraguay torna realmente impossivel o a que os alliados chamam o seu «bem estar actual», bem como a *tranquilla segurança delle*, não se refere á pessoa do general LOPEZ. Ridiculo seria pretender

(1) O Paraguay.

que a presença desse general á frente do seu modesto paiz *impossibilte a todo o imperio do Brazil* a manutenção da sua paz e seguridade. Logo, o governo actual do Paraguay, em que os alliados vêm involuntaria ameaça aos seus interesses *é o governo independente e soberano do Paraguay*, seja quem fôr o homem, que o exerça: *o futuro governo*, tanto quanto o presente, *o Paraguay constituido em estado soberano*.

« Assim a guerra se fez (art. 7) *contra o governo actual, não contra o povo do Paraguay*; porém não é o general LOPEZ isto é, o governo, segundo os alliados, *senão o Paraguay quem havia de pagar os cem milhões de pesos fortes*, que os alliados teriam de aquinhoar a esse paiz, conforme o a que se obrigam no art. 14 do tratado.

« Compromettem-se os alliados a respeitar a independencia e soberania do Paraguay (art. 8); e, para provar *quão sincera é a promessa*, arrogam-se o direito *soberano* de tirar-lhe o governo *que elle se deu*, impondo-lhe o que aos alliados apraz. (Art. 10 )

« Não pretendem os alliados exercer *nenhuma especie de protectorado* no Paraguay (art. 8). Encarregam-se, porém, de lhe *garantir a independencia*, a soberania e a integridade territorial », (art. 9), *sem que tal segurança lhes solicite o Paraguay, nem precise, pois ninguem o ameaça, a não serem os seus fiadores e garantes*.

« Afiançam e acatam « a integridade territorial » do Paraguay (arts. 8 e 9), e, sem embargo, o Brazil lhe toma um *terço de seu territorio* pelo norte, como a Republica Argentina *grande parte delle* pelo sul (Art. 16).

« O tratado entrega aos patriotas (vindouros) o encargo de anniquillar a patria, e de certo modo forra a essa obrigação o governo de LOPEZ (*o barbaro tyranno*), que a defende. (Arts. 11, 13, 14 e 16.) »

Para um espirito imparcial e justiceiro, crêmos que será sufficiente a leitura desta apreciação para condemnar esse Tra-

tado, e ainda mais—os *Protocollos* secretos, annexos ao mesmo Tratado, em que se regulava a fórma de se dividir entre os alliados a importante *presa* da CHINA AMERICANA.

---



## Protestos das nações americanas

### E PEDIDOS DE PAZ

.....  
« O marquez de Caxias cortou a questão de propostas de paz de que o ministro era mensageiro, dizendo, que tinha ordem do seu governo para não fazer trato algum com Lopez... » (Trecho de uma carta de BENJAMIN CONSTANT, a sua esposa, escripta de Tuyuty, Paraguay, em 20 de Março de 1867).

Depois da palavra autorizada do illustrado Sr. R. Teixeira Mendes, e outros escriptores estrangeiros sobre este assumpto, pouco temos que dizer para demonstrar mais uma vez o capricho de S. M. o ex-imperador, em não acceder aos pedidos de diversas nações da America, para a terminação da terrivel luta em que se sacrificou a vida de tantos brasileiros illustres e valentes, ao mesmo tempo que se exterminava a nação paraguaya.

Eu mesmo perdi o meu pai e tres irmãos n'essa guerra brutal, filha apenas da vaidade e do egoismo.

Milhares de familias brasileiras ficaram na miseria; no Paraguay não houve uma só familia por mais abastada que fosse, que não ficasse redusida á mais deploravel penuria.

Lopez não procedeu com prudencia auxiliando o Estado Oriental contra a prepotencia, da politica imperial, tanto que os governantes dessa nação, mercadejaram a honra da sua patria, para firmar o tratado da Triplice Alliança contra o seu proprio bemfeitor.

A Republica Argentina que era favoravel ao Paraguay, tambem por conveniencia pecuniaria, a ultima hora, provocou-o, quebrando a sua neutralidade em favôr do Brazil, (1) obrigando dest'arte ao Paraguay a declarar-lhe guerra.

---

(1) Vide o documento publicado no APPENDICE, — Declaração de guerra ao governo argentino, por quebra de neutralidade.

O Imperio brasileiro rico em dinheiro e em credito no exterior, pôde acceder a todas estas *aspirações generosas* e, a pezo de ouro (1) arrastou-os a uma luta contra o Paraguay, luta para a qual nem elle, nem o Paraguay se achavam convenientemente preparados.

A prova de que Lopez não se achava tambem aparelhado para a guerra prova-o o pessimo armamento do seu exercito, sem possuir um navio couraçado ou ao menos blindado e, tanto que em 12 de Setembro de 1866 já elle propunha a paz.

O Brazil, porém, tinha recursos e facilidade de se communicar com o estrangeiro : d'ahi a presteza com que em breve tempo, teve os armamentos melhores da época e bons navios, tendo até se apoderado de tres couraçados fabricados para o governo do Paraguay.

A republica Argentina era a fornecedora de viveres e materiaes para o exercito, tudo pago por bom preço, pelo Brazil.

D'ahi pois, nasceu o seu progresso, isto é, a custa dos sacrificios do Brazil e da desgraça do Paraguay.

O ex-imperador nunca respondeu sequer ás propostas de paz feitas por Lopez. A razão era simples : é que Lopez queria uma paz honrosa á todos os belligerantes; os alliados queriam dispor do Paraguay, da mesma fórma que os corsarios dispõem de uma importante presa. (2) Trataram pois de prolongar a luta até a extincção do ultimo combatente paraguayo. Sem chegarem a esse extremo, elles sabiam que não conseguiriam seu *desideratum*.

Toda a America procurou conseguir a paz e protestou energicamente contra o tratado celebrado em 1º de Maio de 1865, por julgar tambem, como Lopez o julgava « attentatorio contra a soberania e independencia do Paraguay, » mas o ex-imperador do Brazil se mostrou inflexivel ; é portanto o

(1) Esta é a triste verdade historica.

(2) Vide os artigos do Protocollo annexo ao tratado de 1º de Maio de 1865, em que estabelece a fórma de se dividir toda pirataria que os alliados realisarem, em nome da cruzada generosa da *civilisação* !

nuico ou o principal culpado ante a sua Patria, o Paraguay e mundo inteiro, por esse sacrificio inutil, de milhares de vidas preciosas.

E' que o ex-imperador havia assentado de antemão a resolução inabalavel, de dar ao mundo o exemplo de civismo sem precedente, levando bondosamente a *liberdade* ao Paraguay, sem importar-se com tratados escravocatas, celebrados com as republicas Argentina e Uruguaya para:—lhe serem devolvidos os escravos brasileiros, que procurando fugir do açoite e do captiveiro, tivessem a infelicidade de procurar essas plagas republicanas para seu refugio! Estes tratados foram feitos em nome da « Santissima e Indivisivel Trindade ». Ante tão bello exemplo de *civilização* éra preciso a continuação da guerra.

Lopez não só propoz a paz pela falta de recursos materiaes como mais ainda, por lhe affirmarem os representantes estrangeiros, em Assumpção, e emissarios especiaes, de que o ex-monarcha fazia acreditar ás potencias estrangeiras que: « era elle Lopez o unico que se oppunha á terminação da luta. »

Não ha hoje homem culto no Brazil que não reconheça esta verdade e que não culpe ao ex-imperador da politica errada que sempre seguiu, principalmente, para com as nações mais fracas. Vejamos agora, ligeiramente, os pedidos de paz feitos ao governo imperial:

Duas vezes Lopez propoz a paz, em 12 de Setembro de 1866 e 24 de Dezembro de 1868, que ficaram sem resposta. (1)

O governo do Perú por intermedio do seu representante no Rio de Janeiro, em Junho de 1866 offereceu sua mediação para por termo á luta, (2) fazendo ver ao Brazil que o fazia, tambem, em nome das republicas do Chile, Bolivia, Equador e outras republicas do Pacifico. O Brazil procurava convencel-as que era apenas Lopez o unico que desejava a luta, que

(1) Vide no APPENDICE esses documentos de grande valor.

(2) Vid em J. C. CENTURION explicações amplas e minuciosas sobre o assumpto.

elle Pedro II aspirava ardentemente pela paz. A comedia não podia ser portanto, mais bem representada...

Quando foi conhecido o texto do Tratado de 1.º de Maio de 1865 e os PROTOCOLLOS annexos, (1) o Perú e as outras nações americanas, suas alliadas, dirigiram aos governos do Brazil, Argentina e Uruguay, energico protesto que, igualmente, não foi tomado em consideração por S. M. e seus alliados.

Em Setembro de 1866 e Janeiro de 1867 os Estados Unidos da Colombia e o Chile protestaram contra a continuação da guerra do Paraguay e contra as clausulas do Tratado e protocollos por julgarem «attentatorio a independencia da mesma republica,» e novamente o governo imperial não os attendeu:

Em Janeiro de 1867 a Republica dos E. U. da America por intermedio do seu representante no Rio de Janeiro Mr. Walson Weff propoz ao Brazil a installação de uma conferencia em Washington para conciliar os belligerantes e caso o imperio não quizesse aceitar esse meio, propunha a nomeação de um arbitro. Mais uma vez infructiferos forão os meios suggeridos pela nação amiga para a terminação honrosa da luta *civilisadora*.

Depois Mr. Walshburn novamente incumbido pelo governo Norte-Americano intercedeu seus bons officios ante os alliados e receiando o Imperio complicações internacionaes com a grande republica, devido á insistencia do governo americano sobre o assumpto, declarou, como unica sahida possivel, que, «aceitaria a paz unicamente com a separação de Lopez do governo paraguay». Lopez entendia que esse alvitre importava uma humilhação ao Paraguay. Pensava elle que só ao Nação cabia esse direito e que, si bem ou mal gover-

---

(1) O proprio Sr. R. Teixeira Mendes no seu importante trabalho «*Biographa de B. Constant*,» falla do tratado e protocollos, e do protesto do Perú de uma fórmula pouco agradavel aos que por um falso patriotismo, entendem que devem trucidar ou encobrir a verdade.

nava o seu paiz, unicamente ao Paraguay competia entrar nessa apreciação,—substituindo-o ou mesmo responsabilizando o, como unico juiz possivel, para elle.

Em Agosto de 1867 Mr. Gould, secretario da legação britannica no Rio da Prata offereceu tambem aos belligerantes seus bons officios para terminação da lucta (1) e foram por Lopez aceitas todas as clausulas (de 1.<sup>a</sup> a 7.<sup>a</sup>) menos a ultima (8.<sup>a</sup>) que éra do « seu refugio para a Europa » que lhe IMPUNHAM os alliados, pois, já o dissemos, Lopez entendia que tal alvitre competia exclusivamente á sua Patria; que, se accedesse á essa imposição seria elle mesmo reconhecer e sancionar a não soberania da sua Patria, aceitando governos IMPOSTOS á vontade dos belligerantes.

Em Janeiro de 1868 o ministro Norte Americano no Rio de Janeiro, por ordem do seu governo, renovou seus bons officios para por termo á guerra. O ex-imperador disse então que « ia consultar aos alliados » e assim foi ganhando tempo, que, éra exactamente o que desejava. Por esse motivo chegaram a ficar bem tensas as relações entre os dois paizes. Todos viam que pelo tratado secreto, o Paraguay tinha que desaparecer! Deve-se talvez aos protestos já referidos o facto de terem, o Brazil e a Argentina ficado apenas com quasi a metade do seu territorio (o Brazil ao norte e a Argentina ao sul) não consentindo os *generosos civilisadores* ao infeliz Paraguay, ao menos o direito de discussão dos seus titulos!

No appendice verá o leitor as duas propostas de paz formuladas por Lopez.

Só ao ex-imperador, portanto, cabe a responsabilidade da continuação da guerra a partir de 12 de Setembro de 1866 até 1.<sup>o</sup> de Março de 1870.

Felizmente a Republica Brasileira reconhece os erros do passado regimen e trata hoje de reparar essa falta, estendendo ao Paraguay a mão amiga, no momento em que começa a dar

---

(1) Vide esta clausula, na integra, em J. C. CENTURION—*Guerra do Paraguay*.



signal de vida, no meio dos escombros e da miseria em que a reduziu essa guerra !

A geração actual brasileira e a paraguaya não tem culpa dos erros dos seus antepassados; todos deploram essa luta ingloria e desejam hoje a fraternidade a mais ampla, principalmente entre os povos da nossa America.

Sejamos por nossa vez americanos—na America do Sul !

---

## Confirmação dos receios de Lopez

IMPOSIÇÃO DAS NAÇÕES TRIUMPHANTES

.....  
« El sentimiento nacional argentino está profundamente lastimado de estas mutilaciones sucesivas, operadas á espensas de lo que consideraba su territorio, y este sentimiento es tan natural, que nó se puede menos de aprobarlo. Los pueblos que hoy permanecen indiferentes á las cuestiones sobre integridad del suelo en que han nacido y en que viven, nó subsisten largo tiempo como cuerpo de nacion y son muy pronto asimilados a su vecinos. »

HENRIQUE DELACHAUX.

« Uma analyse minuciosa demonstraria os tratados celebrados e as circumstancias que mediram a sua celebração, porém demonstral-o e explicativamente seria interminavel n'um ligeiro trabalho, como este, pelo que fazemos apenas um resumo e ligeiras considerações sobre o assumpto.

Referindo-nos aos limites com o Brazil, devemos recordar que entre a Hespanha e Portugal se debatia antigamente a soberania dos territorios banhados pelo rio Pardo. Portugal pretendia mantel-a completa sobre estes, pois que pelo rio Pardo e Tacuari, se estabelecia a communicação com Matto Grosso.

A Hespanha, complacente por tratar-se de parentes, resolveu pelo tratado de 1750, acceder ás pretenções portuguezas, aceitando como linha divisoria o rio mais immediato ao Pardo que é o *Ygurey*, cuja contra vertente no alto Paraguay se acreditava que fosse o chamado *Corrientes* quando realmente é o rio Mbotetey e mais o Tacuari.

Porém, na hypothese de que fosse o *Corrientes*, o verdadeiro contra-vertente do *Ygurey*, se nos apresenta a duvida

de sua situação verdadeira, e, ainda que o admittissemos ali onde está como pôde ter-se como contra-vertente ao rio *Jurey* no lugar onde precisamente os portuguezes e brasileiros querem collocar-o?

O *Garey* (*Igurey* dos mesmos) fica abaixo do Salto Grande e o *Igurey* do tratado deve ficar acima do referido Salto e segundo as instrucções deve desembocar no Paraná pelas suas tres bocas,—é o rio mais visinho do Pardo e que fica aproximadamente á dois grãos acima do *Garey*. Deve ter-se em conta que este não é semelhante rio e sim um *ribeirão* das duas ramificações da cordilheira e que mal poderia seguir na linha divisoria, quando não tem mais de dez leguas de extensão, encontrando-se sua contra-vertente, o chamado *Corrientes*, a dois grãos mais acima e tendo a descrever uma curva não menor de sessenta leguas para o encontrar.

Para quem queira comprehender ficará sabendo que o verdadeiro *Ygurey*, não tem que fazer uma grande curva para dar com as contra-vertentes do tratado, admittindo que sejam o chamado *Corrientes*, mesmo que os rios visinhos sejam o *Mbotetey* ou o *Tacuari*.

Outro ponto importante é o referente ao *uti-possidetis* que os nossos visinhos o interpretam completamente ao seu paladar. Os mesmos portuguezes obtiveram que, para a demarcação de limites se tivesse presente as povoações existentes para assegurar os territorios, que furtivamente haviam povoado.

Porém é o caso que, os portuguezes e brasileiros confundiram no terreno, nomes, lugares, e pretendiam levar a linha divisoria em povoados e despovoados segundo lhes convinha, invocando então neste caso o *uti-possidetis* e em outros os tratados caducos. Assim tinham a seu favor: povoado quando tinha povoado e deserto tambem por ser *deserto*!

A chancellaria paraguaya aceitou lealmente o *uti-possidetis* e, se, o houvesse praticado, o Brazil teria de ceder ante a evidencia da posse paraguaya. Perdida a povoação do Xerez ficava o forte *Olympo* como monumento irresponsivel do

nosso direito á ambas as margens do rio Paraguay, pois o Brazil não podia invocar nenhuma população á seu favor entre o Apa e o rio Branco e mesmo mais acima. Si se refuta que o forte Olympo fica ao lado occidental do rio, replicaríamos que Corumbá e Coimbra etc., ficam ao mesmo lado e não obstante o Brazil sustenta seus direitos á outra. Igual argumento cabe fazer quanto ao Paraná cujos territorios desertos, na sua maior parte, nunca foram povoados por portuguezes e brasileiros.

Mas o que resalta é o zelo que tiveram para levar a linha pelos seus rios Ygury e «Corrientes» e não pelos VERDADEIROS por quanto ficam mais acima e não lhes convinha. De onde poderam tirar vantagem o fizeram, temos por exemplo: em vez de seguir a linha na demarcação pelo Apa, encontraram um afluente deste, o correjo Estrella e como ficava mais abaixo, conseguiram levar por elle a linha divisoria, ganhando assim « cento e cincoenta leguas de heruaes paraguayos! ».

E, não contente, o Brazil, em liquidar assim seus limites a sua vontade pretende ainda *cobrar-nos de gastos de guerra contra o tyranno, quando já se pagou vantajosamente pelas suas proprias mãos com territorios fertillissimos e a exploração de quasi quatro seculos de nossas minas de ouro e de diamantes que, historicamente são do Paraguay, sendo elle, pelo contrario, DEVEDOR NOSSO e com crescidos juros!...*

Com a quéda da monarchia, causa de tantos males para esta America SERIA OPPORTUNA A REVISÃO DOS TRATADOS COM O BRAZIL.

Emquanto a esperamos, ficamos na espectativa e observemos a marcha politica da nova Republica inaugurada em 15 de Novembro de 1889.

Este dia foi considerado feriado para commemorar o primeiro anniversario do advento da Republica Brasileira e para a distribuição das medalhas da guerra do Paraguay.

Quanto ao primeiro nada ha que observar se, é justo e nós tambem nos devemos associar a elle com jubilo, porém quanto ao segundo, sabemos nós e o mundo que nos contempla que:

a guerra não foi feita contra o tyranno, e por mais que fosse ella justa (1) á recompensa aos que lutaram com bravura nos campos de batalha, era preferivel lançar ao esquecimento estas cousas para não ferir susceptibilidades, tendo em consideração, que cada um de nós fomos ou autores na homerica contenda, ou perdemos desnecessariamente os entes mais queridos ! Ao dizermos isto, está muito longe de nós a ideia de approvar a insensatez de um mandatario, que não teve a prudencia de evitar essa guerra e abusando da bravura do seu povo arrastou-o a uma luta provocada, é verdade, mas que podia ter sido evitada se Lopez tivesse tido mais calma, qualidade indispensavel a um chefe de nação. A Republica Oriental não tardou em lhe pagar a sua intervenção amiga : a mão que recebera o beneficio servira á Flores para dar depois a bofetada!

A respeito da Argentina devemos notar que se a arbitragem houvesse comprehendido todo o Chaco e ainda as missões orientaes, o triumpho do Paraguay não se teria feito esperar, pois além dos titulos irrefutaveis que temos, estavamos na posse dos ditos territorios quando se declarou independente, isto é, o *uti-possidetis* do anno 10, amparava-o em um todo.

Se é verdade que nosso porvir apparece escuro devemos ter fé e abordar as questões de interesse nacional como ellas requerem.

Muito temos perdido por não nos havermos preocupado com o futuro: vivemos sómente do presente; é preferivel preocuparmo-nos de ambos.

Resumindo : vejamos por ultimo o que ficou do *Gigante das Indias*, como se chamava o Paraguay.

---

(1) Que não reconhecemos como tal, e ainda mais em face do procedimento que tiveram os alliados, arrancando-nos territorios e não nos permitindo sequer, a discussão dos nossos titulos.—L. T.



Os limites actuaes são:

Ao *Norte* — Rio Apa, Bahia Negra e territorio de Chiquitos.

Ao *Sul* — Rio Paraná.

A *Leste* — Rio Paraná e as cordilheiras Amambay e Maracajú.

Ao *Oeste* — Rio Pilcomayo e o Parapití.

Em cifras a superficie territorial do Paraguay tem experimentado as seguintes trocas:

Em poder do BRAZIL, parte Oriental	7.500	leguas	
» » » » » Occidental.....	1.800	»	(1)
Em poder da R. ARGENTINA, parte Occidental .....	3.600	»	
Idem, missões orientaes.....	1.500	»	
	<hr/>		
Total de territorios perdidos.	14.400	»	maritimas
PARAGUAY actual:			
Parte oriental.....	5.500	»	
» occidental.....	10.400	»	
Addicione-se territorio discutivel com a Bolivia...	3.400	19.300	»
	<hr/>		
Total.....	33.700	»	maritimas

que reduzidas á hespanholas nos dão um pouco mais de 37.000 leguas, das quaes, como fica demonstrado, se perdeu 15.840 leguas e isto prescindindo do territorio do Guairá, que seriam outras tantas!...

Terminada a guerra e triumphantes as armas alliadas, o Imperio consumou *sua obra attentatoria á integridade terri-*

(1) Territorio Paraguayo entre Yaurú e Bahia Negra tomado pelo Brazil contra todo o direito, durante a guerra.

*torial da Republica do Paraguay.* Não esperou mais, nem deu tempo para estudar nem discutir titulos ou direitos que poderiam adduzir-se para se resolver com equidade a questão de limites com o nosso paiz.

Em 9 de Janeiro de 1872, data que os paraguayos não devem olvidar, se firmou em Assumpção o tratado Loizaga-Cotegipe, pelo qual o Brazil declarava que *exigia fosse reconhecido pelo vencido o LIMITE IMPOSTO no tratado da triplíce alliança*, se bem que consentisse (por um acto de extrema generosidade) não levar a linha divisoria pelo *arroio* ou *corrego* Garey (*Ygurey* do tratado da alliança) optando pela serra de Maracajú, um pouco ao Norte do mencionado *arroio* (1) sem duvida porque na consciencia estava um *arroio* e não podia substituir a um *rio*, mas ainda porque, era melhor tomar aquelle que podia servir de valla para conter com um *non plus ultra*, as aspirações futuras de um povo vigoroso por sua indole e temperamento, herdeiro de tradições au dazes que, mesmo opprimido e estenuado pela fatalidade e pela força das armas, qual novo Prometheu, retorcendo-se debaixo do peso da sua desgraça, conservava intacta no fundo do seu character a altivez indomavel e a valentia homérica de que deu terriveis provas na luta.

.....

Para demonstrar a *urgencia* com que os vencedores julgaram conveniente celebrar-se o tratado referido com o Paraguay, basta recordarmos que: em data de 4 de Janeiro de 1872 foi nomeado o plenipotenciario paraguayo que devia *assignal-o* e em 9 do mesmo mez, n'uma unica conferencia, o tratado estava firmado!

E' que se collocou uma corda no pescoço de cada um d'esses moribundos ambulantes, que tinham escapado da morte e se lhes déra o rotulo de representantes do *povo*; era neces-

---

(1) Imperou na demarcação a linha pelo Apa, levou-se a diferença cedida pela cordilheira. Baixou a linha pelo *arroio* Estrella.

sario que não desse elle o ultimo arranco no momento de morrer !

O prazo era peremptorio... e nada tinha o Paraguay que discutir !...

Devemos pois estar *gratos ao Imperio que nem ao menos a discussão dos nossos titulos admittiu !*

.....

Emquanto *não imperar a JUSTIÇA e não se respeitar o DIREITO — não haverá paz entre os povos !* »

J. M. S. E.

—

A nova geração paraguaya em nome dos patriotas e valentes brazileiros e argentinos que pereceram heroicamente nessa luta ingloria, pensando «defender a sua patria ultrajada» ; em nome dos seus pais e irmãos mortos em defeza da integridade nacional (eu mesmo fallo em nome da memoria sagrada do meu pai e irmãos que morreram na guerra!), defendendo palmo a palmo o territorio sagrado que elles viam perder dia a dia ; em nome da propria honra e dignidade do Brazil e da Argentina, — a nova geração da minha Patria protesta contra essa *monstruosidade* sem exemplo na Historia !

O Paraguay espera confiante hoje, em nome da justiça, a entrega do seu territorio que a ponta de bayonetas e em nome da *Liberdade* e da *Civilisação*, habilmente imaginadas para justificar a guerra, lhe arrancaram os alliados ; ou, ao menos, que a generosidade dos vencedores lhe permittam hoje o *direito de discutir os seus titulos* que o imperio não lhe facultou !

Hoje o Paraguay póde confiar na rectidão, generosidade e justiça dos vencedores.

Estamos certos por isso que por sua vez a Republica Brazileira procurará lavar-se mais d'essa mancha do passado regimen.

Aguardemos, pois, os acontecimentos e confiantes te-

nhamos fé no porvir da nossa infeliz mas sempre altiva  
Patria!

Como Paraguayos uma unica cousa pedimos— a JUSTIÇA!

---

P.S.—Aos que nos quizerem confundir, offerecemos no APPENDICE os  
documentos historicos que se referem aos limites Paraguayos. Por elles  
ficarão inteiradas, as almas honestas, do que foi o Paraguay antigamente  
e o que ficou sendo depois da guerra — *Civilisadora!*

(Veja «Limites Paraguayos» de J. M. S. Escalada pags. 66 a 81—1895).

## O primeiro governo do Paraguay

.....  
« Affirmar que a guerra do Paraguay foi um crime não é affirmar que a Patria é criminosa. Porque a responsabilidade da guerra não cabe á Patria e sim aos directores da Patria naquelle tempo. » — R *Teixeira Mendes*.

Triste é o que temos de relatar, ainda que resumidamente, da tomada de Assumpção, capital da Republica do Paraguay. Deixaremos sem menção os diversos bombardeios que a capital deserta soffreu, pela esquadra brazileira, quando todo o mundo sabe que não era praça de guerra, e sim uma *cidade aberta*.

Que os selvagens paraguayos desconhecessem essas coisas do direito internacional vá, porque não sabiam ainda o que era *civilização*, mas os portadores d'ella—não podiam deixar de conhecer e darem o exemplo...

... Em 31 de Dezembro de 1868 o exercito alliado, ao mando do Marquez de Caxias, se pôz em marcha e, em 5 de Janeiro de 1869, chegou a Assumpção, que estava inteiramente deserta, parecendo mais um... enorme cemiterio!

A cidade assim solitaria e triste, crusando apenas pelas ruas e casas alguns ratos famintos, foi occupada e saqueada pelos brazileiros de uma maneira edificante.

Os navios transportes e mesmo alguns de guerra, sahiam do porto carregados de mobílias de toda especie, pianos, etc., todas á bordo, em uma confusão indescrível.

As casas de negocio de argentinos, brazileiros, orientaes, hespanhóes e de outras nacionalidades, soffreram grandes prejuizos.

Deste modo a capital da Republica foi obrigada a supportar a sorte do vencido—lá nos tempos idos da antiguidade—



sem a necessaria prescripção dos preceitos estabelecidos pela civilisação moderna. (1)

Dizem alguns escriptores, aliás insuspeitos, que o general Emilio Mitre, para não fazer-se cumplice deste acto abusivo e repugnante acampou a força de seu commando a certa distancia da povoação.

A ser verdade esta affirmativa não se comprehende como é que, então, foram parar em Buenos Ayres até... os sinos das egrejas de Assumpção ! Naturalmente cahiram do céu por descuido...

Não devemos ser injustos culpando sómente aos brazileiros : todos commetteram excessos imperdoaveis. As proprias egrejas foram profanadas e as mãos sacrilegas dos civilisadores não respeitaram siquer os templos — de onde o proprio JESUS NAZARENO os contemplava sereno e melancholico... para pouco depois *chegar a sua vez* de ser arrancado tambem dos altares, pelo mais audaz e corajoso !...

...E entretanto a guerra se fazia em nome da «liberdade» e da «civilisação»; não era contra a nação paraguaya e sim, unicamente, contra o *horror dos tyrannos*, só e unicamente contra Lopez, que era : *o desequilibrio do Prata* !

Não devem porém, a nosso ver, se culpar os chefes dos alliados, por esses excessos, pois, certamente, elles só não puderam evitar esses horrores do saque pela falta de diciplina nos seus exercitos.

O que não podemos saber nem o Sr.ex-visconde de Ouro Preto nos explicou na sua «Marinha d'Outr'ora» é, — de que fórma taes navios de guerra tão decantados pela sua diciplina, por elle, eram portadores de semelhantes *prezas* e, se o commandante em chefe da esquadra sabia ou não desses factos ?...

Se ignorava, não estava na altura de ser o commandante, e, se sabia, commettia um crime !

(1) Vide sobre o assumpto: J. C. CENTURION 3º volume pag. 334 a 335 TOMPSON pag. 355; e, GERMANDIA, «Campanha de Piky-syry» pag. 181. O leitor imparcial ficará revoltado perante esses quadros repugnantes á moral, praticados pelos invasores.

O que tambem não sabemos é : do destino que deram a taes carregamentos ; é de presumir que os descarregassem no primeiro porto mercante...

...Tomada assim Assumpção, as forças alliadas, especialmente Caxias, [como commandante em chefe, entendeu dar por terminada a guerra, demasiada longa, participando isso ao seu governo e retirando-se para a capital do Imperio.

S. M. não satisfeito com semelhante resolução censurou-o, ao que Caxias retorquiu dizendo que : *não era capitão do matto*. (1)

Entendendo S. M. que chegava o momento de procurar sympathias da parte dos brasileiros para com o seu genro Conde D'Eu, (preparando assim o terceiro reinado) fez constar que «Caxias não tendo podido terminar a guerra mandava o seu genro para *vingar a Patria ultrajada*». E lá partiu o futuro monarcha em busca de glorias e de benções dos brasileiros. (2)

Nessa época Lopez já não tinha mais elementos de defeza, suas tropas e as familias que as acompanhavam das cidades e villas que iam evacuando para escaparem da feroz luxuria dos alliados (3) estavam andrajosos e experimentando miserias de toda especie, sendo a menor dellas : não terem o que comer ! Mas, eram precisas *glorias* ao futuro Imperador, ainda mesmo que tivessem de morrer mais alguns milhares de valentes brasileiros e... extinguir o ultimo paraguayo !

— Que importava isso, si, se tratava de assegurar o terceiro reinado e de fazer triumphar a sua vaidade ?

Sob o dominio exclusivo dos alliados, estando assim a Nação Paraguaya ainda em armas contra os invasores, organisou-se na EMBAIXADA BRAZILEIRA a relação dos que mais lhes convinham para : presidentes, ministros, deputados,

(1) Phrase que no tempo da monarchia se usava para designar os que se encarregavam de prender negros (escravos) fugidos.

(2) E ainda garantem que Lopez foi o culpado, tambem *pela continuação da guerra*.

(3) Vide CENTURION 3º volume pag. 282.

senadores, etc., do governo provisório, que pretendiam ORGANISAR, como o fizeram, escolhendo a seu bel prazer os que tinham de ser *eleitos* pela Embaixada digo, pela *nação ainda em luta!*

Organisou-se assim igualmente a Constituição da Republica.

A guerra continuava encarniçada e terrível. O Conde D'Eu ia tomando alguns pequenos sustos; por mais de uma vez escapara, por milagre, de cair prisioneiro nas mãos d'º Lopez, conforme este empregava esforços dos mais audazes e habéis.

E' pois facil de se imaginar os apertos porque passou o illustre Conde! Entrou no combate de *Pirebubuy* (1) e ganhou a primeira corôa e assim até *Cerro Corá*, sempre entrando nas batalhas... guardando boa distancia das balas inimigas.

Emquanto isto se dava na campanha, lá estava em Assumpção o tal novo governo paraguay, aceitando tudo quanto os alliados queriam... Estas considerações não são minhas, exclusivamente. Algumas cousas lá observei e outras li-as em obras insuspeitas e mesmo a *Gazeta de Noticias* desta capital que fez suas, uma série de publicações no seu editorial em Março de 1899, firmado por um *ex-diplomata*, (que é contrario ao cancellamento da dívida e entrega dos trophéos ao Paraguay), diz que: garante esses excessos de prepotencia da parte dos diplomatas brazileiros em Assumpção, e referindo-se a um facto na organização, desse primeiro governo e a elaboração na EMBAIXADA BRAZILEIRA do projecto da nova constituição, disse elle:

«O imperio não teve o criterio de sondar o futuro e tratou aquillo como paiz conquistado. A um presidente paraguay que se recusára a assignar o leonino projecto da Constituição elaborada na embaixada brazileira e PATRIOTICAMENTE decla-

---

(1) Foi pelo Conde D'Eu commentada esta batalha como uma das mais terriveis e quando alguém queria ser-lhe agradável já sabia: era só fallar-lhe a *perrrigo* a batalha de *Pirrebubuy* e o Conde ficava logo pelo beicinho.

«rara—preferir renunciar, returquio o delegado imperial: —  
«Pois renuncie! Nas ruas de Assumpção não ha de faltar um  
«cachorro que queira ser presidente do Paraguay»

Continúa o *ex-diplomata* brasileiro: «Esta phrase dá bem  
«a nota da intuição que os nossos estadistas possuíam dos  
«grandes interesses nacionaes naquella REGIÃO!»

O que porém o tal *ex-diplomata* não nos disse é: se o tal  
presidente que recebeu semelhante insulto da Embaixada  
Brazileira—deu ou não merecida resposta—e qual foi ella?

Estamos certos que, apezar da degradação moral que  
por momentos pairou sobre os vencidos, nessa época, sendo  
portadores della os vencedores, ainda assim, acreditamos que  
não teria ficado o tal arrogante *civilizador*, sem a merecida e  
cabal resposta!

Fechemos agora este parentheses depois de demonstrar  
que não estamos inventando ou adulterando factos. Fallamos  
diante de documentos, e sem a minima paixão.

Como iamós dizendo: A nação ainda se achava em luta  
defendendo os poucos que ainda restavam, palmo a palmo, o  
torrão sagrado da Patria contra os invasores e já funcionava  
em Assumpção um *governo provisorio* ELEITO na Embaixada  
Brazileira. Seguiu-se a Constituição tambem elaborada pela  
mesma Embaixada... E foi um governo assim organizado e  
constituído que aceitou a «divida de guerra» que os alliados  
lhe quizeram impôr, a seu bel prazer; foi assim que o tal gover-  
no aceitou todas as «reclamações as mais absurdas» de parti-  
culares (1) que diziam: terem perdido milhares de milhões de  
bois, cavallos, etc. !; foi um governo assim organizado que  
aceitou «a divisão territorial» que os alliados muito bem qui-  
zeram fazer, de quasi *metade do territorio nacional*, não per-

---

(1) Quando estive em Matto Grosso tive occasião de verificar, nos lu-  
gares, Poconé, Nioac, Miranda, Corumbá etc., que a maior parte dos recla-  
mantes que receberam *apotecas paraguayas* nunca tiveram fazendas ou  
estancias, e, ainda, gado ou animaes de espécie alguma! O Governo Para-  
guayo pde, portanto, provar hoje que foi LUDIBRIADO.

mittindo, os portadores da decantada *civilização* ao Paraguay, nem a discussão de seus titulos!

E' lamentavel que de 1.400.000 habitantes que o Paraguay tinha antes da guerra, não soubessem morrer essa meia duzia de homens que restaram e de que se compunha esse governo .. O primeiro presidente porém, que sancionou esse acto, pagou com a vida, em plena rua, essa sua falta; mais glorioso lhe teria sido se, com a sua recusa tivesse de ver sobre o coração a ponta fria e aguda de um punhal assassino!

Assim, foram sancionadas todas as exigencias do Imperio, pelo tal governo paraguayo, eleito ou nomeado (como quizerem) pela propria Embaixada Brasileira. E, receiando o imperio que outros governos que viessem, desfizessem os actos do primeiro, julgou conveniente occupar o territorio nacional desde a terminação da guerra, 1º de Março de 1870, até 21 de Junho de 1875. Ainda assim houve diversas revoluções patrioticas que não foram triumphantes pela intervenção ostensiva e franca dos brazileiros, em numero dez vezes superior aos combatentes.

Como justificativa da occupação armada, S. M. declarava que: a fazia não sómente porque não tinha sido ainda pago pelo governo do Paraguay (1) dos gastos da guerra, como de direito, mas tambem, porque de accôrdo com uma das clausulas do tratado da triplíce alliança, tinha que GARANTIR por cinco annos a *independencia* do primeiro governo que tivesse de COLLOCAR no lugar de Lopez». . . E' edificante!

«Garantir por cinco annos a *independencia* de um governo que entendeu collocar no lugar de um outro. é: não só conseguir todos os maiores absurdos que imaginasse obter desse governo e sem a possibilidade do minimo protesto (2) como mais ainda garantir esses actos ao menos por cinco annos, empregando por

(1) E' Lopez quem deve pagar essa divida de guerra, pois, segundo a declaração dos alliados, não fizeram guerra á nação Paraguaya e sim ao *tyranno* Lopez. A nação não lhes pediu semelhante favor.

(2) Se não havia povo por ter perecido quasi todo na guerra— quem é que poderia protestar no acto?



consequente, mesmo a força, si preciso fosse, até a transformação delles em FACTOS CONSUMADOS; e, por outro lado: é confirmação a mais solemne do desconhecimento por completo da *sobrerania e independencia* da mesma nação que, no tratado da triplice alliança prometteram (*apparentemente*) respeitar !

Perante a moral e a razão pôde-se garantir que: a Nação Paraguaya aceitara *livremente* todas essas imposições?

—Representam ellas a força do Direito ?

—Que responda por nós a consciencia Nacional !

Appellamos para as almas honestas dos proprios brazileiros e argentinos !

Um governo assim constituido illegalmente, criado, imposto e sustentado á ponta de bayonetas pelos vencedores que, a seu bel prazer desejavam resolver todas as pendencias (novas e antigas) e pretensões que nunca ousaram sustentar, ou submettel-as á arbitragem ; um governo assim constituido que não exprime a vontade nacional e sim unicamente a vontade da Embaixada Brazileira, pôde ser tudo quanto quizerem, menos GOVERNO de uma nação, e, portanto, todos os seus actos estão nullos perante não só a Nação Paraguaya, mas ainda diante da consciencia nacional brazileira e argentina, mais do que isso—diante das nações civilisadas que nos contemplam !

Quanto á «constituição» tambem imposta ao Paraguay pela mesma Embaixada, por melhor elaborada que seja ella ou pareça ser, do mesmo modo não representa a vontade nacional.

A Nação Paraguaya acabrunhada, sem forças para erguer-se e sentindo ainda o peso da sua grande desgraça, mal podendo assim debater-se entre a vida e a morte, tendo experimentado todos os soffrimentos e as maiores miserias que só imaginar pôde um cerebro como o de Shakespeare — até cahir na ultima desillusão que era a «liberdade ampla e sua completa independencia» que lhes haviam annunciado os portadores da civilisação, sente-se hoje ainda mais prostrada sob o peso do seu immenso infortunio e, sem forças, lança seus olhos altivos e bondosos para as novas gerações brazileiras e argentinas com

uma esperança, talvez, — esperando JUSTIÇA, em nome da honra dos seus proprios pais e irmãos que, desnecessariamente foram sacrificados nessa luta. O Paraguay apesar de agonizante ainda, não pôde deixar passar sem protesto essa mystificação dos respectivos governantes, quer fossem brasileiros, argentinos ou uruguayos, que levaram-lhe essa ultima desillução !

A nova geração paraguayana não pôde ficar indifferente ante este espectáculo !

Diante das manifestações espontaneas da imprensa adiantada de Buenos Ayres e dos brasileiros republicanos, ultimamente, estamos convencidos de que hoje já temos amigos sinceros que, como nós, lamentam, do fundo d'alma, os successos tristes do passado, filho de um verdadeiro desvairamento mental, procurando estender-nos a mão amiga e com promessas de amor e de paz procuram dar-nos alento e apagar os ultimos resentimentos que ainda existem em alguns espiritos obcecados—quando apenas somos as victimas e que nós é que teriamos motivos para esses resentimentos pelo mal que os seus governantes nos causaram !

Ainda assim a unica cousa que pedimos para a nossa Patria, confiados na sua generosidade é a —Justiça !

Se por ventura tiver de, futuramente, permanecer como *facto consumado* o resultado dessa farça que representaram os alliados, impondo-nos uma divida que não devemos e arrancando o nosso territorio a força sem nos permittir, ao menos, a discussão,—desejamos antes—a nossa eliminação !

Sim ! Fieis ás tradições gloriosas da nossa Patria, preferimos a nossa eliminação por completo a sujeitar-mo-nos á essa humilhação que degrada a nossa infeliz mas sempre altiva nacionalidade !

---

# As Apolices Paraguayas

## INDEMNISAÇÃO Á PARTICULARES

.....  
... « A Historia imparcial hade um dia analysar com severidade justa todos estes medonhos episodios, TODO CRIME que tem aqui (no Paraguay) commettido o nosso governo, os nossos diplomatas e os nossos generaes, exceptuando muito raros... »  
(Trecho de uma carta de BENJAMIN CONSTANT á sua esposa, datada do Tuyuty, 6 de Março de 1867).

Nada tencionavamos escrever sobre este assumpto, pois que isso seria interminavel, n'um trabalho ligeiro e insignificante, sobre factos principaes, com o fim apenas de tornar-se conhecida no Brazil a verdade sobre antecedentes e consequentes da guerra, como tinhamos em mente ao trazermos á luz alguns factos, pela maioria dos brazileiros ignorados. Em 1892 o Sr. Teixeira Mendes escreveu a « Biographia de Benjamin Constant » e fez nesse trabalho revelações sobre a verdadeira origem da guerra do Paraguay, revelações importantes provando que a guerra foi principalmente provocada e prolongada pelo Imperador D. Pedro II e entretanto, a cada momento, temos encontrado homens intelligentes, lidos e até *pergaminhados* que continuam a garantir que : a guerra foi devida ao aprisionamento do *Marquez de Olinda* ; outros, que foi, porque Lopez queria se casar com a Princesa ; outros, porque Lopez desejava tornar-se imperador absoluto no Prata e até cousas ainda mais disparatadas que estas ! E' a tal arte de discurrer sobre o que não se sabe !

E' pois para trazer um pouco mais de luz sobre o assumpto que nos resolvemos a vir fazer mais algumas considerações sobre elle, como tambem sobre outros ainda ignorados pela maioria, talvez. Não descobrimos a polvora com isso ; todos podem

fazer os mesmos estudos que nós, e qualquer um com maior vantagem.

Si não fosse um projecto que no dia 2 de Julho corrente foi apresentado sob o n. 9 ao Senado, subscripto por 11 Srs. senadores entre elles o illustrado Sr. Ruy Barbosa, Antonio Azevedo (por Matto Grosso) e outros, nada teriamos que vir dizer. Tendo porém esse projecto provocado alguma discussão, nos occuparemos delle. No capitulo anterior sob o titulo « 1º governo do Paraguay », já tinhamos dito o que haviamos julgado sufficiente. Depois, porém, desse projecto de lei, que felizmente para o Brazil, cahiu no dia 5 do mesmo mez, não tendo sido julgado sequer materia digna de discussão, graças a *O Paiz* unico jornal que o atacou, — vamos fazer algumas considerações á respeito. Queremos apenas levantar muito de leve o véo... justiça se faça, muitos o assignaram na melhor boa fé.

Desde 1875 a 1882 estive em Matto Grosso e não só conheço a Capital, (nesse tempo o Sr. Antonio Azevedo, senador, fazia versinhos para *O Liberal*, jornal do Sr. Ponce, e no do Sr. Calháo) como outros lugares e entre elles, Paconé, Miranda, Nioac, S. Antonio, Corumbá, S. Lourenço, etc. Tive occasião de vêr muitas dessas apolices e conversar com os seus possuidores. Admirava-me muito como é que individuos que não tinham *onde cair morto* tivessem centenas de contos de réis em taes titulos e, de muitos, da maior parte delles, ouvia eu a confirmação de que « por intermedio de A. e B. tinham feito reclamações de tantos milhares de bois, etc., tendo sido suas reclamações attendidas »; a maioria delles affirmava mais que, « nunca teve gado algum »! Outros davam vinte e mais titulos (de 6 % ouro, já se vê) a troco de um cavallo magro (1). O preço ou cotação desses titulos variavam muito: desde 5\$000 até 20\$000! Havia pessoas que compravam grande

---

(1) No meu tempo um cavallo não durava mais de um anno, devido a uma peste que dava, e creio que ainda dá, em Matto Grosso, chamada peste cadeira; rarissimo era o animal que d-lle escapava.

quantidade (1) para, diziam elles, deixarem aos seus filhos. Muitos eu vi na Chapada e outros lugares serem trocados por mantimentos, rapaduras, etc., etc.

Poucos são em Matto Grosso os que não possuem algumas dezenas de contos de réis nos taes titulos.

No Rio Grande do Sul, onde tambem estive, igualmente existe grande quantidade d'esses titulos, e não foram poucos os que, por esse meio, procuravam enriquecer... Se fossemos a julgar que a tropa de Estigarribia havia consumido tantas rezes ou sómente a 5ª parte das reclamações feitas e attendidas (2) pelo Paraguay, teria podido resistir, ao cerco de Uruguayana, por mais de um anno ! Entretanto todos sabem que o exercito de Estigarribia, depois de ficar com a retaguarda cortada sem poder receber mais munções de bocca, a força sob seu commando, antes de se entregar, comeu os cavallos, depois os cães e finalmente *os correames* (3) e só depois disso se entregou ! Mas, continuemos a nossa narrativa :

Na Republica Argentina tambem existem mais de 16.000.000 pesos fortes (4) em apolices as quaes são quotadas desde 1 a 2 % . O espirito mais parcial contra o Paraguay póde facilmente pesar ante a sua consciencia se este algarismo póde registrar uma cousa ao menos provavel !

Todos, absolutamente todos, fizeram reclamações as mais extravagantes e absurdas, e, todas ellas foram attendidas. E como não ser — se lá estava a Embaixada Brazileira e Argentina para fazer valer os seus *direitos* ? Ai ! d'aquelle que ousasse não tomar em consideração reclamações dos seus cidadãos !

Hoje sabe-se que a maioria dessas reclamações foram infundadas e que o Paraguay pagou (em titulos é verdade) uma cousa que nunca existiu. A nosso vêr, portanto, o Paraguay

(1) Como aconteceu aqui com os debentures da Geral.

(2) E que remedio ? Manda quem póde !

(3) Que horror ! Póde haver espectaculo mais terrivel ?

(4) Que ao cambio de 27 d. prefazem 32.000:000\$000 ou seja ao cambio actual tres vezes essa quantia. (200 rezes por soldado !...)



deve protestar perante as respectivas nações, demonstrando a sua boa fé até que ponto foi ludibriada !

Essas apolices assim á matrôca, por toda a parte, foram ultimamente adquiridas por alguns especuladores, e, aproveitando a ideia agitada em favor do cancellamento da divida de Guerra do Paraguay, entenderam opportuna de apresentar um projecto para que, o governo chamasse á si, essas apolices paraguayas e as pagasse com apolices nacionaes de 4 %<sup>o</sup>, aos *possuidores* (1) entrando o governo do Brazil opportunamente em accôrdo com o do Paraguay na fórma de effectuar o recebimento dos referidos titulos.

O *Paiz* em editorial de 5 e 6 de Junho do mesmo anno o atacou e transcrevemos, do ultimo, alguns trechos sobre o assumpto :

« Allegam os reclamantes que, não tendo o Paraguay attendido aos portadores das suas apolices, o governo do Brazil deve, como se fosse endossante, responder por aquella divida, entrar em accôrdo com os possuidores dos titulos e ir depois haver daquella nação a importancia que ella ainda não quiz ou não pôde pagar. »

E mais adiante :

« O erro, porém, está praticado e não é dos menores a pesarem sobre a monarchia, que quando não era precipitada, era imprevidente. Quem deve é o Paraguay — e só elle — e se as apolices por elle emittidas não são pagas, a culpa é delle e não nossa.

Sustenta-se que o governo deve fazer respeitar os compromissos tomados pelo Paraguay em relação aos brazileiros que elle lesou, e que a sua attitude nessa questão não pôde

---

(1) Os *possuidores* são hoje os negociantes ou especuladores, porque os *primitivos proprietarios* aos quaes a lei cogitava favorecer, como *prejudicados* já o foram, pois que, quasi todos já os venderam á terceiros por uma insignificancia e actualmente devido a esse projecto de lei que ha mezes já sabiamos que ia ser apresentado (!) estão concentradas em mãos de algumas dezenas de individuos que tencionavam ficar dez vezes millonarios da noite para o dia !

deixar de ser a mesma que todas as nações mantêm em relação ao Brazil, quando suppõem que este attenta contra os direitos dos estrangeiros aqui domiciliados. O principio de direito é na verdade esse ; mas os que assim falam esquecem-se de que *só se cobram indemnisações dos paizes que as podem satisfazer*. Na especie, as invasões, as affrontas á nossa soberania foram castigadas e depois da punição é que se verificou a insufficiencia do provocador para supportar os encargos pecuniarios derivantes do seu atrevimento.

O Paraguay, quando as nossas tropas o occuparam, estava exausto, e até hoje nem um real nos deu por conta da sua divida, tão prolongado e tão profundo tem sido o abatimento das suas finanças. Por que meio pôde o governo do Brazil exigir daquella Republica a satisfação do seu debito aos nossos compatriotas, cujas reclamações foram por ella reconhecidas como justas e procedentes ? Enviando-lhe um *ultimatum* ? Fazendo-lhe uma *demonstração militar* ? Mutilando-lhe o territorio, — o que só se pôde dar depois de outra guerra ?

Todas estas hypotheses são absurdas. *O Paraguay já pagou com o seu sangue, com a derrota das suas armas, com a occupação de seus territorios por algum tempo, o desvario do dictador que nos offendeu. Falta-lhe a contribuição em dinheiro que elle ainda não prestou pela miseria dos seus cofres. Se o Paraguay se encontrasse em condições de pagar o serviço da sua divida ao Brazil, não seria necessario aos reclamantes solicitarem do governo a permuta das apolices daquelle paiz por apolices nacionaes.*

Os reclamantes sabem, porém, que o Paraguay não dispõe de recursos *para manter compromissos dessa natureza* ; sabem que o Brazil não pôde decorosamente obrigar-o, sob a pressão das armas, ao cumprimento de obrigações para as quaes está em absoluto desprovido, e nestas circumstancias pensam em transferir para o governo que os não prejudicou, os encargos do Paraguay, que reconheceu a lesão e assumiu a responsabilidade consequente. D'ahi esse projecto que nos encheu de

magna. Já que o Paraguay não pôde pagar o mal que fez, o Brazil que responda pelos prejuizos que não causou. \*

Em alguns pontos, quanto á apreciação da guerra, do importante órgão republicano, sentimos divergir, mesmo porque não obedece elle a orientação e opinião já manifestada pelo seu illustrado chefe de redacção Sr. Q. Bocayuva, que em artigos vibrantes, domonstrou, no tempo do Imperio, os erros de S. M. n'essa guerra; mas, quanto aos outros pontos, principalmente nas phrases gryphadas por nós, estamos de pleno accôrdo.

A triste verdade é esta: *houve mais reclamantes do que bois!*

E é naturalissimo que assim succedesse. Para justificar-mos isso basta lembrar-mo-nos das mais disparatadas e extravagantes reclamações, aos milhares, que depois da revolta de 6 de Setembro de 1893 aqui surgiram, quer de nacionaes quer de estrangeiros, attingindo a muitos milhares de contos.

E note-se que a nação tinha para os repellir o pulso de um homem da tempera de aço do marechal Floriano Peixoto.

Não eram sómente na Capital da União que se avolumavam e se inventavam essas reclamações; ellas vinham tambem do Rio Grande do Sul, Paraná, S. Catharina, etc.

Ha pouco tempo, *A Tribuna* desta Capital, narrou um episodio, á proposito, que até na Camara dos Srs. deputados foi commentado pelo Sr. Erico Coelho: Um subdito allemão Carl Roth, secretario do consul allemão na villa de Palhoça (S. Catharina) que havia recebido 30:000\$ de indemnisação por ter sido castrado, dizia o queixoso, pelas forças legaes, na ultima revolução (1893). A todos causou horror e pena esse facto. Não havia quem não se condoesse do infeliz! Mas oh! decepção! De repente o Sr. Carl querendo augmentar talvez a sua pequena fortuna com mais... alguns vintens, tratou casamento e casou-se... E' que estava já, completamente *restabelecido!*...

Compare-se agora a situação do Brazil, triumphante da revolução e com algum elemento para poder defender-se de qualquer imposição que lhe fizesse alguma nação estrangeira, advogando os interesses bem ou mal dos seus concidadãos — com as condições em que ficou o Paraguay redusido á mais deploravel miseria, sem um navio, sem uma fortaleza, sem uma arma, sem um homem, para resistir as imposições dos alliados triumphantes, occupando militarmente a Republica e impondo os governos que muito bem entendiam !

Veja-se agora os milhares de contos de réis que o governo brazileiro já pagou de indemnisações muitas dellas ainda assim disparatadas, e, quanto ainda terá de pagar: imagine-se agora se tivesse *de aceitar todas as reclamações*. que lhe fossem apresentadas *sem o direito de as discutir, sequer*, em quantos milhões de contos de réis ellas terão de attingir ?

E' o caso do Paraguay !

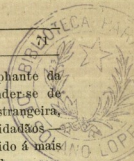
Generosa e justiceira como é a Republica Brazileira estamos convencidos de que, ao menos, permittirá ao Paraguay contestar esses titulos que a fatalidade lhe arrancou na beira do tumulto, nas ancias da morte !

Desejamos sómente (pondo de parte o saque que o Paraguay soffreu e os thesouros que de Pirebubuy e outros lugares levaram) que os prejudicados brazileiros ou argentinos, apresentem titulos ou provas irrecusaveis, apurando-se assim a responsabilidade real do Paraguay, nessa deploravel luta, que todos lamentamos, em que elle desgraçadamente foi arrastado, contra nações irmãs do mesmo continente.

Diante das manifestações de sympathia que o Paraguay tem recebido ultimamente da parte dos vencedores, pôde-se confiar na justiça que lhe fará talvez em dias não mui remotos as gerações altivas e generosas do Brazil e da Argentina.

A Republica do Uruguay ja reparou a sua falta e de uma maneira honrosa que a collocon bem alto, ante as nações cultas do Universo !

---



## A Divida de Guerra

« O Brazil não podia enlamear-se mais do que tem feito nesta desgraçada guerra... »  
(Carta de Corrientes, 20 de Abril de 1867 de BENJAMIN CONSTANT ao seu pai). Big. B. Constant. pag. 146—2º volume.

Pouco desejamos escrever sobre o assumpto. Vamos pois começar registrando, primeiramente a opinião de illustres brazileiros e da imprensa, resumidamente, já se vê, pelo pouco espaço de que dispomos:

Sem que seja preciso repetir aqui a argumentação solida que nos fornece sobre o Paraguay o Sr. R. Teixeira Mendes, no seu notavel trabalho « Biographia de Benjamin Constant » em 1892, vejamos o que escreveu o Sr. Miguel Lemos em 10 de Novembro de 1894, e publicado em 15 do mesmo, a proposito da entrega das medalhas aos argentinos (1):... « seja-nos licito submeter novamente á consideração dos poderes publicos á ideia de restituirmos solemnemente ao Paraguay os tropheos que guardamos, dessa pugna fraticida, declarando por essa occasião *saldada a divida de guerra que lhe IMPUZEMOS como consequencia da nossa victoria.*

« Por este duplo acto significariamos que a Republica Brazileira repudia as tradições nefastas da politica do imperio e offereceriamos, á nação vencida, inestimavel penhor da fraternidade internacional.

« O projecto que acabamos de lembrar mereceu a approvação entusiastica de Benjamin Constant (2) cujo alevantado espirito chegou a cogitar de sua realisação que, certamente se

---

(1) Este documento produziu entre os republicanos agradavel impressão.

(2) Quando membro do Governo Provisorio, estando de pleno accôrdo com elle o seu illustre collega Sr. Q. Bocayuva



teria levado a effeito, se a morte não houvesse roubado, tão cedo, o fundador da Republica aos seus compatriotas »

O illustrado Sr. Teixeira Mendes ainda, na resposta que deu ultimamente ao talentoso Sr. Arthur Silveira da Motta (ex-barão de Jaceguay ou melhor actual Arthur de Jaceguay e futuro almirante da activa Jaceguay) que, em outro lugar publicamos na integra, exprimiu-se sobre o assumpto nos seguintes termos :

... « Affirmar que a guerra do Paraguay foi um crime não é affirmar que a Patria é criminosa. Porque a responsabilidade da guerra não cabe á Patria e sim aos directores da Patria naquella época. »

... « Tambem só uma extrema preocupação pessoal e a anarchia mental e moral da sociedade moderna, permittem comprehender que se ouse apresentar a guerra do Paraguay como a maior gloria do Brazil » ...

... « As nossas tristes condições financeiras não podem justificar qualquer hesitação quanto á desistencia da divida de uma guerra nefanda. Porque essa desistencia é um dever que a Patria e a Humanidade nos impõem. E se a geração de hoje não cumprir esse dever, uma das futuras o ha de desempenhar.

Não é só a nossa generosidade que está empenhada nisso, é tambem a nossa honra. A objecção aqui é tão inadmissivel como a dos antigos senhores de escravos, vencedores das hordas africanas, que invocavam os seus compromissos financeiros para não libertar aquelles que elles mantinham no captiveiro. As nossas dividas têm que ser saldadas á custa do nosso trabalho e não com o sacrificio das virtudes que o civismo e a fraternidade universal nos impõem. »

O Sr. Americo Brazil Silvado distincto e talentoso official da marinha de guerra brasileira na sua obra « A NOVA MARINHA » que a escreveu em resposta á *A Marinha d'Outr'ora* do ex—visconde de ouro Preto, e que perdera o seu honrado pai na guerra do Paraguay, lutando com heroismo, assim se refere, no seu trabalho, sobre o Paraguay :

... E si não fossem os recursos materiaes muito mais poderosos do Brazil em relação ao pequeno Paraguay e á *artificial* triplíce alliança, poderosamente auxiliada pela infracção flagrante do direito internacional com o fornecimento de armamento ao Brazil, vindos das nações da Europa *depois da declaração da guerra*, de certo o fim da sanguinolenta campanha seria diverso do que foi, mesmo com a perda final do Paraguay ».

... « Lopez mostrou-se precavido e patriota, nunca traidor, ao passo que os politicos brazileiros, illustradissimos e civilisados, trahiam sua Patria, mantendo-a desarmada e pretendendo ter uma politica arrogante que siquer materialmente não podia ser apoiada, pelo que não raras vezes foi seriamente compromettida ».

... « Em seu perfido livro o Sr. Affonso Celso diz que era uma luta de *irmãos*, mas não explica porque o mesmo triste symptoma se verificou contra os *ferozes* paraguayos, que, segundo os preconceitos imperiaes, podiam ser escravos dos brazileiros mas—nunca irmãos. »

... « Eu, que perdi tudo na luta, porque perdi meu honrado Pai, prematuramente morto em combate, cumprindo seu dever por ordem de *um governo que só soube ser ingrato* para seus mais denodados defensores, não hesito em formular a seguinte phrase, que, ao meu ver, define a guerra da Paraguay :  
FILHA DO CAPRICHIO IMPERIAL, TAL GUERRA FOI INJUSTA, POR TER SIDO PROVOCADA PELO FORTE EXPLORANDO O FRACO ; FOI DESLEAL PORQUE O GOVERNO BRAZILEIRO TRAHIU O INIMIGO, SE ARMANDO COM AS SUAS ARMAS, DEPOIS DE COMEÇADA A LUTA, E TRAHIU O POVO BRAZILEIRO PORQUE ENGODOU-O COM PROMESSAS FALAZES QUE NUNCA SE REALIZARAM ; foi inutil e cruel, porque, só FEZ MAL AO PARAGUAY SEM LHE OUTORGAR UMA VANTAGEM ; e foi ingloria porque a GLORIA É ANTAGONICA DA INCORRECÇÃO ! »

... « Que a ideia de Benjamin Constant se realise quanto antes, indicando eloquentemente a inauguração de uma po

litica externa positiva e verdadeiramente fraternal são os votos que faço (1). Que eu pertença a força naval que fôr honrada cumprindo tão notavel commissão, exercendo a função que minha patente permittir, é o desejo que eu emitto publicamente. »

Desejamos agora fallar de outros personagens que de varios modos e, pela imprensa, têm demonstrado abraçar a ideia. Entre alguns senadores, nossos amigos, collocaremos em primeiro lugar o Sr. Quintino Bocayuva, que representa a encarnação da Republica no Brazil. Sabemos que a ideia foi discutida por ambos no Governo Provisorio, isto é, por Benjamin Constant e elle, ficando combinado que o primeiro apresentaria o projecto em reunião de ministros e, tanto o marechal Deodoro estava tambem de accôrdo, que o illustre republicano Sr. Q. Bocayuva, quando seguiu para Montevidéo, em missão especial, já levava tambem credenciaes até Assumpção. Mas, explorações monarchicas fizeram desviar a attenção do governo para outros factos e o illustre chefe do republicanismo brasileiro regressava (sem que pudesse completar essa segunda parte da sua missão) injuriado pela massa bruta, que não o conhecia, nem o podia conhecer, e quando pensaram ter elle cahido para sempre—erguia-se ainda mais alto que nunca na consciencia nacional! Entre deputados ha tambem muitos favoraveis, assim como no exercito e na armada e outras classes sociaes. Si fôr autorizado, mais adiante declinarei os nomes.

Na imprensa as opiniões se dividem, como é natural. Isso me faz lembrar o caso da propaganda abolicionista. Os poucos jornaes que erão abolicionistas não se vendiam no interior e faziam-lhe guerra, mas pouco tempo depois eram os

---

(1) A Republica Oriental do Uruguay já resolveu, em 1884 cancellar a divida de guerra do Paraguay, quando presidente Maximo Santos, e a Republica Argentina por diversas vezes e agora o Sr. Julio Roca, já de clarou que : « estava prompta a cancellar-a igualmente se o Brazil o fizesse tambem. »

mais procurados; ultimamente todos éram já abolicionistas! Ideias grandes e generosas caminham sempre!

O PAIZ noticiando, em tempo, a referida propaganda afirmou que «a guerra não foi feita á Nação Paraguaya e sim á Lopez.»

E' uma das folhas mais sympathicas ao movimento, certamente pela orientação e modo de pensar muito conhecido do seu chefe de redacção.

O JORNAL DO COMMERCIO não se manifestou ainda, mas tem publicado trabalhos favoraveis na parte editorial.

A IMPRENSA em 20 de Fevereiro de 1899, na parte tambem editorial, dando uma noticia detalhada do que se passou na Commissão Benjamin Constant, disse:.. «Tambem ficou resolvido agitar-se igualmente a ideia da desistencia da divida de guerra, voluntariamente da parte do Brazil, ainda mais justa quando em documentos officiaes sempre garantio o imperador de que *não fazia a guerra á Nação Paraguaya e sim unicamente ao tyranno Francisco Solano Lopez para LIBERTAR o povo paraguayo.*» (1)

«Essa Republica é hoje nossa amiga, etc.»

Dias depois veiu com um artigo contra, de modo que ficamos sem saber qual dos dois conceitos foi o que pezou mais na balança do illustre ex-membro do governo provisorio.

O JORNAL DO BRAZIL tem tambem publicado noticias favoraveis; não conhecemos, porém, ao certo, a opinião do seu proprietario.

A TARDE publicou na parte editorial artigos favoraveis e contra, conforme as opiniões dos seus redactores.

No Pará, a REPUBLICA tem lançado bons artigos, favoraveis, e está á frente da propaganda conhecidos personagens de influencia politica.

Em Minas, a GAZETA DE MINAS, tem trazido artigos favoraveis.

---

(1) Estes gryphos são da propria folha.

Em Santos (S. Paulo), O DIARIO DE SANTOS, publicou uma série de esplendidos artigos, na columna de honra da folha, com assignatura do Sr. Alberto Souza, que produziu optima impressão.

Em outro lugar publicamos um desses ARTIGOS, para o que chamamos a attenção do leitor.

Na capital de S. Paulo, o importante diario CORREIO PAULISTANO, tambem em editorial, tem lançado excellentes artigos favoraveis e reproduzimos aqui a parte de um delles (de 11 de Abril de 1899), que se refere á divida de guerra, sob o titulo — « A tous cœurs bien nés que la Patrie est chère ! — VOLTAIRE— *Tancrède.* »

« Caso quizessemos tambem dar-nos ao trabalho de rebater o que andam a escrever por ahi, quanto á parte pecuniaria da questão, os doutores em economia politica, que vivem todos os dias a receitar novos especificos contra os graves males financeiros que desde muito angustiam a Republica, nós nos limitaríamos a obtemperar-lhes — *que o Paraguay realmente nada nos deve, uma vez que a monarchia brasileira arrastada pela sua ignobil sanha contra Lopez poz aquella nação nas mais tristes condições, no estado miserimo a que nunca um vencedor culto redüzira um vencido tambem culto nos tempos ominosos da historia da Humanidade.*

*« Como exigir pagamento a um devedor a quem fomos os primeiros a impossibilitar de pagar-nos ?*

Subleva a razão e revolta o sentimento o contemplar a monarchia americana marchando desafogada, logo em seguida á monstruosa campanha, num progresso cada vez mais crescente, de outro lado, «o infeliz Paraguay não podendo, mesmo depois de quasi 30 annos de finda a luta, reconstituir siquer a metade das propriedades que lhe esmagamos ! »

Mas é já tempo de dirigir-nos aos veteranos da lugubre epopéa, escripta nas planicies sul-americanas com o sangue de muitos milhares de filhos da Humanidade. E' preciso que lhes asseguremos, sempre, que o cumprimento do seu triste dever os enalteceu a tal ponto aos olhos da Patria, que a immensa



e imperdoavel culpa do imperio ficou assaz diminuida pela grandeza de alma que os soldados brasileiros revelaram.

Aos sobreviventes da luta paraguaya bem sabemos que o que mais importa não é a annullação da divida: — é a devolução dos trophéos. Pesa-lhes ver restituir-se o que tanto sangue lhes custou, o que lhes custou tantas fadigas, tantos sacrificios, tantos soffrimentos.

Emtanto, se a divida paraguaya nos queima o dorso, como a tunica de Nesso, das lendas polytheicas da velha Grecia, queimava os hombros de Hercules, — a permanencia dos trophéos *da odiosa conquista monarchica servirá tão sómente para marejar a alvura immacula da Republica.*»

Muitos outros brasileiros distinctos podiamos ainda mencionar aqui, como o Sr. Julio de Castilhos e outros illustres republicanos tambem favoraveis a ideia, mas isso seria quasi interminavel e além disso, por mais cuidado que tivessesemos deixariamos involuntariamente de referirmo-nos á muitos (que ficariam molestados, talvez) pelo regular desenvolvimento que vai tendo a ideia; e, já teria sido muito maior, se os historiadores nacionaes, *por um lapso talvez*, tivessem feito como Sr. Teixeira Mendes, dizendo a verdade historica e não sómente escrevendo livros de bajulação á Sua Magestade. Quasi todos elles (salvo raras excepções) só fallam no patriotismo e illustração de Sua Alteza!

A nosso vêr, porém, o Paraguay nada deve ao Brazil de gastos de guerra. Vejamos porque: Divida de guerra é a importancia que uma nação viu-se obrigada a gastar, para, appellando para as armas, como ultimo recurso possivel para conseguir salvar ou impôr os seus direitos não reconhecidos, garantir a sua independencia, integridade, etc., — *de nação contra nação.*

O Brazil, porém, não declarou guerra á Nação Paraguaya, pelo contrario, voluntariamente se arvorou em seu protector, ou defensor gratuito, para «libertal-a do jugo de um despota». Esta declaração foi feita pelo Brazil e seus alliados ás poten-

eias estrangeiras que protestaram contra essa guerra sem causa justificada.

No tratado de alliança firmado entre as tres potencias se declarou claramente que a « Guerra não era feita, á Nação Paraguaya e sim, unicamente a Lopez. »

Se foi ou não isso uma tangente não sabemos ; é isso o que lá está expresso, sem conhecermos ainda, até hoje, o movel principal dessa guerra a não ser a conquista ; não houve direitos desconhecidos, nem injurias infligidas pela Nação Paraguaya, nem o tratado delles cogita, o que prova a sua não existencia, — e sim : em derrocar o governo, substituindo-o por outro, e que seria garantido pelos alliados ; — o arrazamento das suas fortalezas, aprisionamento e divisão em partes iguaes (entre os alliados) de todos os armamentos, navios e outras quaesquer presas ; e, não deixar aos vencidos o menor elemento de defeza ! E' isto em resumo o que consta do tratado de 1º de Maio de 1865 e protocollos annexos (1), firmados entre o Brazil, Argentina e Uruguay, para LIBERTAREM, assim, do *tyranno* o povo Paraguayo !

Se os proprios alliados declaram que « não faziam guerra á Nação Paraguaya e sim, unicamente a Lopez » para poderem assim « garantir a paz, o bem estar e a tranquillidade das nações do Prata », — como pôdem sobrecarregar o Paraguay, com gastos de guerra ? Se o Paraguay solicitasse dos alliados *esse favor* se comprehenderia essa obrigação, mas não foi isso o que succedeu, pois ninguem lhes pediu cousa alguma ; pelo contrario, o povo todo levantou-se em massa, para, em torno do seu chefe (2) fortalecendo-o com a couraça de seus peitos, defender palmo a palmo o seu territorio sagrado, até o ultimo

---

(1) Vide o protesto do Perú e seus alliados do Pacifico contra a guerra, publicado no APPENDICE. E' documento irrespondivel.

(2) Os chefes não se improvisam, impõem-se naturalmente. Bem ou mal representava a vontade nacional. Si era um *tyranno*, como o querem fazer, era porque o povo o queria assim *tyranno*, não lhe servia outro, e nada tinha que vêr outra nação com isso.

reducto *Cerro-Corá* (1), combatendo a seu lado o ultimo dos soldados que restava dos 100,000 homens !

Se alguém ha, responsavel pelos gastos de guerra, ou melhor, pelos esbanjamentos desnecessarios de S. M., esse alguém será, quando muito, Lopez « á quem *unicamente* era feita a guerra e não á Nação Paraguaya. »

E como é que se entende essa ennovação no direito das gentes, de uma nação ou mais colligadas — podendo fazer guerra individualmente á um chefe de outra potencia — sem ser essa guerra contra essa nação ? Quem responderá pelos damnos e prejuizos resultantes d'ella ? No caso do Paraguay, por exemplo, á quem compete indemnizal-o ?

Se havia vantagem aos alliados na eliminação desse decantado *tyranno* para que os povos do Prata e o imperio pudessem assim, *unicamente assim*, garantir « a paz, segurança e bem estar dos alliados » como o declararam, — essa guerra foi sómente de vantagem exclusiva aos proprios alliados ; e se essa tranquillidade, paz e bem estar dos alliados, não valessem tão grandes sacrificios, a teriam abandonado.

Mas sinto dizel-o é ridiculo o affirmar-se que Lopez, lá no recanto da America do Sul, era a eterna ameaça da paz e bem estar de todo o Imperio e dos outros Estados do Prata ! Mas alto de que nós fallam os protestos do Perú, Estados Unidos e outras nações do Pacifico, contra essa FARÇA, que se chamou tratado de 1º de Maio de 1865. Leia o leitor esses documentos e certamente terá dó, como nós temos, de tanta... ingenuidade !

A ameaça constante da paz na America do Sul não era devida a Lopez, e sim exclusivamente a S. M. « procurado sempre e ostensivamente intervir nos negocios internos das nações platinas », como ainda « fazer d'ellas pequenas monarchias ! »

---

(1) Onde Lopez foi assassinado quando já, difficilmente, se podia suster de pé, com muitos ferimentos. A voz de « renda-se » respondeu com um tiro, exclamando — « Morro com a Patria ! »

O contrario d'isto é que não conseguirão demonstrar os subditos de S. Alteza.

Se os aliados, como já dissemos, para conseguir os seus fins, isto é, a decantada *paz e bem-estar* tiveram de aniquilar o Paraguay deixando-o devastado e saqueado; mais do que isso, perecendo mais de 1,000,000 de almas, entre homens, mulheres e crianças, maior parte delles de fome, repetimos: quem o indemnizará?

— A quem deve o Paraguay essa grande calamidade que o prostou na mais deploravel das miserias?

Porque os aliados não declararam a guerra á Nação?

— Simplesmente porque não houve offensa da parte d'ella.

Como pois, querem tornal-a, ainda, a responsavel, pelos gastos de guerra, quando ella é que tem direito a uma e não pequena indemnisação?

Dirão talvez: porque o governo Paraguay reconheceu-o. Tratemos pois de pulverisar esta possivel resposta.

— Mas, esse governo não foi criação do proprio Brazil por ELEIÇÃO dentro da propria Embaixada Brasileira em Assumpção? (1).

Um governo assim escolhido e constituido podia recusar as mais disparatadas pretensões dos mandantes? E, ainda assim, houve um presidente, que declarando preferir renunciar a assignar ou sancionar as suas pretensões, foi-lhe respondido pela Embaixada, que: RENUNCIASSE, QUE NÃO FALTARIA NAS RUAS DE ASSUMPÇÃO UM CACHORRO QUE QUIZESSE SER PRESIDENTE DO PARAGUAY. (2).

Um governo assim constituido pôde representar a opinião nacional?

Pois desejam os aliados manifestação mais solemne de reprovação e de protesto dos actos do primeiro governo, Riva-

(1 e 2) Como já ficou demonstrado esta afirmativa é de um distincto ex-diplomata brasileiro que esteve em Assumpção e que a *Gazeta de Noticias*, desta Capital, toma della toda a responsabilidade, conforme declarou a propria redacção dessa folha.

rola, com o Brazil, quando, devido a isso unicamente foi assassinado em plena rua de Assumpção ? Os que o mataram não eram assassinos vulgares, e a mesma sorte teria cabido a Salvador Jovellanos (2º presidente) se não fosse o auxilio material dado á elle pelas forças brazileiras, refugiando-se depois e immediatamente (ao largar o poder) em Buenos Ayres. O 3º presidente J. Bautista Gill apezar, de ter conseguido a desocupação do territorio nacional, ainda assim tambem pagou com a vida os favores e concessões feitas, á força, aos vencedores. Com a retirada das forças alliadas de Assumpção (1875), foram-se acalmando mais os espiritos. Desde 1870 a 1875 muitas foram as revoluções que houve no Paraguay contra os presidentes já referidos, algumas dellas chefiadas pelo General Caballero e outros patriotas de grande prestigio na Republica.

Não eram pois, arruaças ou revoltas : eram revoluções populares de PROTESTO !

Eis ahi, como os poucos Paraguayos que escaparam da morte receberam e approvaram os governos constituídos na Embaixada Brazileira para especialmente sancionar todas as suas mais disparatadas imposições.

Portanto, houve PROTESTOS do povo paraguayos e se não fosse a pressão exercida pelos alliados, materialmente, com a occupação militar da Republica, não se teriam consumado essas e outras monstruosidades, pouco edificantes aos portadores da Civilisação !

---



## Os Trophéos Paraguayos

« As bandeiras tricolores paraguayas cahidas das mãos dos valentes, na hora suprema do combate e por valentes recolhidas, ao voltar á Patria, ensinarão aos que á sua sombra se bateram, que — existe outro povo irmão, nobre e heroico, que dá o exemplo ao Mundo de ser o primeiro que espontaneamente devolve os trophéos que adquiriu na luta mais gigantesca que registra a historia sul-americana». — JUAN J. BRIZUELA (1)

Sentimos não poder manifestar com inteira franqueza o que pensamos relativamente a essas bandeiras, clarins, etc., todos ainda tintos de sangue dos pequenos e grandes heróes que com elles caíram nos campos de batalha.

Sentimos vêr essas bandeiras expostas nos lugares publicos, como curiosidades, não só porque ellas representam a nossa Patria, um pedaço do nosso coração, como porque—nos trazem recordações tristes...

E qual será o brasileiro de coração que não sentirá ao vê-las essa mesma tristeza ?

Contemplando-as se nos afigura, por momentos, vêr enroladas nellas as almas puras dos nossos pais e irmãos que pareceram nessa luta titanica, em sua defeza, como que nos contemplando e pedindo que os imitemos no seu exemplo de patriotismo...

Apenas por uma unica vez e sem o esperar me encontrei diante dos trophéos da minha Patria. As lagrimas, sem querer, vieram-me aos olhos e senti a voz preza sem poder articular uma só palavra. Fiquei assim em silencio fictando-as e perguntando á mim mesmo : Quem sabe se uma destas bandeiras não foi arrancada das mãos frias de um dos meus irmãos ? Quem sabe se uma destas manchas não será do seu sangue ?

---

(1) Resposta ao General D. Maximo Santos (15 de Abril de 1885).

No meu espirito como que se apresentou o quadro horroroso de um desses momentos de luta á arma branca, corpo a corpo, rasgando-se as carnes e decependo-se as cabeças no meio dos gemidos e gritos de dôr que, no ardôr da luta, n'uma confusão cômpleta, pouco a pouco, se vão extinguindo uns aos outros, até ficar um montão informe de homens mortos, ou melhor, de — postas de carne, no meio de um lago de sangue !

O sangue escureceu-me por completo a vista, senti indignação... eu mesmo não sei o que senti ; n'aquelle instante me julguei no meio d'aquella luta imaginada ; fiquei como que louco e no momento em que havia resolvido atirar-me sobre as bandeiras, não sei com que fim, para arrancal-as e fazel-as em pedaços talvez—senti sobre o hombro pousar a mão pesada de alguém... Voltei-me indignado, como que tonto ainda, e vi que era um amigo íntimo. Elle notando talvez na minha physionomia o que se passava no meu espirito, disse, dando-me a mão : « Vamos embora ; temos muito que conversar ; deixe de admirar essas bandeiras velhas, meu amigo, que tanto sangue e dinheiro nos custaram. Na rua do Ouvidor ha mais novas e baratas. » Sem sentir acompanhei-o. Só no dia seguinte é que pude avaliar o serviço enorme que esse amigo prestou-me, sem o saber, pois talvez eu fosse parar no Hospicio Nacional de Alienados !

E, quem pôde vêr as bandeiras da sua Patria expostas assim aos olhos dos curiosos e a galhofa de alguns imbecis, sem revoltar-se ?

E' crível que essas bandeiras representem glorias do Brazil ? Não, não é verdade ! Faço justiça afirmando que o Brazil não precisa de glorias ephemeras ; a sua historia honra-o bastante, mas neste ponto não.

Essas reliquias não representam senão um passado de erros e crimes da nefasta politica imperial no Prata, e o heroismo dos seus filhos nada tem que vêr com os erros dos seus governantes !

Que a monarchia as conservasse para attestar de um modo eloquente e sua conhecida preponderancia e supremacia

sobre as nações mais fracas do nosso continente, vá, — mas a REPUBLICA que commentava diariamente no tempo do Imperio atacando-o por esses erros e crimes — hoje continuar fiel as mesmas tradições e preconceitos do Imperio, é confessar que os seus ataques á fórma de governo de então, eram infundadas ; nada tinham de serio e que : apenas todos os caminhos lhes serviam para chegar ao fim !

Não ; não pôde ser essa, a politica ou o pensamento dos que dirigem os destinos da grande Republica. Isso seria a Republica faltar aos compromissos contrahidos perante a Nação.

Ainda mais : essas bandeiras perante a moral e a razão não podem pertencer ao Brazil, porque representam a NAÇÃO PARAGUAYA, á quem os alliados bondosamente foram civilisar, conforme o pacto que firmaram em 1º de Maio de 1865, declarando formalmente que : não faziam guerra á Nação Paraguaya (1).

Ellas de direito pertencem á Patria d'aquelles que as defenderam até o ultimo momento da sua agonia nos campos de batalha, de cujas mãos crispadas e frias foram arrancadas para, mais tarde, de accôrdo com o tratado, serem « divididas, *em partes iguaes*, pelos alliados. »

A Republica do Uruguay já deu esse exemplo de civismo, mandando em um navio de guerra, em 1885, entregar ao Paraguay os referidos trophéos, que lhe coube, na divisão.

Na Republica do Uruguay tivemos um Maximo Santos ; no Brazil tivemos um Benjamin Constant, que hão de produzir ensinamento ás gerações futuras ! Existem tambem ainda no scenario politico homens da estatura moral de Campos Salles, Quintino Bocayuva, Julio de Castilhos, Lauro Sodré, e muitos outros para que nós e os brasileiros tenhamos fé, no futuro desta grande Republica.

O Paraguay nada pede nem pedirá jámais ; JUSTIÇA é a unica cousa compativel com a sua dignidade que, um dia, po-

(1) O leitor desculpará repetir tantas vezes esta phrase ; é um dos pontos capitaes que serve de base a nossa argumentação, documentada.

derá talvez pedir á Republica Brasileira. A Historia imparcial já lhe fez justiça, é quanto lhe basta !

O Sr. conselheiro Paranhos (depois Visconde do Rio Branco) a 11 de Julho de 1862 na Camara dos Srs. Deputados, referindo-se aos meios violentos que empregava o Imperio para impôr ao Paraguay a solução definitiva das questões de limites e navegação, disse no notavel discurso que pronunciou, de que apenas reproduzimos um trecho :

... « *O Paraguay não pôde provocar uma guerra comnosco, não está isso nos seus interesses, não pôde desconhecer a igualdade de recursos que ha entre um e outro paiz... mas d'ahi a DIZER-SE « que devemos resolver a questão de limites pela força », SEM QUE A ISSO SEJAMOS LEVADOS PELO GOVERNO PARAGUAYO, « vai grande distancia. Quando se trata com uma nação fraca, não queiramos » SÓ RESOLVER AS QUESTÕES A' VALENTONA PORQUE « pôde haver tambem uma nação forte que nos queira applicar a pena de Talião. » E' necessario que sejamos moderados, prudentes e justos para com todos. »*

O Sr. Alberto Souza, respondendo n'uma serie de artigos pelo editorial do *Diario de Santos* á Emilio Rouede, faz as seguintes considerações (em 15 de Abril de 1899) quanto á preponderancia do Imperio sobre as nações mais fracas da America, a que se refere o notavel estadista acima referido.

Apenas transcreveremos um trecho da sua brilhante argumentação esmagadora :

... « Conclue-se d'ahi que foi lembrada a ideia de um RECURSO Á FORÇA, na erronea supposição de que o Paraguay, fraco e desarmado, não estava em condições de sustentar uma luta comnosco. Se se tratasse de uma nação poderosa, com certeza que o procedimento do governo imperial seria inteiramente diverso, como vimos na questão Christie, na qual TOMOU ELLE PROPRIO A INICIATIVA DE PEDIR QUE OS NEGOCIOS PENDENTES FOSSEM AFFECTOS A UMA DECISÃO ARBITRAL.

No entretanto pouco tempo depois, quando o presidente do Uruguay, enfraquecido e ás voltas com uma rebelião poderosa, solicitou do imperio identica solução para o objecto das suas divergencias, o nosso governo, com uma sobranceria verdadeiramente covarde, repelliu o alvitre juridico proposto pelo gabinete de Montevidéo.

O Paraguay, que contemplava prudentemente o desenrolar dos graves factos de que era theatro o territorio das nações platinas, começou a preparar-se « para as eventualidades de um conflicto que a todo o momento poderia surgir « SOB QUALQUER PRETEXTO. »

Foi só depois de adiantada a guerra que o governo imperial comprehendeu ter-se illudido quanto aos recursos avidamente accumulados pela pequena Republica; se tal soubera com antecedencia é muito provavel que tivesse prestado melhor attenção ás notas energicas do dictador Solano Lopez. »

O Sr. R. Teixeira Mendes n'um artigo que publicou pelo Apostolado Positivista, no *Jornal do Commercio*, de 19 de Abril de 1899 assim se refere, relativamente aos trophéos:

... « Quanto ao patrimonio moral de cada Patria, a moral e a razão ahi estão para attestar que elle é constituido pelo conjuncto das virtudes que a nação recebeu da Humanidade, quer devidas á iniciativa da Patria, quer provenientes do concurso de outros povos. De sorte que só é incorporado a tal patrimonio aquillo que redunde em beneficio da Humanidade. Porém os monumentos do orgulho, do odio, da carnificina, da anarchia moderna, em uma palavra, pertencem tanto ao patrimonio moral dos povos civilizados COMO OS CRANEOS QUE OS CANIBAES HASTEIAM NAS SUAS CABILDAS.

... « O governo da Republica do Paraguay, pois, procederia de accôrdo com o mais escrupuloso decoro, se, em nome da Humanidade, requeresse ao governo dos Estados Unidos do Brazil a restituição das sagradas reliquias que uma guerra fraticida nos entregou. E o governo brasileiro deveria sen-



tir-se ufano de ser alvo de tal appello, porque elle indicaria a maxima confiança na nobreza dos nossos sentimentos. Tal rasgo, sim, constituiria eternamente uma contribuição para o patrimonio moral de ambas as nações. »

.... «A restituição dos tropheus e a desistencia da divida de guerra não importam em nenhum oprobrio para os que tiveram a infelicidade de tomar parte em semelhante luta. O opprobrio existirá para os que tiveram a responsabilidade do sacrificio de tanto civismo, de tantas vidas, de tantas riquezas, em prejuizo real do Brazil, do Paraguay, da Republica Argentina, do Uruguay e da Humanidade. Póde-se assegurar que bem raros dos que tomaram parte nessa guerra deram-se ao trabalho de examinar os motivos reaes da sanguinolenta luta. A quasi totalidade bateu-se como se bate o soldado, com a firme convicção de que servia á Patria. Mas se essa convicção bastou para alistal-os na immensa legião dos heróes militares, não basta para garantir-lhes que não tenham sido victimas DE UM GRANDE ERRO. E esse erro a historia ha de apurar, sejam quaes forem as associações em contrario formadas ou por formar.»

O importante diario da adiantada capital de S. Paulo — *Correio Paulistano*, n'uma série de artigos favoraveis á propaganda referida, disse, n'um dos seus editoriaes de Abril de 1899, relativamente aos tropheos :

.... « Pois a monarchia já não nos deu o exemplo de uma digna obliteração das cousas más, incinerando os documentos relativos á hedionda escravidão que ella manteve até 1888 ? E que mais eram os papeis condemnados ao oblivio das cinzas sinão « tropheos laboriosamente conquistados pelos corypheus « do imperio » aos impeterritos campeões da gloriosa cruzada anti-escravista ?

Se as presas de guerra constituissem propriedade individual, poder-se-ia ainda admittir que as conservassem os que as fizeram no campo de batalha, cabendo ao criterio de cada possuidor restituil-as ou não aos vencidos.

Ellas, porém, são um patrimonio nacional, e é isto exactamente o que dá extraordinario preço e immensuravel significação a symbolos de pouco valor intrinseco.

«A posse de taes reliquias por parte do governo republicano quer dizer, por conseguinte, que a REPUBLICA MANTEM SOLIDARIEDADE COM A MONARCHIA NA POLITICA sem orientação, totalmente despida de principios humanos, que compelliu o imperio a destruir a florescente e nobre Patria do eminente Francia.

A Republica, portanto, se impõe o dever de restituir esse legado, como UMA SOLEMNE REPROVAÇÃO do procedimento monarchico em a guerra paraguaya.»

Só assim vós, ó denodados veteranos, quando exhalardes neste formoso canto da Terra o vosso derradeiro suspiro, tereis nesses trophéos, que agora vão voltar a INNOCENTE E INCAUTA VICTIMA DO IMPERIO, a escada de Jacob por onde as vossas almas, aureoladas pela generosidade tão propria de corações brasileiros, hão de reunir-se aos vossos dignos e desditosos companheiros de luta, aos bravos heróes que ficaram para sempre, victimas tambem de seu sinistro dever, — «nos vastos pampas do sul, nas charnecas do Paraguay, nas inestricaveis selvas do Gran-Chaco ou nos desertos arenosos das Cordilheiras!».

Terminamos agora registrando em seguida o honroso procedimento da Republica Oriental do Uruguay, mandando, em um navio de guerra, até «Assumpção» entregar ao Paraguay os trophéos de guerra, em 1885.

Publicando-o, prestamos ao mesmo tempo, homenagem merecida a essa Nação que, tão alto soube collocar, ante as nações cultas, pelo exemplo de civismo e da justiça — o pavilhão URUGUAYO!

## Exemplo de civismo ao mundo

POR MAXIMO SANTOS, PRESIDENTE DA REPUBLICA ORIENTAL DO URUGUAY (1)

A 13 de Abril de 1885, o Presidente da Republica Oriental do Uruguay, general Maximo Santos, redigiu uma mensagem que foi endereçada á assembléa geral na mesma noite da sua conclusão, exhortando-a A COMPLETAR A ANNULLAÇÃO DA DIVIDA DE GUERRA DO ABNEGADO PARAGUAY, QUE, GRAÇAS Á SUA INICIATIVA, SE FIZERA NO ANNO ANTERIOR, PELA RESTITUIÇÃO DOS TROPHEOS AO PARAGUAY.

A leitura da mensagem no Congresso causou verdadeira sensação ! No mesmo dia o Congresso Uruguayo votava por aclamação, todos os seus membros de pé, e estendida a dextra na attitude imponente e solemne, no meio do mais profundo silencio, o juramento á seguinte lei:

• Art. 1.º Concede-se a V. Ex., a venia que solicita, para devolver á Republica do Paraguay os trophéos que tomou o Exercito Oriental na guerra da triplice alliança contra o tyranno daquela Nação.

Art. 2.º Communique se, etc.

Montevidéo, 13 de Abril de 1885. »

Depois do convite feito pelo poder executivo aos poderes judiciario e legislativo, indicaram estes, os seus representantes, que foram bem aceitos por Máximo Santos, sendo, por decreto de 19 de Maio de 1885 nomeada a seguinte commissão para conduzir os trophéos :

Dr. D. Carlos de Castro, senador deputado ; D. Clodomiro Arteaga e camarista, Dr. D. Lindoro Forteza. O ministro da guerra e marinha, general D. Máximo Tajés foi o escolhido

(1) Traducção e resumo, da obra de Nicolás Granada.—DE PATRIA A PATRIA.—1886.

para representar o poder executivo e Nicolás Granada, secretario.

E' esta a traducção resumidamente, do relatório do secretario da commissão, na parte referente a este assumpto:

« No dia em que o general Santos levou ao conhecimento dos ministros a sua ideia da devolução dos trophéos, houve no gabinete um momento de vacillação. Era aquillo tão grande, tão inesperado, que os membros do Governo ficaram nos primeiros momentos sem saber o que dizer.

Desde logo, o pensamento arrebatou a todos e o enthusiasmo com que o chefe da Nação pleiteou a questão, contagiou instantaneamente seus secretarios de Estado; porém, se bem que o pensamento tomado em absoluto arrastasse poderosamente os sentimentos generosos do coração, politicamente encarado, poderia dar lugar a algumas considerações e distincções.

Como primeiro argumento, a diplomacia objectava que, sendo tres as nações da alliança, com cujos esforços unidos se haviam conquistado aquelles trophéos, não se podia prescindir dellas tratando-se de sua devolução.

O general Santos combateu estas objecções que se lhe fizeram, fundando-se principalmente em que, pelo mesmo tratado da « Triplice Allianza » « não se havia feito (1) a guerra á nação paraguaya », mas ao tyranno que a opprimia, que aquellas insignias em poder do povo vencedor NÃO REPRESENTAVAM O DESPOTA VENCIDO, mas a NAÇÃO HUMILHADA que, por outro lado, a Republica Oriental de Uruguay era dona absoluta, pelo preço do sangue dos seus melhores filhos, daquelles trophéos, e que nesse sentido podia dispor delles, sobretudo, se o uso que delles fazia trazia em si uma ideia « tão transcendente, tão humana, tão civilisadora e fraternal como a que propunha. »

Ajuntou que não julgava politico, nem prudente convidar as outras nações da alliança para um acto desta natureza, que

(1) Mais uma prova á nossa argumentação. O grypho é nosso.

em todo caso podia ferir interesses a que seu governo não devia fazer a minima extorsão, posto que não houvesse analogia absoluta de circumstancias entre umas e outras.

« Não é o egoismo, concluiu, de levar-nos a cabo sós e primeiros, uma acção « que fará no porvir jurisprudencia internacional, » que me move a aconselhar a mais absoluta independencia neste acto; é a consideração que devemos á politica e á especialidade de condições de cada povo o que nos deve impedir de dirigir um convite, talvez imprudente ou pelo menos muito delicado.

Se o pensamento faz caminho como não o duvido, e toca, o que creio firmemente, o sentimento fidalgo, equitativo e magnanimo dos povos da antiga alliança, unir-se-hão certamente elles á nós, e juntos daremos o MAIS FORMOSO ESPECTACULO de que póde vangloriar-se a Humanidade neste seculo de tão grandes e luminosas ideias.

Se não poderem fazel-o, ficarão sem compromissos em sua discreta reserva, e nós sósinhos, os menos poderosos, e portanto em quem menos se póde suppor *vistas interesseiras sobre o Paraguay* em troca desta espontanea demonstração de confraternisação enalteceremos nosso nome na historia com este feito digno das tradições do povo oriental. »

Tudo isto era justo e perfeitamente correcto, de maneira que a logica razoavel que decorria destas palavras dominou bem promptamente e por completo o animo dos membros do gabinete.

Accita a ideia, tratou-se então de pol-a em pratica, com toda a solemnidade que merecia, para cujo effeito o Executivo dirigiu á Assembléa geral a seguinte mensagem:

Poder executivo—Montevidéo, 13 de Abril de 1885.—Honrada Assembléa Legislativa.

« No anterior periodo legislativo tive a honra de solicitar de V. Ex. uma declaração solemne, pela qual se considerasse EXTINGTA E CANCELLADA a divida do povo paraguay á Republica, procedente dos gastos da guerra da triplíce alliança.



Participando então V. Ex. dos sentimentos do P. E. e apreciando com acerto os fundamentos e elevados moveis daquelle projecto de lei, tive por bem sancional-o com especial sollicitude, prestando acto de consequencia aos principios estabelecidos no tratado celebrado com o imperio do Brazil e a Republica Argentina, com o unico proposito de derrocar o tyranno Lopez e LIBERTAR O POVO DO PARAGUAY.

A adhesão prestada áquelle pacto internacional e a participação da Republica na guerra se explicam e justificam, tanto porque a adopção de uma politica contraria, aliás então impossivel, dados os acontecimentos e a situação em que se achava o paiz, contrariava o principio da sua propria defeza em presença da ameaça das columnas paraguayas que avançavam para nossa fronteira pelo territorio da provincia de Corrientes, fazendo receiar o restabelecimento da guerra civil, levantando o elemento que acabava de ser vencido, « como porque não era dado á Republica negar o seu concurso á missão civilisadora » que tem exercido nesta parte do continente americano desde os primeiros dias da sua emancipação da metropole, sem abdicar o seu proprio prestigio e obscurer com sua indiferença e retrahimento as paginas da sua historia.

Por mais dolorosa que tenha sido a luta com os nossos irmãos do Paraguay, ella se impoz pelos acontecimentos, em virtude da conservação da nossa independencia contra a prepotencia do novo Rosas (!) e das exigencias da civilisação, que abre fatalmente caminho mesmo á custa dos povos ligados por tantos vinculos de carinho e de reciprocos interesses.

A Republica, pois, longe de lamentar a sua participação na luta empenhada então como uma consequencia forçada da sua situação e dos acontecimentos, póde invocar como um titulo de gloria o sangue dos seus filhos derramado na consecução dos transcendentes e nobres propositos da alliança, e que sellou um pacto de fraternidade indissolvel entre o Povo Oriental e Paraguay, como o revela a gratidão deste ultimo, manifestada em qualquer occasião, do modo o mais solemne.

Levada a guerra ao tyranno que pretendeu impor-se aos povos desta parte importante da America latina (1) estendendo sobre nossos territorios a sua politica liberticida (2) e o seu execravel systema de governo com damno da civilisação, e havendo-se proposto a alliança reconquistar a liberdade de um povo irmão sem menoscabar a sua honra, eliminando-se ao contrario toda a ideia de imposição ou de conquista como consequencia da victoria; V. Ex. julgou como poder executivo que a renuncia ao reembolso das despezas daquella guerra era o corollario natural dos elevados principios assentados no tratado da triplice alliança, considerando além disso que os resultados obtidos e a conservação das relações fraternaes com aquelle povo compensava com usura aquelle acto de desprendimento.

A Republica Oriental tem, pois, motivos para felicitar-se pela determinação adoptada pelos poderes publicos, neste incidente de nossa vida e relações internacionaes,—consequindo assim estreitar e robustecer do modo mais efficaz os vinculos de fraternidade que nos unem ao povo e governo Paraguayos.

Ha algo, porém, honrados senadores, que no conceito das Nações vale mais que os sacrificios pecuniarios, e é tudo aquillo que symbolisa e se relaciona com o valor e a gloria de um povo em que predomina o amor da Patria, a coragem viril, a inteireza e a honra de seus filhos.

Basta e sobra á Republica Oriental do Uruguay haver coroado com seus esforços e cimentado a victoria com o seu melhor sangue. A admiração e o respeito aos vencidos no campo de batalha, onde lutaram confundindo de boa fé a defesa de um tyranno com a do territorio da Patria, impõe-se como um instincto de nobreza de character e como um dever de fidalguia.

---

(1) Está hoje demonstrado inteiramente o contrario, e sem contestação possível.

(2) ... A ponto de tomar as dôres pelo proprio Uruguay, em momento critico, o que arrastou o Paraguay á luta contra o Imperio, a Argentina e até .. a propria Republica do Uruguay!

OS TROPHÉOS DE GUERRA, ARRANCADOS DAS MÃOS DOS HERÓES MORIBUNDOS, CUJOS SEMBLANTES REFLECTIAM EM VEZ DE RANCOR E DE ODIO AO IRMÃO VENCEDOR, A CONSCIENCIA DO CUMPRIMENTO DO DEVER IMPOSTO PELA FATALIDADE, ESSES TROPHÉOS NÃO TÊM COLLOCAÇÃO POSSIVEL NOS NOSSOS MUSEUS E DEVEM SER DEVOLVIDOS AO NOBRE POVO QUE OS SUSTENTOU COM GLORIA IMMARCESCIVEL, ATÉ NA HORA SUPREMA DA SUA AGONIA.

Esses trophéos flammejarão amanhã ao lado da bandeira Oriental, lutando unidos para desbravar a estrada pacifica e civilisadora dos grandes destinos do porvir dos povos americanos.

O Poder Executivo invocando estes sentimentos de alta politica e de JUSTIÇA, vem, pois, solicitar de V. Ex., por acto espontaneo a venia competente para que sejam devolvidos solemnemente ao governo e povo Paraguayos os trophéos da guerra a que nos provocou e impelliu a prepotencia do tyranno Lopez, juntamente com o principio da nossa conservação e a missão civilisadora a que está destinada a Republica e que tem desempenhado atravez dos annos, desde as lutas sustentadas pelo immortal Artigas, até o sitio de Montevidéo ; desde este até a quéda de Rozas, e desde este ultimo acontecimento até a derrota e morte do tyranno Lopez.

Saudo a V. Ex. com os sentimentos da minha maior consideração e apreço. SANTOS. — *Maximo Tajes.*»

No mesmo dia o Sr. General Maximo Santos communicava pelo telegrapho este acontecimento ao general Caballero, então presidente do Paraguay e ao Sr. Brizuela encarregado dos negocios da mesma Republica em Montevidéo. O telegramma produziu, em Assumpção, verdadeira sensação como veremos mais adiante.

... Exemplo digno de ser imitado pela propria Europa!

# SEGUNDA PARTE

## Onde irá parar ?

A COMISSÃO URUGUAYA ENCARREGADA PELOS ALTOS PODERES DE SUA NAÇÃO DE DEVOLVER OS TROPHÉOS DE GUERRA Á REPUBLICA DO PARAGUAY, A QUANTOS ESTE DOCUMENTO LEREM

### SAUDAÇÃO !

Querendo esta Commissão commemorar de todas as fórmas um acontecimento unico na historia das nações, como é a devolução dos trophéos bellicos que a Republica Oriental do Uruguay conquistou ao exercito paraguayo, em luta leal para a qual concorreu com o imperio do Brazil e a Republica Argentina, sob a denominação de *triplice alliança*, devolução cuja iniciativa se deve á inspiração elevada e generosa do actual Presidente da Republica Oriental, Tenente-General D. Maximo Santos, fundada no principio civilizador da confraternidade humana e generosa que deve existir entre os povos modernos. Decidiu-se a bordo da canhoneira de guerra oriental *General Artigas*, conductora ao Paraguay desses trophéos e da Commissão e escolta de honra que os acompanha, arrojar ás aguas do rio Paraná este documento n'uma garrafa lacrada, desejando que a onda viva e fugaz do rio americano, o leve a costas longinquas, como um exemplo da ideia e principios que movem estes povos livres, viris e generosos.

A Commissão roga a quem encontrar estas linhas, que lhes dê publicidade com promptidão que as circumstancias em que fôr achado o permittam, assim o Céu e a Humanidade lhe dê o premio !

Dado á bordo da canhoneira *General Artigas*, a 23 de Maio de 1885, aos 34° de latitude sul.

Uma vez assignado este documento que pediram subscrever tambem o Sr. Brizuela e o Commandante da canhoneira,



para cujo effeito se lhe accrescentou uma nota, enrolou-se cuidadosamente dentro de outro papel atando o maço com uma cinta de seda com as côres patrias, foi introduzido em uma forte garrafa que havia sido de champagne, fechada e lacrou-se esta com todo o cuidado, e foi arrojada ao fundo juntamente com as munições que haviam de mantel-a em todo tempo em absoluta linha perpendicular, e reunidos todos no tombadilho, com dois vivos, um á nossa Patria e outro ao Paraguay, e um tiro de remington, arrojou-se no rasto espumoso que a embarcação ia abrindo, entre cujos redemoinhos vimol-a ainda girar um momento, balancear-se compassadamente a um e a outro lado, e logo deslizar rapidamente aguas abaixo a favor da corrente, que por aquellas alturas se calcula a razão de tres milhas por hora.

Por muito tempo seguimol-a sobre a superficie limpida das aguas, que á distancia cobriam mansamente com o seu espelho brilhante a passagem fugaz que sobre ellas deixava a nossa embarcação, o fez desaparecer o lacre roxo que cobria a cabeça subtil do nosso correio aquatico.

Assim que os nossos olhos não a distinguiram mais, olhamo-nos sorrindo.

- Onde irá parar ? disse um.
- Quem a encontrará ? accrescentou outro.
- Sahirá ao mar ?
- Ficará no rio ?
- Encontral-a-hão brevemente ?
- Navegará annos ?

Alguem volveu o olhar para o ponto em que havia desaparecido e suspirou. Levava rumo de Montevidéo (1).

(1) Este documento, foi encontrado dois ou tres mezes depois no mesmo rio Paraná, presa a garrafa por umas plantas aquaticas á margem de uma de suas infinitas ilhas. Um periodico de *S. Nicoláu de los Arroyos* e publicou em suas columnas, e segundo refere o mesmo, o documento original o conserva, aquella redacção, n'um quadro.

Vide : *De Patria á Patria* de NICOLÁS GRANADA, fls. 115 a 117.

## Como nasceu a ideia

« O 10 de Agosto dividiu a França em dois partidos, dos quaes, um é apegado á realza, e o outro quer a Republica.

Este, cuja extrema minoria no Estado, não podeis dissimular, é o unico com que possais contar para combater.» — DANTON.

Como nasceu a ideia da devolução dos trophéos ao Paraguay? E' o que vamos explicar resumidamente, como nos conta o Sr. Nicolás Granada, membro da commissão Uruguaya, como já vimos.

« Nasceu como, geralmente nascem, todos os pensamentos extraordinarios, que encerram um germen de generosidade, de nobreza, de fidalguia : n'um rasgo de espontanea inspiração.»

Máximo Santos já havia obtido, no anno anterior, do Congresso Nacional o *cancellamento da divida de guerra do Paraguay*, e preocupado se mostrava em terminar a sua obra generosa.

O abatimento em que o Paraguay se encontrava, depois da guerra, o preocupava bastante, e talvez no seu intimo lamentasse, como era natural, aquelle que fôra o principal culpado, que, tão mal lhe pagára a sua intervenção amiga n'um momento tão critico...

Possuindo nobreza de caracter invejavel a par de um espirito cultivado e generoso, preocupava-lhe a ideia de que a sua obra não estava ainda terminada, faltava mais uma cousa que elle mesmo não sabia o que era ; desejava mostrar maior prova de amisa de e de carinho para com o infeliz Paraguay, prostrado meio das suas ruinas, como se uma grande convulsão subterranea tivesse feito em pedaços o grande edificio que esse proprio Athleta havia construido para, sem o saber, servir-lhe de



tumulo, debatendo-se, assim, depois, no meio dos escombros, entre a vida e a morte!

Elle via que no meio de toda aquella desgraça, milhares de viúvas e orphãs que se viram na miseria, de um dia para outro, por assim dizer, lutavam pela sua subsistencia miseranda, choravam os esposos queridos, os irmãos dedicados e os noivos que, para sempre lhe roubaram as balas inimigas; choravam a ausencia desses entes idolatrados e, a unica consolação que sentiam era: orar por elles e, lembrarem-se que MORRERAM EM DEFEZA DA PATRIA! Todas (1) se resignavam com a sorte, sem um gemido ou um queixume contra o seu paiz, mas revoltadas contra os exercitos invasores. Digo isto por observação que fiz, apezar de criança nesse tempo.

Máximo Santos sabia de tudo isso e lastimava em silencio, no intimo da sua alma pura, o estado em que chegára uma nacionalidade generosa e valente, e que se havia mostrado tão amiga de seu paiz.

«No Museu Nacional estavam os trophéos face a face com as amostras dos thesouros geologicos Uruguayos, fazendo grupo com as bellas riquezas do solo dessa nação.

Diante d'aquellas velhas armas, ante a couraça perfurada, ante aquellas bandeiras esfarrapadas e tintas de sangue a alma mais altiva cahia em profunda tristeza, de recordações dolorosas.

Parecia que alli estava escravizado o espirito de um povo altivo e valente

Um dia fallava-se na presença do Sr. Máximo Santos do Museu e incidentemente cahiu a conversação sobre os trophéos paraguayos.

O general se levantou nervosamente da sua cadeira, deu uma volta pelo salão e disse como fallando consigo mesmo:

— «Esses trophéos não estão bem ahi, e logo depois de pequena pausa acrescentou: o caso é que não sei onde ficaria melhor». Não se fallou mais d'isso.

(1) Digo *todas* porque a população, depois da guerra, ficou quasi que reduzida exclusivamente a mulheres e crianças.

Pouco tempo depois chagava de Assumpção, n'aquella cidade, o Sr. D. José Segundo Decoud, ministro das relações exteriores no Paraguay, que ia á Inglaterra em missão especial do seu Governo.

O Sr. Decoud travou promptamente amisade intima com o General Santos, e este por sua vez, usou, para com elle, das mais cordiaes e significativas demonstraçoens de sympathias e carinho.

Visitaram ambos alguns estabelecimentos publicos, e em caminho, n'uma dessas occasiões, o Sr. Decoud manifestou-lhe desejo de conhecer o Museu e si «não havia difficuldade de visital-o mesmo naquelle dia.»

— Nenhuma, respondeu-lhe o Sr. Presidente, e ordenou ao cocheiro que partisse para esse estabelecimento.

O carro partiu veloz. Conversavam durante o trajecto em outras cousas e repentinamente a carruagem parou. Tinham chegado ao destino. O General lembrou-se dos trophéos! O Sr. Decoud ia apeiar-se quando o General o impediu, dizendo que: a hora não era propria; que era melhor deixar para outro dia cedo; que tinha que fazer n'aquella hora em palacio, não podia faltar.

— «E' que, General, não se lembra que os dias tenho-os contados na sua bella cidade. Tinha muito prazer em fazer esta visita com V. Ex., mas já que não é possivel a farei só; por minha causa não desejo que interrompa os seus affazeres.»

— «Não, não; tenho especial interesse em o visitarmos juntos... Sempre teremos, antes da sua partida, um momento para fazel-a.»

— «Como queira, General» ...E o carro partiu de novo conduzindo o Sr. Decoud á casa do encarregado dos negocios do Paraguay e o Sr. Santos á Palacio do Governo. O Sr. General desde aquelle momento resolveu levar á cabo a devolução dos trophéos. Dizia elle então, relatando aquella visita:

— «Não posso exprimir a angustia que senti, quando dispondo-se a sahir o Sr. Decoud, lembrei-me que allí estavam

expostos, como objectos de curiosidade, as bandeiras paraguayas.

Parecia-me que ia mostrar áquelle homem alguma cousa tão íntima como sua propria honrada e veneranda mãe exposta aos escárnos da vergonha publica. Sentí pena, rubor, remorso, eu sei lá o que senti ! E continuou pouco depois :

« Esses trophéos podiam significar para nós uma gloria, porém nas condições actuaes de povo á povo, não representam sinão uma irritante vaidade posthuma.

« Eu me colloco no caso daquelle homem se visitando um estabelecimento publico qualquer no estrangeiro, meus olhos dessem repentinamente sobre as bandeiras de minha Patria, postas em exhibição como recordações de victorias, eu não sei o que faria, porém creio que a dôr que sentiria seria tão profunda, que dominaria talvez a minha razão e seria capaz de arrebatá-las, sem reflectir em mais nada.»

Naquella mesma tarde o Sr. General Santos tinha uma conferencia com o Sr. Decoud, na qual lhe expunha o pensamento da devolução dos trophéos.

No primeiro momento o Ministro Paraguayo não pôde articular uma só palavra ; ficou assim por algum tempo, sem saber o que responder. Homem de alta intelligencia e de um grande coração, aquella noticia não podia deixar de tocar-lhe n'alma e de arrebatá-lo o seu pensamento.

O seu primeiro movimento foi—estender a mão ao Sr. Presidente e com os olhos rasos de lagrimas murmurou :

— Senhor !...

Por muito tempo não pôde dizer mais.

— « Comprehando e aprecio agora perfeitamente o valor, continuou logo que pôde dominar a emoção do primeiro momento, da sua delicada acção de hoje, não permittindo-me visitar o Museu. Se o facto da devolução dessas caras reliquias obriga a gratidão eterna da minha Patria para com esta Republica, a delicadesa que V. Ex. usou para commigo hoje, como homem e como paraguayo cria em meu coração uma



divida pessoal ante V. Ex., que não poderei jámais pagal-a sufficientemente. »

Poucos dias depois se trocavam entre os Presidentes do Uruguay e do Paraguay o seguinte telegramma:

« Abril 14 de 1885.—O Presidente da Republica Oriental do Uruguay ao Presidente da Republica do Paraguay—Assumpção.— Grande é minha satisfação ao levar ao conhecimento de V. Ex. que as Honradas Camaras sancionaram por aclamação o projecto de lei enviado por mim, pedindo que fossem devolvidos ao nobre povo paraguayos as bandeiras e trophéos da guerra que um dia poz em vossas mãos a sorte das armas.

Volvem para o lugar onde nasceram esses estandartes que tão alto fallam do valor de um povo viril e se o Deus da guerra os separou de seu sólo, o carinho de um povo irmão, unido por laços fortes de amor e amizade os devolve, enviando com elles a sua sinceridade e seus respeitos.—MÁXIMO SANTOS. »

Ao mesmo tempo o Sr. Maximo Santos enviava ao encarregado dos negocios do Paraguay, em Montevidéo, a seguinte nota:

«Montevidéo, Abril 14 de 1885.—Sr. Dr. Juan J. Brizuela, Encarregado dos Negocios da Republica do Paraguay.—Presente—Meu estimado amigo: Como terá visto pelos jornaes, as Honradas Camaras do meu paiz, resolveram com o elevado proposito de sempre, o projecto que enviei relativo á devolução das armas e trophéos que possuíamos do Paraguay.

Seus honrados membros comprehenderam como eu, que esses pedaços do coração de um povo guerreiro e generoso deveriam volver á dar sombra ao sólo regado com o sangue de martyres, de valentes, que lutaram com um heroismo digno de melhor causa.

De um povo que assim luta se deve esperar tudo, e outro povo tão esforçado como elle, não devia guardar, como prenda o que mais sagrado tem o soldado: A SUA BANDEIRA.

Ao remetter esses trophéos ao Povo Paraguayos, com elles vai tambem o nosso coração, aberto de par em par á uma Repu-

blica irmã, com quem nos unem laços tão estreitos e sinceros. Se jubilo terão ao recebê-los não é menor o meu ao enviá-los.

Telegraphiei ao meu particular amigo o Sr. general Caballero. Pelo ministro dos Relações Exteriores receberá o senhor todas as communicações á respeito. Sou do Sr. affectuossissimo amigo A. e S. S.—MÁXIMO SANTOS.»

« Legação do Paraguay.—Montevideo, Abril 15 de 1885. —Exmo. Sr. Presidente da Republica Tenente-General Don Máximo Santos—Estimado Sr. Presidente e amigo :

Tive a subida honra de receber a attenta carta de V. Ex. datada de hontem, na qual se digna communicar-me que, por iniciativa de V. Ex. a Honrada Assembléa Geral acaba de votar por aclamação o projecto do governo, devolvendo á minha Patria os trophéos de guerra bravamente adquiridos pelos orientaes, na cruenta luta que terminou nas margens do Aquidaban. Agradecido, senhor, em nome da Nação Paraguaya, ao magistrado que tanto faz em favor da União dos nacionaes que nunca deveriam lutar, sinão unidos por um interesse commum : em prol da liberdade.

Muitos serviços deve á V. Ex. a Nação que represento, porém nenhum mais grato do que—o que hoje realiza. As tricolores bandeiras paraguayas que cahiram das mãos dos valentes nas horas supremas do combate e por valentes recolhidas, ao volver á Patria, ensinarão aos que á sombra della se bateram, que existe outro povo irmão, nobre e heroico, que dá o exemplo ao mundo de ser o primeiro que espontaneamente devolve os trophéos que adquiriu na luta mais gigantesca que registra a historia sul-americana e, ensinarão tambem que, essa bandeira não separará nunca da bicolor Oriental. Mais uma vez agradecido, senhor, e que o fidalgo exemplo de V. Ex. encontre imitadores e possa realizar-se o dourado sonho da — FRATERNIDADE AMERICANA.

« Aceite V. Ex. as seguranças do profundo agradecimento e a alta consideração de seu affectuoso e S. S. — JUAN J. BRIZUELA. »

Fallando sobre isto o Sr. Nicolás Granado ao general Caballero, este relatou-lhe por sua vez, o que se passára em palacio ao receber o telegramma do governo de Montevideo :

— « Recebemos o telegramma do Sr. general Santos no momento em que estavamos em conferencia. Meu secretario o Sr. Peña o abriu e m'o passou em silencio.

— « Leia o senhor », lhe disse.

— Não senhor, me respondeu, é o senhor quem deve de o lêr ! Notei que a sua voz tremia ao dizer-me isto. Tomei o papel com curiosidade ; tive presentimento de que se tratava de alguma cousa fóra do commum. Logo ao ler as primeiras palavras, senti uma angustia vivissima ; queria já ler até a ultima palavra de uma só vez, mas me faltava não só a luz aos olhos como o proprio ar ; meu coração parecia querer saltar e o meu cerebro se achava ainda mais agitado : as lagrimas mais puras e doces que até hoje tenha orvalhado os olhos de um homem — saltaram de minhas palpebras !

« Não via nada, absolutamente. Passei o telegramma ao ministro Gonzalez, sem que me fosse possivel dizer uma só palavra. O Sr. Gonzalez era o que estava mais perto de mim. Este leu-o apenas com voz intelligivel, depois de um grande esforço. Pôde fazer mais do que eu !

— « Eu, continuou o general Caballero (1), tinha a cabeça entre as mãos. Quando levantei os olhos, da meditação profunda em que se achava o meu espirito, notei que os meus companheiros de governo me tinham deixado só.

« O Coronel Duarte, continuou Caballero, homem forte, acostumado a affrontar os revezes da vida, não podendo desta vez conter a emoção, se havia retirado; Cañete passeava n'um extremo escuro do salão de recepções, creio que soluçando ; Gonzalez não tinha podido conter-se e, com o telegramma na mão, agitando-o como se estivesse verdadeiramente agitando as nossas velhas bandeiras, annunciava, por todos os ambitos da Casa do Governo, a boa nova. O pobre Coronel Meza pros-

(1) Até os leões, como se vê, se dominam pelo coração !

trado pelas suas enfermidades, resultantes da guerra, ignorava tudo e, conhecendo nós seu character e temperamento profundamente patriótico, não quizemos communicar-lhe nada n'aquelle momento. Com esse nosso silencio nós soffriamos mais do que elle !

« Poucos instantes depois o referido telegramma era um verdadeiro jubiléo, e não tardou para que toda a cidade de *Assumpção* se entregasse, como o fez, aos transportes generosos do mais vehemente enthusiasmo, a que um povo patriota pôde entregar-se ! »

Aqui terminou o General a sua narrativa singela, mas ainda commovido !

Foi assim que nasceu a ideia !

Jamais o fluido electrico conduziu, de povo á povo, manifestação tão grande, tão nobre e tão desinteressada.

Tambem nunca fio algum terá vibrado com mais fortes estrecimentos as palavras de um telegramma, pois que não eram tão só os elementos physicos dos que animavam n'elle a palavra; duas pilhas immensas deveriam, de parte á parte, imantar com o seu poder vehemente esse arame sympathico e mysterioso: a generosidade do povo Oriental e a gratidão do povo Paraguayo.

Deixamos de descrever a chegada em *Assumpção* da commissão Uruguaya, na canhoneira, *General Artigas*, conduzindo os trophéos paraguayos. A nossa penna se julga fraca, muito fraca para a fazer, infelizmente. Assim, por mais esforços que empregassemos não conseguiriamos, siquer pallidamente registrar o que houve nesse dia de jubilo, na capital do altivo povo paraguayo. Mulheres, crianças todo o povo, emfim, tomaram parte nessas festas, hasteando-se por toda a parte a bandeira Oriental entrelaçada com a Paraguaya. No momento de desembarcar os trophéus via-se homens já decrepitos mal podendo andar, curvados pelo peso dos annos, a chorar !

Não se podia comprehender como é que n'um dia de festa popular chorasse a maioria dos proprios manifestantes.

As mulheres paraguayas, n'aquelle dia; pareciam as mais entusiastas, mas tambem não puderam conter as lagrimas ao ver aquellas velhas bandeiras, enfumaçadas pela polvora e manchadas de sangue que lhes representavam entes queridos que as deixaram na orphandade e na viuvez !

Triste alegria aquella que experimentára a capital da minha Patria ! A minha pobre mãe e irmã tambem tomaram parte nessa manifestação popular; não puderam, como os mais, resistir em dar curso ás lagrimas. E' que a minha velha mãe tambem perdera, nessa guerra, o meu pai e tres irmãos, cada qual mais dedicado e amoroso.

E' indescriptivel aquella alegria douda e aquella tristeza immensa, ao mesmo tempo confundindo-se o riso com as lagrimas nesse dia de tristonha . . . alegria !

O proprio presidente da Republica, general Caballero, o homem por excellencia audaz e valente que o Paraguay idolatra como uma reliquia—chorava como uma criança !

... Talvez nem elle mesmo pudesse responder — o que se passava n'aquelle momento NA SUA ALMA DE PATRIOTA !



## Organisação da Comissão Benjamin Constant

Em 16 de Fevereiro de 1899, um grupo de brasileiros republicanos reuniu-se pela primeira vez, na residencia do Sr. Dr. Raul Guedes, á rua S. Pedro n. 315, com o fim de se constituirem em comissão para fazer propaganda, entre os brasileiros, em favor da desistencia, da parte do Brazil, dos gastos de guerra e devolução dos trophéos Paraguayos á esta nação.

Não tardou muito para que grande numero de verdadeiros republicanos o amigos da união e fraternidade americana se congregassem, e assim em poucos dias a Comissão estava organisada sob a presidencia do mesmo Sr. Dr. Raul Guedes, tendo como companheiros de directoria os Srs.: Eduardo de Sá, Augusto Gançalves, Venancio Neiva, Arthur Machado, Oscar F. do Nascimento, Crysantho Pinto, H. de Miranda Sá e José Cavalcante.

De entre os muitos socios componentes, sabemos tambem que fazem parte della os illustrados Srs. Dr. Barboza Lima, deputado e ex-presidente do Estado de Pernambuco; Dr. Capitão Agostinho R. Gomes de Castro, Dr. Capitão Tasso Fragoso, do Estado Maior de 1ª classe do Exercito; Dr. Agliberto Xavier, engenheiro civil; José Bezerra Cavalcanti, Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, Dr. Floriano de Britto, Paulino Cruz, mathematico; 2º tenentes de artilharia Ricardo Berredo, Antonio Baptista Neiva e Armando Berredo; Frederico Balsells Amanayos, João Francisco R. S. Rodrigues, medico; Theodomiro Penna Teixeira, mathematico e muitos outros distinctos republicanos.

Muitos são já os serviços prestados pela « Comissão Benjamin Constant », e aproveitamos o ensejo para agradecer-lhe as finezas que tem dispensado aos membros do « Centro Paraguayo », desta capital.

O primeiro artigo que a Commissão lançou á publicidade foi um *Appello aos Republicanos Brazileiros* pel' *O Pais* de 20 de Fevereiro de 1899, concebido nos seguintes termos:

### CONCIDADÃOS.

A proxima vinda á nossa Republica do enviado extraordinario da Republica do Paraguay para tratar junto ao nosso governo da annullação da divida de guerra, impõe-nos, a todos os republicanos brazileiros, o civico dever de, recebendo-o com todas as demonstrações da sympathia que a sua heroica Patria nos desperta, esforçarmo-nos para que em tão opportuna occasião seja realisado um dos mais grandiosos votos que animou a alma intemerata do egregio fundador da Republica Brazileira.

De facto, Benjamin Constant, esposando o voto do Apostolado Positivista do Brazil, inspirado pelo mais puro sentimento de fraternidade universal, projectou com a annullação da divida fazer a entrega solemne á Nação Paraguaya dos gloriosos trophéos que a sorte das armas fez cahir em mãos brazileiras. Tão alevantada quanto urgente reparação deixou, porém, de ser realisada, porque a morte privou a nossa Republica daquelle que para todos nós é a personificação suprema da patria republicana.

A morte, porém, privando-nos unicamente dos serviços objectivos do benemerito patriota, adiou apenas a realisação desse tão sagrado voto, e é por isso que, firmemente penetrados do que nos ensina o Santo Philosopho, *os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos*, nós, que nos sentimos impulsados pelos mesmos generosos sentimentos de Benjamin Constant, espontaneamente nos congregamos em torno da sua veneranda imagem, formando uma commissão civica, com o fim de promover entre governantes e governados os meios de demonstrarmos ao cidadão paraguayo, e, portanto, Á SUA VALOROSA PATRIA, que os republicanos brazileiros amaldiçoam um passado de lutas, só vendo na Republica do Paraguay uma das mais dignas irmãs da sua Republica, criminosa-

mente sacrificada até o exterminio pelos erros e pelas paixões de uma politica sem ideaes, qual foi a politica monarchica em nossa Patria.

E para que possamos realizar semelhante proposito que synthetisa o sentimento nacional, fazemos o presente appello, certos de que o attendereis com uma contribuição qualquer, que vos é reclamada pelo vosso dever de patriota e de homem.

Capital Federal, 19 de Fevereiro de 1899, 11° anno da Republica.—*Raul Guedes*, presidente, rua de S. Pedro n. 315.—*Eduardo de Sá*.—*Augusto Gonçalves*.—*Venancio Neiva*.—*Arthur Machado*.—*Oscar F. do Nascimento*,—*Chrysantho Pinto*.—*H. de Miranda Sá*.—*José Cavalcante*.

### Mensagem ao presidente da Republica do Paraguay, Dr. Emilio Aceval

SR. PRESIDENTE :—No meio dos preparativos de recepção festiva que o verdadeiro espirito republicano nos impõe para com o sympathico enviado paraguayojunto ao nosso governo, o Sr. Dr. Fernando Iturburu, vimos trazer, por vosso digno e honroso intermedio, ao heroico povo irmão, cujos destinos vos estão confiados, as manifestações sinceras dos nossos mais profundos e ternos affectos. Inspirados em uma doutrina cujas luzes são superiores ás aberrações quaesquer, politicas ou religiosas, moraes ou sociaes, aproveitamos esta grata oportunidade para patentear, especialmente aos nossos irmãos paraguayos, a natureza dos sentimentos e das disposições que em nós, os verdadeiros republicanos brasileiros, desperta a recordação dolorosa de um lutuoso e sanguinolento passado.

Sr. Presidente.—Apenas uma geração é decorrida sobre um dos maiores crimes do nosso continente, e já o juizo soberano da Historia apurou as tremendas responsabilidades dessa tragedia sem nome.

Atirando-nos a essa guerra monstruosa que determinou o dolorosissimo exterminio da vossa nobre e gloriosa patria, o o pedantocrata coroado que por espaço de meio seculo cor-

rompeu e embruteceu o nosso paiz, e os máus governos que o secundaram nessa obra de verdadeiro vandalismo social tornaram-se os principaes cumplices dessa orgia militar.

Tal é, Sr. Presidente, o criterio decisivo com que será julgada a guerra do Paraguay por todo homem honesto e esclarecido, através dos sophismas das paixões as mais extremas. E tal será a irrevogavel reprovação lançada sobre o triste governo que a provocou *sob o cynico pretexto de libertar os vossos compatriotas do jugo de uma pretendida tyrannia.*

Nessas condições, a sã politica republicana, cujo programma integral aceitamos por amor e por convicção, nos impõe deveres inilludiveis para com a nobre e intrepida patria do veneral Francia.

Surgida do advento da nossa situação republicana e plenamente assentada por Benjamin Constant, o magnanimo fundador da Republica Brazileira, essa tocante solicitude internacional consiste em reparar, tanto quanto possivel, os extravios estupendos da politica imperial no Paraguay.

Annulação da divida de guerra imposta á vossa heroica Patria PELOS PROFANADORES DO SEU SOLO, e restituição dos trophéos disputados aos seus inexcediveis defensores, taes são, Sr. Presidente, os votos solemnes e sinceros da parte avançada do nosso paiz, em relação ao vosso.

Não nos surprehendem, e muito menos nos atemorizam, os protestos que por ventura possam surgir algures contra tão nobres e alevantados intuitos. No meio de uma anarchia tão profundamente desmoralisadora, como a que atravessa a nossa época, inteiramente destituida de sentimentos e principios, bem pequeno é o numero daquelles que aceitam o verdadeiro ponto de vista humano como suprema regra de conducta.

Tão pouco nos deixamos illudir ácerca da época em que possa ter lugar semelhante aspiração.

Mas o que é factó, e altamente inconcusso, é que, para eterna honra de nossa Patria, já ella se tornou o estandarte de um partido que cresce todos os dias e que tem disputado ele-

mentos em todas as classes da nossa sociedade. A sua realisação reduz-se, pois, a uma méra questão de tempo sem nenhum obice serio ou importante.

Orgãos desse nobre partido que se ramifica por todos os pontos do nosso vastissimo territorio — carinhoso herdeiro do sagrado patrimonio moral e politico do Grande Benjamin Constant — vimos trazer aos nossos irmãos paraguayos a alta e solemne expressão das nossas sympathias republicanas.

Dizei-lhes, Snr. Presidente, que entre nós os brasileiros crescem e se consolidam, cada vez mais, o enthusiasmo e a estima pelo pequeno povo que no conjunto da Historia offerece o edificante, consolador e perduravel exemplo de uma das mais formidaveis e justas defesas nacionaes.

Fazei-lhes sentir que, ha dezoito annos começou para o Brazil como que uma nova éra, de fecunda regeneração moral e social, em virtude da qual se firmam irrevogavelmente em nosso seio essas abençoadas disposições de confraternisação humana e de justiça social.

Dizei-lhes ainda, que esta cavalheiresca estima, inteiramente alheia a uma vaga e esteril philanthropia, é o resultado de uma convicção tão nobre quanto inabalavel. O heroico Paraguay, Snr. presidente, nos merece como Republica irmã e como *victima gloriosa e desgraçada de uma torpe politica imperial* que a mais deploravel das fatalidades sociaes impoz á nossa infeliz Patria.

Contemplando atterrorisados esse pungente quadro de cinco annos de luta fraticida e encarniçada, a nossa admiração filial pelos heróes brasileiros é inseparavel da que nos merecem os bravos e temerarios paraguayos, uruguayos e argentinos.

A Republica Brasileira só aguarda o urgentissimo advento do continuador de seu egregio fundador para reparar, tanto quanto possivel, os CRIMES DE SEU FUNEBRE PASSADO IMPERIALISTA, para com a nobre e altiva Republica Paraguaya.

Taes são, Snr. Presidente, os sentimentos que animam a élite dos republicanos brasileiros, em suas disposições affe-



ctuosas para com os seus irmãos paraguayos, e dos quaes, como legitimos orgãos, temos a honra de vos constituir o digno e generoso interprete, como autoridade suprema, que sois, do nobre povo que nol-os desperta tão profunda e ternamente.

Que este brado sonoro do nosso fraternal amor affecte especialmente á porção da Patria Paraguaya, emocionando os corações das nossas excelsas mãis, esposas e filhos.

Taes são, cidadão presidente Dr. Emilio Aceval, os protestos finaes dos vossos correligionarios e amigos agradecidos.

Rio de Janeiro, 7 de Março de 1899, 11.º da Republica. — Pela Commissão Benjamin Constant, RAUL DO NASCIMENTO GUEDES, presidente. »

### Mensagem dirigida ao Sr. Presidente da Republica Argentina, o Sr. General Julio Roca

« O tempo necessario para o decisivo julgamento da luta que o imperio do Brazil, aliado ás Republicas Argentina e do Uruguay, sustentou contra a Republica do Paraguay, está felizmente decorrido ; a doutrina a cuja luz esta dolorosa luta deve ser examinada, elaborada pelo mais extraordinario dos homens e já por muitos aceita em todo o planeta, apresenta-nos nitidamente o criterio supremo que, unico, permite a sua justa apreciação.

Não é, pois, baseando-nos em elementos ainda exaltados pelas paixões que tudo desvirtuam ; não é julgando-a com a nossa razão individual, tão sujeita a nos conduzir ao erro, mesmo quando nos esforçamos por evital-o, que a nossa intelligencia e o nosso sentimento só encontram maldições para o desastrado desfecho a que a nullidade politica unida ao egoismo dynastico arrastaram nossa Patria, mas com ardentes sympathias para a nação heroica, que, lutando desesperadamente ATE' QUASI SEU TOTAL EXTERMINIO, deu nesta luta desigual todas as provas do mais entranhado valor civico, do mais abnegado sentimento de dignidade patria.

Sem convicções, portanto, além das que se originam de uma apreciação positiva, isto é, inspirada nos mais altos in-

teresses humanos, nós não tememos ser acimados de máus brasileiros pelos conceitos que emittirmos ácerca do MONSTRUOSO CRIME QUE PESA SOBRE O GOVERNO MONARCHICO DE NOSSA PATRIA, como desprezamos condoidos os doestos dos incapazes de sentir as sublimidades de uma religião qualquer, porque jamais poderão soffrer regulação alguma a não ser a que lhes fôr imposta pela brutalidade da força material.

Patriotas e crentes, como nós somos, eis as duas qualidades indispensaveis para a aceitação do nosso modo de apreciar esta infeliz guerra e tambem do nosso actual procedimento.

Patriotas, amando o Brazil republicano, até o sacrificio, mas inteiramente libertados das mesquinhasias do pseudo amor proprio nacional, nós queremos que a grande Patria Brasileira, purificada pelo idéal republicano, se eleve da maldita situação a que a fez baixar o imperio, mostrando por uma politica constantemente subordinada á moral, a assimilhação completa do lemma inscripto na sua bella, expressiva quanto já gloriosa bandeira. Crentes de uma religião que só ha de dominar pela expontanea aceitação das almas sãs, amando a nossa fé com um entusiasmo inquebrantavel, pois que só ella permite a terminação da anarchia social; nós queremos, como ella nos ensina, que a felicidade humana seja uma realidade e que, portanto, todos os homens se concertem num mesmo generoso esforço que os leve a tão urgente situação.

Impulsados, pois, por estes sentimentos, amparados por estas convicções, é que nós republicanos sociocratas, *ha muito esclarecidos sobre as causas reaes que conduziram as tres nações alliadas a combater a valorosa Republica Paraguaya*, aproveitando uma feliz oportunidade, vimos appellar para o sentimento cavalheiresco dos cidadãos argentinos, exhortando-os fraternalmente aqui, como outr'ora, sob os alarmas do seu governo alliaram-se aos nossos compatriotas para cruelmente exterminarem o Paraguay, hoje, que os santos preceitos da religião hamana já modificaram grande parte das boas almas do continente sul colombiano, ouvindo não mais os rebates de

uma minoria acanhada e egoista, mas a voz poderosa e eterna da Humanidade, a nós se congreguem na obra de justiça, e de amor, qual é da reparação que cumpre-nos levar á nação sacrificada pela criminosa luta em que, se maior reponsabilidade cabe ao governo imperial, não pequena pesa sobre o então governo da Republica Argentina.

Se na verdade, como diz o digno apóstolo da Humanidade, cidadão R. Teixeira Mendes, no precioso trabalho ácerca da vida e da obra do fundador da Republica Brasileira, trabalho em que buscamos conhecimentos e autoridades para as nossas asserções : «*Julgando os factos a vista dos documentos officiaes e sem prevenções de amor proprio nacional ; ninguem pôde desconhecer que sejam quaes forem os erros, crimes justamente imputaveis a Lopez, foi o governo do ex-imperador quem determinou a luta pela sua attitude para com a Republica Oriental*», nos convencemos que ao governo do Brazil recáe a maior culpa; vemos tambem, como diz o mesmo fiel discipulo de Augusto Conte, notando o facto do governo brasileiro enviar o seu *ultimatum* ao governo de Montevidéo, depois de se ter assegurado do assentimento do governo argentino á politica imperial, que... «*a acquiescencia dada pelo General Mitre a essa politica constituiu um gravissimo erro, porque é bem provavel que uma opposição generosa de Buenos Ayres tivesse feito a nossa diplomacia tomar um curso diferente.*»

Nenhum outro facto é necessarario invocar, pois para demonstrarmos que aos cidadãos argentinos cumpre, como a nós, esforçarem-se para, quanto antes, sejam reparados os erros e crimes politicos dos que, illudindo o patriotismo, a dedicação, o heroísmo dos argentinos, uruguayos e brasileiros, tornando-os victimas dos secretos manejos da sua politica envilecida, atiraram os contra irmãos igualmente patriotas, dedicados, e heroicos, fazendo-os crer que vingavam uma affronta nacional, quando não serviam senão a vaidade, ao orgulho, á cubiça de chefes muito abaixo das funcções sociaes de que, em má hora, se achavam investidos.

Republicanos argentinos !

uma minoria acanhada e egoista, mas a voz poderosa e eterna da Humanidade, a nós se congreguem na obra de justiça, e de amor, qual é da reparação que cumpre-nos levar á nação sacrificada pela criminosa luta em que, se maior reponsabilidade cabe ao governo imperial, não pequena pesa sobre o então governo da Republica Argentina.

Se na verdade, como diz o digno apostolo da Humanidade, cidadão R. Teixeira Mendes, no precioso trabalho ácerca da vida e da obra do fundador da Republica Brasileira, trabalho em que buscamos conhecimentos e autoridades para as nossas asserções : *«Julgando os factos a vista dos documentos officiaes e sem prevenções de amor proprio nacional ; ninguem pôde desconhecer que sejam quaes forem os erros, crimes justamente imputaveis a Lopez, foi o governo do ex-imperador quem determinou a luta pela sua attitude para com a Republica Oriental»*, nos convencemos que ao governo do Brazil recáe a maior culpa; vemos tambem, como diz o mesmo fiel discipulo de Augusto Conte, notando o facto do governo brasileiro enviar o seu *ultimatum* ao governo de Montevidéo, depois de se ter assegurado do assentimento do governo argentino á politica imperial, que... *« a acquiescencia dada pelo General Mitre a essa politica constituiu um gravissimo erro, porque é bem provavel que uma opposição generosa de Buenos Ayres tivesse feito a nossa diplomacia tomar um curso diferente. »*

Nenhum outro facto é necessario invocar, pois para demonstrarmos que aos cidadãos argentinos cumpre, como a nós, esforçarem-se para, quanto antes, sejam reparados os erros e crimes politicos dos que, illudindo o patriotismo, a dedicação, o heroismo dos argentinos, uruguayos e brasileiros, tornando-os victimas dos secretos manejos da sua politica envilecida, atiraram os contra irmãos igualmente patriotas, dedicados, e heroicos, fazendo-os crer que vingavam uma affronta nacional, quando não serviam senão a vaidade, ao orgulho, á cubiça de chefes muito abaixo das funções sociaes de que, em má hora, se achavam investidos.

Republicanos argentinos !

A ideia só de semelhante sacrificio impõe-nos o dever de proclamar que em nós, patriotas, em nós que somos povo, em nós que só empunharemos armas movidas pelo bem da Humanidade, não recáe a culpa de tão doloroso crime !...

Ao contrario, em nós pesa a responsabilidade de reabilitar a memoria de todos esses heróes, instrumentos lamentaveis de politicos desorientados, deixando ás gerações futuras a prova de que mais felicidade do que elles, porquanto já esclarecidos, amaldiçoamos este passado de horrores e, firmemente trabalhando para apagar seus dolorosos vestigios, continuámos a missão que elles—infelizes! — julgaram realizar, defendendo nossas Patrias, não de pretendidos insultos, mas dos merecidos stigmas com que os nossos posterios hão de ferir-os pela attitude da maioria dos nossos correligionarios, como se o sentimento republicano não clamasse dentro de cada um de nós qual o dever que temos a cumprir !

Que republicano emancipado das revolucionarias praticas democraticas, tão perniciosas á ordem e ao progresso sociaes como a teimosia na retrogradação monarchica, não sente instantemente o sagrado dever de reparar o que hoje encaramos como um crime da passada politica sul-colombiana, de patentear á nobre Patria Paraguaya os sentimentos de apreço, de sympathia, de fraternidade que nos animam e, portanto, passando das aspirações á realidade, como resumo deste sincero protesto com a annullação da divida de guerra, divida que não existe porque nós a amaldiçoamos, porque somos nós os primeiros devedores do Paraguay, devedores dos mais fracos sentimentos de nobreza, de generosidade, de amor..., restituir-lhe com toda a solemnidade os gloriosos trophéos que em nossas mãos attestam eloquentemente a morte gloriosa daquelles a quem foram confiados?...

Unamos-nos, pois, republicanos argentinos, e imitando o nobre exemplo da Republica do Uruguay que, maiz generosa do que nós, já fez a entrega das preciosas reliquias, façamos santa-cruzada que ha de mover os nossos governos a cumprir tambem os seus deveres de governos republicanos.



Façámos agora a verdadeira alliança, resuscitemos para honra das nossas Republicas, não a triplice alliança de outr'ora, *falsa alliança como a historia nos atesta*, mas a triplice alliança da paz, triplice alliança do amor, e levemos desfraldados, entre as bandeiras de nossas Patrias, estes trophéos santificados pelo sacrificio, estes que nos emocionam como se nossos fossem, porque nos evocam as scenas horrorosas em que tão desgraçadamente predominamos.

Levemol-os, cidadãos argentinos !...

E os que forem de nossa Patria, já pelo braço poderoso e patriotico do glorioso Francia emancipados da realeza, irão descritos tambem da theologia, pois que nm templo catholico os guarda ainda como reliquias queridas de feitos gloriosos!...

Elles levarão ainda aos nossos irmãos paraguayos mais uma prova consoladora de que, de facto, raiou para Humanidade uma época de verdadeira fraternisação, sem Deus e sem rei, divida á prodigiosa elaboração daquelle que, incorporando toda a evolução humana, inspirado pela mais santa de todas as mulheres, teve a ventura incomparavel de ligar n'uma mesma communhão de amor todos os benemeritos da humanidade.

E, inestimavel gloria, mais feliz do que nossas patrias, a Republica do Paraguay vê no «Quadro concerto da preparação humana» ou «Calendario Positivista», por elle organizado, o nome do seu grande libertador o glorioso Francia, junto dos nomes de Washington, Toussaint, Louverture, Jefferson, Bolivar e outros typos venerandos, na semana presidida por Cromwell, ultima do mez que commemora a politica moderna, synthetisada no vulto do grande Frederico !

Levemol-os, patriotas argentinos, e que as filhas, as esposas, as irmãs daquelles que os cobriram com seus valorosos feitos, beijem os saudosamente em falta dos entes queridos que por elles se sacrificaram e na mesma effusão do amor encarem, então, depois de tantos annos, as bandeiras alliadas que desta vez, recebidas como bandeiras de verdadeiros irmãos, não mais

lhes levarão a viuvez, a orphandade, a guerra, o estermínio cruel, mas a segurança inteira do esquecimento das faltas communs, a demonstração completa da nossa sincera dôr PELOS CRIMES DOS NOSSOS PASSADOS GOVERNANTES, a prova decisiva da confiante reciprocidade dos nossos eternos affectos !...

E assim, a essa triplice alliança santificada pelo amor da Humanidade as sombras heroicas dos patriotas sacrificados, argentinos e uruguayos, paraguayos e brasileiros virão ensinar aos nossos governantes presentes e futuros, que a posteridade é inexoravel nos seus julgamentos, e a nós, como devemos nos dedicar até o sacrificio, quer obtenhamos a victoria, quer sejamos vencidos, pelo que reputamos hoje o nosso mais urgente dever: melhorarmos-nos individualmente e prepararmos o maximo concurso á obra da regeneração commum !...

Capital Federal, 8 do Março de 1899, 11° da Republica Brasileira—Pela Commissão, Benjamin Constant, o presidente, RAUL DO NASCIMENTO GUEDES.

### Mensagem endereçada ao presidente da Republica pela commissão Benjamin Constant

« Cidadão Manoel Ferraz de Campos Salles, presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil. — Concidadão. Animados pelas vossas inequivocas declarações, ousamos fazer um appello á vossa fé republicana, para que vos empenheis decisivamente na obra meritoria do relevamento da divida do Paraguay e entrega dos trophéos arrebatados a este tão pequeno, quão heroico povo. Quasi trinta annos são decorridos depois que as forças alliadas de Uruguay, Argentina e Brazil abandonaram, juncando de cadaveres, o sólo paraguayo, em que antes estanciera uma população laboriosa, prospera e feliz. Jámais se vira em terras americanas o espectaculo, imperdoavel para a posteridade, de tres nações fortes em contacto directo com as avançadas da civilização, atirarem-se

NOTA.— Os gryphos são nossos.

desvairadas e sanguisedentas sobre um pequeno paiz, mal entrado no convívio humano e apertarem-n'o em o circulo estreito e intransponível de suas legiões guerreiras.

Examinado, embora á distancia de tantos annos, já esmaecido pelo perpassar dos tempos, ainda se nos afigura funebre o quadro. De envolta com a contemplação da vasta carnificina, ouvimos os lamentos angustiosos das victimas de ambos os contendores. Quem de nós pôde julgar-se hoje insensível a essa reciproca destruição!

Quem não sentir-se ha atado áquelles moribundos, de perto ou de longe, pelos laços indissolúveis do parentesco ou da amizade?! Despertados pela recordação de um episodio sem paralelo na historia dos povos americanos, somos obrigados a indagar das causas da crúa peleja, que tão sinistra-mente ensanguentou o nosso continente. Sóbe então de ponto a nossa magua com a investigação historica. Tudo quanto de certo se nos offerece ao exame, os mais inconcussos e inso-phismaveis documentos geram em nosso espirito a inabalavel convicção de que, se outra tivesse sido a politica da monarchia brasileira nas nações ribeirinhas do Prata e outros os sentimentos philantropicos do ultimo monarcha; se em vez de intervenções apparentemente amistosas, encobrando o intento perverso de transformar cada nação platina em outras tantas monarchias, nos houvesse inspirado sentimentos verdadeiramente fraternos, consolidados por frequentes e inevitaveis contactos, a esta hora quatro povos não chorariam simultaneamente o sacrificio dispensavel de milhares de seus mais corajosos e dedicados filhos.

Fosse D. Pedro II o monarcha philosopho, que seus thuriferarios se comprazem em pintar, e nem Lopez houvera atingido áquella grande desconfiança que caracterisava as suas relações com o imperio, nem a guerra estalaria entre os dois paizes.

Antes mesmo da crise decisiva, teria sido possivel ao monarcha brasileiro, assumindo a mesma digna attitude que havia pouco tivera para comnosco a poderosa Inglaterra, ap-

pellar para o arbitramento, em vez de confiar ás armas a solução da contenda. Nada disso, porém, foi tentado.

O monarcha, impellido por indiscutivel vaidade, deixou que a nossa politica de intervenção no Uruguay, aliás sob futeis pretextos, precipitasse acceleradamente os acontecimentos, e o resultado foi vermo-nos, nós, povo fadado para servir de garantia á paz e á prosperidade dos pequenos paizes da America do Sul, capitaneando as cohortes, que deviam aniquilar por dilatado tempo a nação paraguaya.

O que foi esta peleja em terreno baldo de cultura, caprichoso na sua topographia e totalmente desconhecido — sabem-no bem os povos da triplíce alliança.

Nem o Brazil, nem os seus alliados estavam aparelhados para a campanha. O pequeno exercito brasileiro mal pôde servir de nucleo á população civil, que entusiasticamente empunhou armas, anciosa por desaffrontar a honra nacional, resolutamente disposta a comprar com o sacrificio extremo da vida a defesa do sólo patrio.

Nada mais bello que este levante provocado com o simples appello aos bons sentimentos humanos!!

Nada mais commovente que esta interminavel corrente emigratoria para as regiões inhospitas do Paraguay, onde todos os brasileiros se sentiam miraculosamente presos pelos arroubos de uma mesma paixão!! Mas, que acabrunhadora tristeza não nos invade o coração, ao lembrarmo-nos desta phase da vida nacional!!

Convencidos, como estamos, de que a grande massa é sempre dirigida por uma pequena minoria, não receiamos de lançar a responsabilidade do desbarato da actividade laboriosa de nossos pais e de nossos avós; da desventura que se abrigou em nossos lares, sobre quantos, em situação de conjurar o perigo, foram mais attentos á vaidade pessoal ou aos interesses da dynastia reinante, que aos verdadeiros reclamos da civilisação brasileira. São passados quasi trinta annos depois que findou a lugubre jornada. Parece-nos- pois, já estarem

sufficientemente cicatrizadas todas as feridas, amortecidas todas as paixões, aniquilados todos os preconceitos.

Nenhum odio pôde perdurar contra um desventurado povo, victima apenas do seus proprios sentimentos, corajoso, desmesuradamente grande na resistencia que offereceu a tres poderosos inimigos de então, e que elle enfrentou por vezes descalço e semi-nú. Cumpre-nos, portanto, estender-lhe hoje fraternalmente a mão, destruindo os derradeiros vestigios do drama sanguinolento e pedir-lhe veja nas lagrimas com que choramos os nossos bravos e immorredouros antepassados e lamentamos um erro commum o melhor penhor da nossa sinceridade.

Cidadão Presidente.—Não terá, certo, escapado ao vosso exame a situação excepcionalmente delicada em que se encontram os differentes povos. Em vossa ultima excursão ao velho continente vistes porventura todos os symptomas da deploravel ausencia de uma doutrina commum, capaz de alcançar, através das intelligencias e dos corações, a tranquillidade indispensavel ao surto da vida.

Deveria ter-vos causado funda impressão a existencia destes governos apoiados em fortes organizações militares tão propicias á garantia da paz interna, quão á continua ameaça das relações internacionaes. A Europa apresenta na actualidade o aterrador aspecto de uma praça de guerra, escrupulosamente aparelhada para fazer face a prolongado sitio. Cada nação nutre as maiores desconfianças em relação ás restantes ; vive em continuos sobresaltos, lobrigando no dia de amanhã o inicio da conflagração geral. No meio da anarchia em que os povos se debatem, mais do que nunca se faz notada a falta de uma crença unanime, enlaçando na mesma fé homens e mulheres, velhos e crianças ; capaz de impôr-se aos chefes temporaes : de dirimir, como nos aureos tempos do catholicismo, pelo só prestigio espirital, as dissensões naturalmente despertadas por uma politica sem dignos ideaes.

Que homem de coração não sentirá nitidamente o character transitorio e momentaneo desta phase e a necessidade de sua



dedicada cooperação para a melhoria do meio social, em que se agitaram no futuro os seus mais estremecidos descendentes? Que homem de coração não comprehenderá ser impossível o prolongamento desta indescriptivel anarchia, que torna o pequeno planeta, sobre que somos eternamente arrebatados no espaço, não uma encantadora estancia, mas o scenario obrigado da nossa destruição e aniquilamento reciprocos? A verdade, entretanto, é que de ha muito o surto espontaneo da nossa actividade nos incompatibilisou com a vida guerreira e que, em contraste decisivo com os respectivos governos, os povos gravitam uns para os outros, pedindo á fraternidade a primeira base para uma existencia dignamente preenchida. Sem esta mesma fraternidade fôra impossível a propagação e consequente victoria da crença destinada a estabelecer definitivamente a concordia no seio da especie humana.

Está, pois, naturalmente traçada a linha de proceder, não só dos chefes temporaes, senão de todos os homens; «assegurar a paz no planeta mediante a perfeita fraternidade entre os povos». Ora, isto só será possível atravez de uma politica internacional francamente sincera e leal; quando já não existirem em duas nações o minimo signo das luctas, que a desuniam outr'ora.

Bastaria amanhã a restituição á França da Alsacia e da Lorena, bem como dos trophéos allemães da guerra de 1870, para que, não só a propria França, mas toda a Humanidade, respirasse a longos haustos a nova e enebriante atmospherá de fraternidade.

Cidadão presidente.—A' America parece reservar o futuro uma importantissima missão. Caber-lhe-ha porventura a função de freio á completa expansão da cobiça e da ambição européa. Fôra outra a nossa situação presente, formasse o continente de Colombo um todo o homogéneo, orientado pelos mesmos ideaes e pelas mesmas esperanças e já poderíamos ter contido a velha Europa na sua faina de civilisar a ferro e fogo os povos imbelles da Africa, Asia e Oceania.

Cada chefe de estado americano deve, pois, ter perennemente em mira, como o mais alevantado programma de governo, a união effectiva e sincera de todas as populações deste lado do Atlantico, que só ella permittirá a manutenção da verdadeira paz e nesta se resume a mais energica necessidade do presente. Convencidos de que estes são os vossos sentimentos pessoaes e que vossa alma vibra neste particular, synchronicamente com a alma immaculada de Benjamin Constant, cujo suave perfume pudestes aspirar de perto, ousamos pedir vos que ponhais o vosso prestigio, publico e privado, ao serviço da ideia da annullação da divida do Paraguay e restituição dos trophéos de guerra que lhe pertencem. Fazendo-vos este appello, não murmuramos siquer uma censura aos nossos compatriotas victimas da guerra.

Nutrimos a admiração e respeito pela dedicação, não só de nossos pais e avós, cujos nomes a historia gloriosamente registra, como pela grande massa de marinheiros e soldados mortos anonymamente nos banhados paraguayos, e cujos cadaveres assignalaram a *via dolorosa* que percorremos até Aquidaban. Posto de ha muito tenhamos sido precedidos pela sympathica republica do Uruguay, destruamos por nossa vez os ultimos vestigios de resentimentos entre o Brazil e o Paraguay, na convicção intima de que é tão digna e generosa a ideia que esposamos, que a apoiariam os nossos proprios, veneraveis e saudosos mortos, se lhes fôra dado animar-nos com os seus applausos.

Esperamos, pois, cidadão presidente, que vós dirijais em breve ao poder legislativo, solicitando-lhe a votação de uma lei em que se consignem as medidas apontadas. Do mesmo modo que o presidente Máximo Santos á assembléa Uruguaya que já no anno anterior annullara a divida paraguaya, podeis dizer-lhes:

*\* Os trophéos de gueroa, arrancados das mãos dos heróes moribundos, cujos semblantes reflectiam, em vez de rancor e odio ao irmão vencedor, a consciencia do dever, imposto pela fatalidade — esses trophéos não acham collocação possivel em nossos*

*museus e devem ser devolvidos ao nobre povo, que os sustentou com immarcessivel gloria até na hora suprema de sua agonia».*

Pela commissão *Benjamin Constant*, RAUL GUEDES, presidente (1).

---

(1) Publicada na parte editorial d'O País de 14 de Abril de 1899.

# Manifestação popular em Assumpção

EM HONRA DO BRAZIL E DA REPUBLICA ARGENTINA

NA LEGAÇÃO BRAZILEIRA

Damos abaixo o discurso que, por ocasião da grande manifestação feita em 19 do mez de Março de 1899 em Assumpção, á Nação Brazileira, representada pelo Sr. ministro Dr. Itiberé da Cunha, foi proferido pelo Dr. Braz-Garay, director de *La Prensa*.

Nessa manifestação concorreu o que ha de mais distincto na sociedade paraguaya, em numero superior a 5.000 pessoas.

Na Legação Brazileira aguardavam os manifestantes os representantes dos Estados Unidos da America, da Republica Oriental e numero crescido da colonia brazileira.

O original do discurso acha-se no Centro Paraguayo, desta capital, para os que desejarem confrontal-o á traducção abaixo:

« Sr. ministro.—O povo paraguayo e a digna e generosa colonia estrangeira, que nesta terra encontrou carinhosa hospitalidade e a retribue, identificando-se commosco, compartilhando dos nossos sentimentos, ficaram commovidos profundamente pelas manifestações de amisade que em vossa patria acabam de fazer á nossa é o que vimos expressar, para que vos digneis communicar ao vosso governo, para que o nobre povo brazileiro saiba a affectuosa amisade que ao Paraguay inspira o Brazil e o reconhecimento immorredouro e sem limites que em nossos peitos despertou a magnanima conducta, dos que, mostrando eloquente exemplo da classica fidalguia brazileira, apregôam com nobre enthusiasmo a idéa de devolver ao Paraguay os trophéos e a condemnação da divida da

terrível guerra, que durante mais de cinco annos em que se destruíram quatro nações irmãs n'uma luta que jámais houve igual na historia do continente americano, pelo seu encarniçamento e o heroismo admiravel nos tenazes combatentes.

Não são novos para nós, Sr. ministro, os sentimentos que a respeito do Paraguay voltaram a se revelar agora, mais uma vez no Brazil, dando lugar a esta manifestação solemne e publica tambem de nossa parte.

A amizade estreita e sincera que une os dois povos brasileiro e paraguay e que só em occasiões rarissimas e lamentadas verdadeiramente foi perturbada, é antiga e tão antiga como o nascimento de ambas as nacionalidades na vida independente; robusteceu-se a despeito de largas questões territoriaes, a despeito das difficuldades inherentes a todo o delineamento das fronteiras, com o correr do tempo que ia assignalando com positivas provas a lealdade do affecto com que as duas nações se declaravam.

Abundam nella a nossa historia, que apesar de certa pagina tristissima, motivada por isso deixava no animo de quem a ler grata e carinhosa impressão no que diz respeito á vossa Patria.

O primeiro governo estrangeiro que reconheceu expressamente e sem reservas a independencia do Paraguay e lhe enviou representantes diplomaticos foi o governo do Brazil. Os primeiros officiaes que teve o exercito nacional educados no estrangeiro se educaram no Brazil. A unica alliança offensiva e defensiva que negociou o Paraguay fel-o com o Brazil. Os auxilios de armamentos que foram necessarios em uma certa occasião em que se temiam graves conflictos internacionaes, os recebeu do Brazil. A diplomacia que questionou, depois das declarações do Congresso de 1842, o reconhecimento da nossa independencia pelas nações estrangeiras, foi a diplomacia brasileira, que tambem contribuiu efficazmente para que terminassem de um modo satisfactorio as difficuldades que impediam a celebração dos tratados definitivos de paz e limites com a Republica Argentina depois da guerra, e



até, se quizer um facto de na tureza mais intima, ainda que não menos importante aos nossos olhos, um distincto diplomata brasileiro foi redactor principal do primeiro periodico que saiu á luz no Paraguay e o primeiro a defender com abundante cópia de documentos a legitimidade da nossa independencia e a legalidade dos nossos direitos territoriaes.

O tempo, que destroe os monumentos materiaes e os abate por completo, não tem a virtude para desarraigal de nossos corações a gratidão que nelles tem engendrado tão assignalados commettimentos de leal amisade. E quão horrorosa foi a catastrophe, em que succumbiu quasi todo o povo paraguay, catastrophe que antes forneceu ensejo para se aquilatar por suas acções a nobreza do inimigo na guerra, como a generosidade do amigo na paz!

E não contente em acreditar essa sua nobreza com o carinho com que tratou, no campo da batalha a nossos prisioneiros, aos nossos feridos e a maneira com que acolheu as nossas familias abandonadas na cruenta peregrinação, a ponto de perecerem á fome, mais ainda o acreditou quando atenuadas as mais dolorosas recordações da luta, começaram alguns dos seus esclarecidos filhos a aconselhar que para acabar de extinguir essas recordações fossem devolvidos os trophéos tomados no campo de batalha e condemnada a divida de indemnisação de guerra como nma prova mais da amisade que deve unir ambos os povos.

Caiu a generosissima idéa em terra fecunda para iniciativa desta natureza, e desde que foi annunciada a miúdo temol-a visto propagar-se com ardor; porém, nunca por órgãos tão autorizados como no presente, nem alcançou a repercussão á adhesão entusiastica como desta vez, nem tampouco houve como agora, motivos tão grandes para crer prestes a sua realização.

Não é necessaria esta realização para augmentar a mutua affeição de povos unidos; além de outros vinculos poderosissimos pelo parentesco das raças conquistadoras e das raças

conquistadas com aquellas que se entrelaçam, não é tambem para demonstrar que a sanguinolenta luta não deixou após si sentimentos de odio em nossos corações, odio que não póde existir, porque os povos, quando por desgraça se vêm lançados em uma guerra por seus governos, por muito que lhes contrarie, por muito que lhes doa, não podem fazer outra coisa que lamentar-a em silencio, porém, sustentando-a com heroismo compativel com as suas gloriosas tradições.

Uma vez que diante da bandeira nacional tremula uma bandeira inimiga empunhada ao som de desafio, não ha outra coisa a fazer que—abater a inimiga ! Onde falla a honra nacional são vans todas as demais considerações. A sublime idéa da Patria é a unica que tem poder tão grande que abafa as vozes dos demais sentimentos. Por isso os povos não se preocupam de averiguar a razão das guerras que mantêm, senão quando as concluem; não necessitam saber contra quem são, e unicamente quando a excitação que produziu o combate que se apaga, são estudados com calma.

Por isso, quando os povos combatentes estão vinculados pela amisade, como nós ao Brazil; quando batalham e se exterminam contra a sua vontade, logo que cessa a hostilidade e se esvaeem e acabam por desaparecer as paixões que ella engendrou, os primitivos sentimentos readquirem a sua pujança primitiva e só então se recorda do passado para deplorar-o e pensar da maneira de extinguir de vez da memoria, já que não é possivel riscar-o da historia !

Esse desejo anima por igual, e com a mesma sinceridade, a brasileiros e paraguayos; provam isto as relações que ambos os paizes cultivam ha tanto tempo sem que nenhuma alteração perturbasse a sua formosa placidez, em affirmal-as e fazer desaparecer os ultimos vestigios que ficaram da funesta guerra, responde o generoso movimento de opinião, ha muitos annos iniciado no Brazil, porém nunca com o entusiasmo de agora, em prol da devolução dos trophéos e da libertação da divida.

A esse movimento de opinião, Sr. ministro, não podem responder os paraguayos e os que por compartilhar de sua vida, participam de todos os seus sentimentos, de outro modo dando testemunho publico e eloquente do profundo carinho que o povo irmão do Brazil lhes inspira e da gratidão profundissima tambem justificada que guardam para os que desse povo amigo se condõem de suas desgraças e pensam em allivial-as e procuram que desapareçam as mais dolorosas consequencias de um successo lutosissimo ; consequencias cuja lastima não basta para attenuar a consciencia de uma brilhante victoria !

Este testemunho é o que desejamos offerecer-lhe, Sr. ministro, com esta manifestação, que synthetisa o pensamento de todo o povo paraguayo, e com o qual anhelamos fazer patente que os apreciamos condignamente e nos sentimos para sempre obrigados pelas palavras de alento que de vossa nobre Patria nos são dirigidas.»

#### RESPOSTA DO MINISTRO BRAZILEIRO

Damos agora publicidade ao discurso proferido, em resposta, pelo digno o talentoso ministro brazileiro Dr. Itiberé da Cunha, por occasião da grandiosa manifestação popular feita em Assumpção, em 19 de Março de 1899, em honra ao Brazil e á Republica Argentina, na qual tomaram parte a alta sociedade paraguaya e estrangeiros identificados com o povo, com os seus respectivos estandartes. Na frente do grande pres-tito figuraram, na seguinte ordem, as bandeiras das nações amigas — Paraguaya, Brazileira, Argentina e Uruguaya.

Segue o discurso do Sr. ministro brazileiro :

• Heroico povo paraguayo.—Nobre colonia estrangeira — Machiavel dizia com mais engenho, que verdade, que o tamanho das estatuas diminue quanto dellas nos afastamos, e o dos homens quanto mais delles nos approximamos.

E' que o celebre secretario da Republica Florentina, mais preocupado com a propaganda de suas doutrinas deprimentes

da dignidade humana, ensinando aos tyrannos os meios deletérios para a consecução de seus fins com menosprezo da justiça, certamente jámais se viu diante de uma manifestação tão impotente como esta, pelos nobres e alevantados sentimentos que a inspiraram, e nem tão pouco teve o autor do « Príncipe » ante os olhos os gloriosos veteranos de uma luta titanica, sagradas reliquias de um povo de heróes, que, com um valor sobrehumano, souberam offerecer, no altar da Patria, suas vidas em holocausto.

Eu mesmo me sinto, neste momento solemne, gigante no alto e honroso pedestal de representante dos Estados Unidos do Brazil, ao receber as calorosas demonstrações desse mesmo povo Paraguayano aqui representado pelos mais illustres cidadãos da Republica, em cujo nome vêm retribuir o movimento de sympathia que espontaneamente brotou nos corações brazileiros !

Bastaria a eloquencia espartana de tão grandioso espectáculo, talvez o acontecimento mais trascendental que tenha tido lugar até hoje nas duas Americas, para que o meu coração pulsasse de sublime entusiasmo ; mas meu jubilo creceu, se é possível, ao ouvir as sentidas e formosas phrases do vosso joven orador, a quem em boa hora conferistes a honrosa missão de traduzir vossos sentimentos de fraternidade para com a minha querida Patria.

Vossas palavras merecem e devem ser gravadas em caracteres indeleveis no monumento mais culminante da nossa historia nacional como a expressão fiel e a prova mais authentica da benefica influencia exercida por um grande povo, cujo sangue e cuja riqueza sempre estiveram ao serviço desinteressado de uma causa nobre e justa.

A verdade não se póde obscurecer senão por accidentes transitorios, para brilhar mais tarde com maior intensidade !

Quando a sua historia fôr estudada e comprehendida com a calma e imparcialidade necessarias, far-se-ha justiça plena á terra de Alvares Cabral.

A fidalga commemoração que com tanta lealdade acabastes de fazer, das provas positivas e irrecusaveis do affecto que irmanam as duas nações vizinhas desde a alvorada da sua independencia, veiu felizmente facilitar a minha honrosa tarefa, dispensando-me de repetir factos inilludiveis que centuplicam de valor na lingua de ouro de um illustrado arauto da intelligente e brilhante geração paraguaya, novos Antheus que reconstruíram a patria livre e respeitada, podendo com orgulho repetir com Alfred de Musset : « *mon verre est petit ; mais je bois dans mon verre.* »

Somente cumpro um dever sagrado repetindo, e repetindo sempre, que a Nação Brasileira não fez guerra ao povo paraguay, como já declarou desde o principio da triste contenda, e religiosamente manteve a sua promessa.

E' sabido que, apenas resoaram no campo da batalha os clarins da victoria, não houve, para os brazileiros, vencedores nem vencidos ; todos se fraternisaram immediatamente sob a égide do pavilhão auri-verde !

O Brazil nada perdeu esperando seis lustros o almejado amplexo como recompensa publica de sua magnanimidade bem empregada e merecida.

A vida e a historia das nações não são a vida e a historia de um dia ; o affecto e as sympathias manifestadas francamente pelo principal protogonista daquella tragedia sanguinolenta tiveram tempo de deixar nos corações paraguayos profundas raizes que darão mais seiva á cordialidade das nossas relações internacionaes.

Ha um topico em vosso discurso, contendo tal magnificencia e tanta verdade patriotica, que eu quizera poder repetir palavra por palavra.

Parece que uma corrente magnetica se estabeleceu entre o vosso cerebro e o meu, quando falaveis desse amor da patria que tem produzido em todos os tempos as Cornelias e os Grachos ; desse amor sacrosanto, pelo qual abandonamos lar, mulher, filhos, parentes e amigos, e que nos leva a heroismo



e sacrificios sublimes de que este povo tem dado tão edificante exemplo !

Tendes razão em afirmar que, quando diante da bandeira nacional tremula uma bandeira inimiga, deve-se abatel-a á custa da propria vida. Na verdade, onde fala a honra nacional são vãs todas as demais considerações.

A sublime idéa da patria é a unica que tem poder tão grande que faz calar as vozes dos demais sentimentos.

Agradeço-vos com toda a minha alma o nobre e fragante contraste que com tanta sinceridade e eloquencia offerecestes a alguns desnaturados sectarios, que em meu paiz pretendem substituir o AMOR DA HUMANIDADE, estes sublimes sentimentos de que acabais de falar, pelo embuste mais audaz que jamais se tem atirado á face do mundo !

Felizmente esta nota dissonante será abafada e dominada por torrentes de harmonia no concerto de reciproca fraternidade.

Quando chegar o momento de apurar-se a philosophia da historia, alimento a esperanza de que o povo paraguayo reconhecerá commigo que se acha escripto no livro dos insondaveis destinos das duas nações que um dia seus filhos hão de misturar seu sangue generoso em homérica hecatombe para cimentar mais solidamente nesta Republica o edificio da sua independencia, como meio seculo antes esse mesmo sangue havia sido derramado juntamente para regar a arvore da liberdade, plantada em Montes Caseiros pelos exercitos que redimiram um povo de irmãos.

O publico testemunho do profundo affecto que presentemente estais dando aos Estados Unidos do Brazil, NÃO CAHIRÁ EM TERRENO ARIDO. Este feliz acontecimento será não o duvido, o precursor de novos e estreitos vinculos de amizade e de fecundos beneficios para ambos os paizes que, além de sua tradicional affeição, tem interesses communs, cada dia mais valiosos e importantes.

Para nós os brasileiros a mais fervorosa aspiração é que desapareçam os ultimos vestigios de resentimentos que por-

ventura existam dessa cruenta castratrophe, e da minha parte faço ardentes votos para que se apaguem, igualmente para sempre, todos os signaes dos reccios e revalidades seculares, que hoje não têm mais razão de existir entre hispanos e lusos, funesta herança transmittida ás duas raças por suas antigas metropoles, competidoras gloriosas de grandes descobrimentos e feitos maritimos.

Eis o que devemos olvidar sem ser mister, como generosamente desejais, que apaguemos de nossa memoria e de nossa historia coisa alguma desse passado triste e lutuoso, é verdade, porém cheio de gloria e heroismo, que servirão de ensinamento proficuo para as gerações vindouras — guardas das tradições dos nossos maiores e dos lineamentos, caracteristico da individualidade nacional.

Não vos aconselho a imitar os conquistadores escossezes de outr'ora, que até prohibiam aos seus bardos esses cantos inspirados que recordavam melancolicamente os dias felizes de um passado cheio de glorias.

Prefiro que empunheis a lyra de Ossian, a qual nos fará vibrar o coração, cantando alternadamente as nossas alegrias e os nossos dolorosos soffrimentos.

Agora resta-me exprimir um voto que, estou certo, será compartilhado por todos, isto é, devemos reunir os nossos esforços communs em prol da paz e da harmonia, tão necessarias para o nosso progresso e para o desenvolvimento mais rapido de nossas immensas riquezas, que ainda não alcançaram seu apogeu, talvez porque até hoje não se tenha comprehendido a verdadeira accepção da palavra *irmão*, de que tanto se usa e se abusa na America latina, quando : «*del dicho al hecho hay un gran trecho*».

Terminarei dizendo que o nosso *desideratum* ha de cahir em terra fecunda e generosa, e que tão significativa e impotente manifestação terá certamente um écho sympathico de um extremo a outro do vasto teiritorio do Brazil, onde os nossos nobres sentimentos serão devidamente apreciados pela Nação e pelo governo.

Não devo, entretanto, concluir sem manifertar-vos o vivo prazer que experimento ao ver *a importante colonia estrangeira identificada comvosco e compartilhando as vossas generosas demonstrações para com a Patria Brasileira.*

A prompta e honrosa recompensa não podia eu aspirar pela merecida justiça que fiz n'um recente artigo, dizendo que ninguém desconhece hoje na America o poderoso concurso que ao nosso progresso material e intellectual e á madureza das ideias politicas e economicas têm trazido a experiencia, a reflexão e as emprezas deste bom elemento estrangeiro, que veio buscar uma segunda patria neste hospitaleiro continente, a que já deram filhos de alevantado talento e acendrado patriotismo.

Nesta mesma occasião tendes no meio de vós cidadão de estirpe brasileira, cujos pais, com as feridas ainda abertas, uniram seus destinos ao de mulheres paraguayas e aqui se radicaram, formando lar e familia, sellando o mais sincero pacto de alliança que se conhece.

E', pois, a este em particular e á colonia estrangeira em geral a quem me derijo, pedindo-lhes que me acompanhem na calorosa saudação que vou levantar : — VIVA O HEROICO POVO PARAGUAYO ! »

## Na Legação Argentina

*Discurso do Sr. Dr. Manuel Dominguez*

Da legação brasileira seguiu o grande prestito saudando ao Brazil e em direcção á legação argentina, formado em columnas de vinte pessoas n'uma extensão de 500 metros e tão compacto que o transito, não pequeno, se fez com alguma difficuldade. A commissão popular compunha-se dos Srs. : Dr. Benjamin Aceval, presidente da mesma ; generaes Caballero, Eguzquiza e Ferreira ; senadores Eduardo P. Freitas, Miguel Carvalan, Juan C. Centurion ; deputados e jornalistas : Rufino Massó, Adolfo Soler, Manuel Dominguez, Blaz Garay,

Antonio Taboada, Fulgencio Moreno, E. Gonzalez Navero, Carlos L. Isasi, Pedro Miranda ; advogaços, medicos e juizes : Drs. Insfran, Velasquez, Justo P. Duarte, Aurelio Legal, J. P. Garcete, Pedro Bobadilla, A. Insourralde, Theodosio Gonzalez, A. Cudas, C. Carreras, E. Solano Lopez ; bancos e commercio, Jeronymo P. Casal, Gabriel Valdovinos, José Gomez, A. Mumoz, Manuel Solalindre ; funcionalismo, Cleto J. Sanchez e Juan Peres.

Além desta commissão tambem se achava presente grande numero de outros Srs. senadores, deputados, advogaços, medicos, officiaes de todas as patentes do exercito, guarda nacional e de marinha, mocidade e corpo docente das escolas superiores, banqueiros, commerciantes, capitalistas e a colonia estrangeira, especialmente os slavos, hespanhoes, italianos, allemães, brasileiros, argentinos e uruguayos.

Ao chegar a grande manifestação na legação argentina o Sr. Dr. Manoel Dominguez proferiu a seguinte allocução, no meio do mais profundo silencio :

« Senhor ministro.—O vosso governo declarou ao nosso A SUA BOA VONTADE A CONDEMNAR A DIVIDA DE GUERRA QUE PESA SOBRE O PARAGUAY, e por occasião do movimento de opinião, iniciado ultimamente nos Estados Unidos do Brazil, por aquelle em quem REVIVEM os intuitos de um pensador brasileiro, a imprensa argentina, interpretando o sentimento nacional, esposou tambem a ideia, abundando em nobres manifestações em favor da nossa Patria.

A distincta colonia argentina, aqui residente, uniu a sua voz á daquella imprensa, adherindo ao pensamento e demonstrando por este modo o seu carinho pelo Paraguay.

Estas diversas manifestações não nos deixam duvidar que o valente povo a quem representais entre nós, se acha animado para com o Paraguay do mesmo nobre sentimento que brotou da alma de BENJAMIN CONSTANT !...

As pulsações daquelle coração, ao commover a posteridade de sua Patria, não podiam tambem deixar de commover

o coração argentino, sempre generoso, aberto sempre aos grandes sentimentos.

Só a ideia de apagar por essa fórmula uma das ultimas recordações da guerra, obriga nossa gratidão e nos impõe o dever de exprimi-la aos povos em cujo seio essa ideia germinou !

Acabamos de manifestar nosso reconhecimento ao povo brasileiro.

Agora vimos, ao mesmo tempo, manifestar o mesmo sentimento ao povo e ao governo argentino, ante seu digno representante.

A condemnação de uma divida de guerra, começando a generalisar-se o exemplo da Republica Oriental do Uruguay, terá altissima significação moral na ordem internacional moderna.

Provará que a politica do egoismo, que tem governado o mundo, vai desaparecendo pouco a pouco. E, poder-se-ha dizer, não sem razão, que ao menos na America existem povos bastante magnanimos para fazer acreditar na sua conducta. que a moral internacional progride, e que, felizmente, não é um sonho irrealizavel a aspiração de verdadeira fraternidade — ante a qual hão de desaparecer as fronteiras e todos os homens se tornarão IRMÃOS !

Tínhamos razão, os que maldiziamos aquella guerra, respeitando, entretanto, o heroismo dos nossos pais, porque, segundo a phrase de Alberdi : A injustiça da guerra não exclue a gloria do soldado !

Provará que estes povos não são solidarios com os erros dos seus governos e que, muito ao contrario, por acharem-se unidos pelos vinculos de sangue que nenhuma politica póde romper, bastam as palpitações do coração para cahir as barreiras que se levantam entre nações irmãs.

Queremos que pereçam todas as recordações odiosas.

Queremos que desapareçam todos os pretextos de rancores infundados.



Que vivam e alimentem todas as recordações gloriosas ; que se multipliquem os laços de affecto ; que sómente resplandeça o que é nobre, o que não deve morrer, o que é imperecível na ordem moral.

Os povos que hontem mediram e confundiram o seu heroísmo devem hoje unir-se estreitamente... E sopram ventos favoráveis á *Fraternidade* !

A Republica Argentina e o Chile acabam de dar exemplo de sensatez e de concordia com o seu ultimo arranjo diplomatico.

Evitaram que o sólo americano fosse de novo manchado com sangue fraticida !

Desde que : « a victoria não dá direitos » como disse um dos vossos compatriotas : desde que se reconhece como FUNESTA A POLITICA DA CONQUISTA E DA ABSORPÇÃO, em nenhuma parte, e principalmente nestes paizes onde abundam e sobram territorios, a unica victoria que devemos aspirar é a da razão e do direito para realisar-se a grande missão reservada á America Latina — na civilisação do futuro !

Sr. ministro ! Pedimos-vos que interpreteis junto ao vosso governo os sentimentos de gratidão que animam os paraguayos para com os irmãos do Prata. »

### Resposta do ministro Argentino

O digno ministro argentino, o Sr. Dr. Cabral, respondeu ao Sr. D. Manuel Dominguez nos seguintes termos :

« Senhores. — Interprete sincero dos affectuosos sentimentos do povo e governo que tenho a honra de representar, saúdo e agradeço em seu nome, ao povo paraguayo, esta manifestação de eloquente sympathia que synthetisa as suas luminosas projecções, o supremo ideal da CONFRATERNISAÇÃO UNIVERSAL.

Fraternisar entre os povos ! — eis o dogma do coração humano, a gloria da civilisação, a aspiração constante dos homens que pensam, da Republica Argentina ; o terreno, a

méta que é preciso conquistar em proveito de todos, em honra e felicidade das Republicas Americanas !

O governo e o povo paraguay não podem abrigar a minima duvida quanto aos sentimentos amistosos da Republica Argentina e de seus propositos de cooperar com a melhor boa vontade e esforços afim de que o Paraguay melhore e desenrole seus elementos de riqueza.

Estes alevantados e insuspeitos propositos do governo argentino, bem conhecidos desde época remota nas espheras dirigentes do Paraguay, posso reiteral-os nesta solemne occa-sião e mesmo accrescentar que hoje, como hontem, o meu governo conserva a mesma firme resolução de contribuir quanto seja possivel para a prosperidade e engrandecimento desta heroica e abnegada Nação.

Sempre em momento opportuno, senhores, formulo fervo-rosos votos para que os vinculos de cordial amisade que nos ligam ao Paraguay, se esteitem cada vez mais ainda, firmando no concerto dos reciprocos interesses, a estabilidade de um seguro e risonho porvir.

E' para mim motivo de especial satisfação cumprir a grata tarefa que a sorte me designou, servindo de mensageiro á cerca do povo argentino, deste transcendental acontecimento na historia internacional de duas Republicas irmãs, tão vinculadas pela natureza como unidas em seus destinos. »

Ambos oradores foram saudados com entusiasmo pela immensa multidão (1).

---

### Resposta ao Sr. Ministro Itiberé da Cunha pela commissão Benjamin Constant

Como centro promotor das manifestações paraguayas, cabe-nos oppor algumas reflexões ao insolito discurso do

---

(1) Estes discursos foram traduzidos e publicados pelo *Centro Parag-  
guayo* desta Capital, no *O País*.

Sr. ministro brasileiro em Assumpção, em nome dos «desnaturalizados sectarios que neste paiz pretendem substituir os sublimes sentimentos de patriotismo pelo AMOR DA HUMANIDADE, o embuste mais audaz que jámais se tem atirado á face do mundo!»

Não podendo sopitar as suas odiosidades monarchistas e clericas contra o positivismo, sob cuja inspiração Benjamin Constant e os moços seus discipulos baniram da America o ultimo vestigio do regimen das castas, o Sr. ministro desfazendo todas as conveniencias da solemnidade e do cargo que occupa, não hesitou em atrozmente injuriar-nos perante os nossos irmãos paraguayos, e na occasião em que o generoso povo se expandia em cumprimentos a nossa Patria.

Na qualidade de republicanos brasileiros só nos restaria deplorar que o nosso paiz fosse tão mal representado nesta festa de amor, se o espirito publico estivesse, em geral, nas condições de julgar por si do procedimento do nosso representante.

Por outro lado, « aquelles em quem revivem os intuitos de « um pensador brasileiro, os herdeiros entusiastas do nobre « sentimento que brotou da alma de Benjamin Constant, os « que se deixaram commover pelas pulsações d'aquelle co- « ração » se dariam por extremamente satisfeitos vendo a « nota dissonante » do pobre discurso do nosso patricio « abafada e dominada por torrentes de harmonia no concerto de reciproca fraternidade », pelo orgão do brilhante orador paraguayo, no seu bellissimo discurso á legação argentina. Este « nobre e flagrante contraste » os compensaria de sobra da indelicadeza do Sr. ministro brasileiro.

Assim, só teriamos de agradecer effusivamente ao Dr. Manoel Dominguez e deplorar a nossa má sorte diplomatica, se o Sr. Itiberê da Cunha se tivesse limitado a uma simples descortezia, com a qual já estamos de alguma sorte familiarizados.

Mas é que o representante brasileiro, pretendendo offender os seus compatriotas positivistas, revelou-se indelicadoe

ao mesmo tempo ignorante, attribuindo ao positivismo uma falsidade de sua invenção ou de algum confrade seu.

Convém, pois, mostrar, em francas palavras, ao publico brasileiro e paraguay, onde se acha o embuste de que falla o Sr. Itiberê, se no incomparavel monumento philosophico politico e religioso de Augusto Comte, ou se na verbiagem do nosso diplomata; se na genial coordenação que mereceu as sympathias de Benjamin Constant e de Juarez, ou se no phraseado do Sr. Itiberê.

Diz o Sr. ministro, neste discurso, em que a palavra Republica e o nome do seu fundador não são pronunciados uma só vez nas referencias ao Brazil, que os pósitivistas substituem os sentimentos patrioticos pelo Amor da Humanidade.

Dizer isto é tão extravagante como avançar a proposição de que substituímos a mathematica pela astronomia, a architectura pela esculptura, a fabricação á agricultura, ou a moral á politica; porque, do mesmo modo que quanto ás affeições, a subordinação ahi se opera segundo o gráo de nobreza ou dignidade.

Sem conhecer, talvez, sequer, exteriormente as obras de Augusto Comte e sem a mínima competencia para julgal-as ou mesmo comprehendel-as, o Sr. Itiberê nem ao menos soube revelar o que o Mestre chamava *talento de discorrer sobre o que não entende*.

Para nós, as affeições humanas se estendem systematicamente da Familia á Patria e desta á Humanidade, segundo uma conveniente subordinação natural.

São tres termos distinctos de uma mesma cultura moral, abrangendo successivamente o triplice aspecto de nossa sympathia: o *apego* ou sentimento domestico, a *veneração* ou o affecto civico, a *bondade* ou a fraternidade universal.

E é tão impossivel ao coração desprender-se da personalidade sem o intermedio da Familia, ou subir á Humanidade sem o intermediario da Patria, como é impossivel ao espirito transpor qualquer dos termos da hierarchia encyclopedica.

E' tão absurdo dizer que subordinando-se a Patria á Humanidade, substituem-se as affeições do segundo ser ás do primeiro, como o seria dizer que os antigos romanos, subordinando a vida domestica á existencia politica, substituíam a Familia pela Patria.

Em uma palavra, ao contrario, deste erro crasso do nosso diplomata, o que é certo é que para o Positivismo o ponto de vista civico é de tal sorte importante, que segundo esta doutrina o principal motivo que ha de concorrer no futuro á fragmentação das grandes nacionalidades é o de ordem moral, de modo a tornar possível a cultura real do patriotismo, hoje demasiado vago pela extraordinaria extensão territorial das patrias.

Em todo caso, o supremo interesse do conjuncto da especie humana domina tanto o individuo, como a familia e a Patria.

Ficam assim ennobrecidas e consolidadas as affeições domesticas e civicas, pela dignidade maior da fraternidade universal. E é a tudo isto que o Sr. ministro chama: *o embuste mais audaz que jamais se tem atirado á face do mundo!*

Bastam estas considerações para mostrar aos homens de boa fé o quanto andou errado o Sr. Itiberê da Cunha.

Francamente, não seria preferível, já que tinha forçosamente de discursar, que se limitasse a *beber no pequeno copo* do litterato francez e a outras tiradas rhetoricas, ao envez de referir-se a assumpto que escapa totalmente ao alcance de suas vistas?

Quando muito seria perdoavel que o Sr. ministro se tivesse limitado a nos chamar de *doidos*, isto é, a nos mimosear com o mesmissimo epitheto que os seus velhos confrades escravocratas e monarchistas atiravam outr'ora contra os abolicionistas e republicanos.

Que esta lição lhe aproveite para os seus discursos futuros é o que sinceramente desejamos.

Ha ainda um outro ponto contra o qual devemos tambem deixar aqui o nosso energico e solemne protesto de verdadei.



ros republicanos, em nome ainda deste Amor da Humanidade que tanto ataca os nervos do Sr. ministro.

Diz o Sr. Itiberê, abalançando-se á *funebres previsões* sociologicas no meio do imponente cortejo civico, que *quando chegar o momento de apurar-se a philosophia da historia se reconhecerá que se acha escripto no livro dos insondaveis destinos, que um dia os dous povos brasileiro e paraguayão hão de misturar seu sangue generoso em homerica hecatombe para cimentar mais solidamente na Republica do Paraguay o edificio de sua independencia, etc. etc.*

Não devemos consentir que, fallando-se em nome da nossa Patria, se atire um insulto desta ordem a dois povos irmãos.

Em primeiro lugar é descabido suspeitar das sinceras disposições fraternaes da nobre e altiva Republica Argentina, que já tem dado sobejas provas no terreno da fraternisação americana, e ao depois é affrontoso pôr em duvida o heroismo comprovado da Patria Paraguaya, que por espaço de cinco annos mostrou como é que um povo defende o seu sólo sagrado.

Essa giria *insondavel* do Sr. ministro é um resto de imperialismo impenitente e incuravel, que está infinitamente longe de corresponder aos anhelos da Patria Brasileira.

E' preciso que os nossos irmãos do Prata saibam que o programma internacional do grande Benjamin Constant é a unica politica americana em harmonia com as mais caras aspirações da alma republicana brasileira.

E com isto temos opposto o nosso protesto aos desvios imperdoaveis do Sr. ministro brasileiro em Assumpção.

Capital Federal, 10 de Abril de 1899 — 11º da Republica Brasileira.

Pela commissão Benjamin Constant

RAUL GUEDES. (1)

---

(1) Publicado n' O *Pais* de 15 de Abril de 1899.

## Os Veteranos da Guerra

A sã politica é filha da Moral e da Razão

JOSE' BONIFACIO

Fundou-se nesta Capital, ultimamente, a « Associação dos Veteranos da Guerra do Paraguay », não com o fim honroso, que todos esperavam, de relembrar datas em que foram triumphantes as armas das tres nações que com tanta bravura bateram-se contra a pequena Republica Paraguaya, onde, por mais de uma vez, commetteram actos de verdadeiro heroismo, — mas com o fim politico, isto é, de fazer reviver odios internacionacs e de combater francamente a idéa suggerida por grande numero de republicanos brazilelros, de: — serem restituídos ao Paraguay os trophéos e cancelada a divida resultante da guerra filha unicamente do capricho imperial.

O principal fundador dessa Associação foi o Sr. Arthur Silveira da Motta que pela sua dedicação pessoal a S. M. foi agraciado em tempo com o titulo de Barão de Jaceguay, (1) resolvendo depois da Republica, para não perder o « Jaceguay » firmar-se Arthur de Jaceguay e algumas vezes Almirante Jaceguay, para variar. Não lhe ficava bem assignar-se: Ex-barão de Jaceguay.

Na fundação dessa sociedade foi S. Ex. incansavel.

---

(1) Vamos contar ao leitor como é que S. M. inventou esse nome. Como todos sabem S. M. tinha a monomania de fallar o *guarany* e tinha o cacôete de dizer para todos, sobre qualquer assumpto que o cacetassem — « Já sei, já sei »... No palacio havia empenho em se fazer S. A. conceder um baronato ao Sr. Silveira da Motta. O Imperador já andava com os ouvidos cheios da *dedicação* do Sr. Motta, tão decantada a elle! Resolveu acceder aos pedidos, mas faltava-lhe um nome em *guarany*. Elle chamava o Sr. Motta de *Itahy* (que significa *feio*). Fallaram-lhe novamente e S. M. respondeu — « Já sei, já sei é o *Itahy*?... Pois bem fica sendo Barão de Ja-ce-guay.»

E' para se lamentar que o illustre almirante tivesse sido tão infeliz no seu discurso de installação, seguindo a orientação monarchica de odios para os quaes não se encontram justificação possível. Nesse discurso S. Ex. demonstrou que, ainda, os seus sentimentos se acham enraigados com os preconceitos do passado regimen, e que apesar de ter abraçado á Republica em 15 de novembro de 1889 continúa a acalentar idéas e orientação monarchicas, como um dos mais humildes e dedicados servos, que foi de S. M. E' verdade que S. Ex. foi um dos mais leaes adhesistas, tanto que tem procurado demonstrar, sempre que é possível, a sua *intransigencia*... Em 23 de novembro, apesar de amigo e admirador de Marechal Deodoro, era S. Ex. *custodista*, porque ao lado deste estava a Constituição Republicana... Em 6 de setembro de 1893 S. Ex. foi... *neutro*, isto é, tanto era amigo de Floriano como de Saldanha, mas triumphante o Marechal achou que, incontestavelmente, a razão estava ao lado do Marechal Floriano!

Veio o Sr. Dr. Prudente de Moraes e como era *amigo particular* do Sr. Elisiario Barbosa, não podia deixar de fórma alguma de apoiar, com o seu grande prestigio, o governo do Sr. Prudente de Moraes. Foi *Prudentista* dos mais dedicados e, agora, dizem que S. Ex. exclama, por toda parte, que ainda não houve governo como o do Dr. Campos Salles, que é o Washington do Brazil. Aquelles, porém que, por um desvario mental, não acreditam na sua sinceridade, julgam que S. Ex. procede, tambem agora, assim, por calculo e, que igualmente calculo foi a fundação da associação aos veteranos da guerra « PARA SE TORNAR MAIS SALIENTE, E ASSIM CONSEGUIR A SUA REVERSAO AO EFFECTIVO DA ARMADA E A SUA ELEIÇÃO NO LOGAR DE WANDENKOLK. »

Só quem desconheça por completo o patriotismo de S. Ex. será capaz de dar credito as estas balelas. Quem é que pôde desconhecer o seu enorme desinteresse, o seu enorme patriotismo, o seu enorme talento e a sua não menos enorme illustração? Ninguem, a não ser algum insensato.

Sómente nós não comprehendemos com que fim o illustrado almirante procurou atacar o Paraguay, á propaganda e aos positivistas. Nisto é que S. Ex. não foi feliz, recebendo deste modo do Apostolado Positivista uma resposta esmagadora, provando que: truncou a seu geito a citação de Washington, que fez no seu infeliz discurso! Nos desculpará o illustre almirante si lamentamos o seu fracasso! Ainda outra:

E' incrível que SOMENTE NO FIM DE 30 ANNOS se lembrasse o Sr. Jaceguay de fundar essa corporação!

Si não tivesse havido essa propaganda favoravel ao Paraguay, isto é, com intuito de apagar resentimentos infundados, e iniciar-se assim uma politica toda fraternal, certamente, a esta hora, não teria S. Ex. lembrado ainda da fundação dessa sociedade. Desse modo o bravo almirante parece que ainda não comprehendeu bem a politica republicana a que adheriu com tanta presteza e convicção no dia 15 de novembro.

Dizem tambem aquelles que não conhecem o seu desinteresse de quanto é capaz que S. Ex. vai apresentar-se na vaga do Sr. Wandenkolk, quando a verdade é: que apenas foram os seus amigos que se lembraram disso e, si porventura fôr eleito—fará o grande sacrificio—de aceitar, simplesmente *para servir a sua patria!*

Tambem dizem que S. Ex. faz empenho em voltar ao serviço activo da armada quando apenas tomou essa resolução a pedido e instancias dos seus numerosos amigos. Já foi apresentado ao Congresso o projecto para a sua reversão, mais um grande sacrificio que vai fazer em proveito da patria exclusivamente,—já que a patria o exige!

Quando fundou a Associação dos Veteranos, e modesto como é, não quiz a chefia nem as glorias, mas ainda assim o foram buscar no seu retiro para chefe, o que vio-se obrigado a aceitar a pedido dos seus muitos camaradas. O que mais o distingue é a sua excessiva modestia!

O Senado muito tem de ganhar com as suas luzes, si fôr eleito. Com certeza ter-se-ha em S. Ex. um outro Sr. Ladario

para pedir explicações ao P. E. diariamente, como esse senador o fazia. Ainda lembramo-nos, a proposito, da questão do *concerto do Aquidabam* nos estaleiros allemães, muito mais caro que outros, que o governo preferiu e que o Sr. Ladario denunciou, parecendo — um novo Panamá... Como S. Ex. é habilitado nos negocios da marinha certamente saberá o que de verdade haverá sobre o assumpto, assim como sobre um outro negocio da casa Hauph Behn & Comp.; da venda ao governo de duas lanchas *Raja-gabaglia* e *Manso Sayão*, para a Escola Naval, mais tarde reconhecidas imprestaveis, no tempo do mesmo Sr. Elisiario; ainda uma outra historia que por ahí contam, com ou sem fundamento, de um fornecimento de *polvora deteriorada*, por muito bom preço ao governo; e ainda mais, da celebre *negociata* da venda de uns navios da Companhia Frigorifica (que antes o governo já havia regeitado por 600:000\$000) pela quantia de tres mil e seiscentos contos de réis! Esta esplendida transacção foi, ainda a tempo, denunciada pel' *O Paiz* e *Gazeta de Noticias*, o que... contrariou muita gente!...

Até hoje não se sabe quem foi o *médium* ou o advogado que tão habil se mostrou nesses negocios. Talvez o illustre almirante saiba quem seja, conhecedor como é dos negocios da Marinha. Si S. Ex. fosse representante da nação certamente não deixaria passar essas monstruosidades.

Para terminar pedimos a S. Ex. a fineza de nos explicar o que é que o Sr. Teixeira Mendes quiz dizer na resposta esmagadora que lhe deu pelo *Jornal do Commercio* de 20 de abril de 1899. principalmente no trecho que, reproduzindo o, grypharemos:

Diz o Sr. Teixeira Mendes:.....

« Corria o anno de 1882 o Centro da Lavoura e do Commercio lembrou-se de promover uma propaganda a favor da immigração chinesa, e para isso convocou reuniões publicas em sua séde. O Sr. almirante Silveira da Motta que *tinha sido nosso Embaixador junto ao Governo Chinez*, a elle compareceu com o fim de fornecer esclarecimentos sobre trabalhadores



asiaticos, mostrando-se muito favoravel á introdução dos mesmos. O Sr. Miguel Lemos, nosso director, que tambem se achava presente para combater semelhanto projecto, foi levado a dirigir ao Sr. Silveira da Motta, mais ou menos, as seguintes palavras :

« QUE LAMENTAVA VER UM MARINHEIRO ILLUSTRE, UM HEROE DA GUERRA DO PARAGUAY APOIANDO INTERESSES INDUSTRIALISTRAS. »

E' com esta ultima phrase, Sr. almirante, que ficamos estupefactos, pois parece-nos difficil que S. Ex. tão desinteressado e patriota pudesse « apoiar interesses industrialistas. »

Aqui terminamos por emquanto. Aguardamos sua resposta . . . Em seguida damos a contestação com que o esmagou o Sr. Teixeira Mendes, já acima referida.

---

## RESPOSTA AO EX-BARÃO DE JACEGUAY

### **Apostolado Positivista do Brazil**

A PROPOSITO DA RESTITUIÇÃO DOS TROPHEOS E DA DESISTENCIA DA DIVIDA PROVENIENTES DA GUERRA COM A NOSSA HEROICA IRMÃ A REPUBLICA DO PARAGUAY (1).

---

Alistando-se no numero dos que, entre nós, se oppõem á patriotica e humanitaria ideia de restituir os trophéos e desistir da divida provenientes da guerra que o Imperio Brasileiro sustentou contra a Republica do Paraguay, resolveu o Sr. Almirante Jaceguay promover a fundação de uma associação dos seus antigos camaradas.

---

(1) Do *Jornal do Commercio*, 2) de Abril de 1899. Irresponsivel como é, o Sr. Ex-Barão de Jaceguay não respondeu.

Lamentámos tal facto, desde que delle tivemos noticia ; mas nem o estranhámos, nem tencionavamos offerecer aos nossos concidadãos a minima observação a respeito delle. Erão essas as nossas disposições quando fomos sorprendidos pelo ataque violento que o mesmo Sr. Almirante julgou que lhe cumpria dirigir contra nós, no discurso com que installou a mencionada associação.

Assim provocados, julgámos que o interesse publico exige da nosse parte algumas reflexões, para patentear a falta de fundamento da aggressão de que fomos alvo.

No discurso a que nos referimos ha dous pontos: 1º, o julzo do Sr. Almirante Jaceguay sobre o Positivismo; 2º, a apreciação do projecto de restituir os trophéos e, desistir da divida resultantes da guerra com a Republica do Paraguay.

Quanto ao primeiro ponto, seria pueril emprehender qualquer exame doutrinario em artigos de jornal. Esse exame, nós o fazemos desde 1880, segundo os methods que o assumpto exige; e é justamente o modesto fructo de tal propaganda que sobresalta os nossos gratuitos adversarios.

Só nos resta, pois, em casos como este, oppôr á autoridade qualquer que possam ter os nossos detractores outra autoridade acima de qualquer suspeita para os corações honestos e os espiritos rectos.

Ora, nada é mais facil neste momento.

Com effeito, ninguem acreditará que o Sr. Almirante Jaceguay, ou qualquer dos veteranos da guerra do Paraguay, tenha mais patriotismo e mais talento para apreciar o Positivismo do que Benjamin Constant, que, além de tudo, foi tambem um dos mais dignos veteranos da guerra do Paraguay.

Portanto, as ironias e os apodos que o Sr. Almirante atirou contra a doutrina de Augusto Comte só podem causar a emoção que inspira o espectáculo de todo ataque injusto.

Vejamos o segundo ponto.

Affirmar que a guerra do Paraguay foi um crime não é affirmar que a Patria é criminosa. Porque a responsabilidade

da guerra não cabe á Patria, e sim aos directores da Patria naquella época. A Patria é o conjuncto das gerações passadas, futuras e presentes, que concorrem, em cada região da terra, para a existencia da Humanidade.

Os homens aos quaes as fatalidades historicas confiam os destinos de cada Patria agem, não só em virtude dos antecedentes nacionaes, mas tambem em virtude dos seus dotes pessoaes. De sorte que elles podem applicar as forças moraes, mentaes e praticas, que a patria lhes confia, não segundo a gloria da Patria, que é sempre a gloria da Humanidade, mas segundo as suggestões do orgulho, da vaidade e da ignorancia, quer dos individuos governantes, quer das classes dirigentes do publico, quer mesmo da massa popular.

E pôde-se admittir que os crimes e os erros de alguns homens, de algumas classes, de uma geração, sejam imputados ás legiões dos mortos, cuja conducta constitue a negação de tal procedimento?

Pôde-se exigir que a posteridade se torne solidaria com os erros e os crimes pelos quaes alguns cidadãos aberrarão das tradições gloriosas da massa nacional e humana? Quem ousará jámais dizer que as monstruosidades de um Nero ou os crimes de um Bonaparte são imputaveis á Roma ou á França? Todos nascemos cidadãos de uma Patria; mas os nossos actos só se tornam actos da Patria quando a nossa conducta é a expressão das tradições nacionaes expurgadas do nosso orgulho, da nossa vaidade, das nossas paixões ruins, em uma palavra.

Tambem só uma extrema preocupação pessoal e a anarchia mental e moral da sociedade moderna permitem comprehender que se ouse apresentar a guerra do Paragnay como a *maior gloria* do Brazil. Que glorias militares brasileiras serão jámais comparaveis a essa heroica luta hollandeza, que preservou a America do Sul do protestantismo e facilitou assim a iustituição do regimen definitivo da Humanidade, mantendo as conquistas moraes da idade média em uma immensa região do planeta? Que glorias militares brasileiras se

podem comparar ao martyrio de Tiradentes, á Independencia, á abolição da escravidão, á proclamação da Republica, á generosa deposição do ultimo monarcha, á instituição da liberdade espirital, etc.?

Ninguem admittirá tampouco que o Sr. Almirante Jaceguay tenha autoridade philosophica ou moralista bastante para taxar de perversão da intelligencia e do senso moral um projecto que Benjamin Constant se honrou de fazer seu.

Quanto ao patrimonio moral de cada Patria, a moral e a razão ahi estão para attestar que elle é constituido pelo conjuncto das virtudes que a nação recebeu da Humanidade, quer devidas á iniciativa da Patria, quer provenientes do corcurso de outros povos. De sorte que só é incorporado a tal patrimonio aquillo que redunde em beneficio da Humanidade. Porém, os monumentos do orgulho, do odio, da carnificina, da anarchia moderna, em uma palavra, pertencem tanto ao patrimonio moral dos povos civilisados como os craneos que os canibaes hasteiam nas suas cabildas.

O Governo da Republica do Paraguay, pois, procederia de accôrdo com o mais escrupuloso decoro, se, em nome da Humanidade, requeresse ao Governo dos Estados Unidos do Brazil a réstituição das sagradas reliquias que uma guerra fratricida nos entregou. E o Governo Brasileiro deveria sentir-se ufano de ser alvo de tal appello, porque elle indicaria a maxima confiança na nobreza dos nossos sentimentos. Tal rasgo, sim, constituiria eternamente uma contribuição para o patrimonio moral de ambas as nações.

As nossas tristes condições financeiras não podem justificar qualquer hesitação, quanto á desistencia da divida de uma guerra nefanda. Porque essa desistencia é um *dever* que a Patria e a Humanidade nos impõem. E se a geração de hoje não cumprir esse dever, uma das futuras o ha de desempenhar.

Não é só a nossa generosidade que está empenhada nisso, é tambem a nossa honra. A objecção aqui é tão inadmissivel como a dos antigos senhores de escravos, vencedores das hordas africanas, que invocavam os seus compromissos financeci-

ros para não libertar aquelles que elles mantinham no captivo. As nossas dividas têm que ser saldadas a custa do nosso trabalho e não com o sacrificio das virtudes que o civismo e a fraternidade universal nos impõem.

A restituição dos trophéos e a desistencia da divida de guerra não importam em nenhum opprobrio para os que tiveram a infelicidade de tomar parte em semelhante luta. O opprobrio existirá para os que tiveram a responsabilidade do sacrificio de tanto civismo, de tantas vidas, de tantas riquezas, em prejuizo real do Brazil, do Paraguay, da Republica Argentina, do Uruguay. e da Humanidade. Póde-se assegurar que bem raros dos que tomaram parte nessa guerra deram-se ao trabalho de examinar os motivos reaes da sanguinolenta luta. A quasi totalidade bateu-se, como se bate o soldado, com a firme convicção de que servia á Patria. Mas se essa convicção bastou para alistal-os na immensa legião dos heróes militares, não basta para garantir-lhes que não tenham sido victimas de um grande erro. E esse erro a historia ha de apurar, sejam quaes forem as associações em contrario, formadas ou por formar.

Por outro lado além de odioso, é contrariar a verdade attribuir-nos o pensamento de confundir na mesma condemnação a guerra e os que devotadamente tomaram nella parte, movidos pela noção que tinham do dever militar ou pela convicção de assim bem servir a Patria. Para o evidenciar bastará uma simples citação de um escripto do Apostolado Positivista do Brazil e a recordação de um episodio que se refere ao proprio Sr. Almirante Jaceguay, então Almirante Silveira da Motta.

A citação é a seguinte : Quando se realizou aqui a solemne distribuição de medalhas commemorativas da fratricida guerra, sob o Governo de glorioso Marechal Floriano Peixoto, o Apostolado Positivista publicou um protesto contra semelhante solemnidade, no qual dizia :

«Estamos promptos a render preito á bravura e ao civismo de todos quantos nessa calamitosa quadra, tanto de um lado como de outro, souberam honrar o seu posto e cumprir com o



seu dever, tal como este se lhes apresentava então, através dos preconceitos e sophismas dominantes, Mas este reconhecimento individual a um Osorio, a um Barroso, a um Marcilio Dias, para só citar nomes nossos, difere profundamente da consagração collectiva e em globo — como factio historico — de uma guerra que, estamos certos, a posteridade ha de julgar severamente, votando á uma eterna reprovação as memorias daquelles que, promoveram, ou que barbaramente a prolongaram, sejam brazileiros, argentinos, uruguayos ou paraguayos.»

Agora, o episodio acima alludido.

Corria o anno de 1882 e o Centro da Lavoura e Commercio lembrou-se de promover uma propaganda a favor da immigração chinesa, e para isso convocou reuniões publicas em sua sêde. O Sr. *Almirante Silveira da Motta, que tinha sido nosso Embaixador junto ao Governo Chinez*, a ellas compareceu, com o fim de fornecer esclarecimentos sobre trabalhadores asiaticos, mostrando-se muito favoravel a introdução dos mesmos.

O Sr. Miguel Lemos, nosso director, que tambem se achava presente, para combater semelhante projecto, foi levado a dirigir ao Sr. Silveira da Motta, mais ou menos, as seguintes palavras : « *Que lamentava ver um marinheiro illustre, um heróe da guerra do Paraguay apoiando interesses industrialistas.* »

Já vê, pois, o publico que não é licito attribuir-nos nenhuma desconsideração para com aquelles que serviram com honra na luta que politica e humanamente condemnamos. Devemos, todavia, acrescentar que não partilhamos do preconceito vulgar de que os heróes militares constituem os maiores benemeritos da Patria, nem mesmo que sejam elles os que maiores provas de coragem civica tenham dado. Qualquer homem que dignamente resiste á corrupção politica ou industrial e prefere a miseria e a obscuridade ao abandono das suas convicções, testemunha mais coragem civica do que todos os cidadãos que, em todos os tempos, têm arriscado a vida nos combates. A bravura guerreira é a mais rudimentar das vir-

tudes humanas, como inherente á nossa constituição carniceira.

Em vez, pois, de declamações em nome do orgulho e da vaidade nacionaes, pomposamente decorados com o epitheto de patriotismo, examinemos com sinceridade o nosso passado e reparemos os erros dos nossos pais. Não nos esqueçamos de que os seus dotes altruistas não os impedirão de praticar verdadeiros crimes, como foram o aniquilamento dos selvagens do nosso continente e a escravisação dos africanos. Que o seu exemplo nos sirva, não só para imital-os nas suas virtudes, como para reparar as suas faltas, devidas principalmente á dissolução do Catholicismo desde o XIV seculo. E' essa dissolução que continúa a ser a causa das nossas desgraças; e o meio unico de pôr-lhes termo é a victoria do Positivismo. Porque só essa religião, systematisando a sciencia e a industria pelo ascendente da fraternidade universal, produzirá a união das familias em Patrias verdadeiramente livres e consagrará as Patrias no serviço eterno da Humanidade.

Quanto a Máximo Santos, faltam-nos elementos para formular sobre elle um juizo criterioso, embora não ignoremos as accusações que lhe são feitas. Mas, admittindo mesmo que elle tenha merecido a condemnação da posteridade pelo conjuncto da sua vida, estamos certos de que a posteridade tomará em alta conta a nobre iniciativa que lhe coube no projecto que, infelizmente, após dez annos de Republica, ainda é objecto de discussão no Brazil. Cumpre mesmo observar que o contraste entre a nobreza de tal iniciativa e a indignidade verificada do seu autor, em vez de causar surpresa, constituiria uma prova da oportunidade do projecto. Porque a historia demonstra que, quando as medidas politicas ou sociaes acham-se sufficientemente amadurecidas, ellas podem ser realisadas pelos personagens menos credores de apreço, ou mesmo despreziveis e execrandos. Sirva de exemplo Caracalla, proclamando cidadãos romanos todos os habitantes do Imperio. Ora, esse rasgo não bastou para absolver os seus crimes e tornal-o merecedor de glorificação.

A este proposito, informaremos ao Sr. Almirante Jaceguay que o calendario positivista não contém unicamente *santos* ; alli se acham os principaes benemeritos da Humanidade, qualquer que tenha sido a natureza dos seus serviços. E' por isso que se encontram no referido calendario *heróes* militares, *heróes* civis, *inventores* ; *navegantes*, *scientistas*, *philosophos*, *poetas*, *musicos*, *pintores*, *escultores*, *architectos* e *santos*. Pelo mesmo motivo, todos os typos alli mencionados merecem a gratidão da posteridade, mas bem poucos são os que podem constituir objecto de imitação. Com effeito, para inspirar o reconhecimento é sufficiente haver prestado *um serviço assignado e difficil* ; mas para servir de *modelo* é indispensavel que o benemerito seja pelo menos typo assás virtuoso no computo da sua vida privada e publica.

Talvez que esta indicação baste para que o Sr. Almirante Jaceguay comprehenda o motivo que levou Augusto Comte a collocar Francia na semana presidida por Cromwell, no mez de Frederico, o Grande, consagrado á glorificação dos esforços para instituir a politica moderna. Taes esforços não podem ser apreciados convenientemente, sem as luzes de uma doutrina que permitta julgar os homens, tomando em conta a situação em que elles tiveram de agir. Seria inutil qualquer outra reflexão para patentear quanto é difficil julgar a obra do eminente fundador da nacionalidade paraguaya.

Para melhor estear as suas opiniões, o Sr. Almirante Jaceguay concluiu o seu discurso invocando algumas palavras de Washington. Nenhuma citação podia ser mais infeliz. Primeiramente, porque a maneira pela qual as palavras referidas foram destacadas do texto original alterou radicalmente a significação dellas. Em segundó lugar, porque no documento citado encontram-se conselhos que importam na approvação do projecto que o Sr. Almirante Jaceguay condemna. Para que os nossos concidadãos julguem por si da justeza do que affirmamos, transcrevemos os textos *integraes* e a traducção portugueza litteral.

Eis aqui o original da passagem de onde o Sr. Almirante extrahio o primeiro periodo da sua citação :

« Harmony and a liberal intercourse with all nations, are recommended by policy, humanity, and interest. But even our commercial policy should hold an equal and impartial hand ; neither seeking nor granting favours or preferences ; consulting the natural course of things ; diffusing and diversifying by gentle means the streams of commerce, but forcing nothing ; establishing with powers so disposed, in order to give trade a stable course to definite the rights of our merchants, and to enable the government to support them conventional rules of intercourse, the best that, present circumstances and mutual opinion will permit, but temporary, and liable to be from time to time abandoned or varied as experience and circumstances shall dictate, constantly keeping in view, that it (aqui cosmeça a citação do Sr. Almirante Jaceguay) is folly in on nation to look for desinterested favours from another ; that it must pay with a portion of its independence for whatever it may accept under that character ; (aqui acaba a citação do Sr. Almirante) that by such acceptance it may place itself in the condition of having given equivalents for nominal favours, and yet of being reproached with ingratitude for not giving more. There can be no greater error than to expect, or calculate upon real favours from nation to nation. It is an illusion which experience must cure, which a just pride ought to discard. »

Eis aqui a traducção litteral :

« A harmonia e relações liberaes com todas as nações são recommendadas pela politica, pela humanidade e pelo interesse. Porém, mesmo a nossa *politica commercial* deve dar uma mão igual e imparcial ; nem procurando nem concedendo favores ou preferencias ; consultando o curso natural das cousas ; diffundindo e diversificando por modos brandos as correntes do commercio, porém, nada forçando ; estabelecendo com os potencias dispostas de modo a dar um curso estavel ao negocio, a definir os direitos dos nossos mercadores e habilitar

o Governo a apoia-los, regras convencionaes de commercio, que forem as melhores que as circumstancias presentes e a opinião mutua permittirem, mas temporarias, e sujeitos a serem de tempos a tempos abandonadas ou variadas, conforme a experiencia e as circumstancias o ditarem, tendo constantemente em vista que (aqui começa a primeira phrase citada pelo Snr. Almirante Jaceguay « é loucura em uma nação esperar favores desinteressados de outra; que aquella terá de pagar com uma porção de sua independencia qualquer cousa que aceitar com tal character » (acaba a citação do Snr. Almirante); que por tal aceitação aquella póde collocar-se nas condições de ter dado favores reaes em troca de favores nominaes, e de ser todavia exprobadada como ingrata, por não dar mais. Não póde haver erro maior do que esperar favores reaes de nação á nação ou contar com elles. E' isso uma illusão, que a experiencia deve curar, que um justo orgulho deve dissipar. »

Como se vê, trata-se de *relações commerciaes* unicamente e não de *relações moraes* entre as nações. Sem duvida, as opiniões de Washington, mesmo com esta restricção, são inspiradas por um estreito empirismo, explicavel pelos moveis egoistas que até hoje guiarão a vida industrial. No tempo de Washington ainda a politica e a moral estavam entregues á theologia e á metaphysica; a sciencia só tinha chegado á biologia. Alem disso, os antecedentes protestantes do patriota americano tendião a acauhar os seus sentimentos e, portanto, as suas concepções sociaes. Mas, em todo o caso, se vê que a politica commercial elle aconselha e de perfeita *equidade*, de perfeita honestidade, embora perturbada pela desconfiança internacional.

Agora, o segundo periodo extrahido pelo Snr. Almirante Jaceguay:

Against the insidious wiles of foreign influence (I conjure you to believe me, fellow citizens) the jealousy of a free people ought to be constantly awake; since history and experience prove, that foreign influence is one of the most ba-



neful foes of republican government. (Aqui termina a citação do Sr. Almirante) But that jealousy, to be useful, must be impartial; else it becomes the instrument of the very influence to be avoided, instead of a defence against it.»

Eis aqui a traducção litteral :

« Contra os insidiosos artificios da influencia estrangeira (eu vos conjuro a crer-me, meus concidadãos) o ciume de um povo livre deve estar continuamente alerta; pois que a historia e a experiencia provão que a influencia estrangeira é um dos mais funestos inimigos de um governo republicano. (Aqui termina a citação do Snr. Almirante). Porém, esse ciume (continua Washington), para ser util, deve ser imparcial; senão elle se torna o instrumento da mesma influencia que se deve evitar, em lugar de ser uma defeza contra ella.»

Este trecho *precede*, no documento de que se trata, aquelle que primeiro citou o Snr. Almirante. Como se vê, a citação integral mostra bem quanto o grande patriota americano temia os perigos do ciume nacional. Ao passo que a phrase destacada pelo Snr. Almirante levaria a attribuir a Washington a opinião de uma confiança cega em semelhante paixão egoista. Isto é tanto mais grave quanto na sua traducção livre o Snr. Almirante faz Washington dizer que a influencia estrangeira é *o mais cruel inimigo de uma republica*. Entretanto a phrase de Washington é que a influencia estrangeira é *um dos mais funestos inimigos de um governo republicano*.

Mas não é tudo; este trecho termina á nobre passagem, em que Washington se refere ás *relações moraes* entre as nações, e que o Snr. Almirante Jaceguay devia ter citado de preferencia. Porque esse topico é que nos póde conduzir a conceber qual seria a opinião de Washington sobre a guerra do Paraguay e sobre o projecto que o Snr. Almirante condemna.

Para edificação dos nossos concidadãos vamos citar algumas partes dessa passagem.

« Observe good faith and justice towards all nations; cultivate peace and harmony with all Religion and morality enjoin this conduct; and can it be that good policy does not equally enjoin it? it will be worthy of a free, enlightened, and, at no distant period, a great nation, to give to mankind the magnanimous and too, novel example of a people always guided by an exalted justice and benevolence.»

«...Antipathy in one nation against another, disposes each more readily to offer insult and injury, to lay hold of slight causes of umbrage, and to be haughty and intractable when accidental or trifling occasions of dispute occur.

Hence, frequent collisions, obstinate, envenomed, and bloody contests. The nation prompted by ill will and resentment sometimes impels to war the government, contrary to the best calculations of policy. The government sometimes participates in the national propensity, and adopts through passion what reason would reject; at other times it makes the animosity of the nation subservient to projects of hostility, instigated by pride, ambition, and other sinister and pernicious motives. The peace often, sometimes perhaps the liberty of nations has been the victim.»

Eis aqui a tradução litteral ;

« Observai a boa fé e a justiça para com todas as nações ; cultivae a paz e a harmonia com todas. A religião e a moral prescrevem essa conducta ; e pôde-se admittir que a boa politica não a prescreva igualmente ? Digno será de uma livre, esclarecida e, em periodo não distante, grande nação dar ao genero humano o magnanimo e novissimo exemplo de um povo sempre guiado por uma exaltada justiça e benevolencia...

...A antipathia de uma nação contra outra dispõe cada uma mais facilmente a dirigir insultos e injurias, a lançar mão de insignificantes causas de desconfiança, a ser arrogante e intratavel quando sobrevem occasiões accidentaes ou frivolas de disputa ; dahi frequentes collisões, lutas obstinadas, envenenadas e sanguinarias. A nação, incitada pela má von-

tade e o resentimento, por vezes impelle o Governo á guerra, contrariamente aos melhores calculos da politica. O Governo ás vezes participa da propensão nacional e adopta por paixão o que a razão teria rejeitado; outras vezes elle torna a animosidade, da nação subserviente a projectos de hostilidade instigado pelo orgulho, ambição e outros motivos sinistros e perniciosos. A paz frequentemente, ás vezes, por ventura, a liberdade das nações tem sido a victima. »

A guerra do Paraguay confirma esta nobre apreciação; além de tudo, ella fez retardar a Abolição, a Republica e preparou as questões militares dos ultimos tempos do Imperio.

Veem, pois, os nossos concidadãos que os conselhos que Washington dava aos seus compatriotas estão de accordo com os que decorrem do aphorismo politico proclamado pelo patriarcha da nossa Independencia, o velho José Bonifacio : — « a sã politica é filha da moral e da razão ».

Nem admira que assim seja; porque ambos são representantes dessa gloriosa phalange de reformadores que nos fins do XVIII seculoprehenderão directa e resolutamente a obra da regeneração humana. Infelizmente, a falta de doutrina scientifica, que é só o que póde permittir a realização dos votos desses grandes homens, não deixou que elles resolvessem o problema cuja urgencia sentião. A dissolução do regimen theologico militar continuou, pois, cada vez mais aggravada pelas devastações da metaphisica democratica, emquanto Augusto Comte elaborava a religião final. Hoje a doutrina existe, e a Humanidade apenas espera que surja outra legião de Frederico, Danton, Washington, Bolivar, Francia, Toussaint, José Bonifacio, etc, para pôr termo á revolução moderna.

Seja qual fôr a demora do advento dessa nobre pleiade, o passado da Humanidade nos garante que ella ha de surgir; e esta certeza nos basta para arrostar as iras e os desanimos dos nossos contemporaneos.

A' vista de tudo quanto precede, fica patente que nenhuma razão tem o Almirante Jaceguay para vir atacar uma doutrina que não conhece e um projecto cuja realisação figurará entre as mais gloriosas das tradições legadas aos nossos filhos. E, em troca das offensas gratuitas que nos forão dirigidas, nos limitamos a fazer votos para que estas reflexões conduzão o Sr. Almirante a dar ao seu patriotismo um objecto mais em harmonia com as generosas tradições catholico-feudaes da nossa raça e mais de accordo com as fraternaes emoções internacionaes que hão de animar a Posteridade Brasileira.

Pelo Apostolado Positivista do Brazil,

R. TEIXEIRA MENDES, Vice-Director.

Rio de Janeiro, em nossa séde, 25 de Archimedes de 111  
(19 de Abril de 1899).

---

## Appello ao povo

---

APPELLO DIRIGIDO AOS VERDADEIROS REPUBLICANOS, NO  
DIA 2 DE MAIO DE 1899 PARA A RECEPÇÃO DO MINISTRO  
PARAGUAYO, DR. FERNANDO ITURBURU :

*Cidadãos* — Pondo inteiramente de lado as criticas superficiaes e descabidas daquelles que até hoje se têm tornado, em todos os tempos e em todos os logares, os tristes orgãos de uma deploravel fermentação revolucionaria, vimos apresentar-vos o cordeal appello, sufficientemente motivado pela tocante elevação civica das nossas mutuas convicções politicas.

Dirigimo-nos ás almas honestas e esclarecidas, aos verdadeiros republicanos, animados da mais soberana e generosa indiferença para com os detractores quaesquer, por mais apavonados que sejam os titulos pedantescos com que a ignorancia servil e inepta os tenha procurado enfeitar.

Partidarios entusiastas do solemne projecto que emocionou a grande alma de Benjamin Constant — o immaculado fundador da Republica—o homem privado e publico que já offereceu em nosso paiz o maior numero de garantias moraes e mentaes, convidamos os nossos correligionarios ao cumprimento de um dever supremo, que decorre naturalmente do grandioso programma da sã politica republicana.

*Cidadãos*—A verdadeira significação e o legitimo alcance social que se realizou em nossa Patria a 15 de Novembro de 1889, não consiste essencialmente na demolição simultanea da realza e da theologia, duplo preambulo necessario da grande regeneração moderna.

*Não se destróe senão o que se substitue.*

Ao lado da eliminação imprescindivel destes dois destroços do velho e corrompido regimen theologico-militar, a trans-



formação republicana supõe modificações radicais nos costumes, nas opiniões e nas instituições modernas.

D'ahi a verdadeira explicação do malogro completo das revoluções politicas dos nossos tempos e origem dos nossos dolorosos desastres de toda ordem.

Para a quasi totalidade dos nossos homens publicos, a monarchia cede inteiramente logar á Republica, quando ao antigo rei vitalicio succede um presidente eleito por um prazo que mal lhe permite sequer orientar-se da situação geral dos negocios!

A par desta irrisoria futilidade, permanecem necessariamente todos os velhos desmandos, todas as miserias sociaes, aliás avultadas pelas novas ambições que a revolução traz comsigo.

Não encaramos, porém, assim a grande obra de Benjamin Constant.

Para nós, a transformação politica de 15 de novembro, como a revolução social de 13 de maio, impoz deveres de toda a ordem, cujo escrupuloso cumprimento affecta a grandeza moral e material da Patria.

Dentre todos estes deveres, cidadãos, sobresaem justamente os que dimanam das nossas relações internacionaes as mais intimas e delicadas. Necessariamente a Republica não pôde, nem deve herdãr a politica diplomatica de receiosa desconfiança com que a monarchia nos tornou odiados no Prata.

O cavalheirismo republicano nos impõe para com os povos irmãos que cohabitam comnosco a mesma porção do planeta, uma politica internacional caracterizada pela mais affectuosa e sincera cortezia.

E a este respeito, a honrosa primazia já nos foi nobremente disputada pela mais poderosa dessas nacionalidades irmãs.

Festejando fraternalmente a nossa revolução social de 13 de Maio, e antecipando-se em ser a primeira nação do mundo a reconhecer oficialmente a Republice Brasileira, a patria

Argentina nos mostrou o caminho a seguir nessa sabia e santa direcção.

Perante esse quadro de enternecedoras emoções, em que apenas tccamos de leve, hesitem, pois, cidadãos, os infelizes, grandes ou pequenos, incapazes de saborear-lhe a magestosa grandeza.

Recuem apavorados os que a corrupção monarchica atrophiou moralmente para estes lances maravilhosos da grandeza humana.

Não nós, republicanos civis e militares; não nós que sentimos e assimilámos á prodigiosa acção moral e civica de Benjamim Constant e Floriano Peixoto !

E' preciso que as patrias paraguaya, uruguaya e argentina saibam e comprehendam que no seio da Patria Brasileira se operam transformações profundas, ao influxo da doutrina que orientou Benjamin Constant e perante a qual os sophismas e as aberrações quaesquer se reduzem as suas verdadeiras proporções.

E' necessario fazer-lhes sentir que a élite da mocidade brazileira, o elemento director do futuro nacional, aceita irrevogavelmente o problema republicano em seu conjuncto e em suas mais vastas reacções internacionaes.

Em que pese aos tristes orgãos de todos os vícios da politicagem imperial, dentro de pouco tempo, cidadãos, começará para nossa Patria o seu periodo de reparação exterior, sem o qual,—urge que se o diga claramente,—permanecerá em aberto o problema da instalação nacional da verdadeira politica republicana.

Gradualmente applicada, ella visará primeiro;—conforme o nobre projecto do grande patriota,—a principal victima da desastrada guerra que a prepotente ineptia imperial desencadeou entre quatro povos irmãos.

Annullada energicamente a divida da guerra fratricida, e restituídos solememente os respectivos trophéos, teremos dispensado ao heroico Paraguay o que a nobre solicitude de verdadeiros irmãos nos impõe.

Assim será dada plena satisfação a este abençoado anhelado republicano de todas as almas nobres, tão antipathico aos vãos representantes dos odiosos preconceitos monarchicos.

A republica completará e consolidará a sabia politica de paz e prosperidade pela annullação solemne de todos os aviltantes tratados que a politica imperial impoz aos povos irmãos, principalmente daquelles que—*firmados em nome da Santissima e indivisivel Trindade*—os forçavam a restituir aos barbaros senhores as nossas desgraçadas compatriotas escravas, que procuravam fugir aos horrores da monstruosa instituição!

Dirigindo-nos, como nos dirigimos, aos verdadeiros patriotas, o que ahi fica é o quanto basta para despertar-lhes os melhores sentimentos que honram e enaltecem a alma humana. No meio da profunda depressão publica que caracteriza a situação actual, é mister que se faça sentir alguma coisa de grande e esperançoso, que recorde os dias solemnes da Patria. Pois bem, cidadãos, dentro de dois dias estará entre nós o representante diplomatico dos nossos irmãos paraguayos. No dia 3, anniversario do descobrimento do Brazil, deve se achar em aguas da capital da Republica dos Estados Unidos do Brazil o Snr. Dr. Fernando Iturbúru; e o dever dos republicanos brazileiros está traçado pelos elevados sentimentos de fraternidade universal, que caracterizam as suas incomparaveis convicções. Repellido os miseraveis sophismas dos nossos trapalhões politicos, quaesquer que elles sejam, precisamos e devemos fazer sentir ao valente e heroico Paraguay que a Patria Brazileira já começou a se desprender do seu erroneo passado e procura captar a doce estima e a inabalavel confiança de suas irmãs platinas.

Além, cidadãos, das razões de ordem moral que nos dictam essas fraternas disposições, existem elevados motivos de natureza politica.

Uma das victimas, dentre as nações da America do Sul, da indigna e insupportavel prepotencia dos governos e capi-

---

talistas europeós, vemos a necessidade de uma alliança sul-americana contra tão inqualificavel exploração.

Vencendo descabidos preconceitos e rivalidades, devemos repellir de commum accôrdo a tyrannia estrangeira pelos esforços combinados e engrandecidos das patrias irmãs.

Taes são summariamente, cidadãos, os moveis que animam a commissão Benjamin Constant, e tal o appello que ella se julgou no dever de apresentar aos seus dignos correlligionarios, em cujo concurso confia para brilho dessa tocante manifestação ao nobre povo paraguayo, na pessoa de seu illustre representante.

Capital Federal, 1 de Maio de 1899—11° da Republica Brazileira.

RAUL GUEDES.

Pela commissão Benjamin Constant.

---

## Recepção do Ministro Paraguay

No dia 30 de Abril de 1899 recebemos do CENTRO PARAGUAYO de Buenos Ayres comunicação da partida do nosso ministro, em 29, daquella Capital e immediatamente communicamos á imprensa e a algumas corporações nossas amigas conforme pedido que nos haviam feito. Pelas indagações que fizemos soubemos que o paquete *Nilo* em que vinha o Sr. Iturbúru, teria de amanhecer neste porto no dia 3. Precisavamos, pois, estar a bordo logo cedo; assim marcamos a hora do embarque ás 6 1/2 horas. Era uma hora impropria para os que não residissem no centro da cidade. Ainda assim a concorrência foi grande, indo as lanchas completamente cheias de convidados e pessoas do povo.

Coincidio a entrada do *Nilo* quando todas as fortalezas da barra e navios de guerra salvavam com vinte e um tiros cada um o dia 3 de Maio, que era data do descobrimento do Brazil. Dir-se-ia que era o pavilhão paraguay que o *Nilo* trazia garboso no seu mastro principal, que era assim cumprimentado!

*O Paiz*, *O Jornal do Commercio* e *A Tribuna*, apezar da hora inconveniente, fizeram-se representar por um dos seus redactores, sendo: pel' *O Paiz* o Sr. Gomes da Silva e pelo *Jornal* o Sr. Coronel Ernesto Senna.

Transcrevemos agora a noticia dada pel' *O Paiz*, descrevendo a chegada e recepção que teve o Sr. F. Iturbúru:

« Chegou hontem a bordo do *Nilo* o Dr. Fernando Iturbúru, ministro plenipotenciario do Paraguay em missão especial junto ao nosso governo.

« O digno representante da nação amiga teve significativa recepção, não só por parte da colonia paraguaya como dos brasileiros.

« O *Nilo* amanheceu no porto desta Capital.



« Cerca das 7 horas da manhã, largaram do cáes Pharoux as lanchas *Marechal Bittencourt* e *Clarita*, conduzindo esta o commendador Joaquim Arsenio Cintra da Silva, consul do Paraguay; a commissão do Centro Paraguayo, composta dos Srs. Leonardo Torrents, Dr. Manoel del Castillo, Juan del Castillo, pharmaceutico Braz Antonio Duarte, Honorio Acosta, Adolpho Acosta, Marcos Ayala, Romão Maciel, Santiago Villalba, João de Freitas Travassos Filho e José Antonio Gamarra; representantes do *Apostolado Positivista*, da commissão Benjamin Constant, do Club Republicano Benjamin Constant e da imprensa, diversos officiaes do exercito e outros cavalheiros, entre os quaes notamos o Dr. Raul Guedes, capitão de mar e guerra José Carlos de Carvalho, capitão Gomes de Castro, 2.<sup>os</sup> tenentes Ricardo Berredo, Armando Berredo, Neiva e José da Cruz Araujo, Dr. Generino dos Santos, Agilberto Xavier, 1.<sup>os</sup> tenentes Graça Aranha e Montenegro Cordeiro.

« Em seguida ás visitas da saúde e policia do porto e da Alfandega, saltaram a bordo do *Nilo* os manifestantes, que occuparam o salão do paquete.

« O Dr. Fernando Iturbúru não se fez esperar, sendo apresentado ás pessoas presentes pelo consul do Paraguay.

« O Sr. Leonardo Torrents, presidente do Centro Paraguayo, pronunciou um discurso dando as boas vindas ao Dr. Iturbúru, fazendo votos para que sua missão seja coroada de feliz exito.

« Ao terminar, o Sr. Torrents ergueu vivas aos pavilhões tricolor, representado pelo Sr. ministro, e auri-verde pelos cidadãos presentes, « filhos da generosa Republica Brasileira.

« Ao Dr. Iturbúru foi entregue então uma caixa de veludo carmezim, forrada interiormente de setim das côres paraguayas, contendo um artistico cartão de prata, tendo gravadas as armas da Republica Paraguaya, dedicatoria e os nomes da commissão do Centro.

«Em nome do Apostolado Positivista orou o Sr. Montenegro Cordeiro, proferindo um inspirado discurso em hespanhol.

«Pela comissão Benjamin Constant fallou seu presidente Dr. Raul Guedes, que na pessoa do Dr. Iturbúru, saudou a Republica do Paraguay fazendo votos para que se estreitem fortemente os laços de amizade entre paraguayos e brasileiros. Concluindo o seu discurso, o Dr. Raul Guêdes offereceu ao representante da nação amiga a biographia de Benjamin Constant, em dois volumes bellamente encadernados, tendo a seguinte dedicatória :

« AO DIGNO REPRESENTANTE DA HEROICA PATRIA DE FRANCIA, CIDADÃO DR. D. FERNANDO ITURBURU, COMO O MAIS EXPRESSIVO PENHOR DOS SEUS SENTIMENTOS RELIGIOSOS E ESPECIALMENTE DE REPARAÇÃO PARA COM A GLORIOSA VICTIMA DA NEFASTA POLITICA IMPERIAL NO PRATA—RIO, 2 DE MAIO DE 1899, 11.<sup>a</sup> DA REPUBLICA—A COMMISSÃO BENJAMIN CONSTANT. »

«O capitão Dr. Gomes de Castro saudou em eloquentes phrases o ministro paraguayo.

«Em nome da imprensa fallou o coronel Ernesto Senna, do *Jornal do Commercio*.

A todas as saudações respondeu affectuosamente o Dr. Iturbúru.

---

«A's 9 horas da manhã desembarcou o Sr. ministro acompanhado dos manifestantes, dirigindo-se para o Hotel do Globo, onde foi servida uma taça de champagne, sendo trocadas amistosas saudações.

«A directoria do Centro Paraguayo convidou então o Dr. Iturbúru, representantes das diversas commissões e da imprensa a almoçarem no Sylvestre, para onde se dirigiram.

«Durante a viagem o illustre hospede, devastando o panoramada cidade, manifestou-se agradavelmente impressionado, sendo-lhe mostrado os pontos principaes desta capital.

«No restaurant do Sylvestre foi servido opiparo almoço.

«Ao champagne levantaram-se muitos brindes, entre os quaes destacámos o do commendador Cintra da Silva, que, como brasileiro, saudou a honrada colonia paraguaya, destacando o Sr. Leonardo Torrents; deste distincto negociante á redacção d'*O Paiz*, respondendo o nosso representante; do Dr. Iturbúru aos seus compatriotas e ao Brazil; do commendador Cintra da Silva ao Sr. Decoud, ministro da relações exteriores do Paraguay; do Sr. Adolpho Acosta ao Apostolado Positivista do Brazil e do Dr. Manoel del Castillo aos presidentes Drs. Campos Salles e Emilio Aceval.

«Durante a festa reinou a maior cordialidade.

«Descendo do Sylvestre, foi o Sr. minissro do Paraguay á Repartição Geral dos Telegraphos, communicando ao seu governo a amistosa recepção que tivera.

«O Centro Paraguayo telegraphou ao jornal *La Prensa*, de Assumpção, dando noticia do modo por que fôra recebido o representante do Paraguay.

«O Dr. Fernando Iturbúru partiu hontem mesmo para Petropolis, de onde tenciona descer depois de amanhã.»

Segundo opinião do Sr. Cintra da Silva e representantes da imprensa, «ainda não tinha havido exemplo igual, isto é, de um ministro de uma nação estrangeira ser recebido da fôrma brilhante que o foi o do Paraguay, nesta capital».

E' quanto basta para nossa satisfação intima, principalmente sendo a colonia paraguaya que a promoveu, a menor de todas as outras no Rio de Janeiro.

---

## A Balela da Annexação

« A ideia da annexação não tem aqui nenhuma aceitação, porque o passado gloriosissimo de nossa Patria é uma garantia segura do seu futuro, pois existe uma profunda fé em seus destinos, fé alimentada por outra parte, pelo ardente e entusiastico patriotismo de seus filhos.

Um povo como o paraguay, em cujos corações borbulham as ideias supremas da Patria, morre, porém não se escravisa nunca !» — J. C. CENTURION. — Maio, 2 de 1880. (Confidencial).

Andam por ahi uns tantos inconscientes do que dizem ou affirmam a espalhar que : o Brazil não deve desistir da divida de guerra, porque a Republica Argentina tratará logo de annexar o Paraguay.

Isto é exactamente o que os argentinos diziam (com relação aos brazileiros) ultimamente, quando a imprensa Argentina começou a applaudir a ideia, de modo que : aqui ha receio que o Paraguay livre dessa divida se lance aos braços dos argentinos ; e, na Republica Argentina no caso que elles cancellem a divida e o *Brazil não*, que este force o Paraguay a annexar ao Brazil.

Só o desconhecimento, por completo, da altivez dessa nação e do seu passado gloriosissimo de civismo, a toda prova, poderá por um momento, admittir a possibilidade do Paraguay annexar-se a qualquer dos dous paizes referidos, que foram antes de tudo : — os seus principaes algozes !

Quizesse o Paraguay annexar-se ao Brazil, á Argentina ou a qualquer outra nação — quem o impedirá ? A sua supposta divida ?

Ainda mesmo que em direito fosse sustentavel essa divida, a nação que o annexasse tomaria de muito bom grado esse com-

promisso que é uma insignificancia diante da riqueza territorial do Paraguay, ainda mesmo depois da civilisadora PARTILHA!

Uma vez por todas fiquem sabendo que o *Paraguay não se annexará nunca á nação alguma e mui principalmente ao Brazil e á Argentina aos quaes deve a sua desgraça actual*. Se não conseguiram annexal-o logo, depois da guerra, muito mais difficil lhes será hoje ou amanhã...

O principal motivo porque o Paraguay não se annexará a esta ou áquella potencia é especialmente acima de todas as outras razões, pelo amor extraordinario que cada um dos seus filhos tem pela Patria. Desde o mais illustrado até o mais ignorante homem do povo, colloca em primeiro lugar, isto é antes da propria familia,—a sua Patria.

As mulheres paraguayas ensinam, assim, aos filhos, de modo que, para (pela força) uma nação conseguir annexal-o não bastará sómente eliminar o ultimo dos homens, será preciso eliminar tambem a ultima mulher que existir e mais do que isso —a ultima criança!

Talvez não exista povo que mais idolatria consagre á sua Nação do que o paraguayo. O sentimento patrio é em gráo tão elevado, que parece até fanatismo. Basta recordarmos o que foi a ultima guerra e a parte activa que a mulher paraguaya exerceu nessa luta titanica para avaliarmos o valor desse fanatismo pela Nação que lhes deu o berço.

O fanatismo no Paraguay não era como aqui se pensava: synonymo de ignorancia; «morrer no campo de batalha e resuscitar em Assumpção» e outras balelas inventadas no Paço de S. Christovão como as que se inventaram tambem ultimamente para o Antonio Conselheiro (Canudos) «caso (os jagunços) morressem em combate iriam para o céu.»

Isso tudo é exploração propria da guerra e os cerebros pouco cultivados a vão aceitando com muito mais facilidade que os outros.

O fanatismo não é mais do que o amor em gráo elevadissimo.



Vejamos a proposito um artigo que publicou no *Jornal do Commercio* um dos seus redactores, em 12 de Março de 1899 :... «Si bem que vencido (e nem o podia deixar de ser) a campanha dos cinco annos foi *pelo menos* tão gloriosa para o Paraguay como para as nações alliadas.

Resistiram e combateram com um fervor de heroismo dignos de melhor causa (1). Soldado mais valente do que o paraguay, difficilmente se encontrará. Os officiaes que lá militaram são concordes a este respeito. Fanatismo ! objectarão alguns.

— Oh ! pensam os senhores, existir, por ventura algum genero de bravura e de intrepidez que não seja consequencia immediata do fanatismo ?

Fiquem certos de que o homem de sangue frio, não fanatisado por algum sentimento ou por alguma convicção, não passa de poltrão egoista e interesseiro.

*Heróe* é synonymo de *fanatico*. O denodo não raciocina. A intrepidez não reflecte. A temeridade é céga. O arrojo jamais se combina com a prudencia e a calma.

Os philosophos que verberam e condemnam o *Fanatismo* fingem ignorar que elle constitue a mola mais potente da humana individualidade. Em todos os termos... affirmo-o, sem espirito de paradoxo.

Fanatico não é tão sómente o soldado que morre em campo de batalha abraçado á sua bandeira ; nem tão sómente o crente supersticioso e intolerante, capaz de queimar vivos todos aquelles que menospresarem a sua religião.

Fanaticos são os grandes sabios, promptos em sacrificar a propria vida em holocausto á sciencia. Archimedes, Galiléo, Srerwet, Papin, Newton, Lavoisier, mil outros enfileiram-se em phalange gloriosa como *Fanaticos da Verdade*.

---

(1) Talvez ; mas, defe diam a Patria, pois desconfiava-se da CIVILIZAÇÃO E DA LIBERDADE que os alliados bondosamente prometteram levar ao Paraguay, e, infelizmente, confirmou-se esse recefo pelo procedimento posterior dos alliados:

O famoso *Pur si mueve* perpetuou a formula typica e immortal dos ardentes paladinos da verdade.

Naquellas épocas obscuras só os sabios muito corajosos e semi-douados tinham o topete de oppor ao fanatismo religioso o fanatismo scientifico.

Afinal de contas, que vem a ser o amor, como paixão exclusiva e suprema, considerado no seu mais elevado aspecto ? Fanatismo pela pessoa amada. Qual a essencia do patriotismo ardente ? FANATISMO PELA TERRA NATAL !

..... Quem escreve estas linhas teve occasião de passar pelo Paraguay, muitos annos depois da guerra.

Na cidade de Assumpção entrando na casa de um barbeiro, comecei a conversar com o mestre Figaro, segundo o costume usado em todas as casas desse genero dos dous hemispherios, passados, presentes e futuros. A palestra naturalmente, descambou para a campanha de 1865-70. — Nenhum dos Paraguayos presentes havia tomado parte nella, poi eram ainda jovens.

Do assumpto guerra para a pessoa de Solano Lopez havia apenas um passo a dar.

Quando pronunciei o nome do Dictador, percebi um *silencio* entre os circumstantes (8 a 10). Ficaram todos taciturnos.

Pensando que aquelle silencio significasse doce acquiescencia ao que eu estava dizendo, animei-me a proseguir, accusando a Lopez de haver infelicitado tão bello paiz e compromettido o futuro de um povo tão valente, laborioso e honrado. Nenhuma bocca se abria para me responder *sim* ou *não*. Reparei que nas faces do official que me estava barbeando, se formavam as duas rosas do pudor, phenomeno surpreendente.

Perguntei aos meus botões : estarei fazendo asneira ?

— Estava com effeito. Erguendo os olhos, por acaso, divisei o retrato de Solano Lopez, em moldura dourada, no centro da parede, em logar de honra. Oh ! encalistração minha !..

Dezenove rosas de pudor affloráram-me ás bochechas.

— Os Paraguayos eram *fanaticos* á memoria de Lopez ; quando elles proferem a phrase *El Mariscal* dobram o joelho.

Por tradição ou veneração, no Paraguay pouquissima gente actual o conheceu.

Em toda a parte e em todas as casas existe o retrato de *El Mariscal*.

O povo em geral suspira por um outro Solano Lopez...

... Note-se que só me refiro ao *povo* paraguayo, aquelle que prefere falar o *guarany* ao hespanhol. Certamente não trato das classes superiores da sociedade. Estas são tão illustradas e intelligentes como as classes superiores de outro qualquer paiz. »

Eis ahi a especie de *fanatismo* que existia, existe e existirá no Paraguay : o Amor em gráo elevado á loucura, se quizerem, pela Patria !

Esse *fanatismo* data antes da sua independencia e deve-o aos jesuitas por um lado e ao grande Francia por outro : aquelles formáram os primeiros homens que deviam aspirar a sua independencia da Metropole, — este como que fundio depois n'um só corpo e n'uma só alma o civismo e a nacionalidade paraguaya.

D'ahi a sua força já demonstrada e de quanto foi e será amanhã capaz o seu *fanatismo*, se forçoso for demonstral-o novamente.

Para os que não conhecem as tradições gloriosas do Paraguay offerecemos aqui um ligeiro esboço :

Em 1810 — a Provincia do Paraguay abandonada ás suas forças, unicamente repellio as intimações que lhe fez o governo revolucionario de Buenos Ayres ; repellio-o no terreno diplomatico pela resolução do Congresso da Provincia, que não quiz reconhecer nenhuma autoridade que directamente não emanasse da Hespanha ; as repellio no campo de batalha vencendo em Paraguay e em Tacuary o exercito que vinha a subjugal-a. As negociações diplomaticas que se succederam,

corôadas pelo tratado de 12 de Outubro de 1811 asseguraram a independencia de Paraguay.

Em 1813 — o governo do Paraguay rompêo suas relações com Buenos Ayres, que se negava a dar a satisfação as suas queixas. As relações se renováram unicamente quando o Paraguay obteve as satisfações que reclamava.

Em 1814 — forças paraguayas invadiram o territorio Argentino para evitar uma invasão de que estava ameaçado nosso territorio.

Em 1818 — uma esquadilha paraguaya atacou o porto de Corrientes e exerceu actos de represalia pela forma que ostilisava ao nosso commercio na navegação do rio Paraná.

Em 1824 — Francia se negou perentoriamente a receber ao ministro Argentino Sr. Cossío, devido a conducta que o seu governo havia tido para com o Paraguay.

Em 1826 — Francia despedio ao enviado brasileiro Corrêa da Camara e cortou as communicações com as provincias do Norte porque não attendia o Imperio as suas reclamações.

Em 1829 — Francia, como condicção prévia para renovar suas relações com o Brazil, exigio que se fixassem os limites do Paraguay, na parte septentrional e Oriental pelo Rio Branco e no Jaurú na parte occidental e, não sendo aceitas despachou ao encarregado de negocios que o Imperador lhe havia enviado.

Em 1831 — Francia protestou contra a venda feita pelo governo Argentino dos terrenos entre o Aguapey e o Uruguay, alegando sobre ellas, em favor do Paraguay, direitos de soberania e ameaçando destruir todos os estabelecimentos que n'elle se fizessem,

Em 1842 — Forças paraguayas atacaram as da Republica do Rio Grande e as obrigaram a retirar-se do territorio nacional, que haviam violado despojando-as do que tinham tomado.

Em 1844 — o governo do Paraguay como ultimo recurso ameaçou ao de Corrientes de invadir essa Provincia, reunindo

numeroso exercito sobre a sua fronteira, obtendo unicamente assim a celebração do tratado de 2 de Dezembro que facilitou a navegação pelo rio Paraná.

Em 1845 — o Paraguay declarou guerra á Confederação Argentina e invadiu o seu territorio acto continuo, depois de esgotados todos os meios suassorios. (4—12—45).

Em 1848 — Lopez expulsou, empregando a força, os Argentinos, das ilhas de Atajos e de Apipé no Paraná, occupando-as em nome do Paraguay como era de seu direito.

Em 1849 — forças do nosso exercito occuparam militarmente o territorio da margem esquerda do Paraná, que nos disputava, ha muito, a Confederação Argentina, sem titulo que a justificasse.

Em 1850 — expulsaram do Pan de Açucar as tropas brasileiras por ser essa montanha considerada como do Paraguay conforme Lopez reclamara, offerecendo documentos comprobatorios dos seus direitos.

Em 1853 — Lopez enviou os passaportes ao ministro brasileiro Pereira Leal e o fez sahir do paiz por não guardar com o chefe do Estado o respeito devido.

Em 1854 — cassou o exequatur do Consul norte americano Hopkins por insolente.

Em 1855 — o navio de guerra norte-americano *Water-Witch* foi rechaçado, á bala, pelo forte de *Ytapirú* por desobedecer as intimações que se lhe fizéram para retirar-se de um canal estrategico do Paraná, em que se havia introduzido.

Em 1855 — ainda uma poderosa esquadra brasileira foi enviada contra o Paraguay sob o commando do Sr. Pedro Ferreira de Oliveira para, empregando a força, apoiar as reclamações do imperio, e ao mesmo tempo em que nossas fronteiras terrestres eram ameaçadas pelos exercitos no Norte e Sul. O commandante das Tres Bocas negou passagem aos doze ou quatorze navios de guerra da esquadra que teve de largar ferro seguindo um unico navio *Amazonas* conduzindo o Sr. Oliveira até Assumpção, por ter sido o *unico* navio a quem se permittio subir o rio. O Sr. Oliveira subscreveo um tratado



que apesar de honroso para si e sua nação (1) lhe valeo um conselho de guerra ao voltar ao Rio de Janeiro.

A Santa Sé negou se a investir do bispado a pessoa proposta pelo governo paraguay e Lopez communicou a S. Santidade que não estava disposto a renunciar a nenhum dos seus direitos e que lamentaria, por desconhecel-os S. Santidade, tivesse de ver separar-se da sua obediencia a igreja paraguaya.

O bispo proposto foi em continenti nomeado.

Em 1859 — o Paraguay garantio e prometteu fazer cumprir com suas forças, o tratado de paz entre Buenos Ayres e a Confederação Argentina.

Em 1864 — o Paraguay foi arrastado a uma guerra que tinha de durar quasi seis annos, contra tres potencias alliadas para deffender a Republica Oriental do Uruguay da cilada do Imperio e da Argentina, os quaes, depois, conseguiram arrastar o proprio Uruguay tambem contra o Paraguay — que tão leal e amigo se havia mostrado para com elle !

Eis ahi ligeiramente o passado do Paraguay. Um povo como esse á quem desde o berço se ensina a amar e adorar a Patria ; onde o primeiro livro de leitura que se aprende no collegio é a « Historia Nacional » e o 2º livro a « Constituição da Republica », que, alem disso, ha da parte das mãis o especial empenho em incutir no espirito dos filhos, desde a mais tenra idade até a sua adolescencia, o fanatismo pela Patria, trazendo-lhes viva na memoria, diariamente, o nome e os feitos dos seus principaes homens, — póde sujeitar-se a todas as privações, a todas as calamidades, ás maiores das miserias, menos : — o de perder a sua nacionolidade !

Vejamos agora, ligeiramente, o que succedeu em Assumpção, quando pela primeira vez chegou n'aquella capital a noticia espalhada em Buena Ayres de que havia começado uma

---

(1) Tratado de amizade commercio e navegação em 28 de Abril de 1855 — *La Prensa-Asuncion*.

propaganda com o fim, de conseguir a sua annexação á Republica Argentina :

Foi annos depois da ultima guerra. O Paraguay lutava como ainda hoje luta, para melhorar as suas pauperrimas finanças e impulsionar as suas fontes de riqueza de que a natureza o favoreceo. Materialmente porém lhe faltavam todos os recursos.

Espalhada em Buenos Ayres a propaganda, com o fim de verem a maneira pela qual seria recebida pelo Paraguay, para proseguirem ou não ; chegou a noticia immediatamente á Assumpção, e apezar das melhores relações cultivadas entre os dous Governos, houve logo protestos e os mais exaltados já queriam fazer *meetings* para pedir ao governo a entrega dos passaportes ao ministro Argentino.

Foi o Sr. Dr. Benjamin Aceval homem illustradissimo e em extremo patriota, irmão do actual presidente, quem primeiramente denunciou esse plano ou boato com insistencia espalhado em Buenos Ayres.

No mesmo dia em que, como já dissemos, chegon essa noticia á capital paraguaya, formaram-se grupos numerosos nas praças publicas ; o povo em massa se levantou contra. Momentos depois a cidade estava em verdadeira revolução ; grupos diversos percorriam as ruas empunhando a bandeira nacional e dando vivas á Republica ! Boatos os mais terriveis espalhavam-se : « ter sido invadido pelo povo a legação Argentina ; que já o governo havia marcado 24 horas ao ministro argentino para deixar a Republica ; que o governo já havia posto um navio ás ordens da legação ; que ia ser chamada ás armas toda guarda nacional e o povo ». Piquete de cavallaria com armas embaladas percorrião as ruas nos pontos mais compactos ; a legação fora guardada por ordem do governo ; as casas commerciaes argentinas foram tambem garantidas por forças embaladas... e o tumulto ia crescendo de momento a momento com maior intensidade, esperando-se a cada instante um encontro do povo mais esaltado com a força

armada que procurava garantir a vida dos cidadãos argentinos.

Outros grupos com bandas de musicas percorriam as ruas tocando dobrados e marchas triumphaes executadas no tempo da ultima guerra; parávão diante das residencias dos velhos officiaes que haviam deffendido a Patria e eram saudados ao toque do hymno nacional; mulheres sobraçando o filho e impunhando a bandeira tricolor...

Os jornaes começaram a afixar boletins e telegrammas de diversos logares do interior noticiando os levantes e a indignação, por toda parte, do povo; outros despachos pedião ao governo forças para manter a ordem.

O Senado e Camara suspenderam a sessão, seguindo uns para o palacio a informar-se do que havia; outros ás praças publicas, para collocar-se ao lado do povo.

O governo multiplicava-se. Ao mesmo tempo que telegraphava para Buenos Ayres, e outros lugares recebendo as respostas e as respondendo novamente, tratava tambem de acalmar o povo e de tomar providencias para manter a ordem na capital e nos departamentos.

Discursos mais ou menos violentos pronunciaram-se em alguns pontos e *meetings*. N'uma das praças publicas surgio a figura sympathica do velho soldado, um dos que mais tem honrado a sua patria, o General Caballero. O delirio augmentava pois não ha no Paraguay patriota que não o venere, tão alto soube elle pelo seu civismo, impor-se as consciencias puras do seu paiz. A massa popular tornava-se cada vez mais compacta, homens já idosos ainda com as cicatrizes das feridas semi-abertas da ultima guerra, apoiando se ás bengalas lá estavam tambem; mulheres tendo ao colo o filhinho que lhes representava o futuro da Patria; homens, moços, enfim, desde o mais rico até o mais pobre lá estava, impulsionados todos pelo amor da Patria!

O General Caballero fallou ao povo, pedindo que tivesse calma e confiasse nas providencias que o governo da sua Patria saberia tomar, caso se confirmasse a ideia an-

nexionista dos argentinos; que tão disparatada éra esse ideia que elle, desde já, garantia ao povo que, o governo argentino não a patrocínava nem a poderia patrocinar; que o Paraguay em hypothese alguma se annexaria á Argentina, nem ao Brasil, nem a nação alguma por mais forte que ella fosse; que sentia-se orgulhoso de pertencer a um povo generoso mas tambem altivo e valente na defeza das suas instituições; que ao lado desse povo de tradições gloriosas offereceria elle de novo a sua espada e o seu peito contra qualquer nação que pretendesse desconhecer a independencia do Paraguay! Em seguida pediu ao povo que se dispersasse, o que realisou-se.

O seu pequeno mas vibrante discurso foi ouvido pela compacta multidão no mais profundo silencio.

Os animos forão desse modo acalmando-se e nas ruas mais publicas em pequenos grupos, era esse facto (da annexação) *comicamente commentado*! Verificou-se depois que tudo não passára de um trama politico, ou melhor, de um balão de ensaio... A idéia morreo ao nascer; ninguem, hoje, qu<sup>e</sup> tenha um pouco de senso e que não soffra das faculdades mentaes—admittirá siquer a possibilidade de um dia o Paraguay annexar-se a nenhuma nação e quanto essa annexação ao Brazil e Argentina é simplesmente irrisoria!

Só ha um meio unico de annexal-o, antes de perder de todo o seu CIVISMO: é com a elliminação do ultimo homem, da ultima mulher e da ultima criança!

E é preciso notar-se que existe para com a Republica Argentina as melhores relações, pois que franqueia os seus portos aos productos paraguayos, sendo alguns apenas taxados de uma fórma insignificante e, está sempre prompto a attender a qualquer pedido, nesse sentido do Paraguay, exactamente o contrario do que se dá com o Brazil, que taxou de tal forma os productos paraguayos e criou taes difficuldades que pode-se dizer—fechou delicadamente e em absoluto os seus portos ao Commercio paraguayo.

No tempo do imperio isso teria explicação, se bem que ridicula, mas na Republica... decididamente não comprehendemos!

O Sr. General Julio Roca, actual presidente da Republica Argentina já manifestou em carta que foi publicada pela imprensa paraguaya—O PRAZER IMMENSO QUE SENTIA EM CANCELAR A DIVIDA DE GUERRA E, QUE, A SUA REALISAÇÃO, APENAS DEPENDERIA DO IGUAL PROCEDIMENTO DA PARTE DO BRASIL. A imprensa argentina foi e é favoravel tambem. Aqui... vamos ver o que resolverão os dous presidentes, n'estes poucos dias...

O illustre Sr. Dr. Campos Salles fez parte do governo provisório, onde se distinguin pelo seu talento e patriotismo. Foi companheiro de Benjamin Constant e de Quintino Bocayuva que foi e é sympathico a idéa; pôde-se pois garantir antecipadamente que o illustrado presidente o será tambem, conhecida como é a sua orientação republicana.

Temos tambem esperança que da conferencia dos dous eminentes homens de Estado, resultará igualmente, uma politica mais fraternal e, talvez : a União Americana. Diante da sorte que coube por fim ao heroico povo Cubano que, apesar de votado pelo congresso americano, a independencia desse archipelago ainda não a vimos realizada ; diante da politica seguida nas Philipinas de expansão territorial ; diante do caso do Amazonas e da questão do Acre, precisa a America do Sul pensar NO DIA D'AMANHÃ e pôr-se á guarda dos executores da politica de MONROE que... á querem fazer talvez estensiva até o polo Sul do nosso continente ! A União Americana ha tanto tempo sonhada por Quintino Bocayuva, crêmos chegado o momento de IMPOR-SE como uma necessidade, mais do que isso como o unico meio talvez de garantirmos no futuro a integridade territorial de cada uma das nações da America do Sul, da cobiça Européa e Norte Americana !

Esta classe de ANNEXAÇÃO (si é que pôde ter esse nome), sim, que o Paraguay abraçará com immenso jubilo !



Que da proxima conferencia entre os dous estadistas nasça uma nova era de paz, progresso e união offensiva e defensiva, de toda a America e que, assim a Historia registre os nomes desses dous vultos com gratidão e respeito, é o que desejamos aos dous illustres republicanos.

## DIREITOS DE IMPORTAÇÃO

Dos productos paraguayos na Republica Argentina

Para servir de confronto com os direitos aduaneiros brasileiros :

### FUMO EM FOLHA

Em 1874	pagava por kilogramma	\$ 0,50	cent.
» 1895	» » »	» 0,30	»
» 1896	» » »	» 0,15	»
» 1897	» » »	» 0,12	»

### HERVA MATTE

*Anteriormente :*

Moida em terços de couro, por cada kilogramma .....	» 0,6	»
Em folha, por cada kilogramma.....	» 0,2	»

*Actualmente :*

Moida em terços de couro, por cada kilogramma .....	» 0,4	»
Em folha, por cada kilogramma.....	» 0,1 1/2	»

## MADEIRAS

*Anteriormente :*

Toda a qualidade de madeiras, inclusive cedro..... \$ 25 %

*Actualmente :*

Madeiras em geral..... » 25 %  
Cedro..... » 15 %

## EXTRACTO DE QUEBRACHO

*Anteriormente*, por cada kilogramma » 0,15 »

*Actualmente*, por cada kilogramma » 0,8 »

—

Canna de assucar, fructas frescas e legumes que o Paraguay exporta tambem em grande quantidade para a Republica Argentina são, absolutamente livres de direitos.

E' incontestavel que o governo argentino tem auxiliado assim a exportação paraguaya ao passo que o Brazil vedou, pcr meio de direitos absurdos, os seus mercados a essa Nação.

## Brazil-Paraguay

AO EMILIO ROUEDE.

O abysmo de odios cavado pela politica imperial entre o Brazil e o Paraguay—a que me referi num dos artigos da série precedente—*prova o atrazo moral do vencido* affirma convictamente Emilio Rouede.

E' deploravel esta logica. *Aos vencedores é que cabe sempre a generosa iniciativa do perdão e do esquecimento.* Querer que o vencido, o humilhado, A VICTIMA SACRIFICADA aos interesses do mais forte, seja quem olvide as luctas passadas e a vehemencia dos odios reinantes, é exigir da natureza humana um excepcional esforço de abnegação que só deparamos raramente, naquelles individuos cuja organização moral roça pelos esplendores da santidade.

O ADVERSARIO GENEROSO, quando triumpho, sente uma inclinação irresistivel para perdoar, para sympathizar com o inimigo subjugado, para alliviar piedosamente o ardor das chagas abertas na alma desfalecida dos vencidos.

Emilio Rouede, em cuja penna irrequieta o paradoxo esvoaça como um beija flor doirado e rutilante—pensa o contrario disso, entende que o vencido, sob pena de ser julgado em lamentavel atrazo moral, deve rojar-se humildosamente aos pés do triumphador orgulhoso e mendigar-lhe um perdão ignobil e aviltante...

Mas si o Paraguay, mantendo contra nós o seu odio de potencia derrotada e enfraquecida, mostra com semelhantes sentimentos *um grande atrazo moral*, NÃO SEI ENTÃO QUE É QUE MOSTRAMOS NÓS OUTROS, A MAIORIA DOS BRAZILEIROS, que, apesar de vencedores altaneiros e arrogantes, não temos piedade para com o vencido, e antes pelo contrario, vota-

*mos-lhes um rancor violento e pervalaz*, que o transcorrer dos annos não conseguiu amainar e que a todo momento se patenteia, ora nos protestos explosivos dos veteranos da campanha, ora na opposição que as classes armadas levantam contra a projectada restituição dos inglorios trophéos, ora na algazarra trefega e alvorotada do jornalismo contemporaneo, que explora industrialmente os episodios quaesquer surgidos á tona da publicidade.

Para o meu contendor o povo paraguayo é um povo *anemico, apathico, enfraquecido*, justamente porque se conservou quasi isento da mescla, que eu considererei espuria, da colonisação europêa, graças á patriotica e solícita energia do illustre e previdente Francia.

E' este um dos muitos paradoxos que Emilio Rouede não pôde sustentar a serio, deante da historia do Paraguay e dos ensinamentos da sciencia positiva.

Não é anemico, nem enfraquecido e nem apathico o valente povo que durante cerca de seis annos resistiu sosinho á guerra exterminadora que lhe moveram tres formidaveis exercitos colligados e que, no longo periodo da accidentada e asperrima campanha, passou estoicamente por angustiosas attribulações e dolorosos revezes, affrontando com civico destemor as inclemencias da natureza e as correrias hostis da soldadesca adversa !

Não é anemico nem enfraquecido o povo que em linha recta descende da brava nação aborigene dos guaranys, esse povo que, sem hesitar, acercou-se do seu chefe supremo na hora solemne do perigo, disposto a vencer ou morrer ao seu lado na defeza heroica da patria invadida e conquistada e da qual os estrangeiros victoriosos os separavam dia a dia tornando cada vez mais remotas, mais longinquas, mais affastadas e distantes as suas encantadoras e melancolicas paragens !

Com que afflictivo aperto d'alma não viam elles desapparecer ante os seus olhos a grande terra natal, com a sua cordilheira altiva em cujas lombadãs a canelleira silvestre exhala aromas inebriantes; com as suas planicies fecunda<sup>s</sup>

e illuminadas que o rodar pesado das carretas de guerra desflorou e estiolou; com as suas lagoas tranquillias e remançosas de ondas azues, levemente arrepiadas pelo sôpro do terral...

A' riba solitaria dessas lagoas mysteriosas, as donzellas paraguayas iam descuidosamente ouvir outróra a enternecida confidencia dos moços enamorados, emquanto que hoje alli vão avelhentadas e soluçantes, chorar e rezar, por noites fóra, em recordação dos noivos esbeltos que os canhões avidamente devoraram, mas cujos beijos como que ainda pairam errantes na mesma diaphana athmosphera, á margem sombria das mesmas aguas, sob o docel emmaranhado dos mesmos bosques floridos, nos raios scintillantes do mesmo limpido luar...

Não é apathico nem enfraquecido o legendario povo que Francia, em menos de uma geração, ensinou a fazer duas colheitas annuaes, a amar as artes e a estimar a industria, e que agora resurge bellamente dos escombros de uma derrota funesta que talou os seus campos, devastou os seus lares, reduziu o seu povo, desfalcou os seus haveres, converteu uma patria, laboriosamente organizada, num montão informe de ruinas amalgamadas.

Para amar, para pensar e para agir—é preciso saugue; eis o que nos ensina a physiologia positiva, e si o povo paraguayoso fosse um debil conjuncto de individuos decrepitos e anemicos NÃO SABERIA AMAR COM TANTO ARDOR O SEU TORRÃO, VENERAR COM TANTA FIDELIDAAE O SEU CHEFE, DEFENDER COM TAMANHO DENODO A HONRA DA SUA BANDEIRA E A INTEGRIDADE DA SUA GRANDE PATRIA!

A colonisação européa lucrou tanto ou mais que nós com o cruzamento americano. Si ella nos trouxe o desenvolvimento scientifico, o progresso industrial, a cultura das bellas artes, as commodidades requintadas, os preciosos proventos da civilisação occidental, nós lhe transfundimos nas veias um sangue juvenil e impetuoso, a energia indomavel do character americano, a robustez physica da nossa organisação, com que a velha Europa, exhausta, depauperada e corrompida, politica



e religiosamente, viu-se renascer e rejuvenescer nas terras que o genio de Colombo lhe revelou!

O occidente gasto, envelhecido e anarchisado, cuja organização social se esbarrondára com o rompimento da admiravel unidade catholica, transmittiu-nos para aqui, a par das suas vastas conquistas mentaes e moraes, todos os vicios e fermentos da sua avançada decomposição, caracterisados em todos os aspectos da vida humana, tanto individual como collectiva, por um excesso brutal do orgulho e das outras paixões inferiores e por uma lastimavel escassez de bondade e correlativos sentimentos de sympathia e altruismo.

Emilio Reuede conta me ainda um commovente episodio relativo ao *abolicionismo* do ex-imperador do Brazil. Essa narrativa pertence aos dominios da legenda; a historia, em seus documentos irrefutaveis pinta-nos Pedro II como um typo exactamente opposto ao que Reuede nos descreveo.

Pedro II foi escravoerata, e para não romper a sua antiga solidariedade com os defensores da criminosa instituição, exilou-se para a Europa, deixando á princeza regente a responsabilidade e os encargos da iniciativa abolicionista.

Vejamos o que nos diz a historia imparcial a este respeito.

Desde 1825 que José Bonifacio, na sua celebre *Representação (que a Sociedade Emancipadora 27 de Fevereiro de Santos, mandou reeditar em opusculo)* reclamava energicamente a abolição da escravatura.

No entretanto, só depois do pronunciamento decisivo da Inglaterra é que o imperio decretou a 4 de Setembro de 1850 providencias tendentes á repressão do trafico de africanos, trafico este que só se extinguiu totalmente seis annos depois. Os *africanos* intitulados *livres*, só foram realmente emancipados pelo decreto de 24 de Setembro de 1864, e apesar do decreto de 28 de Dezembro de 1853 que os considerava alforriados *14 annos depois do dito decreto*, isto é, em 1867.

Os escravos pertencentes á nação e os que eram de *usufructo privativo da corôa* apenas um 28 de Setembro de

1871, pela lei Rio Branco, conseguiram sua liberdade, sendo em 1866, durante a guerra contra Lopez, libertados aquelles que estivessem nos casos de servir no exercito em operações.

Até 1871 os escravos ERAM VENDIDOS EM LEILÕES PUBLICOS COMO SIMPLES MERCADORIAS, E AS MÃIS ERAM ARRANCADAS AOS FILHOS MENORES E OS MARIDOS E ÀS ESPOSAS, CONFORME O GRADO, OS INTERESSES E MUITAS VEZES O BESTIAL INSTINCTO DOS COMPRADORES. A lei de 1871 amenizou até certo ponto essa monstruosidade, não permittindo a venda das mãis separadamente dos filhos menores de 14 annos.

Até 1886 —dous annos apenas antes da abolição e um anno após a agitação de que surgiu o gabinete Dantas—o imperador manteve o artigo 60 do codigo criminal que punia com a *pena de 50 açoutes por dia os réos escravos* e até 1887 vigorou a lei de 10 de Junho de 1835 que impunha aos captivos a *pena de morte SEM RECURSO ALGUM*.

Em 1885 era promulgada a lei Saraiva marcando preço para libertação dos escravos, e em 1888 realizada por facto de apoio em contrario das classes militares, a redempção immediata, como si o acontecimento que se deu neste anno não se pudesse dar tres annos antes.

Foram estes os actos abolicionistas do segundo imperador, para não tornarmos a fallar no celebre tratado, feito em nome da SANTÍSSIMA E INDIVISIVEL TRINDADE, obrigando a Republica Oriental, depois da campanha de 1851-52, a restituir ao imperio todos os escravos que fugissem para o territorio daquella nação platina !

ALBERTO SOUZA.

---

NOTA. Um dos artigos, da serie, publicados no edictorial «Diario de Santos» — (Santos, S. Paulo).

## Opinião da Imprensa Argentina

SOBRE A ENTREGA DOS TROPHÉOS E DESISTENCIA DA DIVIDA

*O Paiz* no edictorial de 24 de Março de 1899 publicou o seguinte :

— Eis o que a respeito da propaganda escreveu *La Prensa* importante jornal de Buenos Ayres, em edictorial de 1º do corrente :

« Entre as iniciativas que se têm feito no inicio do novo governo do Paraguay, figura uma, que tem sido aceita com sympathia pelas reuniões populares que se estão celebrando por esse motivo em Assumpção e que estamos convencidos que ha de contar com a adheção do povo e governo argentino.

Referimos-nos ao proposito, segundo consta, de dirigir-se aquelle governo aos do Brazil e Argentina, solicitando a desistencia da divida que tem com estas Nações, motivada pela guerra da triplice alliança, acto cuja realisação significaria por nossa parte — o de fazer patentes os sentimentos amistosos e de sincera sympathia que *La Prensa* tem defendido em todos os assumptos que se relacionam com essa Nação.

*A guerra da triplice alliança não foi uma luta contra o povo Paraguayo e sim uma operação politico-militar combinada a destruir uma tyrannia, que ameaçava ao Rio da Prata e que mantinha n'um doloroso estado de atrazo social e economico, a um paiz a que nos uniam os vinculos da commum origem e de uma amisade tradicional.*

Terminou a campanha militar com a desaparição do tyranno e com este as causas que motiveram essa momentanea suspensão de relações. Que a Argentina não brigou com o Paraguay senão contra a tyrannia, demonstra a sua attitude posterior com esse povo ; que jámais abrigou propositos de

conquista tanto que submetteu á arbitragem a pendencia da villa Occidental ; que nunca nenhuma vantagem quiz ou pretendeu obter da victoria das armas, como prova-o nunca tendo feito a minima questão para cobrar a divida de guerra, que como acto legitimo foi reconhecida.

Com estes antecedentes e dado o pé de relações em que encontra-se actualmente o Paraguay, a Argentina e o Brazil sem pleitos de qualidade alguma entre ellas que pertubem sua acção diplomatica, cremos com inteira convicção que nenhuma circumstancia pôde ser motivo para que por nossos irmãos do Paraguay não seja satisfeita a nobre aspiração, que alimenta seu povo e o seu governo.

Até agora a Argentina, fundada em reservas que obedeciam a um sentimento generoso, fazia nossos visinhos do Paraguay, considerado menos forte, não tinha feito ainda iniciativa alguma tendente á eliminaco dessa divida, porém, desde o momento que ella surgiu, cumpre pôr-se a seu serviço, SUSTENTAL-A COM TODO EMPENHO E LEVAR A SATISFAÇÃO DO POVO ARGENTINO AO CONHECIMENTO DO GABINETE BRAZILEIRO PARA QUE UNIDOS OS DOIS POVOS NA REALISAÇÃO DE TÃO NOBRES E ELEVADOS SENTIMENTOS PATENTEIEM AO MUNDO ESTE BRILHANTE EXEMPLO DE VERDADEIRA AMISADE ENTRE OS POVOS DA AMERICA DO SUL, que ennobrece por igual ao que esquece a divida como ao devedor, porque demonstra que um e outro têm sabido collocar-se no terreno da cordialidade que em taes actos podem realizar se com o applauso unanime das tres Nações.

As chancelarias de Buenos Ayres e do Rio de Janeiro deverão combinar sobre o assumpto, antecipando a qualquer acto do governo paraguay, resolve-o com amplos e generosos sentimentos de concordia, ou seja formulando sua renuncia absoluta á divida por indemnizações de guerra.

SEGUROS ESTAMOS DE QUE A GENEROSA NAÇÃO BRAZILEIRA HA DE RECEBER COM VIVA SYMPATHIA ESTA INICIATIVA E QUE SEUS GOVERNANTES SE APRESSARÃO EM LEVAL-A A EFFEITO.

A desistencia desse credito em nada affectará o desenvolvimento economico do Brazil e da Argentina, que possuem fontes de recursos em abundancia.

Em troca o Paraguay que vem lutando pela sua reconstrucção e tirando do seu solo os elementos para assegurar seus destinos se lhe abrirão as portas do credito exterior a que tanto affecta a existencia de uma divida desta natureza, relativamente pesada, considerando a potencia economica dessa Nação.

Idéas generosas e grandes como essa triumpham sempre.»

*La Nacion*, importante jornal de Buenos Ayres, faz no seu edictorial de 10 do mez passado, sob o titulo «A divida do Paraguay», as seguintes considerações:

«Já nos manifestámos DESDE O PRIMEIRO MOMENTO ADHERINDO, SEM RETICENCIAS, A SYMPATHICA INICIATIVA DE NOSSOS COMPATRIOTAS, RESIDENTES EM ASSUMPÇÃO, para que se liberte o Paraguay da divida de guerra que tem com o Brazil.

Achamo-nos no periodo de pacificação internacional, em que se trata de estreitar os vinculos de amizade, de fomentar relações e sympathias, de fazer desaparecer os vestigios de lutas passadas, de riscar e apagar animosidades que não têm razão de existir. Não ha de encontrar, por conseguinte, nem da parte dos governos, e menos ainda da parte dos povos, obstaculos insanaveis a uma iniciativa conciliadora, cujo effeito moral seria ainda maior que o effeito material, pois revelaria o desejo de contribuir ao renascimento de um povo, que conta com dotés e recursos sufficientes para conquistar um lugar saliente entre as nações sul-americanas.

Cumpria ao Brazil adoptar *em primeiro lugar tal iniciativa*, e é natural que com effeito tenha tomado a Associação Republicana daquela Republica, sendo de esperar que encontrará echo sympathico em outras corporações dessa Nação.



ENTRE NÓS «TEM TIDO O MELHOR ACOLHIMENTO, ASSIM COMO NO SEIO DA OPINIÃO DOS PODERES PUBLICOS DA REPUBLICA, QUE ESTÃO DISPOSTOS A COADJUVAR O SEU MELHOR EXITO, PARA CUJO FIM RECEBERÁ INSTRUÇÕES NOSSO REPRESENTANTE NO BRAZIL.»

Convém dissipar do horizonte internacional esta nuvem para entregar-se unicamente aos labores da paz e do trabalho, permittindo que a ellas se dediquem tambem da melhor fórma possivel as nações que nos rodeiam.» (1).

---

(1) Edictorial d'O País de 14 de Abril de 1899.

## A divida e os trophéos

Uma das folhas de maior prestigio no Estado de Minas Geraes, *A Gazeta de Oliveira*, publicou no seu editorial de 19 do Março de 1899 o seguinte artigo, que transcrevemos pelo conceito que essa folha nos merece :

« Accentúam-se cada vez mais as sympathias pelo Paraguay.

E são justas, concordemos. Precisavamos harmonisar de vez este continente sul-americano para que elle possa ser forte e respeitado.

Não sejamos pessimistas. O Paraguay é uma nação valente e nobre que bem merece as nossas sympathias. Que culpa têm os povos com os erros de seus governos? Travou-se entre a pequena e heroica nação e o Brazil uma luta cruenta e penosa por motivos futeis e nullos.

Hoje, volvidos annos de labor e esquecimento, não é natural que entreguemos os trophéos de guerra que o heroismo brasileiro conquistou dos paraguayos, uma vez que elles nol-os pedem? Não é natural tambem que, embora pobres e em más condições financeiras, relevemos-lhe a divida proveniente do erro dessa campanha desnecessaria?

Sim! Perdoemos e tornar nos-hemos grandes. As acções generosas engrandecem sempre e nós nada mais seremos com esse compromisso com que oneramos a Republica amiga.

Projectam-se festas ruidosas em homenagem ao ministro prestes a chegar e já se acham organisadas as principaes commissões e o programma a observar-se no dia do seu desembarque, ao qual concorrerão innumerables embarcações conduzindo representantes de todas as classes e a colonia paraguaya aqui residente.

O perdão da divida e a entrega dos trophéos estão, ao que assegura-se, resolvidos pelo governo brasileiro, e contam

com o apoio da população inteira desta capital e quicá do Brazil.»

Concluimos com a phrase de *La Prensa*, de Buenos Ayres, sobre o mesmo assumpto: « Idéas grandes e generosas, como esta, triumpham sempre ! »

# De omni re...

BRAZIL - PARAGUAY

## VII

« Io parlo per ver dire,  
« Nen per odio d'altrui, n'e per disprezzo. »  
PETRARCA. *Canzone IV-29*, pag. 333.

Antes de proseguir em nossos despretenciosos artigos sobre a questão Brazil-Paraguay, cumpre-nos tratar de um facto que a esta bem de perto se refere e que exige desde já a maior attenção por parte dos nossos concidadãos republicanos.

Noticia um telegramma de Assumpção, recentemente transmittido á grande imprensa, que uma gazeta daquella capital lançou aos ventos da publicidade a idéa de fundar-se alli uma associação com o fim de propugnar pela annexação da Republica Paraguaya á Argentina.

E que direito temos nós de censurar o Paraguay, por querer atirar-se aos braços da Argentina? E se isto, porventura, se realizar, não caberá tão sómente á *desorientada politica brazileira* a culpa de um acontecimento que a sua alçada competia ter evitado a todo transe, visto poderem resultar delle obstaculos funestos á nossa Patria?

O Paraguay tem menos queixas da Argentina que do Brazil. Com aquella não teve attritos antes da guerra de 1864, e, durante esta, elle contava certo com as sympathias de grande parte da sua vizinha meridional. Mitre não consultou a maioria dos seus compatriotas, para commetter o grave erro de entrar na triplíce alliança; tanto assim que o contingente da sua nação, a principio de 11.000 homens, baixou depois e até o fim da luta a pouco mais de 4.000 combatentes.

Os federalistas argentinos almejavam a victoria de Lopez, a qual seria a victoria de seu partido. O terrivel caudilho D. Justo Urquiza, omnipotente em Entre Rios e exactamente o mesmo que em 1851, se allia a Pedro II contra Oribe e Rosas, não forneceu um unico soldado contra o dictador de Assumpção. Terminada a campanha, a Argentina, que tantos proventos soube auferir da luta, quasi rompeu relações com o Brazil por querer este negociar a paz separadamente, e bem pôde-se dizer que o que ella temia era que ao *mais forte coubesse o maior quinhão na partilha dos territorios avidamente cubiçados* e dos trophéos encharcados no sangue de milhares de martyres.

Os resquicios odientos desapareceram depressa entre as duas ribeirinhas da margem direita do Paraná: identica fórma de governo, relações sociaes, civis e commerciaes intimas, tudo contribuiu para o rapido deslumbramento das mutuas affrontas bellicas.

Ponha-se agora em paralelo a esse o procedimento posterior do Brazil. Em vez de approximar-se do Paraguay, para que o Paraguay se approximassemos de nós, restituindo-lhe os trophéos e perdoando-lhe a divida de guerra, no que não faria mais que satisfazer uma digna aspiração humanitaria, tanto mais honrosa para nossa Patria quanto sabe-se que ella, em territorio e população, é mais de 30 vezes superior á terra de Francia, a maioria dos nossos politicos e folicularios vivem a erivar a misera nação de baldões e doestos, completamente improprios da generosidade brazileira, reavivando aggravos que a magnanimidade e a ternura das nossas concidadãs ha de fatalmente estigmatizar, no dia em que ellas puderem bem avaliar o horripilante martyrio da mulher paraguaya.

E não é só isso. A nossa diplomacia, que não soube obstar a que a Argentina se assenhoreasse de Martin Garcia, ilha que domina a entrada do Prata e que nos garantiria a passagem para Matto Grosso, e o nosso governo, que não curou nunca de ligar Cuyabá e Assumpção a um bom porto do Atlantico brazileiro, como Santos, chamando para o nosso



lado o commercio paraguayo ; — a nossa diplomacia e o nosso governo, como nos é licito deduzir de taes incurias, são bem capazes de acreditar que os generaes J. B. Eguzquiza, B. Caballero e Escobar, todos tres ex-presidentes do Paraguay, o coronel Centurion e J. S. Decoud, dois notaveis estadistas e diplomatas, *não gosam de influencia politica na sua patria*, conforme já se contou á imprensa do Rio. Por um pouco que nos ia cahindo do bico da penna o tão conhecido — *quod gratuitè affirmatur, gratuitè negatur*. Porventura bastaria um só golpe de despiedoso montante de uma *carta ex diplomatica* para aniquilar inteiramente o prestigio de tantos homens illustres, a que obedecem tantos *jefes* locaes, aferrados, como aqui, e lá por mais necessidade ainda, a directores centraes ?

Tem causado extranheza a orgãos da imprensa fluminense a attitude dos jornaes da capital Paraguaya no tocante á devolução dos trophéos e desistencia da divida por parte do Brazil.

Só quem conhece a nobre altivez e indomita energia d'aquelle povo heróe pôde bem avaliar e bem prezar a dignidade com que elle encara e espera o cumprimento do nosso inilludível dever para com a sua Patria.

Ao Brazil cumpre, de facto, arrepende-se solememente do hediondo peccado do egoismo monarchico ; e tal arrependimento, longe de deshonnar a nossa Patria, a ennobreceria ainda mais aos olhos de todos aquelles em cujos corações palpitasse, ao menos, uma fibra de acendrado amor e de alevantado patriotismo.

Se a monarchia ainda existisse nesta terra, nós nos teriamos remettido a completo silencio no tocante á questão paraguaya, porque ao extincto regimen ficava tão bem guardar os sangrentos trophéos da sua barbara conquista, quanto não lhe ficára mal o ter alicerçado o throno vascillante e de pouca duração com os cadaveres de tantos compatriotas nossos, ferozmente immolados á sanha brutal, a atroz selvaticueza dos belleguins da realêza bragantina.

Mas, repudiando a monarchia, o Brazil deve tambem repudiar tudo o que ella nos legou de funesto e odioso, como, por exemplo, teria repudiado a escravidão moderna, si a Republica precedesse á abolição.

Se a nossa Patria fosse já Republica em 1864, póde-se assegurar que não se teria dado a collisão com o Paraguay, pois a guerra que a monarchia a este moveu não passou de um capricho palaciano, açulado por fataes antecedentes historicos, como havemos de elucidar dentro em pouco.

Os trophéos e a divida de guerra são, portanto, só e só da monarchia, e extirpada esta do nosso sólo, as sinistras reliquias com que ella profanou os templos da fé catholica devem voltar ás mãos dos seus legitimos donos—os heróes que sobreviveram á terribilissima hecatombe de sua brava nação.

Não podemos deixar de dirigir um enthusiastico applauso aos jornalistas de Assumpção, que estão dando provas inequivocas da cavalheirosa hombridade que sempre distinguui a terra paraguaya.

E esperamos tambem que o talentoso diplomata, que deve chegar em breve ao Rio de Janeiro, diga ao chefe do governo brasileiro:—O PARAGUAY NÃO PEDE, PORQUE NÃO SABE E NÃO DEVE PEDIR, APENAS AGUARDA, CONFIANTE, QUE O BRAZIL, ONDE NÃO HA MAIS REIS QUE ANTEPONHAM, O INTERESSE PESSOAL AOS INTERESSES COLLECTIVOS, CUMPA O NOBRE DEVER DE SALDAR PARA COM O PARAGUAY A DIVIDA QUE A HUMANIDADE IMPÕE A TODOS OS SEUS DIGNOS FILHOS—RECONHECER AS FALTAS DE UMA INFELIZ QUADRA DE DES-ORIENTAÇÕES MESQUINHAS E APAGAR-LHES OS TRISTES VESTIGIOS POR MEIO DE UMA BEM ORIENTADA CONDUCTA DE SINCERA CONFRATERNISAÇÃO.

Em meio aos travosos amargores que nos causam as pro-vações por que vae passando a Republica Brasileira, nada nos consola mais que a doce esperanza de ver a nossa Patria

tão grande moralmente, perante o concerto das nações occidentaes, quanto ella é grande em territorio!

Então, em vez de assemelhar-se ao monstro homericano, pois os trophéos paraguayos serão sempre nódoas sanguinas na tunica alvissima da Republica—a imagem da Patria, despidos os mal agourados adornos que ella herdou da monarchia, constituirá para nós, os verdadeiros crentes da fé republicana, o vexillo que nos ha de guiar, numa Ordem invejavel, para um invejavel Progresso!

BAZILIO DE MORAES. (1)

---

(1) Um dos muitos artigos publicados na columna de honra pelo importante jornal da Capital de S. Paulo—«Correio Paulistano». L. T.

## Fragmentos Historicos

Trechos de cartas escriptas por Benjamin Constant á sua esposa :

« ... Minha querida, diz-se que por todo este mez, começarão as operações decisivas. Não tenho, porém, fé nisto, apesar de haver por aqui algum movimento de preparativos. O que fôr soará .. Não sei se isto foi realmente com o fim de escolher o melhor plano, ou se foi algum pequeno ensaio de algum grande *baile de mascarar* que se pretende dar. Na discussão que houve espendi com toda a franqueza o meu fraco modo de pensar, disse algumas verdades, que não são boas de ouvir-se, propuz algumas medidas que me pareceram indispensaveis, tornei-me, como dizem os adulões — inconveniente — combati a idéa de deixar-se 2.000 homens no Curuzú, expostos a um golpe de mão, pois que a esquadra tem de subir, sem que delles se possa tirar o minimo proveito; mas disseram que era indispensavel sustentar aquella posição *onde levamos muita pancada* ... »

Como já disse, o que fôr soará. O que eu realmente de-sejo é que esta *porcaria* acabe o mais depressa possivel... Tenho-me exposto já muito e muito para que ninguem suponha que fujo ao perigo e felizmente ninguem ha que ponha isso em duvida (dos que cá estão) mas digo com toda a franqueza que tenho tido até remorsos disso, attendendo á *pessima* direcção que vão levando as nossas cousas, o abandono criminoso em que são deixadas e o nenhum resultado util que disso se tira para o militar, ou para o paiz. A HISTORIA IMPARCIAL HA DE UM DIA ANALYSAR COM SINCERIDADE JUSTA TODOS ESTES MEDONHOS EPISODIOS TODO CRIME QUE TEM AQUI COMMETTIDO O NOSSO GOVERNO, OS NOSSOS diplomatas e OS NOSSOS generaes, exceptuando os muito raros... »

(Paraguay — Curupaity, 6 de Março de 1867 — 35ª carta.)

.....  
« No dia 11 de Março pelas 11 1/2 horas da manhã, aproximou-se um piquete de cavallaria trazendo bandeira branca; mandei immediatamente cessar fogo nas linhas e dirigi-me para um laranjal para onde ia o piquete. Quando cheguei estavam os officiaes apeando-se; dirigi-me ao capitão paraguayano que commandava o piquete e perguntei-lhe com quem desejava fallar.

Disse-me que com um capitão oriental seu conhecido afim de que elle pedisse ao Marquez por parte de Lopez licença para que o ministro norte-americano que estava no Paraguay passasse ao acampamento alliado, mandei chamar o capitão e eu emquanto o esperava estive conversando com os officiaes paraguayanos. Chegaram outros officiaes nossos. Gostei muito de conversar com elles, achei-os muito trataveis, muitissimos delicados. Estavamos conversando quando da bateria fizeram tiros de bombas sobre as linhas paraguayanas, disse-nos o capitão (em castelhano): Vêm os senhores: « apesar de trazer-mos bandeira branca soffremos fogo por todo o caminho. » Notei-lhe que os paraguayanos provocaram-nos a isso por isso que fizeram fogo mesmo durante a passagem do piquete. Disse-nos que um engano de horas era causa disso, mas que affiançava-nos que dentro em cinco minutos haveria completa suspensão de hostilidades, o que de facto se deu.

O capitão, offereceu nos charutos e como estavamos fumando não aceitamos, eu fiz um cigarro e offereci-lhe: disse-me o capitão, com ar risonho: « eu desejava aceitar o seu cigarro, porém não quizeram aceitar os charutos que lhes offereci e por isso obrigam-me a não aceitar o seu offerecimento. » Disse-lhe que não tinhamos aceitado porque estavamos fumando, mas que aceitavamos agora para provar-lhes que não havia a menor intenção de molestal-os; então trocamos os cigarros, elles deram-nos laranjas, etc.

Chegeu o capitão por quem esperavamos, e então retiramo-nos. Foi um dia de festa em todo o exercito; os nossos sol-



dados trepavam sobre as trincheiras para conversarem com os paraguayos.

Eu fui a uma trincheira paraguaya, estive conversando com o official que elogiou muito os brasileiros, referindo-se ao ataque de Curupaity.

A's 4 horas, estava o ministro com o Marquez. No fim de dois dias o Marquez cortou a questão de propostas de paz de que o ministro era mensageiro, dizendo que *tinha ordem do seu governo para não fazer trato algum com Lopez*, que, se elle se retirasse, estava feita a paz e diga-lhe (disse o Marquez) que: « *ao inimigo que se retira se fornece uma ponte de ouro!!...*»

(Paraguay— Tuyuti, 20 de Março de 1867—36ª carta).

.....  
« Os correntinos andam assustadissimos. A epidemia já está em Itapirú e aproxima-se do exercito. Que fatalidade para o nosso desgraçado Brazil !

Parece que o céo cansou de proteger-nos, aborreceu-se de ver que não aproveitamos a sua extrema protecção á que unicamente devemos algum exito que a principio tivemos, *não obstante a pessima direcção de nossos governantes sem prestigio, sem fé, sem brio !*

(Corrientes, 3 de Abril de 1867.—39ª carta.)

.....  
«...Os jornaes da Côrte têm dito que a esquadra já subio acima de Curupayti, que tem arrazado estas fortificações, apresentam até um grande numero de mortos em cada bombardeio *e tudo isto é completamente falso*. A esquadra ainda não chegou á estacada de Curupayti, quanto mais ir além, *não arrazou cousa alguma*. Da posição em que está tem feito é verdade, fortissimos bombardeios que devem ter causado damnos ao inimigo; mas ninguem póde saber quaes são esses damnos; porque ninguem vê as muralhas de Curupayti, da esquadra ou do 2º corpo ; ha em frente á ellas uma matta que as encobre completamente ás nossas vistas».....

(Corrientes, 5 de Abril de 1867. — 40ª cart).

.....

«...ESTA INFELIZ GUERRA pouco tempo pôde durar : o inimigo está mais que fraco e o nosso paiz mais que cansado de sacrificios de gente e de dinheiro : a continuação deste estado de cousas exige um augmento de sacrificios de gente e dinheiro que é um impossivel para o nosso paiz.»

(Paraguay, Tujuty, 5 de Junho de 1867.)

.....

«...N'um supplemento do *Jornal do Commercio* de 4 de Maio vem uma carta de um francez que elogia muito os trabalhos de fortificação, caminhos cobertos novamente construidos á direita da bateria de D. Leopoldina (antiga dos morteiros).

Não sei quem é esse francez, nem se elle cá esteve realmente, o que é facto é que o elogiado foi o chefe da commissão de engenheiros e que, quem fez estes trabalhos fui eu, mas assim é que se escreve a historia ! »

(Paraguay, Tuyuti, 7 de Junho de 1867, 50ª carta).

.....

«...Depois que o exercito se poz em marcha temos tido pequenos encontros, sendo os de Tuyucué no dia 2 e 3, os mais importantes, pois, havia uma soffrivel força paraguaya, posto que a de Ozorio que as bateu, fosse muitissimo maior. Ahi morreram no dia 2 perto de 100 paraguayos, houve alguns feridos e prisioneiros e nossos muito poucos ou quasi nenhum fóra de combate...

Neste combate os paraguayos mostraram quanto são valentes e dedicados a Lopez ; morrem mas não se rendem.

N'um pequeno encontro que houve no dia seguinte vi quantos são bravos e fanaticos pelo—El Supremo — estas desgraçadas victimas do despotismo de Lopez.

Deu-se o seguinte : um piquete de cavallaria paraguaya composto de 10 praças ao mando de um official, foi completamente cercado por um corpo da cavallaria de Ozorio, fecharam e apertaram o circulo e, o commandante disse-lhes que se rendessem que se não seriam mortos. As lanças e as espadas dos nossos soldados reflectiam aos raios do sol e em cada uma

viam elles a morte que os esperava se tentassem resistir ou se não quizessem se entregar; mas no meio d'aquelle circulo de lanças que se apertava cada vez mais, diante da morte, aquellos homens—heróes não se esqueceram do juramento prestado ao seu despotico chefe, não se esquecem das ordens recebidas; este juramento, estas ordens tinham para elles mais valor que a vida, responderam que não se entregavam porque não tinham ordem do supremo governo; repetia-lhe o commandante de nossas forças que então iam ser mortos; responderam com a maior calma — morreremos pois! — e o commandante agitando a lança e dando viravoltas com ella, gritava: — *«Nó se rcondan Uds, sejamos Paraguayos hasta la tumba!»* Então começou a scena a mais horrorosa que se póde observar; as cabeças de uns eram arrancadas do tronco á um só golpe de espada, as dos outros rachadas a espada atirava longe os miolos, alguns eram arrancados de cima dos cavallos atravessados pelas lanças e no paroximo da morte mordiam as astes torcendo-se em horriveis convulsões, o sangue esguichando das feridas salpicava aos nossos soldados; d'ahi a pouco: nada mais havia que, um montão de cadaveres, ou por outra: um monte de postas.....

(Paraguay —Bordo do Cuevas, 7 Julho 86).

.....  
A seu pai, em Itapirú, 23 Janeiro 67:

«...Manda se tocar retirar quando o exercito tem transposto as trincheiras inimigas (16 e 18 de Maio), vejo que é a columna cerrada a disposição mais predilecta para atacar os pontos fortificados avançando-se sobre bocas de fogo, que vomitam bombas, granadas, cachos de uvas, laternetas, etc., (brilhante feito de Curuzú e Curupayti), que a infantaria *foge espavorida* ao grito de —ahi vem cavallaria!— que substituiu o grito atterrador que o Conde Lippe imaginava (vê-se isto todos os dias) (tactica em acção!), o acampamento de um corpo, de uma divisão, com o flanco ou rectaguarda voltada para o inimigo (castramentação!), *um exercito invasor* que não quer que se provoque o inimigo, recebendo sempre, em primeiro lugar, o fogo do inimigo invadido e respondendo

com acanhamento por ordem superior (talvez que ainda mandem os nossos batalhões fazerem fogo uns contra os outros para ver se assim acabam os Paraguayos! (energia!), um marasmo completo nas operações de uma guerra *offensiva*: porém immenso reboliço de paradas, formaturas quando passa o General, cortejo nos dias de gala a S. Ex. o imperador da commissão —(adulação, não! tributo ao merito!) dois exercitos que sahiram *dos povos que mais se odeiam* que se *hostilizam* no mesmo campo de batalha negando pão e agua um ao outro, em presença do inimigo commum (exercitos alliados!), ordem para que os officiaes *não uzem suas divisas* em dias de combate (bravura!), um fornecedor vendendo os generos ao exercito por um preço excessivamente maior do que se poderia obter de qualquer outro e até dos pequenos commerciantes que acompanham o mesmo exercito (economia!) encarregados de depositos de fardamentos e materiaes que vivem descansados e á larga, deixando que tudo apodreça ou leve descaminho (actividade e zelo!)...»

.....  
«Nossa sociedade a quem podiam tornar mais podre do que está com o seu contacto asqueroso, ahi vem para desafrentar a honra e os brios da nação brasileira!..»

De envolta com os CRIMINOSOS ahi vêm os ESCRAVOS libertados com o fim *muito nobre e humanitario* de obterem aquelles que os cedem ao açougue monstro do imperio, honras, condecorações, titulos de nobreza, posições officiaes, que lhes preparam resultados mais uteis do que lhes poderiam dar os estupidos e miseraveis captivos. Que patriotismo! Quanto *é moralisado o nosso governo* e o nosso paiz! Que bello futuro nos espera. Como *é nobre a classe militar á qual pertenco!* Quem não fará sacrificios para esta nossa bella Patria! Não podem pois os nossos governantes esperar mais auxilios de forças; o patriotismo morreu (não sei porque), *as cadeias já estão vazias de criminosos*, tres ou quatro escravos bastam para os maiores titulos de nobreza que o imperio possa dar...»

«... O que se deve fazer agora em que ha falta de braços que a guerra tem tirado e *o medo de ser caçado* para soldados tem embrenhado pelas mattas ao povo do interior de nossas provincias ? Esperar pelos recursos pecuniarios quando a banca-rota medonha e terrivel nos ameaça de perto ? E para que ?

«O Lopez não é susceptivel de suborno, NÃO SE VENDE. O Caxias suppoz que o mal adquirido prestigio de seu nome, com os immensos recursos de que o governo o rodeia PODIA ASSOMBRAR O PARAGUAY.

«A illusão desfez-se em frente á terrivel realidade !

«O exercito de *moedas* com que pretendia, como sempre, vencer o inimigo tem desaparecido esterilmente, e como esterilmente vai desaparecendo o exercito que estúpida e desageitadamente commanda.

« Os officiaes e soldados vão desaparecendo e em geral cada homem que morre é uma familia que fica ao desamparo, e que tem um futuro de miserias e *muitas vezes a prostituição*. E estes generaes assistem impassiveis aos gritos de agonia da Patria, aos dolorosos gemidos que soltão as victimas que vão fazendo por sua inercia, filha da sua ignorancia e cobardia. Adormecem indolentemente ao som dos hymnos que a miseravel lisonja e servilismo baixo e immundo lhes vão cantando aos ouvidos e têm sonhos agradaveis, victorias esplendidas, triumphos inauditos, e ainda mais dormindo communicam ao seu governo *suas sonhadas victorias*, seus planos estrategicos e a boa fé do paiz vai sendo ilaqueada. Ao acordar dos seus sonhos encantados têm os sentidos embotados e a chusma de lisonjeiros não os deixam ouvir os gritos de agonia das victimas, não os deixa ver os seus phantasmas errantes em torno de seus dourados leitos. » (Fragmento sem data)

.....  
 Ao seu pai (Corrientes, 5 de Abril de 1867) :

« Dizem os Correntinos que além de todos es *males* que lhes trouxemos veio como contrapeso o cholera devastar sua população e que se não fossem os *macacos* nunca esta epide-



mia os teria invadido. Não pôde fazer idéa como estão revoltados contra nós.....

« O fim principal desta resolução, segundo consta, é coagir o Marquez de Caxias ou ao governo brasileiro a *aceitar a paz com Lopez sem alguma das condições estipuladas no tratado da triplice alliança*.....

« Todos os officiaes e soldados andam armados. Acredite que desejo de coração que a revolução tome incremento e que nos venha dar uma occasião opportuna para rompermos á força de armas a DESGRAÇADA ALLIANÇA QUE A NOSSA DIPLOMACIA CONTRAHIU Á FORÇA DE SUA FALTA DE PATRIOTISMO, DE SUA MÁ FÉ, DE SUA IMBECILIDADE. Que desgraçada alliança! Estes alliados, creia, SÃO MUITO MAIS NOSSOS INIMIGOS DO QUE OS PROPRIOS PARAGUAYOS; porque não ha peor inimigo do que aquelle que finge ser nosso amigo. Sabe quantos homens compõe hoje os dois exercitos argentino e oriental... mil e duzentos!!... Sendo deste 250 orientaes e novecentos e tantos argentinos! E chamam a isto — exercitos alliados! Ora, realmente o Brazil não podia enlamear-se mais do que o tem feito nesta desgraçada guerra. E' o unico que concorre com todos os sacrificios e DESPEZAS DE GUERRA, que forneceu PESSOAL, ARMAS, MUNIÇÕES DE GUERRA E DE BOCCA, DINHEIRO ETC., e no entanto todos os jornaes argentinos e orientaes são unanimes em ultrajal-o continuamente, em promover-lhe toda a sorte de embaraços e attribuir aos alliados o POUCO OU NADA QUE TEMOS FEITO.» (1)

.....

---

(1) Vide *B. de B. Constant*, 2º. volume. Alguns gryphos são nossos. L. TORRENTS.

# APENDICE

# PROTESTO DO PERU'

e dos seus alliados do Pacifico, Chile, Equador e Bolivia

CONTRA A TRIPLICE ALLIANÇA

— — —  
LIMA, 9 DE JULHO DE 1866. (1)

*Snr. Encarregado de Negocios da Republica junto aos Governos de Buenos-Ayres, de Montevideo e do Rio de Janeiro:*

O actual governo provisorio, apezar das graves preoccupações de que se acha rodeado constantemente desde a sua installação, seguiu com grande interesse o curso dos successos que se desenrolaram nos Estados do Prata, e não cessou de fazer os mais fervorosos votos pela terminação de uma luta que necessariamente occasionará deploraveis males, não só aos Estados n'ella compromettidos, como tambem a toda a America do Sul. O Chefe Supremo absteve-se de analysar as causas que motivaram essa luta, porque só os Estados belligerantes podem ser juizes competentes para julgar de sua justiça e necessidade; porém, teve que prestar sua attenção aos resultados desastrosos que teria, maxime quando se faz a guerra no momento em que a parte occidental do continente é victima de uma iniqua aggressão européa, que na hypothese de que ella tenha sido corôada de exito, podia muito bem repetir-se sobre suas costas orientaes.

Bastou ao Chefe Supremo considerar que a guerra se fazia entre Estados Americanos para que desejasse com a mais

---

(1) Traduzida da versão franceza publicada em Paris em um folheto em 1º de Outubro de 1866.

viva solicitude ver a conclusão della. Esta solicitude ha de ser maior, si se tiver em vista a circumstancia de que, achando-se ameaçada toda a America por inimigo commum, era de necessidade concentrar as forças de todos seus Estados para sustentar em qualquer eventualidade a liberdade e independencia que todas reunidas conquistaram ha quarenta annos.

O Governo peruano veria com pezar que ao mesmo tempo que se formava uma alliança offensiva e defensiva entre as Republicas do Pacifico, para rechaçar os violentos ataques e as arrogantes pretenções da Hespanha, existisse outra alliança entre nações americanas do Atlantico para combater, não contra uma potencia estrangeira, porém contra uma nação igualmente americana, ligada ás nações alliadas por vinculos tão caros e estreitos, que em uma época não distante, ella formava parte integrante de um dos mesmos Estados com os quaes se encontra actualmente em guerra...

Estas considerações, e outras facil de imaginar, decidiram o Governo peruano a procurar os meios mais proprios para pôr termo a contenda entre os alliados e o Paraguay, e apresára-se com effeito em dirigir-lhes, em data de 20 de Dezembro de 1865, as instrucções necessarias para offerecer seus bons officios e tambem a mediação do Perú. Posteriormente e depois de realizada a alliança entre a Bolivia, Chile, Equador e o Perú, foi celebrada uma convenção entre o ministro das relações exteriores do governo chileno e os representantes da Bolivia e do Perú em Santiago, fortalecidos todos os tres, com o assentimento do Governo de Quito, para offerecer de novo a mediação collectiva dos quatro Estados, accôrdo que obteve a approvação de todos os governos.

Porém antes que o Governo de Lima, soubesse o resultado produzido pelas proposições que tinham de fazer-se nas margens do Prata em nome dos quatro governos, teve conhecimento do texto do tratado de 1º de Maio de 1865 que *até ultimamente permaneceu secreto*. (1)

---

(1) Todos os gryphos são nossos. -- L. T.

Não é proposito meu entrar a estudar os motivos que tiveram as nações alliadas contra o Paraguay para guardar segredo desse pacto ; esses motivos sem duvida serão mui poderosos, posto que a revelação desse segredo deu lugar a successos que demonstram *de uma maneira palpavel, que não convinha aos governos alliados que as estipulações que elles haviam formulado fossem conhecidas*. Se o direito que cada nação tem de declarar e fazer a guerra e de concluir pactos de alliança com outras nações, é indiscutivel, não se comprehende porque os Estados Alliados que, com effeito, haviam declarado guerra ao Paraguay, e a haviam levado ao proprio territorio do mesmo, e que não occultam que elles procederam assim em virtude de uma alliança, não se comprehende, digo, que tivessem tido o cuidado de conservar em segredo o pacto que essa alliança fôra formulada, e cuja existencia não era e nem podia ser desde então desconhecida.

E' costume guardar silencio sobre os tratados de alliança até que chegue a época de pôl-os em execução, porém sempre se tem dado á publicidade quando a alliança começa a fazer sentir seus effeitos.

Entretanto, no art. 18 do tratado de 1º de Maio de 1865 tem-se estipulado expressamente que *o o tratado permaneceria em segredo até que o objecto principal da alliança fosse obtido* ; e como do preambulo e de outras clausulas do mesmo tratado se deduz que o principal objecto da alliança *é fazer desaparecer o Governo do Paraguay* (1), o tratado devia, pois, ficar em silencio até á conclusão definitiva da luta, e até que o Paraguay, vencido FICASSE COMPLETAMENTE A' MERCÊ DOS ALLIADOS victoriosos, porque o desaparecimento do Governo do Paraguay significaria isso e não outra cousa.

Desorte que, virtualmente o tratado de alliança devia permanecer em segredo pelo tempo que durasse o conflicto, sem que as outras nações e principalmente as da America, conhe-

(2) Chamamos a attenção do leitor, mais uma vez, para esta franca declaração dos alliados — que elles mesmos não a executaram ; pelo contrario, impuzeram o governo que muito bem quizeram ! — L. T.



cessem a sorte que estava reservada ao Paraguay se chegasse a succumbir.

Parece que o Governo da Grã-Bretanha havia concebido a esse respeito alguns temores, que os manifestou por intermedio de seu representante em Montevidéo. Para tranquilisal-o, o ministro de relações exteriores do Uruguay, deu uma cópia do tratado ao ministro inglez ; porém havia de suppôr que esses mesmos temores tinham que despertar-se um dia entre os outros governos, sobre tudo entre os americanos, e era dever dos alliados publicar, não só *as causas da guerra*, como *as intenções que os animavam* e o *objecto que elles se propunham conseguir*, afim de dissipar toda a duvida e de afastar todo o motivo de medo a respeito da independencia e soberania de um dos Estados americanos.

A declaração que fazem os alliados é certamente digna de elogio, quando dizem na primeira parte do art. 8º que *elles se obrigam a respeitar a independencia, a soberania e a integridade territorial da Republica do Paraguay*; \* porém essa obrigação está destruida por outras estipulações, tão explicitas como estas, como o demonstrará uma breve analyse das principaes.

No art. 7º os alliados estabelecem que *a guerra não era contra o povo do Paraguay*, mas sim contra o seu governo.

Por mais plausivel que pudesse ser em theoria, de que uma nação possa fazer guerra ao governo de outra nação e não á *própria nação*, no terreno da pratica, não é tão facil separar a nação do governo que a representa, quando se trata de uma guerra exterior.

O direito das gentes não admittre semelhante distincção : longe della, considera a nação e o governo que a rege como uma só entidade, como um todo inseparavel, posto que considera como feitos ao governo os males occasionados, não sómente á nação em massa, como tambem a um ou a varios de seus subditos ou cidadãos.

Se fosse admittido em toda sua latitude o principio estabelecido no art. 7º do tratado, a guerra seria em muitos casos difficil, e em alguns, impossivel.

Haveria governo ao qual não poderiam alcançar a damnificar as represalias ou hostilidades do inimigo, porque ellas deveriam exercer-se primeiro contra a nação reputada innocente.

De mais; por legitimo que pudesse ser o direito dos allia-dos para fazer a guerra ao Paraguay, esse direito pôde unica-mente extender-se até obter uma completa victoria e impor ao vencido as condições necessarias para reparar as offensas e os danos causados, e obter, si se quer, garantias para o fu-turo ; porém não é admissivel que a alliança tenha por objecto principal derrocar o governo Paraguay, porque *o direito de depor um governo, não pertence senão á nação propria que o elegeu.*

Admittindo ainda que a nação paraguaya houvesse de soffrer os pretendidos erros de seu governo, emquanto ella mantenha esse governo, nenhuma potencia estrangeira po-derá arrogar-se a faculdade de fazer, a favor dos paraguayos, o que estes não fazem por si mesmos. Proceder de outra ma-neira, seria minar os principios do direito publico moderno que são os mesmos de todos os Estados Americanos, e estabe-lecer uma doutrina que, applicada hoje ao Paraguay . . . . . poria os outros Estados da America á mercê do que, uma ou mais potencias visinhas ou afastadas, quizessem resolver sobre seus destinos presentes e futuros.

E que segurança haveria então para que uma nação possa conservar sua soberania, sua independenciá, sua integridade territorial, suas instituições, todos e cada um desses elementos que constituem a sua autonomia ? A existencia dos governos e por consequencia a das nações mesmas, para o futuro não dependeria unica e exclusivamente da vontade do povo se não dos juizos, das apreciações e quiçá das conveniencias de ou-tros governos e outras nações.

Admittir semelhante doutrina, seria renunciar aos princi-pios da soberania nacional que são o fundamento dos Estados Americanos ; guardar silencio quando um vê pôr-se em pra-tica esta doutrina por alguma ou algumas das nações america-

nas, seria aceitar para as outras um systema que tarde ou cedo poderia se lhes applicar com muito direito.

Da obrigação de respeitar a independencia, a soberania e a integridade territorial da Republica, os alliados deduzem como consequencia forçosa a faculdade que tem o povo paraguay de eleger seu governo e de dar-se as instituições que lhe convenha, sem incorporação nem protectorado algum por consequencia da guerra.

Ainda quando nesta estipulação, que é a do art. 8º do tratado, apparece a firme vontade dos alliados de respeitar a soberania do Paraguay, não é menos evidente que essa soberania soffra um grande detrimento, sempre que se PRETENDA IMPOR ao povo paraguay, como condição da paz, a obrigação de eleger um novo governo, por mais conforme que estivesse com aquelle que possui actualmente.

E quanto á troca de instituições suggeridas no tratado, por mais que em apparencia, fique sujeita á vontade do povo Paraguay não é menos certo que, na mente dos alliados, essa substituição é conveniente. Havendo estes julgado que as instituições do Paraguay, apezar do assentimento actual do povo, não devem substituir e sim que ellas devem ser substituidas por outras, em cuja formação os alliados poriam a parte legitima de influencia que lhes conceda a victoria.

Que esse seja o pensamento dos governos alliados, se deduz claramente, do art. 9º do tratado, em razão do qual, os tres governos se *compromettem a garantir collectivamente a soberania e integridade territorial do Paraguay* pelo periodo de cinco annos. Comprehende-se que essa garantia se refere a um paiz regido por um novo governo, nomeado pela vontade dos alliados com ajuste á estipulação do art. 7º e submisso a instituições que se resentiriam naturalmente da influencia da alliança. —Que um governo celebre tratado de alliança offensiva e defensiva para fazer a guerra com o objecto de obter por este meio a *reparação de um agravo*, nada mais justo nem mais razoavel; porém que a alliança se proponha por objecto

principal DERROCAR UM GOVERNO PARA SUBSTITUIR POR OUTRO, ADDICIONANDO A ESTE FEITO A SUBSTITUIÇÃO DE INSTITUIÇÕES, É DAR Á GUERRA OUTRO CHARACTER; ENTÃO, JÁ NÃO É UMA GUERRA PARA RESTABELECEER OS DIREITOS DESCONHECIDOS E PARA REPARAR AS INJUSTIÇAS INFLIGIDAS ; É UMA GUERRA PURA E SIMPLEMENTE DE INTERVENÇÃO, em presença da qual as outras nações não podem permanecer como meras espectadoras, sobretudo quando essas nações têm que velar não só pela conservação dos principios que formam seu direito publico, como pela do equilibrio continental e tambem pela sua propria segurança.

O respeito que os alliados promettem guardar á soberania, independencia e integridade territorial do Paraguay, declarando mais que este paiz não se incorporaria a nenhum dos alliados nem sollicitaria seu protectorado, *se faz de todo o ponto illusorio*, pelo compromisso que elles contrahiram de garantir collectivamente essa soberania, independencia e integridade territorial pelo periodo de cinco annos.

Segundo isto, o Paraguay não estará na verdade submettido ao protectorado de um dos Estados alliados, porém o estará ao dos tres. A existencia do Paraguay, como nação, dependerá, ao menos DURANTE CINCO ANNOS, DO COMPROMISSO QUE CONTRAHIRAM OS ALLIADOS, E NÃO DA VONTADE DO POVO PARAGUAYO, que tem querido constituir-se e deseja ser para sempre estado soberano e independente. E se os alliados tinham a faculdade de garantir a independencia e soberania do Paraguay, claro está que teriam tambem a faculdade de não prestar semelhante garantia, e de dispor livremente da nação. Por mais pezaroso que nos seja dizer, *semelhantes principios não poderão ser jamais aceitos pelos outros Estados da America.* UMA VEZ VENCIDOS OS CINCO ANNOS E TERMINADA A GARANTIA, O QUE CHEGARÁ A SER O PARAGUAY ?

Os alliados desligados do compromisso que contrahiram, pretenderão alguns delles ou todos conjunctamente absolver ao Paraguay, annexando-o integralmente, ou DIVIDINDO-O EM

PARTES MAIS OU MENOS PROPORCIONAES (1) que se aggregariam aos Estados visinhos ? O tratado nada diz certamente a este respeito, porém cada uma d'estas hypotheses, é a consequencia logica da clausula que estabelece o triplice protectorado, offerecendo uma garantia solidaria sómente por cinco annos.

E' de tal modo certo que o tratado de alliança contenha o pensamento do desaparecimento possivel da nacionalidade paraguaya, ao extremo, que não se contou com esta para cousa alguma NO ESTABELECIMENTO DOS FUTUROS LIMITES DE DEMARCAÇÃO DOS TERRITORIOS RESPECTIVOS. O tratado não diz que uma vez terminada a guerra, as nações alliadas e o Paraguay procederiam de commum accôrdo a fixar os ditos limites senão *que elles OBRIGARIAM AO NOSSO GOVERNO a tomar por base os LIMITES QUE O TRATADO ESTABELECE EM SEU ARTIGO 16º (!).*

Em presença de uma estipulação tão peremptoria, é indiscutivel que, SE O GOVERNO PARAGUAYO FIZESSE RESISTENCIA Á ESTA EXIGENCIA, COMO ESTARIA EM SEU DIREITO DE FAZEL-O, NASCERIA INFALLIVELMENTE UM «NOVO» MOTIVO DE GUERRA, E QUE ESTA SERIA REPUTADA MAIS JUSTA E LEGITIMA que aquella que se empreehde para *derrocar* um governo e *introduzir* trocas nas *instituições* de um paiz. E o Paraguay JAMAIS VER-SE-HIA LIVRE DAS PRETENÇÕES dos alliados, pois estes tiveram o cuidado de dar á alliança, para a actual guerra offensiva e defensiva, um character PERPETUO e PERMANENTE, pelo art. 17º do tratado, no qual os alliados não se reservaram sequer o *direito de examinar a justiça ou injustiça* das demandas que cada um delles poderia formular futuramente contra o Paraguay.

Para que não ficasse duvida sobre o que a triplice alliança se propoz fazer do Paraguay *se juntou ao tratado um PROTO-*

---

(1) Foram conscienciosos : só ficaram com a quasi metade do territorio, sem permittir ao Paraguay ao menos o direito de discussão. Foi assim que garantiram «a integridade territorial do Paraguay !»



COLLO *com quatro artigos*, nos quaes, segundo parece, tem-se querido dissipar, as incertezas que poderiam nascer das estipulações do tratado. Estabeleceu-se nestes artigos que, em cumprimento do tratado de alliança, as fortificações de Humaytá serão demolidas, e que não se permittirá que *outra ou outras daquella natureza sejam levantadas*, que como condição, para garantir a paz com o *novo* governo do Paraguay, NÃO SE DEIXARIA NEM ARMAS, NEM ELEMENTOS DE GUERRA PARA SUA DEFEZA, E QUE TODAS AS QUE POSSUEM, SERIAM DIVIDIDAS EM PARTES IGUAES ENTRE OS ALLIADOS, ETC.

Exigir de uma nação que ella arrase suas fortificações e não possa levantar outras mais tarde ; obrigar-a a que entregue todas as suas armas e seu material de guerra, para deixal-a completamente desarmada, na impossibilidade de prover-se, á sua segurança exterior e á conservação da ordem interior, É UMA PRETENÇÃO DE QUE NÃO HA TALVEZ EXEMPLO NA HISTORIA e é o mais explicito desconhecimento da soberania e independencia do Paraguay, que os alliados se COMPROMETERAM RESPEITAR, e não só respeitar, senão GARANTIR. Quando a obra empreendida pelos alliados estivesse *consumada*, dirão os mesmos alliados que o Paraguay continúa sendo uma nação soberana e independente, senhora exclusiva de seus destinos ?

Os alliados não puderam pensar por um momento que o systema que se propunham adoptar a respeito do Paraguay, obteria a acquiescencia dos outros Estados da America. *Fazer do Paraguay UMA POLONIA AMERICANA seria um escandalo que a America não poderia presenciar sem cobrir-se de pejo !*

Os sentimentos e a ideia que acabo de expôr, não são unicamente da Nação Peruana e do seu governo ; elles são, estou seguro, as ideias e os sentimentos de todas as nações e de todos os governos da America. Finalmente posso affirmar que as reflexões emittidas nesta Nota reproduzem fielmente o pensamento das Nações do Pacifico que, para conservar, sua independencia e soberania, haviam-se alliado contra a Hespanha o desejam fazer permanente sua alliança, *precisamente para*

*garantir e assegurar para o futuro a independencia e soberania de todas as nações da America.* Por isso mesmo as Republicas, da BOLIVIA, do CHILI, do EQUADOR e do PERU' não podem consentir aos Estados Americanos que façam o que não consentiriam ás nações mais poderosas do mundo que fizessem, a menos que fossem envolvidos na calamidade commum e seus esforços não fossem sufficientes para se precaverem d'ella.

O Governo Peruano conta com o assentimento de seus alliados, pois já se lhe foi manifestado explicitamente por um dos seus respectivos representantes em Lima, a quem deu-se conhecimento desta nota, e em breve, á voz de cada um dos governos far-se-ha ouvir directamente em defeza da soberania e da independencia do Paraguay.

BOLIVIA, CHILI, EQUADOR e PERU' não diriam uma só palavra, senão no sentido da conciliação para cortar a guerra desastrosa que rega hoje com torrentes de sangue humano os campos do Paraguay, uma vez porém, que essa guerra não se limita a reclamar um direito, a vingar uma injuria, a reparar um damno, e que se estende até desconhecer a soberania e a independencia de uma Nação Americana, a estabelecer sobre ella um protectorado e a dispôr de sua sorte futura, o Perú e seus alliados não podem guardar silencio e o mais sagrado e imperioso dos deveres os impelle a protestar da maneira a mais solemne contra a guerra que se faz com semelhantes tendencias, e contra todos os actos que, em consequencia desta guerra, prejudicam a soberania, a independencia e integridade da Republica do Paraguay.

Para que os governos junto dos quaes V. S. está acreditado, e que são precisamente os que firmaram o tratado de 1º de Maio de 1865, conheçam o juizo que o Governo Peruano formou a respeito do tratado e suas tendencias, que conhece os protestos que se tem feito, vê-se obrigado a formular o seu, e assim, o Chefe Supremo me encarregou de ordenar á V. S. transmitta esta nota aos Governos de Buenos Ayres, de Montevideo e do Rio de Janeiro.

Deus guarde á V. S.—(Firmado), *T. Pacheco.*

## Instrucções secretas para o Marquez de Santo Amaro <sup>(1)</sup>

Illm. e Exm. Sr. — Além dos negocios relativos á actual questão portugueza, outros ha igualmente urgentes que S. M. Imperial ha por bem confiar ao experimentado zelo, saber e lealdade de V. Ex.

Consta á S. M. Imperial que os soberanos preponderantes da Europa, depois de estabelecer a nova monarchia grega, tencionam occupar-se do meio de pacificar a America, chamada ainda hespanhola.

A derrota, que soffreu em Tampico a ultima expedição militar da Hespanha contra o Mexico, fornece sem duvida aos mesmos soberanos um poderoso motivo para obrigarem a côrte de Madrid, já tantas vezes e tão inutilmente escarmentada, a convir em algum arranjo que tenha por fim a desejada pacificação.

Nem certamente é possível que o mundo civilizado continue por mais tempo a observar com fria indiferença o quadro lastimoso, immoral e perigoso em que figuram tantos povos abrasados pelo vulcão da anarchia e quasi proximos de sua completa anniquilação.

Sendo, pois, muito possível que as grandes potencias tratem de discutir este negocio, e que V. Ex., como embaixador americano, seja consultado sobre elle, S. M. Imperial entendeu em sua alta prudencia que seria muito conveniente aos interesses do imperio habilitar V. Ex. com caracter de seu plenipotenciario.

Em verdade, collocado como se acha o Brazil no centro da America do Sul, e naturalmente abraçado pelos Estados que

---

(1) Extrahido da Biographia de Benjamin Constant, de Teixeira Mendes.

foram da Hespanha, NÃO PÓDE NEM DEVE SER INDIFFERENTE Á SUA POLITICA E TALVEZ MESMO A' SUA SEGURANÇA EXTERNA qualquer negociação concebida e dirigida pelos governos da Europa, para o fim, aliás justo e conveniente, de regularisar e constituir os referidos Estados, pondo um termo á guerra civil que os ensanguenta.

Quer, portanto, S. M. Imperial que V. Ex., logo que seja convidado por alguns dos ditos governos a dar sua opinião sobre tão melindroso assumpto, ou quando mesmo lhe conste que se cuida seriamente do negocio em questão, haja de declarar-se autorizado para concorrer e intervir na negociação referida, cingindo-se no progresso della á doutrina dos seguintes artigos :

V. EX. PROCURARÁ DEMONSTRAR E FAZER SENTIR AOS SOBERANOS, QUE HOVEREM DE TOMAR PARTE NESTA NEGOCIAÇÃO, QUE O MEIO, SINÃO UNICO, PELO MENOS O MAIS EFICAZ, DE PACIFICAR E CONSTITUIR AS ANTIGAS COLONIAS HESPAÑHOLAS É O DE ESTABELECEER MONARCHIAS CONSTITUCIONAES OU REPRESENTATIVAS NOS DIFFERENTES ESTADOS QUE SE ACHAM INDEPENDENTES. As ideias propaladas e os principios adquiridos no curso de vinte annos de revolução obstem a que a geração presente se submetta de bom grado á fórma de governo absoluta.

Nem foi por outra rasão que, mesmo na Europa, el-rei Luiz XVIII, apesar de haver passado a França pelo despotismo militar de Napoleão e a despeito do apoio que encontraria na força dos numerosos exercitos, que lhe reivindicaram o throno, julgou comtudo em sua sabedoria, que antes lhe convinha outorgar uma carta aos francezes do que assumir uma autoridade absoluta.

Emfim, se o character e os costumes dos hespanhoes americanos são adaptados por um lado á monarchia, as suas novas ideias e principios, embora combatidos por tantas desgraças, são inclinados por outro lado á fórma mixta. Isto posto, convém absolutamente que V. Ex. insista neste ponto com todas as suas forças.

QUANDO SE TRATE DE FUNDAR MONARCHIAS REPRESENTATIVAS E SÓMENTE NESTE CASO, V. Ex. fará ver a conveniencia de transigir se nessa occasião com o nascente orgulho nacional dos novos Estados da America, já separados entre si independentes uns dos outros: o *Mexico, Columbia, Perú, Chile, Bolivia e as provincias argentinas podem ser outras tantas monarchias* distinctas e separadas. A divisão de alguns desses Estados ou a reunião de outros encontraria graves inconvenientes no espirito dos povos.

Quanto ao novo Estado Oriental ou provincia cisplatina que não faz parte do territorio argentino, que já esteve incorporado ao Brazil e que não póde existir independente de outro Estado, V. Ex. tratará opportunamente e com franqueza da necessidade de incorporal-o outra vez ao imperio. E' o unico lado vulneravel do Brazil. E' difficil, sinão impossivel, reprimir as hostilidades reciprocas e obstar á mutua impunidade dos habitantes malfazejos de uma e outra fronteira

E' o limite natural do imperio.

E no caso que a França e a Inglaterra se opponham a esta reunião ao Brazil, V. Ex. insistirá por meio de razões de conveniencia politica, que são obvias, em que o Estado Oriental se conserve independente, *constituído em grão-ducado ou principado*, de sorte que não venha de modo algum a formar parte da monarchia argentina.

Na escolha de principes para os thronos das novas monarchias e quando seja mister havel-os da Europa, V. Ex. não hesitará em dar sua opinião a favor d'aquelles membros da augusta familia de Bourbon que estejam no caso de passar á America.

Estes principes, além do prestigio que os acompanha, como descendentes ou proximos parentes da dynastia, que por longos annos reinára sobre os mesmos Estados, offerecem de mais, por suas poderosas relações de sangue e de amizade com tantos soberanos, uma solida garantia para tranquillidade e consolidação das novas monarchias.



E si com effeito fôr escolhido algum jovem principe como o segundo filho do duque de Orleans, ou principes que já tenham filhos, bom será e S. M. Imperial deseja, que V. Ex. faça desde logo aberturas de casamentos ou esponsaes entre elles e as princezas do Brazil, cumprindo-me declarar a V. Ex. que, si fiz expressa menção do segundo filho do duque de Orleans, é porque sua alteza real o duque já se mostrou disposto a esposar-o com a jovem rainha de Portugal, ainda quando ella não restaurasse o seu throno.

V. Ex. poderá assegurar e prometter que S. M. Imperial empregará todos os meios de persuasão e conselho para que se consiga a pacificação dos novos estados, pelo indicado systema do estabelecimento de monarchias representativas, obrigando-se desde já a abrir e cultivar relações de estreita amizade com os novos monarchas. Tendo a gloria de haver fundado e de sustentar quasi só a primeira monarchia constitucional do novo mundo, S. M. o imperador deseja ver seguido o seu nobre exemplo, e generalizado na America, ainda não constituida, o principio de governo que adoptou.

Se exigirem que para esta util empreza S. M. o Imperador se comprometta a prestar soccorros materiaes ou a fornecer subsidios de dinheiros e de forças de terra e mar, V. Ex. prevalecendo-se das nossas circumstancias financeiras e politicas, mostrará a impossibilidade em que se acha o governo imperial de contrahir semelhante obrigação.

Se, porem, depois de reiteradas instancias, V. Ex. julgar de absoluta necessidade o fazer alguma promessa de soccorros taes, S. M. o Imperador não duvidará obrigar-se a auxiliar e defender o governo monarchico e representativo que estabelecido fôr nas provincias argentinas, por meio de uma sufficiente força de mar estacionada no Rio da Prata e da força de terra que conserva sobre a fronteira meridional do imperio.

Esta obrigação todavia será valiosa unicamente: 1.<sup>o</sup> no caso de que a provincia cisplatina seja incorporada ao imperio, porque então S. M. o Imperador com mais facilidade e

promptidão poderá auxiliar a nova monarchia com a divisão do exercito e da esquadra que deverá ter na mesma provincia; 2.<sup>a</sup> no caso que o governo monarchico constitucional tenha sido introduzido previamente na Columbia, Perú e Bolivia, visto que de outra sorte, o governo imperial, sendo o primeiro a obrar ficaria exposto a soffrer algum insulto ou invasão da parte daquellas Republicas limitrophes.

Quando no andamento de negociação occorra a ideia de violar-se a integridade do imperio, a pretexto de dar maior extensão ou arredondar alguns dos estados que se limitam connosco, V. Ex. empregará os meios necessarios para repellir semelhante arbitrio, declarando por fim que S. M. o Imperador não póde consentir sem previa auctorisação da assembléa geral legislativa em desmembração ou cessão alguma do territorio do imperio por tratado deliberado em tempo de paz.

De accôrdo com os principios enunciados nos artigos desta instrucção, fica V. Ex. auctorisado por S. M. o Imperador, nosso amo, a negociar e concluir com as grandes potencias da Europa uma convenção ou tratado que será submettido á rectificação do mesmo augusto senhor.

Deus guarde a V. Ex. — Palacio do Rio de Janeiro, 21 de Abril de 1830.— MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA (Conforme).— BENTO DA SILVA LISBOA.

## Extractos de um officio reservado do Visconde de Abrantes

DATADO DE PARIS, EM 6 DE FEVEREIRO DE 1845 (1)

Nenhum desses governos romperá lanças na America a favor do Brazil: a economia de sangue e dinheiro entra hoje por muito no calculo dos parlamentos, e tambem no das dynastias. Entretanto creio que o gabinete francez, emquanto nelle influir o poder real, e mesmo o inglez, emquanto fôr do principio tory, não deixarão de sympathisar com a consolidação da monarchia do Brazil, propendendo, talvez, em quaesquer conflictos e occurrencias politicas, mas para o nosso lado que para os das Republicas que nos rodeiam. Digo, emquanto fôr tory o gabinete inglez, porque, pelo que ouvi a pessoas entendidas e em contacto com a alta administração britannica, para lord Palmerston e os do seu credo tanto importa á Inglaterra que o Brazil seja imperio como republica.

Estou, pois, convencido, que o governo imperial, no caso de contestação ou luta com os estados visinhos, apenas pôde contar com certos bons officios da parte destes governos, não esperando delles outro apoio que não seja o puramente moral...

A livre navegação dos rios parece-me que não deixará de ser-nos inconveniente; porque, além de varias considerações politicas, a concorrência de outras nações maritimas, mais abastadas de meios, embargará ou pelo menos retardará o progresso dos ribeirinhos da navegação fluvial, e diminuirá grandemente os lucros de um extenso commercio que fariamos

---

(1) Vide a Biographia de B. Constant de R. TELXEIRA MENDES.

justamente e sómente com os orientaes, argentinos e paraguayos...

.....

A conversão de Corrientes e Entre-Rios em estados independentes, apezar do exemplo de Uruguay, que tanto nos tem incommodado, julgo, comtudo, que nenhum inconveniente maior nos trará : este novo estado servirá de mais um embaço para que se realise o plano de Rosas (que talvez passe em legado aos governos que depois d'elle se formarem dentro de Buenos Ayres) de unir pelo seu laço federal todas as provincias que pertenceram ao antigo vice reinado : plano que, se fôr consummado, dar-nos-ha um visinho assás forte para inquietar-nos ainda mais...

.....

Entretanto observarei que, não obstante parecer-me muito difficil, á vista dos artigos additivos da convenção de 27 de Agosto de 1827, e dos defeitos naturaes da intervenção, se fôr bem succedida, de governos poderosos como o inglez e o francez, estorvar-se por mais tempo a livre navegação do Uruguay e Paraná ; todavia, o governo imperial não deve deixar de fazer quanto estiver ao seu alcance para attenuar o mal que d'ahi lhe possa vir, seja não contrariando a grande repugnancia que o governo de Buenos Ayres deve ter a essa liberdade de navegação, seja contestando a applicação á America dos principios do direito publico, formado pelo congresso de Vienna acerca de uso commum dos rios navegaveis, etc.

.....

Mas a allegação de um tal precedente não deixará de valer pelo menos ante os governos para que alcancemos os limites de Ibicuhy-Assú, e de uma linha que comprehende as vertentes da parte meridional e occidental da Lagôa Mirim, cuja navegação deve ser exclusivamente nossa.

## Propostas de paz feitas por Lopez

LOPEZ E MITRE

A primeira entrevista de Lopez com o General Mitre, commandante em chefe das forças alliadas em Yataity-Corá, realizou-se em 12 de Setembro de 1866. Terminada a conferencia Lopez dictou o documento seguinte que foi entregue a Mitre:

«S. Ex. o Sr. Marechal Lopez, Presidente da Republica do Paraguay em sua entrevista de 12 de Setembro convidou a S. Ex. o Sr. Presidente da Republica Argentina, General em Chefe do Exercito Alliado, a procurar meios conciliatorios e igualmente honrosos para todos os belligerantes, afim de vêr se o sangue até hoje derramado não se poderá considerar sufficiente para lavar seus mutuos aggravos, pondo termo á guerra mais sanguinolenta sul-americana, por meio de satisfações mutuas e igualmente honrosas e equitativas, que garantam um estado permanente de paz e sincera amizade entre os belligerantes.»

O General Mitre ouviu em silencio a leitura deste documento e declarou ao despedir-se que levaria ao conhecimento das Nações Alliadas a sua proposta de paz, mas sem fazer a minima modificação nas operações de guerra que, continuariam com o maior rigor ainda, depois daquella entrevista.

No dia 14 recebeu Lopez a seguinte nota:

«Quartel-general em Curuzú, 14 de Setembro de 1866.

Á S. EX. O SR. MARECHAL D. FRANCISCO S. LOPEZ, PRESIDENTE DA REPUBLICA DO PARAGUAY E GENERAL EM CHEFE DE SEU EXERCITO:

«Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex., conforme tínhamos combinado, que, havendo communicado aos alliados, como era o meu dever, á proposta conciliatoria que V. Ex. se serviu fazer-me, no dia 12 do corrente, em nossa entrevista de *Yataity-Corá*, resolvemos de conformidade com já declarado por mim naquella occasião, deixar tudo á decisão dos respectivos governos, sem fazer modificação alguma na situação dos belligerantes:

Deus guarde por muitos annos á V. Ex.». Assignado  
«BARTOLOMÉ MITRE.»



—Resposta :

Quartel General em Passo-Pucú, 15 de Setembro de 1866.

«AO EXM. SR. BRIGADEIRO GENERAL D. BARTOLOMÉ MITRE, PRESIDENTE DA REPUBLICA ARGENTINA E GENERAL EM CHEFE DO EXERCITO ALLIADO.

«Accuso a recepção da nota que hontem á tarde V. Ex. deu-me a honra de dirigir de seu Quartel General em Curuzú, communicando-me que havia accordado com os seus alliados relatar a seus respectivos governos o assumpto de nossa entrevista de 12 em *Yataity-Corá*. Nada me deteve ante a ideia de offerecer, por minha parte, a ULTIMA TENTATIVA DE CONCILIAÇÃO, que puzesse termo á torrente de sangue que derramámos na presente guerra, e experimento a satisfação de haver dado assim a mais alta prova de patriotismo ante o meu paiz, a humanidade, e ante o mundo imparcial que nos contempla. Deus guarde á V. Ex.» (Assignado) «FRANCISCO SOLANO LOPEZ.»(1)

Na manhã do dia 24 de Dezembro de 1868, (2) Lopez recebeu dos alliados a seguinte intimação, sem data :

«Acampamento em frente á Loma Valentina, Dezembro... de 1868.— A' S. Ex. o Senhor Marechal Francisco Solano Lopez, Presidente da Republica do Paraguay e General em Chefe do seu exercito.

« Os abaixo-assignados, Generaes em Chefe dos Exercitos Alliados e representantes armados de seus governos na guerra para a qual foram suas nações provocadas por V. Ex., entendem cumprir um dever imperioso, que a religião, a humanidade e a civilização lhes impõem, intimando em nome dellas á V. Ex. para que, dentro do prazo de doze horas contadas desde o momento em que a presente missiva lhe seja entregue, e sem que se suspenda durante ellas as hostilidades, deponha as armas terminando assim esta, já prolongada luta.

«Os que assignam, sabem quaes são os recursos de que póde V. Ex. dispôr hoje, tanto em relação á força das tres armas, como em relação ás munições.

E' natural que V. Ex. conheça a seu turno a força numerica dos Exercitos Alliados, seus recursos de todo o genero e a facilidade que sempre têm para fazer com que elles sejam permanentes. O sangue derramado na ponte de *Tororó* e no arroio *Avahy* devia ter determinado á V. Ex. a economisar a vida dos seus soldados em 21 do corrente, não forçando-os á uma resistencia inutil. Sobre a cabeça de V. Ex. deve cair

(1) O original destes documentos existem no archivo da guerra da Republica Argentina. SHNEIDEL na sua obra tambem se refere a estes documentos, assim como CENTURION no 2º volume pags. 250 a 253 nas suas *Reminiscencias Historicas*.

(2) E 25, como equivocadamente diz Tompson.

todo esse sangue, assim como o que tiver de correr ainda, se V. Ex. julgar que seu capricho deve ser superior á salvação do que resta do povo da Republica do Paraguay. Se a obstinação cega e inexplicavel fosse considerada por V. Ex. preferivel a milhares de vidas que ainda se podem salvar, os abaixo assignados responsabilisam a pessoa de V. Ex. ante a Republica do Paraguay, as nações que elles representam e ante o mundo civilisado, pelo sangue que a jorros vae correr e pelas desgraças que vão augmentar mais as que já pesam sobre este paiz.

« A resposta de V. Ex. servirá de governo aos infra-scriptos, que tomarão como negativa, se findo prazo determinado não receberem qualquer contestação da presente nota. (1)

Assignados « MARQUEZ DE CAXIAS, — JUAN A. GELLY Y OBES, — ENRIQUE CASTRO. »

Lopez ao receber esta nota, estando junto a Potrero Marmol, local em que installára seu estado-maior, mandou reunir todos os chefes e officiaes e os fez sciente que, acabava de receber dos chefes alliados uma nota na qual intimavam a elle e a todos a rendição; queria pois Lopez, saber se estavam dispostos a acceder á dita intimação. Todos a *una voce* contestaram que preferiam mil vezes a morte a soffrer similhante baixaza.

Ouvida esta resolução franca e unanime da parte de seus officiaes e chefes, ordenou Lopez que fosse trazida uma mesinha e collocada á sombra um frondoso *Yuasy-y*, (2) dictou elle proprio, ao seu secretario Manoel Palacios a seguinte resposta:

« Quartel-General em Piky-syry, 24 de Dezembro de 1868. (A's tres horas da tarde).

« O Marechal Presidente da Republica do Paraguay deveria dispensar talvez de abster-se em dar uma contestação escripta a S. S. Ex. Ex. os Srs. generaes em chefe dos Exercitos Alliados, na luta com a Nação que preside, pelo tom e linguagem desusado e inconveniente á honra militar e á magistratura suprema, com que S. S. Ex. Ex. julgaram chegada a occasião de fazer, com a intimação de depôr as armas no fim de doze horas, para terminar assim uma luta prolongada, ameaçando fazer cahir sobre a minha cabeça o sangue já

(1) O General Garmendia põe data á nota de Caxias, na sua obra *Campanha do Piky syry*; porém o original não a continha, como prova-o a propria resposta do Marechal.

(2) Foi tesmunha ocular o Sr Coronel J. Crisostomo Centurion. Vide *Reminiscencias Historicas* pag. 308, volume 3º.

derramado, e ainda o que tem a derramar-se, senão me prestar á depôr as armas, responsabilizando-me ante a minha patria, e as nações que VV. EEx. representam e ante o mundo civilisado; impero, quero impôr-me o dever de fazel-o, rendendo assim holocausto a esse mesmo sangue generosamente vertido por parte dos meus e dos que os combatem, assim como o sentimento de religião, de humanidade e civilisação que VV. EEx. invocam em sua intimação. Estes mesmos sentimentos são precisamente os que me têm movido, ha mais de dois annos para sobrepôr-me á toda a descortezia official com que tem sido tratado nesta guerra o eleito da minha patria.

Procurava então em Yataity-Corá, em uma conferencia com o Exmo Sr. General em Chefe dos Exercitos Alliados e Presidente da Republica Argentina, Brigadeiro General D. Bartholomé Mitre, a reconciliação de quatro Estados Soberanos da America do Sul, que já haviam principiado a destruir-se de uma maneira notavel, e, entretanto, minha iniciativa, meu afanoso empenho, não encontrou outra resposta, senão o DESPREZO e o SILENCIO por parte dos governos alliados, e novas e sangrentas batalhas por parte de seus representantes armados como VV. EEx. se qualificavam.

Desde então vi mais claramente a tendencia da guerra dos alliados sobre a EXISTENCIA da Republica do Paraguay, e, deplorando o sangue vertido durante tantos annos de luta, tive de calar-me collocando a sorte da minha Patria e a de seus generosos filhos nas mãos do Deus das nações, combatendo aos seus inimigos, com lealdade e consciencia como o tenho feito, estou disposto a continuar combatendo até que esse mesmo Deus e nossos armas decidam da sorte definitiva da causa. — VV. EEx. vieram *ad-hoc* noticiar-me o conhecimento que têm, dos recursos de que actualmente possam dispôr, crendo que eu tambem possa tel o em relação a força numerica do exercito alliado e dos seus recursos cada dia crescentes. Eu não tenho tal conhecimento, porém tenho a experiencia de mais de quatro annos, de que a força numerica e esses recursos, nunca diminuiram a abnegação e bravura do soldado paraguay, que se bate com a resolução do cidadão honrado e do homem christão, que abre um enorme tumulo em sua patria, antes de vê-la humilhada. VV. EEx. vieram a proposito recordar-me que o sangue derramado em *Itororó* e *Avahy* devia ter-me feito evitar aquelle que foi derramado a 21 do corrente; porém VV. EEx. olvidaram, sem duvida, que essas mesmas acções puderam de antemão demonstrar-lhes quão exacto é tudo o que pondero na abnegação de meus compatriotas, e cada gotta de sangue que cahê sobre a terra, é uma nova obrigação para os que sobrevivem. E ante um exemplo

semelhante minha pobre cabeça pôde livrar-se da ameaça tão pouco cavalheiresca, seja-me licito perguntar : VV. EEx. julgam de seu dever notificar-me ?—VV. EEx. não têm o direito de acusar-me, ante a Republica do Paraguay, minha patria, a qual tenho defendido, defendendo-a e a defenderei sempre.

Ella me impôz esse dever e eu me glorifico de cumpril-o até a extremidade, e mais, legando á historia meus feitos, unicamente a meu Deus devo dar contas. E, se sangue ha de correr sempre, tomará conta áquelle sobre quem haja pesado a responsabilidade.

EU, POR MINHA PARTE, ESTOU ATÉ AGORA DISPOSTO A TRATAR DA CONCLUSÃO DA GUERRA SOBRE BASES IGUALMENTE HONROSAS PARA TODOS OS BELLIGERANTES, PORÉM NÃO ESTOU DISPOSTO A OUVIR UMA INTIMAÇÃO DE DEPOSIÇÃO DE ARMAS.

Assim, pois, invitando á VV. EEx. A TRATAR DA PAZ, creio cumprir um dever imperioso com a religião, a humanidade e a civilisação por uma parte, e o que devo ao grito unisono, que acabo de ouvir dos meus generaes, chefes, officiaes e tropa aos quaes fôra communicada a intimação de VV. EEx., e o que devo a minha propria honra e a meu proprio nome. Peço á VV. EEx. desculpa de não citar a data e hora da notificação por não as haver trazido e, fôra recebida nas minhas linhas ás sete e meia d'esta manhã.

« Deus guarde á VV. EEx. por muitos annos. » — (Assinado), FRANCISCO S. LOPEZ (1).

(1) Todas as propostas de paz de Lopez e das nações estrangeiras foram sempre repellidas pelos alliados sob o futil pretexto de que Lopez « só queria ganhar tempo para se preparar melhor. » Mas como se pôde afirmar isso quando nunca os alliados deram resposta alguma, nem tomáram na minima consideração, essas propostas ?... E na ultima phase da guerra, quando apenas restavam algumas centenas de DESGRAÇADOS ESQUELETOS ESFARRAPADOS E FAMINTOS, sem viveres nem munições de guerra a ponto de carregarem os canhões com pedaços de correntes e pedras — havia ainda esse receio ? Que respondam por nós os medalhões caricados d'esse « GRANDE BAILE DE MASCARAS », para nos servirmos da propria phrase de Benjamin Constant. —L. TORRENTS.

# Carta do general Melgarejo ao Marechal Lopez

(PRESIDENTE DA BOLIVIA) (1)

LA PAZ, 30 de Agosto de 1866.

Com o mais alto apreço :

Acredito junto a V. Ex. como meu enviado particular e do Sr. general Saa, o cidadão argentino D. Juan Padilla.

O mesmo Snr. Padilla explicará á V. Ex. minha adhesão á justa causa que mantem a Republica do Paraguay contra tres nações alliadas que não arvoram outra bandeira senão a da CONQUISTA E EXTERMINIO.

Porém essa acção ignobil jámais consentirão as demais nações americanas.

Com effeito, acabam de protestar contra o vandalico ataque de conquista, quatro importantes Republicas do Pacifico, como Chile, Perú, Bolivia e a Colombia, e posso assegurar á V. Ex. que no caso que não levassem a effeito o protesto feito á face do mundo pelas referidas nações, ainda assim eu com o meu exercito iria em auxilio de V. Ex.

Estou, pois, esperando noticias de V. Ex. para acudir pressuroso a partilhar ao lado de V. Ex. das fadigas do soldado.

Tenho prompta uma columna de 12,000 bolivianos, que, unidos aos heroicos paraguayos, farão proezas de valor.

Qualquer communicação espero receber de V. Ex. por intermedio do cavalheiro Padilla,

Entretanto é-me grato offerecer á V. Ex. as seguranças do meu apreço e distincta consideração.

(Assignado) MELGAREJO.

---

(1) Lopez agradeceu esta solemne prova de solidariedade, mas não aceitou esse offerecimento, preferindo bater-se só.—L. T.



# Declaração de guerra á Republica Argentina

O SOBERANO CONGRESSO NACIONAL

Visto e attendido o exposto pela commissão especial nomeada de seu seio para deliberar sobre a grave situação em que se acha collocada a Republica, por causa da guerra a que foi obrigada pelo Imperio do Brazil; e tambem sobre a *hostil* e insultante politica do Governo Argentino para com a Republica do Paraguay e seu governo, segundo o manifestam :

1º, as notas de 9 de Fevereiro proximo passado, desmentindo a protecção ao Brazil, o transito solicitado pelo territorio de Corrientes, para as nossas forças, a titulo de imparcialidade, ao passo que, em datas anteriores, franqueara á esquadra brasileira a cidade e territorio de Corrientes, para deposito de carvão, fornecimento de viveres para forças, etc., etc., com aberta infracção da neutralidade invocada ;

2º, o desconhecimento do direito da Republica em seu territorio das Missões, situado entre os rios Paraná e Uruguay ;

3º, a protecção que daquelle governo recebe agora pela segunda vez com um *comité* revolucionario de alguns traidores que, vendidos ao Imperio do Brazil, recrutam estrangeiros mercenarios no territorio, e até na mesma Capital da Republica Argentina, para vilipendiar a bandeira da Patria, levantando-a ao serviço do Brazil na guerra que traz á Nação ;

4º, a aberta e franca protecção que dão ao Brazil em sua imprensa official contra a causa do Paraguay, e as producções anarchicas e insultantes com que se provoca a rebelião no paiz, e, como o exercicio do direito da Republica em seu territorio das Missões ha de dar ao governo argentino o pretexto do *casus belli*, que procura sem encontrar na politica do Governo da Nação, para fazer effectiva sua alliança com o Brazil, quando por outro lado é incontestavel a união do Governo da Confederação Argentina com o Imperio do Brazil para demolir o

equilibrio político dos Estados do Prata; e, não sendo compatível com a segurança da Republica nem com a dignidade da Nação e seu governo tolerar por mais tempo este proceder alheio á toda Moral e offensivo ao respeito que se deve á Nação Paraguaya, concordando com a resolução da Commissão.

Declara :

Art. 1.º Approve-se a conducta do Poder Executivo da Nação para com o Imperio do Brazil na emergencia que foi portadora pela sua politica ameaçadora do *equilibrio dos Estados do Prata*, e pela offensa directa inferida á honra e á dignidade da Nação e usando das attribuições do art. 3.º, tit. 3.º da Lei de 13 de Março de 1844, se lhe autorisa continuar com a guerra.

Art. 2.º Declare-se a guerra ao actual Governo Argentino, até que dê as seguranças e satisfações devidas aos direitos, á honra e á dignidade da Nação Paraguaya e seu Governo.

Art. 3.º O Presidente da Republica fará a paz com um e outro belligerantes, quando julgar opportuno, dando conta á Representação Nacional, conforme a lei.

Art. 4.º Communique-se ao Poder Executivo da Nação.

Sala de Sessões em Assumpção, aos 18 de Março de 1865

(Firmado)—JOSÉ FALCON,

Vice-Presidente do Congresso Nacional

Seguem-se 30 firmas dos Deputados e as dos Secretarios.

JOSÉ FALCON,

Vice-Presidente do H. G. N.

*Bernardino Ortellado,*

Deputado—1.º Secretario.

*Gregorio Molinas,*

Deputado—2.º Secretario.

Publique-se :

Assumpção, 19 de Março de 1865.

LOPEZ.

O Ministro da Relações Exteriores,

JOSÉ BERGES.

## Limites Paraguayos

Documentos historicos que pódem ser consultados

O QUE FOI O PARAGUAY E O QUE É HOJE !

### OBRAS INTERESSANTES

---

— « Cartas edificantes e curiosas escriptas das Missões estrangeiras, por alguns Missionarios da Companhia de Jesus, Paris 1717. » Obra publicada em francez. Volume XII ».

— « Relação das Missões do Paraguay » por M. Muratori. Obra escripta em italiano traduzida para o francez. Paris, 1757. É' importantíssima pelos dados que contém. »

— « Relação historica das Missões dos indios que são denominados CHIQUITOS, na provincia do Paraguay, pelo padre Juan Patricio Fernandez » Obra publicada em Madrid em 1726 e dedicada ao serenissimo senhor Don Fernando, principe de Astúrias. Encerra preciosos detalhes sobre os indios Chiquitos e os de algumas nações visinhas. Padre Fernandez se occupou especialmente de recolher dados, e a obra que nos deixou de importancia para historiador e, principalmente ao Paraguay. »

— « Historias edificantes e agradaveis dos CHIQUITOS e outros povos do Paraguay. « Vienna 1729. Em allemão 1 volume em 8. »

— « Relação Historica feita por ordem de S. M. em 1748 por Ulhoa. Diz: « O governo do Paraguay occupa as terras que cahem á parte Sul de Santa Cruz da Serra. »

— « Jacobi Ransonier, S. J. (Societatis Jesu)—Annuce Paraquarice annorum 1621 e 1622. »

— « Obra do mesmo titulo, pelo padre Nicolás Mastrilli. »

— « Adami Schimbeek — Messis Paraquarice sive Annuales illius Provinciae ab anno 1638 ad 1643... »

— « Francisco Lahier, (Soc. Jesu), annuæ Paraquarice annorum 1635 i diorum senquentium..... »

— « Relation de la Province du Paraguay, depuis l'an 1635 jusqu' en 1657. — Escripta em hespanhol pelo padre Frisberto Monrer, traduzida do francez por François Hamal. »

— « Antonio Ruiz de Montoya. Historia de Missá sob christi juguan Paraquariá..... »

— « Nicolai de Theco. Historia Provincie Paraquarice, Societatis Jesu. Livro este, tido como muito raro. »

— « Jacobi de Machault—Relationes de Paraquariá... »

— « M. N. Bouillet, no seu dicionario universal de historia e geographia, edição de 1872, Paris, Livraria Hachette & Comp., pagina 1029 diz ao fallar do Paraguay: « O vasto territorio do Chaco, é arrebatado hoje em dia pela Bolivia e todo o paiz está ameaçado pelo Brazil e a Republica Argentina. »

— Existem muitas outras obras mais conhecidas. Em todas encontrámos as palavras *Chaco* e *Chiquitos*, como partes componentes ou integrantes da outra palavra PARAGUAY.

#### MAPPAS

— « Le Paraguay, le Chili, la terre et les isles Magalanicques. Tirées de diverses Relations par N. Sanson d'Abbeville, geographe ordinaire du Roy—A Paris—Chez Pierre Mariette, Rue Saint Jacques á l'Esperance, avec Privilège du Roy pour vingt Ans—1656. »

— Le Paraguay subdivisé en ses principales parties, suivant les dernières Relations, par N. Sanson d'Abbeville, geographe ordinaire du Roy—A Paris—mesma época que a anterior.

— Le Paraguay, tiré des Relations le plus recentes, par G. Sanson, geographe ordinaire du Roy.—A Paris, chez l'auteur—Avec Privilège du Roy pour 20 Ans—1668.

—«L'Amérique Meridionale. Dressée sur les observations des Mrs. de l'Académie Royal e des Sciences, etc., quelques autres, etc., sur les Memoires les plus recentes.»

« Par G. de L'Isle, geographe — A Paris, chez l'Auteur sur le Quai de L'Horloge—Avec Privilège du Roy pour 20 Ans—1700. »

Outro mappa do mesmo autor, impresso no mesmo anno, em Amsterdam — Chez J. Covens et C. Mortier — Avec Privilège.

— «Carte de la Terre Ferme, du Perou, du Brésil et du Pays des Amazones. Dressée sur les descriptions de Herrera, de Laet, et de P. P. d'Acuña et M. Rodriguez, et sur plusieurs relations et observations posterieures.» «Par Guillaume de L'Isle. Premier geographe du Roy, de l'Académie Royale de Sciences. A Paris chez l'auteur, sur le quai de l'Horloge à l'Aigle d'or— Avec Privilège du Roy pour 20 Ans — 1703.»

« Outro mappa do mesmo autor impresso no mesmo anno em Amsterdam, «Chez Jean Covens et Corneille Mortier, geographes, Avec Privilège »—«Carte du Paraguay, du Chili, du Detroit de Magellan, etc. Dressée sur les descriptions des P. P. Alfonse d'Ovalle et Nicolás Techo, et sur les relations et mémoires de Brouwer, Narbouroug, Mr. de Beauchesne, etc.»

—«Carte du Paraguay, du Chili, du Detroit de Magellan, etc. Dressée sur les Memoires les plus exactes—1720.»

—«Paraguaria ou Paraguay, avec les pays qui l'entourent dans l'Amérique Meridionale. Dressé sur les Memoires les plus exactes de ceux qui l'ont découvert et nouvellement mis au jour, par Pierre Vauder Aa, Marchand — Libraire à Leide. »

«Le Paraguay ou les R.R. P.P. de la Compagnie de Jesus ont répandu leurs Missions, par le Seigneur D. Anville, géographe ordinaire du Roi, Octobre 1733.»

Os dois mappas são de interesse, porquanto nelles estão assinalados todos os lugares e povos antigos.

—«Carte du Paraguay et parties des pays adjacents. Projetée et assujettie aux observations astronomiques, par M.



Bonne, Maitre de Mathematiques. A. Paris, chez Lattré, rue St. Jacques, à la «Ville de Bordeaux», avec privilege du Roi, 1771. »

— «Um mappa do Perú do anno 1630, impresso em Amsterdam por Guilherme Blacuw, no qual se vê que nessa época os limites do Perú só alcançavam á Cochabamba, no povo de Oropesa, até as cabeceiras do Pilcomayo, em linha recta.

Para cousa alguma apparece Santa Cruz da Serra.»

— Depois de citar as obras e mapps mencionadas, vamos fazer uma ligeira reflexão sobre os dados que referimos :

De um modo concluyente e irrefutavel, percebe-se logo em todos elles os direitos do Paraguay a numerosos territorios de que têm sido despojado. Todos elles uniformemente, marcam os mesmos limites e em differentes annos em que foram publicados.

Temos que os autores dos mapps são, quasi todos, geographos dos Reis. E como podia então admittir-se duvida alguma sobre a sua importancia e a veracidade dos dados que contêm?

Em alguns encontramos que os dados são recolhidos das relações e descripções dos mesmos missionarios, e em todos elles faz-se referencia ás relações ou memorias as mais recentes. (1)

(1) Vide J. M. ROSA Escalada, «Conferencias de Limites Paraguayos»—Buenos-Ayres—1895.

## Protocolo annexo ao tratado de 1º de Maio de 1865

• Suas Excellencias e Plenipotenciarios da Republica Argentina, da Republica Oriental do Uruguay e de S. M. o Imperador do Brazil, havendo rennido na Secretaria dos Negocios Estrangeiros, accordaram :

1º — Que em cumprimento ao tratado de alliança DESTA DATA (2) as fortificações de Humaytá serão demolidas e NÃO SERÁ PERMITTIDO (3) erigir outras de igual natureza que possam impedir a FIEL EXECUÇÃO do dito tratado.

2º — Que sendo uma das medidas necessarias para GARANTIR a paz com o governo que SE ESTABELECEERÁ no Paraguay — não se deixar ahí armas ou elementos de guerra, — OS QUE SE ENCONTRAREM serão DIVIDIDOS (4) em partes iguaes entre os alliados.

3º — Que os trophéos e OUTRAS PREZAS (5) que se tomarem ao inimigo serão igualmente divididos entre os alliados que fizerem a captura.

4º — Que os chefes dos exercitos alliados combinarão as medidas precisas para se levar a effeito o que fica accordado.

Firmaram este protocolo em Buenos Ayres, 1º de Maio de 1868. — *Carlos de Castro* — *Octaviano de Almeida Rosa* — *Rufino do Elisalde*.

---

(1) Segundo alguns autores estrangeiros: o Tratado da Triplice Alliança estava assignado em 1º de Maio de 1864, em reserva, mas sendo conhecido no anno seguinte modificaram para 1865, conservando-se porém, o mesmo dia e mez. E' um facto grave e importante que precisa ser esclarecido!

(2) O protocolo tem a data de 1º de Maio de 1863 e o tratado 1º de Maio de 1865: como é que se comprehende neste caso o theor do art. 1º do referido Protocollo?

(3) Durante a occupação pelos alliados das fortificações tomadas, comprehende-se que o Paraguay não as podia levantar novamente, portanto esta disposição é para depois da guerra, isto é, não se permite futuramente ao Paraguay levantar essas fortificações para sua defeza o que importa em claro e ostensivo desconhecimento por completo da sua autonomia e independencia.

(4) Só tirando-se todas as armas do Paraguay e as dividindo entre os alliados seria possivel futuramente a paz, assim como: depois de repartirem entre si tudo quanto encontrassem na Republica, o que cumpriram fielmente, em nome da Civilisáo, de que tanto precisava o Paraguay.

(5) Estas *presas* abrangia tudo: armamentos, mobílias, gado cavallar e vaccum, imagens, etc., etc. Seria esse o pensamento dos plenipotenciarios?

Em outra edição publica remos outros documentos importantes que nos vieram á ultima hora. — L. T.

# INDICE

Quintino Bocayuva.....	III
Ao leitor.....	XIII
Carta de Julio Roca.....	XXI
Homenagem e supplica.....	XXII

## 1ª PARTE

A nossa congregação.....	1
Nosso modo de pensar sobre a guerra.....	5
A apreciação da Guerra do Paraguay.....	13
A divisão do Paraguay.....	37
Protestos das nações Americanas.....	43
Confirmação dos receios de Lopez.....	49
O primeiro governo do Paraguay.....	57
As apolices Paraguayas.....	65
A dívida de guerra.....	72
Os tróphéos Paraguayos.....	83
Exemplo de civismo ao Mundo.....	90

## 2ª PARTE

Onde irá parar?.....	99
Como nasceu a ideia.....	101
Organisação da Commissão B. Constant.....	110
Mensagem ao Presidente do Paraguay.....	113
Mensagem ao Presidente da Republica Argentina.....	115
Mensagem ao Presidente da Republica Brasileira.....	120
Manifestação popular em Assumpção.....	127
Discurso de Braz Garay.....	127
Discurso de Ministro Brasileiro.....	131
Discurso de Manuel Dominguez.....	136
Discurso de Ministro Argentino.....	139
Resposta ao Sr. Itiberé da Cunha.....	140
Os veteranos da Guerra.....	145
Resposta ao ex-barão de Jaceguay.....	149
Appello ao povo brasileiro.....	163
Recepção ao ministro Paraguayoy.....	168
A balela da Annexação.....	172
Direitos de importação.....	184
Brazil Paraguay de Alberto de Souza.....	186
Opinião da imprensa Argentina.....	191
Dívida e tróphéos (Gazeta de Oliveira).....	195
De omni re... do Correio Paulistano.....	197
Fragmentos historicos.....	202

## ANNEXOS

Protesto do Perú e seus aliados.....	213
Instrucções secretas ao Marquez S. Amaro.....	223
Extracto do officio de V. de Abrantes.....	228
Propostas de Paz feitas por Lopez.....	230
Carta do Presidente da Bolivia.....	235
Declaração de guerra á Republica Argentina.....	236
Limites Paraguayos.....	238
Protocolo annexo ao tratado de 1865.....	242

# ERRATA

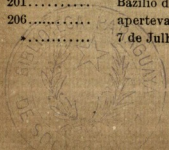
---

Pela pressa com que escrevemos este insignificante trabalho e a falta absoluta de tempo para a boa revisão das provas, sahiram alguns pasteis, erros orthographicos e de pontuação, do que pedimos desculpa. O leitor intelligente facilmente os corrigirá.

Damos agora alguns dos erros referidos :

PAGS.	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
11.....	Brazilio Silvado	Brazil Silvado
20.....	elizmente	felizmente
25.....	Preciso de achar-me	Preciso achar-me
».....	no independencia	na independencia
».....	do Republica	a Republica
33.....	que armasse	que arma
51.....	replicariamos	replicaremos
».....	ficamos na etc.	fiquemos etc.
54.....	estenuado	extenuado
59.....	andrajosos	andrajosas
».....	eram precisas	era preciso
64.....	espontaneas	expontaneas
70.....	domonstrou	demonstrou
84.....	Vamos embora ;	Vamos embora ;
87.....	No entretanto	Entretanto etc.
».....	Canibae	Cannibae
100.....	lacrou-se	lacrada
».....	o fez etc.	fez etc.
101.....	deamisa de	de amizade
104.....	escárnos	escárneos
108.....	nós soffriamos	soffriamos
112... ..	o o pedantocrata	o pedantocrata

PAGS.	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
117.....	acquiesencia	acquiescencia
118.....	mais felizez	mais felizes
>.....	annulação	annullação
119.....	nm templo	um templo
123.....	desmesuradamente	desmensuradamente
124.....	aniquilamento	anniquilamento
125.....	gueroa	guerra
>.....	esses trophêos	esses trophéos
126.....	immarcessivel	immarcescivel
129.....	atenuadas	attenuadas
>.....	na tureza	natureza
145.....	brazileilos	brazileiros
146.....	governo	governo
>.....	credito as estas etc.	credito a estas etc.
147.....	intesse	interesse
149.....	Lemos, semelhanto,	Lemos, semelhante
170.....	offereeu	offereceu
>.....	panoramada	panorama da etc.
171.....	minissro	ministro
174.....	algna	alguma
175.....	poi, ctreumstantes	pois, circumstantes,
177.....	perentoriamente	peremptoriamente
179.....	Buenoa Ayres	Buenos Ayres
180.....	chegon, esaltado	chegou, exaltado,
181.....	deffendido	defendido
188.....	saugue	sangue
189.....	revelou, lastimauel,	revelou, lastimavel,
>.....	Rouede,	Rouede, etc.
190.....	maridos e as esposas	maridos das esposas
191.....	referimos-nos	referimo-nos
>.....	motiveram	motivaram
201.....	Bazilio de Moraes	Bazilio de Magalhães
206.....	aperteva	apertava
>.....	7 de Julho 86	7 de Julho 1867





## POST FACIO

A pressa com que redigimos o presente trabalho, dada a urgencia de sua impressão, não nos permittiu entrar em certos detalhes importantes para a historia, o que pretendemos completar em uma nova edição; mas tendo reconhecido posteriormente que nossa redacção era pouco clara na filiação das ideias que ligam a patriótica iniciativa da devolução dos trophéos paraguayos e cancellamento da divida de guerra ao progresso da propaganda de uma doutrina que tende lenta mas sensivelmente a preponderar em todos os dominios, philosophico, scientifico e politico neste bello paiz, no Occidente e finalmente em toda a terra, deliberámos juntar esta nota, que julgamos supprir em parte essa lacuna de nosso modesto trabalho.

Com effeito, sem uma sã philosophia que permita fundar a politica sobre a moral subordinando dignamente todas as patrias aos interesses geraes da humanidade, como até aqui já se tem submettido a familia á patria, os melhores corações brasileiros seriam impotentes para sobremontar os mais estreitos preconceitos mascarados de patriotismo e dar a esse acto generoso o caracter de um profundo e irrevogavel symptoma de regeneração moral e politica. Assim a ideia da devolução dos trophéos paraguayos e annullação da divida de guerra nas condições em que foi posto pelos patriotas brasileiros só podia emanar dos ensinamentos de um philosopho como Augusto Comte e ser applicado ao caso brasileiro por um patriota da estatura moral de Benjamin Constant.

Essa cavalheiresca ideia foi desde logo applaudida por alguns de seus collegas do Governo provisório, pelos dignos directores do Apostolado Positivista do Brazil e não tardou que a ella adherissem francamente todos os que directa ou indirectamente filiam-se ao iminente philosopho moderno. Foi assim que já em 1894, por occasião da distribuição de medalhas de campanha aos officiaes brasileiros, argentinos e uruguayos o Apostolado Positivista do Brazil e o Club Republicano Benjamin Constant dirigiram á nação paraguaya mensagens nesse sentido, onde o mais alto potriotismo liga-se á mais bella e solida moral-planetaria.

Fazendo esta nota final, é intuito nosso chamar a attenção dos patriotas paraguayos para esse incomparavel philosopho, para esse grande movimento regenerador que se opera na elite da sociedade brasileira e para o preclaro brasileiro que melhor synthetisa as aspirações politicas dos tempos modernos, Benjamin Constant, o egregio Fundador da Republica Brasileira.

LEONARDO S. TORRENTS.

